HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO MUNDO

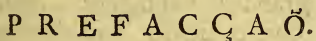
TOMO I.

LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

MDCCLXXXVI.

Com licença da Real Meza Censoria.

Vende-se na logea da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros junto á Igreja dos Martyres ao Xiado, em Lisboa.

PREFACÇAÕ.

POsto que a Naçaõ Portugueza, desde a sua origem, se tenha conservado com gloria por muitos seculos, com tudo nada a faz mais recomendavel, que o que ella fez n'estes ultimos tempos pelos seus descobrimentos, e conquistas no novo Mundo. Que cousa pode haver maior, do que ter levado a nossa Santa Religiaõ até ás extremidades da terra, e fazer comque infinitas Naçoens sepultadas nas trevas do Mahometismo, ou da Idalatria, abrissem os olhos á luz da verdade? Que cousa mais illustre, que trazer á todos os povos da Europa as commodidades do commercio, de que hoje gosaõ, traçando-lhes huma derrota desconhecida até entaõ, para os meter

de posse dos thesouros , e riquesas dos paizes mais desconhecidos ?

Por pouco que nos pertençaõ estas grandes vantagens , devemos sentir que o nosso reconhecimento lhes he obrigado por nolas haverem procurado , principalmente se attendermos que saõ o fructo de quasi 200. annos de trabalhos , e fadigas immensas. Neste longo periodo de tempo , ve-se esta Naçaõ , no curso d'huma historia seguida , e sempre interessante , vencer os obstaculos os mais insuperaveis por huma paciencia , e hum valor á toda a prova , pôr grandes homens em todo o genero sobre a scena , serem superiores em toda a parte onde appareceraõ ; e a pezar do seu pequeno numero , estabelecer sua reputaçaõ , seu dominio sobre a ruina dos Imperios , e forçar d'algum modo a fortuna em seu favor sempre com felices acontecimentos.

Isto deve parecer tanto mais digno de admiraçaõ a considerar-se Portugal em si , que he hum Reino mui-

muito pequeno, e comprehendido em mui eſtreitos limites, naõ era natural de preſumir que pôde-ſe achar em ſi meſmo tantos recurſos, formar taõ vaſtas empreſas, abraçar huma taõ grande extençaõ de paiz, ſuprir a tantas deſpezas, ſubjugar tantos Povos diverſos, e pôr em acçaõ hum taõ grande numero de ſugeitos capazes de executar os ſeus projectos com tanta gloria.

Os deſcobrimentos, e as conquiſtas dos Portuguezes tiveraõ muita reputaçaõ no ſeu tempo, para ſerem ignoradas. He com tudo de admirar que ſe naõ tenha eſcrito a ſua hiſtoria em Francez, e foi eſte o motivo que me obrigou a dalla ao Publico, por honra d'huma Naçaõ a quem o mundo ſe acha taõ obrigado, e de quem as grandes acçoens merecem tanto ſerem tranſmitidas miudamente á poſteridade. Tanto goſto tinha de ver nas maõs dos Francezes as traduçoens da bela hiſtoria das conquiſtas do Mexico, e de Peru, que tanta honra fizeraõ aos

Hefpanhoes, quanto me defgoftava de que ninguem entre nos tiveffe emprehendido reunir n'hum corpo de obra, o que os Portuguezes tem feito digno de gloria da fua parte.

He verdade que antigamente deraõ d'ifto hum enfaio com o titulo de *Hiftoria de Portugal, que contém as emprefas, navegaçoens, e feitos memoraveis dos Portuguezes tanto na Conquifta das Indias Orientaes por elles defcubertas, como nas guerras d'Affrica, e outros defcobrimentos, &c.* Porém efte livro, impreffo ha mais de 150 annos, naõ he propriamente mais do que huma traducçaõ da Chronica d'ElRei D. Manoel efcrita na lingoa latina pelo celebre Oforio Bifpo de Silves nos Algarves, e dos livros de Lopes de Caftanheda. Ifto naõ he por confequencia fe naõ huma parte d'efta hiftoria mifturada com muitos outros factos, que lhe faõ eftranhos. O feu eftilo he taõ antiquado, que naõ fe pode aturar a liçaõ.

A' Naçaõ Portugueza naõ tem fal-

faltado Eſcritores que tenhaõ celebrado a gloria das ſuas conquiſtas em diverſas lingoas da noſſa : e pode ſer que o merecimento d'eſtes Eſcritores tenha deſcorſoado os d'entre nós, que o quizeſſem emprehender, ſeja porque tenhaõ temido arriſcar-ſe a ordenar a hiſtória, ou que tenhaõ eſmorecido de chegar á força das ſuas expreſſoens com huma ſimplex traduçaõ. Eu aſſentei naõ ſer melindrozo neſte ponto. Baſta-me que a hiſtoria ſeja intereſſante por ſi meſma, e que ella poſſa dar goſto aos leitores.

Fernam Lopes de Caſtanheda foi o primeiro que começou a eſcrever em Portuguez a hiſtoria do deſcobrimento, e conquiſta das Indias, a qual deo em 8 livros, e chega até quaſi ao fim do Governo de Nuno da Cunha. Foi impreſſa em Coimbra em 1552. O merecimento d'eſte Autor he mediocre. He por extremo difuſo, e miudo. Com tudo como elle tinha eſtado nas Indias em companhia de ſeu Pai, que alli tinha hum offi-

officio da Judicatura, fala como homem entendido, e instruido nos factos que conta.

Joaõ de Barros homem de qualidade, porém mais recomendavel ainda pelo seu gosto nas belas letras, escreveo tambem quasi no mesmo tempo a historia das Indias na sua lingoa com tanta felicidade, que adquirio o nome de Tito Livio Portuguez. Deo tres Decadas em sua vida, que appareceraõ successivamente em 1552. em 1553, e em 1563. Esta obra tem conservado a reputaçaõ de seu Autor, que passa por elegantissimo, exactissimo na verdade dos factos, e muito entendido na descripçaõ Geografica, que faz dos paizes de que falla. O merecimento deste Autor he com tudo contestado por algum dos nossos Escritores, que disse que Barros naõ tinha feito mais do que borrar papel. Barros tinha sido tres annos Governador em S. Jorge da Mina sobre a Costa d'Africa, e foi depois Thesoureiro Geral da Caza da India; donde tirou

as

as memorias ſobre que eſcreveo por ordem d'ElRei. A ſua terceira Decada acaba com o Governo de D. Henrique de Menezes.

A quarta Decada deſte celebre Eſcritor he huma obra poſthuma, a qual foi comprada muito cara a D. Luiza Soares, viuva de Jeronymo de Barros primeiro filho do Autor, e dada á luz por Joaõ Baptiſta Lavanha Chroniſta de Filippe. III. Rei d'Heſpanha, e por ordem deſte Principe o Editor a alterou muito, ajuntou, e cortou. E meſmo lhe incherio coiſas poſteriores á morte de ſeu Autor, o que diminuio muito o ſeu merecimento. Porém a ediçaõ deſta Decada, que foi feita em Madrid em 1615 na Impreſſaõ Regia, he magnifica pelo papel, letra e Cartas Geograficas de que eſtá enriquecida. Eſta Decada vai até ao fim do Governo de Nuno da Cunha.

Diogo do Couto continuou a Hiſtoria de Barros, e começou por huma quarta Decada, que entra na daquelle ſabio Eſcritor, a qual naõ ti-

tinha ainda apparecido. Couto tinha feito grandes progreſſos nas bellas letras, e na Filoſofia na qual fora diſcipulo do Beato Bartholomeu dos Martyres, que a Igreja venera nos Altares. A morte do Infante D. Luiz tendo-o privado da poderoza protecçaõ, com que eſte Principe honrava os Sabios, paſſou ás Indias, onde ſervio na primeira vez oito annos; depois do que voltou para á Europa. Tornou depois ás Indias ſegunda vez, e ſe eſtabeleceo em Goa, onde foi Guarda mór da Torre do Tombo. Alli tendo-ſe feito ſenhor das noticias neceſſarias para eſta hiſtoria, ſe arrojou a continuala por ordens, e ſob os auſpicios de Filippe II. Suas 4. 5. 6., e 7. Decadas foraõ impreſſas em Lisboa em 1602. 1612. 1614., e 1616. tinha continuado até á duodecima incluſiva mente; porém eſtas ultimas ficaraõ em manuſcritos, que ſe conſervaõ nas maõs d'alguns curiozos. O Senhor Couvei Secretario d'ElRei, e Cavalleiro da Ordem de Chriſto taõ conhe-

conhecido pelo ſeu bom goſto na literatura, como pela ſua deſtreza nos negocios, me fez a honra de me communicar a oitava, e nona, que elle conſerva na ſua precioza Bibliotheca. Sinco livros da duodecima, foraõ impreſſos em Ruaõ em 1645 pelas diligencias de D. Manoel Fernandes de Villa-Real Enviado dos negocios de Portugal na Corte de França. A ſetima Decada de Couto acaba com o Governo de Joaõ de Mendonça. Eſte Autor he exacto, e circunſtanciado. A ſua obra lhe deo honra, e á ſua Naçaõ.

Mafeo taõ eſtimado pela elegancia da ſua excellente latinidade, paſſou determinadamente á Portugal para compor a ſua hiſtaria das Indias, que ordenou até á morte d'ElRei D. Joaõ III., e que dividio em 16 livros. He facil de ſuſpeitar que o lugar onde elle eſcreveo lhe deo huma pouca daquella ſugeiçaõ, que he taõ contraria á liberdade do hiſtoriador, e á verdade da hiſtoria. He

com

com tudo fiel, e naõ fez mais que passar ligeiramente por certos pontos, que elle julgou dever prudentemente dissimular.

O Padre Antonio de S. Romaõ, naõ fez mais do que traduzir Mafeo em Portuguez. Manoel de Faria diz delle, que he muito inferior ao seu original, e que o seu mesmo traductor Italiano o desbanca.

Manoel de Faria, e Souza Cavalleiro da Ordem de Christo, conhecido por muitas obras, celebrou elle mesmo os elogios da sua Naçaõ, que acompanhou nas quatro partes do mundo. Porque além dos quatro volumes da sua Europa Portugueza, deo a sua Asia Portugueza em 3. volum. em folio. A Africa Portugueza em 2, e a America Portugueza em hum. O primeiro tomo da sua Asia naõ he mais do que hum rezumo das 4. Decadas de Barros, de que guardou a ordem, e o methodo debaixo d'outros titulos. Naõ julgou violentar a sua modestia comparando-se a Floro, e a Justino, dos

dos quaes hum rezumio a hiſtoria de Tito Livio, e o outro a de Trogo Pompeo. O ſegundo Tomo, que acaba na morte do Cardeal Rei D. Henrique, he igualmente hum rezumo das Decadas de Diogo do Couto*, da Chronica d'ElRei D. Joaõ III., e de muitos outros livros, e munuſcritos. O terceiro comprehende o que ſe paſſou nos Indias nos Reinados dos tres Filippes d'Auſtria Reis de Heſpanha, e de Portugal até ao anno de 1640, que foi o da Revoluçaõ, e do eſtabelicimento da Caza de Bragança ſobre o Throno de ſeus Reis. Eſte Autor preferio á ſua lingoa nativa a Caſtelhana; que achou mais conforme ao ſeu eſtylo elevado, grave; e ſentenciozo. Seu eſtylo he nobre, concizo, e algumas vezes eſcuro por ſer muito concizo. O caracter de verdade que affecta o faz atrevido, e livre. Suas reflexoẽs mui frequentes o levaõ a digreſſoẽs que podia cortar. As ſuas agudezas daõ com tudo goſto. Em tudo falla como homem ſuperior,

que

que applaude os ſeus penſamentos.

A eſtes Autores, que eſcreveraõ de propoſito a Hiſtoria dos Portuguezes no Novo Mundo, he precizo ajuntar os Autores das Chronicas dos Reis, ſob que foraõ feitos os deſcubrimentos, e as conquiſtas. Entre os quaes os mais conhecidos ſaõ Jeronymo Oſorio, Damiaõ de Goes, e Franciſco d'Andrade. Os dois primeiros eſcreveraõ a Hiſtoria do Reinado de D. Manoel, e o ultimo a d'ElRei D. Joaõ III. Oſorio chamado o *Cicero Portugues*, naõ cede com effeito a ninguem na beleza da lingoa Latina, na qual eſcreveo, e que poſſuhia perfeitamente. Damiaõ de Goes, e Andrade eſcreveraõ na ſua lingoa materna, e ambos muito bem. Goes, e Oſorio ſe correſponderaõ com todos os Sabios do ſeu tempo, os Bembos, os Sadoletos, os Joves, os Eraſmos, os Goclens, os Nannios, &c. Elles meſmos tinhaõ grande reputaçaõ de Sabios.

Devem-ſe conſiderar tambem

co-

como hum ſoccorro neceſſario para á Hiſtoria Geral deſtes deſcubrimentos, e conquiſtas, os Autores de algumas hiſtorias particulares, de algumas Relaçoẽs, e de alguns factos ſeparados, que fazem como parte daquella. Tais ſaõ os Commentarios d'Affonſo d'Albuquerque, a Vida do Vice-Rei D. Joaõ de Caſtro, e a Hiſtoria de Antonio Pinto Pereira. Os Commentarios d'Albuquerque ſaõ eſcritos com huma ſimplicidade modeſta, que eleva infinitamente eſte Heroe, e com huma moderaçaõ, que naõ faz menos honra a ſeu filho, que os dirigio, e deo ao Publico. A Vida de D. Joaõ de Caſtro, eſcrita em Portuguez por Jacinto Freire d'Andrade he inſigne no ſeu genero, e reſpeitada como tal em Portugal. Eſta hiſtoria foi bem traduzida em Latim novamente pelo Padre Franciſco Maria del Roſſo Jeſuîta, e impreſſa em Roma em 1627. Antonio Pinto Pereira eſcreveo no tempo d'ElRei D. Sebaſtiaõ, a Hiſtoria do

primei-

primeiro Governo do Vice-Rei D. Luiz d'Ataide, Conde d'Atouguia, que os Portuguezes consideraõ como outro Noé depois do diluvio, e como o restaurador dos seus negocios nas Indias. Esta obra, que he hum volume de quarto bastantemente grosso, naõ contém mais que dois livros d'uma narraçaõ muito curioza, e muito instructiva.

Eu chamo com tudo, pedaços separados á descripçaõ Latina de Damiaõ de Goes do primeiro cerco de Diu; ou tres Commentarios do mesmo Autor sobre a segunda guerra de Cambaia; a Historia do segundo cerco de Diu por Diogo de Teive, obra que naõ he inferior a Goes: algumas viagens feitas naquelles tempos, e outras peças avulças, que se achaõ na Colleçaõ de Ramusio, a expediçaõ de Christovaõ da Gama escrita por Miguel de Castanhoso; a viagem de Francisco Alvares á Corte do Preste Joaõ; as Historias de Ethyopia de diversos Autores; as do Brasil por

Pe-

Pedro de Magalhaẽs, e pelo Padre Joaõ Jozé de Santa Tereza; a de Bartholomeo d'Argenſola das Ilhas Molucas; a Hiſtoria do Padre Luiz de Guſmaõ das primeiras Miſſoẽs da Companhia de Jeſus; as cartas eſcritas de differentes Miſſoẽs, &c.

Nós deſejamos hoje muitas obras, que ſó foraõ manuſcritas, d'onde ſe poderiaõ tirar grandes lucros. Eſtes manuſcritos eſtaõ ignorados, ou perdidos, ou dificeis de tirar das maõs dos curioſos que os poſſuem.

Em fim nós temos alem d'iſto infinitas Relaçoẽs modernas de todos os paizes onde os Portuguezes tem eſtado. Eſtas Relaçoẽs desfiguraõ muito as couſas, e no las repreſentaõ algumas veſes bem differentes do que nós as vemos nas hiſtorias antigas. He verdade que por huma longa frequencia tem deſcuberto muitas coiſas, que naõ conheceraõ bem no principio em materia de coſtumes; uſos que naõ ſe aprendem ſe naõ por hum conhecimento perfeito das lingoas eſtrangeiras, e hum grande uſo de commer-

ciar

ciar com os naturaes do paiz, e huma grande attençaõ em reflectir sobre estes mesmos usos. Mas he preciso dizer tambem que tudo tem mudado muito com o tempo, naõ sómente em razaõ dos Imperios, que tem sofrido grandes revoluçoẽs; mas ainda em razaõ dos costumes, que se alteraõ sempre pela frequencia, e communicaçaõ dos estrangeiros, sem fallar na cautela que se preciza ter, e na prudente prevençaõ na leitura dos que fazem Relaçoẽs, a quem o contagio de dizerem coisas novas, e a inveja de falar do que viraõ, e ouviraõ, antes de esperarem tempo de o profundar, e de o conhecer bem, fazem arriscar muitas particularidades, cuja facilidade evidente, ou a pouca verisimilhança se manifesta contra elles. Fernam Mendes Pinto adquirio má reputaçaõ por esta causa entre os Portuguezes mesmo. A sua obra parece huma Novella. Com tudo eu sei, que pessoas instruidas o justificaõ, e affirmaõ que elle naõ dissera ainda tudo.

He

He ponto que naõ decido. Eu naõ precizei delle para esta historia, nem de muitos outros, cuja fé me he suspeita. Igualmente me acautelei das Relaçoẽs modernas, ainda que as lesse. Uzei do mesmo em razaõ das antigas, sem exceptuar ainda as dos Missionarios de qualquer Ordem que fossem; naõ porque eu desconfie da sua virtude, ou da sua sinceridade; mas porque sei que os obreiros Evangelicos, unicamente attentos ás funçoẽs do zelo, naõ saõ commummente milhor informados em materia de negocios de Politica, e de Governo, do que o he o Povo sobre as noticias que correm: que o zelo mesmo os tem feito ver algumas vezeas as coisas com huns olhos bem differentes dos do commum, ou seja quando approvaõ, ou quando reprehendem; e que a necessidade que elles tem das pessoas empregadas para sustentarem os seus trabalhos Apostolicos, os obriga a calar o que elles poderiaõ dizer em desabono

deſtas meſmas Peſſoas, ou a elogiar com encarecimento o que pode liſongear o ſeu goſto.

Eu unicamente me encoſtei, o mais que pude, aos Autores que eſcreveraõ eſta hiſtoria de propoſito, aſſim por ſer conhecido o ſeu merecimento neſte genero, como porque tendo ſido encarregados, pela maior parte, deſte trabalho pelas ordens dos Soberanos, lhes foi o depoſito confiado, que elles beberaõ nas verdadeiras fontes, que ſaõ os arquivos de Goa, e de Lisboa, os Gabinetes dos Miniſtros, e as memorias particulares dos que tem tido parte no Governo, ou em Portugal, ou no novo Mundo.

Eu fixei a epoca deſta hiſtoria no memoravel acconteciniento, que reunio Portugal ás outras Coroas da Monarquia de Heſpanha. Naõ julguei dever hir mais longe, como fez Manoel de Faria, porque com effeito aqui acabam os deſcobrimentos, e as conquiſtas; e depois daquelle tempo os negocios de Portugal

gal no novo Mundo foraõ taõ desprezados por hum Ministerio interessado em enfraquecer hum Estado, de quem temia as forças, e pelo amor dos seus Principes naturaes, que he huma especie de prodigio, que entaõ os Portuguezes naõ perdessem tudo, o que tinha sido o fructo de tantos annos, e de tantas despezas, trabalhos, e fadigas.

As conquistas dos Portuguezes no novo Mundo, naõ tem a mesma graça vistas de huma vez, que tem as conquistas do Mexico, e do Peru. Nestas vesse hum Conquistador só, que pela força do seu valor, sua invencivel paciencia, a capacidade, e extençaõ do seu genio, sua habilidade em achar recursos, e sua attençaõ a aproveitar-se de todas as suas vantagens, pode em mui breve espaço de tempo, e com muito pouca gente conquistar hum Estado poderoso, e estabelecer-se solidamente sobre as ruinas d'hum grande Imperio. Parece, como no Poema Epico, naõ ser mais do

 que

que huma acçaõ reveſtida de alguns Epiſodios. Nos primeiros pelo contrario he hum longo periodo d'annos, huma multidaõ de paizes differentes, hum numero infinito d'acçoẽs, diverſos Chefes, que ſe ſuccedem com idéas differentes, hum ajuntamento de coiſas diſparatadas, que naõ tem nem unidade, nem ordem, e huma eſpecie de cahos, d'onde naõ reſulta hum todo, ſe naõ por ſer huma Naçaõ que obra ſempre, e á qual tudo ſe refere.

Eu concedo que iſto meſmo produz huma ſorte d'embaraço, que ſe fez ſentir d'hum modo deſagradavel aos meſmos Autores que eſcreveraõ. Cercados deſta multidaõ de factos, diſtrahidos pela diſtancia, e diverſidade dos lugares, e naõ ſabendo, por aſſim dizer, ao que acudiſſem para appreſentar o todo com ordem, e com methodo, elles meſmos ſe captiváraõ, impondo-ſe huma lei d'eſcrever por modo de Annaes ſegundo a Chronologia dos tempos: o que cortando-lhes as nar-

ra-

raçoẽs, os torna languidos, e desagradaveis ao leitor, que esperando ver a consequencia d'hum artigo, que começou a ler com gosto, e no qual já tomou algum interesse, se vê logo transportado naõ sei para onde, e obrigado a devorar hum numero de Capitulos de pontos menos interessantes, antes de poder encontrar aquelle de que suspirava ver o fim.

He por evitar este inconveniente, que a mim mesmo me cansou, e que eu julguei que devia tomar mais alguma liberdade. He verdade que segui huma ordem Chronologica no que toca aos annos dos Governadores, e dos Vice-Reis, assentando as principaes acçoẽs na ordem natural, que ellas deviaõ ter, principalmente quando ellas se fizeraõ com a sua assistencia, e que elles alli se acharaõ em pessoa. Porém nas acçoẽs, que naõ tem o mesmo esplendor, ou que se passaraõ em lugares apartados, procurei de as restringir muito para as representar n'um golpe de vista, que mostra differentes perspectivas, sem

ter

ter tanto reſpeito á ordem Chronologica, que eu naõ deixei de apontar coteando os annos á margem, ou no meſmo corpo da narraçaõ: por onde creio ter remediado, o que podem ter de deſagradavel, e de faſtidiozo as narraçoẽs eſtropeadas, ou muito extenſas, cujo effeito he de produzir faſtio, e confuſaõ no eſpirito.

Porém ſem pretender diminuir em nada a gloria, que os Heſpanhoes adquiriraõ; ſe as ſuas conquiſtas ſe fazem ſuperiores pela vantagem que tem de ſe fazerem ler com goſto por cauſa da unidade da acçaõ, he precizo convir tambem, que ellas ſaõ muito inferiores, ſe compararmos conquiſtas á conquiſtas, Reinos á Reinos, Naçoẽs á Naçoẽs. Os Mexicanos, e os Peruvianos, poſto que compozeſſem Eſtados policiados, ricos, e florecentes, eraõ com tudo huma eſpecie de Barbaros, que ſe naõ defendiaõ melhor, que os povos ſalvagens da America, nem menos faceis de vencer, do que os Negros

gros Africanos. Os povos das Indias Orientaes pelo contrario, posto que muito máos soldados por si mesmos, tinhaõ com tudo grandes soccorros, por usarem já das armas de fogo, e terem hum numero consideravel de tropas auxiliares, compostas de Christaõs arrenegados, e de quantidade de diversas Naçoẽs Musulmanas, que tinhaõ d'antes feito cara ás tropas de todas as Potencias da Europa, que ellas tinhaõ vencido muitas vezes na Asia no tempo das Crusadas. Que se a pesar disto se quiserem obstinar, e confirmarem-se no desprezo, que tem concebido dos Reis, e das Naçoẽs do Indostam, naõ poderaõ com tudo refusar ás armas Portuguezas o louvor que lhes he devido, se reflectirem que o Sophi Ismael Conquistador da Persia, e os Reis de Mogol estimáraõ mais procurar a alliança dellas, do que declarar-lhes guerra, e que os Califas do Egypto, e dois Sultoẽs taõ poderosos como o eraõ Selim, e Solimaõ Imperadores dos Turcos, que
empre-

emprehenderaõ perturbalas nas ſuas conquiſtas, naõ fizeraõ mais do que realçar-lhes a pompa pela injuria de ficarem deſtruidos, e pela inutilidade de todos os ſeus esforços.

Em fim ſe eſta extençaõ de paiz, eſta variedade de Chefez, eſta differença d'acçoẽs, eſta diverſidade de tempos parecem tirar á hiſtoria a ſua graça pela razaõ que já diſſe, ella he compençada por outra parte por eſta meſma variedade, que tem ſeu deleite, e forra o que teria de inſipido huma mui grande uniformidade. O contraſte dos caracteres differentes das peſſoas, a diverſidade dos acconteciments felices, e infelices ſaõ como outros tantos Epiſodios, que reunidos em hum corpo de hiſtoria, nella formaõ huma armonia, que algumas vezes naõ agrada menos ao eſpirito, do que agrada ao ouvido a que reſulta da uniaõ de diverſos inſtrumentos, e do concerto de differentes vozes.

He precizo com tudo convir, e os meſmos Portuguezes convém niſ-

ſo,

ſo, que elles teriaõ trabalhado ſolidamente na ſua utilidade, ainda mais do que pela fermozura da hiſtoria, ſe elles tiveſſem abraçado menos terreno. Se por exemplo ſe tiveſſem limitado na Ilha de Ceilaõ, que a tiveſſem bem povoada, e fortificada; ſe com ella elles tiveſſem uſado dos ſeus direitos com menos ſoberba, e tratado os povos com mais humanidade, colocados como no centro de todo eſte Oriente, e em eſtado de fazerem todo o commercio, ſeriaõ elles hoje ſós os ſenhores, e naõ lhes teria cuſtado quaſi nada, em comparaçaõ do que com effeito lhes cuſtaraõ as Indias, abſorvendo-lhes milhoẽs de homens, e de dinheiro.

A hiſtoria naõ deve eſtar no goſto do Panegyrico. O Autor que intenta louvar tudo, ſahe do caracter do hiſtoriador, que deve ſer verdadeiro, e igualmente apartado d'uma exageraçaõ demaſiada dos factos que merecem algum louvor; como tambem d'uma diſſimulaçaõ que lhes faz

calar os que ſaõ dignos de reprehençaõ. Os homens que entraõ no tecido da hiſtoria naõ ſaõ todos bons, e virtuoſos; as acçoẽs que formaõ a baze nem todas tem o maravilhoſo, e o brilhante. No painel ha de ordinario mais ſombra, do que luz, porém huma ſerve de fazer ſobreſahir a outra, e pelo acordo de ambas he que o painel fica perfeito, quando ſaõ bem diſtribuidas. Eu conheço que huma Naçaõ vê com goſto na hiſtoria do ſeu paiz, o que pode contribuir a fazer-lhe honra; as acçoẽs de virtude, e de valor, os exemplos que podem ſervir de modelo, e excitar a admiraçaõ; que pelo contrario tem pena dalli achar certos raſgos que deſtroem, fraquezas, crimes atrozes, perdas de batalhas, e outros acontecimentos, com que a lembrança ſe afflige. Ainda que peſſoalmente naõ tenhaõ niſſo tido parte alguma, ſentem-ſe unicamente porque intereſſaõ á Naçaõ, e que naõ quereriaõ ver renovar a memoria das coiſas, que parecem deshonral-

ralla: porém querer tirar isto do corpo d'uma historia, he desfigurala, e formar della huma idéa puramente imaginaria.

A historia que eu pretendo dar aqui ao Publico, tem grandes, e belas coisas, sem duvida; porém nem tudo he belo. O mesmo Leitor alli achará lances que tem escapado a particulares, e de que naturalmente deve ser tocado. Será admirado principalmente do que eu digo das Molucas, onde verdadeiramente os Portuguezes se entregaraõ em diversos tempos a estranhos excessos, que eu mesmo tive pena de ler, e de escrever. Seraõ com tudo menos admirados, se derem attençaõ a que a maior parte que enviaraõ a estas Colonias, naõ se compunha da melhor gente, e que se achava nas equipagens dos navios huma especie d'homens, de que Portugal se teria livrado pelos supplicios, se naõ tivesse achado huma via de o fazer d'hum modo mais facil, deixando-lhes a vida, de que eraõ indignos. Estes homens

mens naõ se faziaõ melhores na distancia, e naõ emendavaõ os seus costumes, ainda que fossem mais felices em fazer fortuna, que a gente de bem, que o merece melhor do que elles. Quasi todas as Naçoẽs, que tem tido Colonias para fundar, tem experimentado o mesmo inconveniente. As conquistas Hespanholas tem tido a mesma nota. Ainda que seja o que for [3], e julguei que era da obrigaçaõ d'hum Historiador de dizer a verdadade, eu naõ disse mais do que o que os Autores Portuguezes escreveraõ antes de mim, e estudei em fazelo com mais moderaçaõ do que elles. Se elles exageraraõ algumas vezes as suas vantagens, naõ caláraõ o que lhes podia fazer injuria. Eu penso que elles julgaraõ prudentemente, que alguns erros pessoaes naõ diminuem em nada a gloria de tantas outras fermozas acçoẽs, pelas quaes as más se apagáraõ, e aniquiláraõ.

Por respeito a esta exageraçaõ em materia de coisas que podem lison-

ſongear, e intereſſar verdadeiramente, parece algumas vezes ſenſivel na diſcripçaõ de certas acçoẽs, e no ganho das batalhas. Eu digo que parece, porque a rezaõ repugna naturalmente a crer huma taõ grande deſproporçaõ entre a vantagem, e a perda. Eu me contentei de o apontar algumas vezes; porém commummente ſegui os meus Autores, deixando as reflexoẽs ao Leitor judicioſo, capaz de fazer hum juſto diſcernimento ſegundo as occaſioẽs.

O deſcubrimento, e as conquiſtas das terras deſconhecidas, onde os Portuguezes levaraõ as ſuas armas, e o eſtabelecimento da fé que plantaraõ neſtas meſmas terras, ſaõ os dois grandes objectos, que veraõ ſempre n'hum longo tecido de factos de acçoẽs memoraveis; de maneira com tudo, que fazendo o meu capital do primeiro deſtes objectos, naõ poſſo mais que tocar de paſſagem o ſegundo. A conquiſta eſpiritual do novo Mundo, os trabalhos dos miniſtros Apoſtolicos, que cheios do eſpirito

de Deos, e debaixo dos auſpicios da Corte de Portugal, conſagraraõ ſeus ſuores, e ſeu meſmo ſangue no eſtabelecimento do Evangelho, devem fazer a materia de outra obra diſtincta, e merecem bem de ſer eſcritos, ſem ſerem miſturados com todos eſtes factos, que podem divertir a attençaõ.

Como eſtrangeiro de Portugal, eu naõ ſei que parte tomaõ as familias Portuguezas nos nomes que acharaõ neſta hiſtoria, e dos que uſaõ hoje. Eu ſei ſómente que ahi há huma grande confuzaõ deſtes meſmos nomes ſem parenteſco nem alliança. Os meſmos Indios tomavaõ os nomes dos Albuquerques, e das mais illuſtres caſas para ſe honrarem, e adquirirem alguma protecçaõ. Eu naõ pude nem quiz inſtruir-me neſte ponto; porque como no elogio dos grandes homens naõ tive entereſſe algum em eſpalhar os louvores, tambem eſtou exempto de toda a paixaõ para com aquelles, que naõ pude deixar de reprehender, naõ me tendo propoſto mais que a gloria da Naçaõ em geral, a felicida-

cidade divida á verdade dos factos, ao bem, e á utilidade do Publico.

A ſimilhança deſtes nomes cauſa algumas vezes huma eſpecie de eſcuridade. Muitas vezes podem confundir diverſas peſſoas em humn ſó, e ahi ha lugar de ſe admirarem de verem alli reviver, quem julgaõ que o Autor fez morrer; he eſta huma confuzaõ inſeparavel de todas as hiſtorias. Eu procurei deſembaraçar tudo o mais que pude, e ſegui as minhas memorias.

Eu advertirei aqui, acabando no que reſpeita ao Dom, que he hum titulo honorifico que tomaõ as familias nobres, e illuſtres, mas naõ he hum ſinal inteiramente diſtinctivo da Nobreza, que todos os Nobres poſſaõ tomar, nem inteiramente ſuperior aos ſimplices fidalgos, que naõ ſeja applicado ſe naõ ás caſas titulares, porque ha muitas que naõ o tomaõ como as dos Cabraes, dos grandes Albuquerques &c. porque ellas ſaõ d'uma Nobreza caracterizada de longo tempo antes da origem deſte ti-

tu-

tulo honorifico: ainda que com tudo se dé aos Reis, e aos Principes de sangue. Como eu naõ tenho bastante conhecimento do Nobiliario de Portugal, para applicar estas distinçoẽs a cada familia, conformei-me aos Portuguezes, sobre quem escrevo. Assim ninguem terá lugar de se queixar.

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO I.

Ann. de J. C.

POR mais apurada que estivesse a Arte de navegar nos tempos, que nos precedêraõ, a dilatada vastidaõ do Oceano servio sempre como impenetravel barreira, e como hum dique, onde esbarrava a cubiça, e ambiçaõ dos homens, fecundo manancial da sua industria. As pasmosas expediçoens destes Heróes paravaõ nas Columnas de Hercules;

ANN. de J. C.

nem a Antiguidade tinha noticia alguma, ou muito pouca de coisa ao Poente dellas. Os Fenices, taõ famigerados pelo seu commercio, naõ conhecêraõ mais do que as margens do Oceano pela parte da Europa, e de Africa, e, se desembocáraõ o Estreito, naõ se desviáraõ além de Cádis. Se comparâmos a viajem dos Argonautas com as das nossas éras, merecerá ella ser taõ decantada dos Poetas? As Ilhas Fortunadas, e as Atlánticas eraõ taõ pouco conhecidas dos Antigos, que por muito tempo passáraõ por Fabulas, como tudo quanto dellas dizem: ainda hoje he ponto de controversia, que coisa era o Ofir de Salomaõ, e a Tharsis da Escritura, dizendo cada hum o que se lhe antoja, encontra razoens, com que o abonar; ainda hoje he coisa Problematica, se os Antigos torneáraõ a Africa, ainda que em Heródoto se achem indicios de se haver emprehendido esta viajem, ou talvez feito no tempo dos Carthaginezes, de Neco, Rei do Egypto, e de Xerxes; mas ainda supposto que assim succedesse, por quantos seculos foi isto ignorado, ou avaliado por fabula? Ultimamente qualquer coisa que se retirem das raias do Imperio Roma-

mano Ptolemeo, Strabo, e os de mais Geografos antigos, quaõ defeituoſos, e eſcuros ficaõ. Os meſmos Romanos no auge da ſua maior fortuna nos repreſentáraõ a Grá Bretanha, e a famoſa Thule, como o fim do mundo pela parte do pólo Arctico.

Ann. de J. C.

Acaſo eſtava embaraçado entaõ o penetrar mais ávante, como ſe fez nos ultimos ſeculos, cujos deſcobrimentos foraõ taõ magnificos? Havia entaõ menos ancia de conhecer, conquiſtar, e accreſcentar Imperios a Imperios, amontoar cabedaes a cabedaes? Faltavaõ meios de aperfeiçoar, e polir os conhecimentos, apurando a Arte de navegar? He certo que naõ; e he incomprehenſivel o porque entaõ ſe naõ póde conſeguir o que com tamanho ſucceſſo ſe levou ao fim nos noſſos dias.

Iſto nos obriga a recorrer aos eternos decretos da Providencia incomprehenſivel, cujos abiſmos nos naõ he licito ſondar, mas que tem momentos prefixos para levar tudo ao ſeu fim, e fazer com que brilhe a ſua gloria. Do adoravel proceder deſta Providencia temos claras provas deſde a origem do mundo no que reſpeita ao eſtabelecimento da Religiaõ, em que o dom da Fé precioſa, mas ambulan-

ANN. de J. C.

te, paſſava ſucceſſivamente de huns póvos a outros, deſmerecendo huns o theſouro, de que eſtavaõ ſenhores, e de que parecia cançarem-ſe, ao meſmo tempo que outros, quando menos o eſperavaõ, o agazalhavaõ anciofos. He o que por mais ſenſivel maneira vimos neſtes ſeculos ultimos; a Fé alterada com as hereſias, ou eſmorecida com os coſtumes dos Chriſtaõs; parecia querer deſamparar pouco a pouco a ſua antiga morada para hir buſcar couto em paizes até entaõ deſconhecidos, em que indiſtinctamente Naçoens barbaras, e polidas alcançáraõ o bem de curvarem as cabeças ſob o jugo do Evangelho, e abraçarem a lei de J. C. Feliz a naçaõ Portugueza que foi o inſtrumento, de que Deos quiz ſervir-ſe para pôr em execuçaõ tam grande deſignio.

JOAÕ I. REI DE PORTUGAL.

O Eſtado de Portugal era adoptado para os deſignios da Providencia. Tendo ſido por muito tempo alvo das invaſoens dos Mouros, de que a traiçaõ do Conde Juliaõ inundára toda a Heſpanha, no Reinado de Roderigo Rei ultimo dos Viſigodos, cujas deſgraças ſaõ bem ſabidas, naõ ſómente ſe tinha ſuſtentado, com a Caſtella, contra a tyrannia de ſeus antigos inimigos,

mas

mas tinha tido de mais a ventura de ser o primeiro que despejou delles todo o seu Estado, obrigando-os a repassar os mares, e de mais os foi perseguir na mesma Africa, obrigando-os a por-se em huma defensiva nas suas mesmas terras, onde começáraõ a costumálos a trazerem os seus grilhoens.

Ann. de J. C.

JOAÕ I. REI DE PORTUGAL.

Em circumstancias taes suscitou Deos, por me servir da frase da Santa Escritura, o espirito do Infante D. Henrique, Duque de Viseu, Graõ Mestre da Ordem de Christo, assim como n'outro tempo suscitára o de Gedeaõ contra os inimigos do seu povo, servindo-se deste Principe moço, para lançar como a pedra fundamental da grande obra dos decretos da sua Misericordia. Nascido taõ proximo ao throno, que teve todo o merito para subir a elle, o arredou a ordem do nascimento quanto bastou, para viver como vassallo; mas isto mesmo foi o que o pôz em caminho de obrar coisas, que lhe estorvaria fazer o pezo todo do Governo, e de trabalhar por successos, dignos fructos da sua applicaçaõ, os quaes lhe grangeáraõ tamanha gloria, e pelos quaes bem se pode asseverar que desbancou Hercules, e Jason taõ gabados da Antiguidade.

Era

ANN. de J. C. JOAÕ I. REI.

Era quinto filho delRei D. Joaõ I. cognominado o Vingador, e de D. Filippa de Lancaſtre, irmã de Henrique IV. Rei de Inglaterra. Acompanhára ſeu Pai á ſua expediçaõ de Africa, e á viſta delle ſe aſſinalou nos ſeus primeiros annos com muitas facçoens de valor; e o que mais ſe deve eſtimar, he o fructo, que tirou das ſuas primeiras campanhas, pois ponderando em ſi a qualidade de Chriſtaõ, e de Graõ Meſtre de huma Ordem, que fôra unicamente fundada para pelejar com os Muſulmanes, inimigos da Lei de J. C., ſe tinha por mais obrigado a ſobmetêlos á doçura do ſeu jugo, do que como Principe, a trabalhar por dilatar os Eſtados dos Reis ſeus avoengos. Eſtimulado deſtes nobres motivos, tomou por diviza eſtas palavras Francezas: *Talent de bien faire*, que depois ſe viraõ entalhadas em todos os paizes de novo deſcobertos ſob os ſeus auſpicios, ou porque quizeſſe moſtrar com eſtas palavras de idioma eſtranho o apreço, que fazia de huma Naçaõ, cujos Soberanos avaliava como tronco da ſua Caſa; ou porque neſta diviza já feita achaſſe huma idéa, que correſpondia perfeitamente aos ſeus deſejos.

Pon-

Ponderando com effeito que hum Principe tem maior obrigaçaõ do que outro qualquer, a sustentar a superioridade da sua Jerarquia pelo respeito do seu merecimento, accrescentou ás virtudes Christás, e Heroicas todo o estudo, e applicaçaõ, que podiaõ enriquecer hum fundo já de si abastado pelos excellentes conhecimentos, que daõ as Sciencias, e Bellas Letras, estudo entaõ bem raro, e a que naõ faziaõ tiro os Principes do seu tempo.

ANN. DE J. C. JOAÕ I. REI.

Deo particular applicaçaõ ás Methematicas; e como ellas tem differentes partes, deo-se principalmente ás que o podiaõ levar ao fim, que se havia proposto. Para melhor o conseguir, assentou que se devia retirar do tumulto da Corte: fez a sua morada no Algarve junto a Sagres, em huma das suas cazas vizinha ao Cabo de S. Vicente. Alli em agradavel retiro, que suavizava a companhia de alguns Sabios, e o entretenimento dos livros, se arraigou cada vez mais na persuaçaõ, em que estava, pelas noticias, que lhe haviaõ dado os mesmos Mouros, e pelos conhecimentos, que tinha pelo estudo da Geografia, de que era possivel fazer uteis descobrimentos, seguindo a Costa d'Africa. Segu-

ANN. de J. C. JOAÕ I. REI.

guraõ todavia que teve coiſa mais efficáz, que o incitaſſe, e eſcreve Odorico Raynaldi na continuaçaõ dos Annáes de Baronio, que voltando a Lisboa alguns Francezes da baixa Bretanha, a quem huma tormenta levára muito longe para o Occidente no mar Atlantico, deſcobrindo alli novas terras, lhe tinhaõ dado parte das ſuas aventuras, e deſcobrimentos.

Entaõ era muito imperfeita a navegaçaõ deſtes mares: o pavor que cauſava a viſta do Oceano, a ignorancia dos meios, que depois ſe deſcobriraõ para a navegaçaõ facil, faziaõ com que ſe naõ affoitaſſem a deſpegar-ſe das Coſtas; e como nas pontas, ou Cabos, que fazem as terras, que bojaõ para dentro do mar, a corrente, que as agoas ahi tem dos dóis lados, engroſſa as ondas, e fica mais expoſta á agitaçaõ dos ventos, a difficuldade de os dobrar intimidava os mais ouzados. O primeiro Cabo da Africa, que ſe encontra da parte da Europa, paparecia tam temeroſo, e de tam difficil acceſſo, que lhe tinhaõ dado o nome de *Cabo de Naõ*, para exprimir ou a impoſſibilidade, que havia de o dobrar, ou que era baldada, e inutil a eſperança de ſe recolher, ainda quando ſe dobraſſe.

Aug-

Augmentava o susto deste risco a extravagante tradiçaõ, que se conservava desde a Antiguidade, e era que, supponido o Universo repartido em sinco Zonas, estavaõ capacitados de que sómente as duas temperadas tinhaõ habitadores; que ás duas ultimas senaõ podia chegar pelo frio, que enregelava; e que a Zona torrida, que ficava no centro, era taõ ardente em razaõ do calor do Sol, que era huma regiaõ de fogo; e que as aguas vizinhas a ellas ou eraõ torrentes de chamas, ou se gastavaõ pouco a pouco com o nimio calor. Parecia que isto se conhecia passando os Cabos, que ficaõ a ella vizinhos; porque entrando em golfos, onde as terras saõ summamente baixas, se via que as aguas diminuiaõ sensivelmente, e parecia que ferviaõ nos baixos de arêa, onde tem maior agitaçaõ.

Ann. de J. C. 1412.

JOAÕ I. REI.

O Infante D. Henrique, que naõ acreditava estas quiméras, produzia todas quantas razoens podiaõ desvanecer estas preoccupaçoens, e punha todo o cuidado na escolha de habeis Pilotos, e bons Marinheiros, naõ poupando despeza de navios, nem mimos, e donativos, que fossem premios de huns, e estimulassem a nobre

emu-

emulaçaõ de outros. Gaſtaraõ-ſe todavia perto de dez annos, ſem mais adiantamento do que dobrarſe o cabo de *Naõ*, e adiantar trinta legoas ávante até ao cabo *Bojador*, aſſim chamado, porque as terras nelle fazem hum grande circuito, recolhendo-ſe para dentro. Os Capitaens das náos ſempre temeroſos da idéa deſtas arriſcadas viajens, ſe davaõ por ſatisfeitos com fazerem alguns deſembarques, e glorioſos com o pouco, que faziaõ, ſe recolhiaõ muito ſatisfeitos de ſi, e de ſuas peſſoas.

Ann. de J. C. 1412. Joaõ I. Rei.

O Infante diſſimulando o ſeu conceito os agazalhava ſempre bem, e naõ os diſſaboreava. Aquelles que em tudo quanto he novidade querem achar maravilhoſo, dizem que eſte Principe ſe reſolvêra a pôr a maõ neſta emprêza por alguma inſpiraçaõ celeſte, ou algum ſonho profetico, e que iſto meſmo o alentou a continuar. Más eſta conſtancia ſe póde muito bem attribuir, ſem recorrer a prodigio, ao genio nobre deſte Principe, cuja alma naturalmente grande naõ era capaz de ſe dobrar aos primeiros eſforvos, por muito grandes, que pareceſſem.

O Ceo lhe quiz recompenſar a conſ-

Ann. de J. C. 1412. Joaõ I. Rei.

constancia, e inesperadamente fez o que naõ tinhaõ conseguido nem a animosidade dos Pilotos, nem a sua capacidade. Offereceraõ-se para hirem dobrar o Cabo Bojador, e passarem além no seu descobrimento dois Cavalheiros da sua Casa, chamados Joaõ Gonçalves Zarco, e Tristaõ Vaz, em huma pequena embarcaçaõ, que elle lhes esquipou: carregou sobre elles huma forte tempestade, que engolfando-os no mar largo, lhes deo por guarída, quando menos o esperavaõ, huma Ilha até entaõ desconhecida, a que puzeraõ o nome de Porto Santo, porque para elles foi hum Porto de salvaçaõ.

1418. Joaõ I. Rei.

O seu maior empenho foi trazerem pessoalmente a Portugal taõ festiva, novidade. O Infante teve a maior alegria della, e tendo dado a Deos solemnes acçoens de graças, tornou a despachar tres navios capitaneados pelos mesmos Joaõ Gonçalves Zarco, e Tristaõ Vaz, a quem acompanhava Bartholomeo Perestrello, que era hum Cavalheiro da Caza do Infante D. Joaõ seu Irmaõ. Esta segunda viajem foi ainda mais feliz que a precedente, pelo descobrimento da Ilha da Madeira, taõ excellente pela sua fertilida-

Ann. de J. C. 1418. João I. Rei.

dade, e hoje taõ nomeada pelos feus delicados vinhos. Entaõ naõ era mais do que huma mata baſtiſſima, que viſta da Ilha do Porto Santo, apparecendo no horizonte della como huma pequena nódoa fixa, deo a Triſtaõ, e a Zarco algumas ſuſpeitas de que podia ſer terra, e fez com que ambos tomaſſem a reſoluçaõ de ſe deſenganarem. Deraõ-lhe o nome da Madeira, em razaõ da mata, que a cobria, e foraõ os primeiros, que tomaraõ poſſe della. O Infante com permiſſaõ delRei ſeu Pai a repartio em duas Capitanias, com que os premiou, naõ ſó por eſte deſcobrimento, mas tambem pelos antigos ſerviços, com que ambos ſe tinhaõ diſtinguido na Conquiſta de Ceuta, e no cerco de Tangere, onde tinhaõ acompanhado o Infante, merecendo o ſeu valor que os fizeſſe entaõ Cavalleiros.

1419. 1420. 1422.

D. Duarte Rei. 1433.

A felicidade, com que pouco tempo depois dobrou Gil Annes o Cabo Bojador, tido até entaõ pelo fim do mundo, cuja empreza ſe avaliou de maior conta, do que n'outro tempo ſe eſtimou a Conquiſta do Vellocino, fez com que o povo deixaſſe os ſeus erros antigos, e deo alentos aos Portuguezes. De toda aparte de dentro,

tro, e de fóra do Reino, concorriaõ pessoas de toda a especie a offerecerem-se ao Infante, para hirem descobrir, e povoar as novas terras, levados igualmente do cortêz acolhimento, que elle fazia a quantos lhe faziaõ similhantes offerecimentos, e da aduladôra esperança dos grandes proveitos, que dahi tirariaõ.

Ann. de J. C.
D. DUARTE REI.
1433.

Com tudo, como no Estado nunca fallecem pessoas, ou sobejamente prudentes, ou nimiamente timidas, a quem as novidades causaõ suspeitas, e ciumes; muitos, principalmente entre a Nobreza, que pareciaõ discorrer mais ajustados, tomavaõ a liberdade de condenarem estes novos estabelecimentos, e censurarem em alto tom o proceder, e os projectos do Infante.

Parecia-lhes mal „ que ao mesmo „ tempo que o Estado se esgotava de „ homens, e cabedal para acudir á „ guerra contra os Mouros, e manter „ as Conquistas d'Africa da parte de „ Ceuta, e Tangere, houvesse tama„ nho desperdicio, expondo aos riscos „ de hum mar temeroso com borras„ cas, e tormentas, e pela sua ex„ tençaõ, tantos vassallos uteis, que „ se podiaõ empregar a bem do Rei„ no, repartindo por elles terras em

„ Por-

Ann. de J. C.
D. Afonso V. Rei.
1433.

„ Portugal, onde ainda naõ faltavaõ
„ maninhos, que dessem muito pro-
„ veito, se se agricultassem, ao mesmo
„ tempo que naõ apparecia claraõ de
„ esperança de tirar solido proveito des-
„ tas terras incognitas, que sem du-
„ vida seriaõ êrmas em razaõ do ni-
„ mio ardor do Sol, e naõ seriaõ mais
„ do que ardentes arêas, quaes as dos
„ desertos de Lybia. Diziaõ mais, que
„ se dellas tivesse havido esperança de
„ alguma utilidade, os seus predeces-
„ sores, remontando aos tempos dos
„ Romanos, e Fenices, teriaõ tenta-
„ do estes descobrimentos, e pois el-
„ les o naõ fizeraõ, era certo que naõ
„ dariaõ mais que huma solida preoc-
„ cupaçaõ, que mostrava a liviandade
„ destes quimericos projectos. Que, ain-
„ da que pelo tempo adiante se po-
„ desse recolher algum fructo, este
„ sendo incerto, e remoto, naõ de-
„ via antepor-se ao mal presente, e
„ sem duvida assás sensivel, pelo nu-
„ mero de naufragios, que enchia de lu-
„ tos as familias, multiplicando o nu-
„ mero de viuvas, e orfás. Que, se
„ no Infante havia tamanho zelo do
„ bem Publico, deveria mandar beni-
„ ficiar as rendas, que o Rei seu Pai
„ lhe havia consignado, conforman-
„ do-

,, do-se com a opiniaõ deste Principe,
,, cujo exemplo lhe condenava o seu
,, proceder, pois que elle tinha dado
,, no Reino terras, que arrotear a hum
,, Fidalgo Allemaõ, e a familias vin-
,, das do Norte, no que mostrava quaõ
,, fora de tençaõ estava de permittir
,, a seus vassallos o deixarem o Rei-
,, no, para hirem assentar morada além
,, dos mares. ,,

Estas especiosas razoens, que faziaõ impressaõ nos animos, armáraõ ao Infante huma especie de perseguiçaõ, mas que se o naõ desalentou, antes assentou ter em pouco os discursos populares. Menos os teve em conta o Rei D. Duarte que succedêra a D. Joaõ I. e para dar animo ao Infante lhe doou em sua vida o dominio de Porto Santo, da Madeira, e das mais terras, que se descobrissem na Costa Occidental; dando particularmente a jurisdiçaõ espiritual da Ilha da Madeira á Ordem de Christo, com approvaçaõ dos Summos Pontifices. O Infante D. Pedro, Irmaõ do Infante D. Henrique, e Regente do Reino na minoridade do Rei D. Affonso V. seu sobrinho, confirmou esta doaçaõ. Em virtude della fundou o Infante nesta Ilha duas Igrejas, huma com

ANN. de J. C. D. AFFONSO V. REI.

——— com a invocaçaõ de N. Senhora de Calhao, e a outra de N. Senhora da Assumpçaõ: desta ultima foi depois erigida em Arcebispado, e muitos annos teve a prerogativa de Primáz das Indias.

1440. Spond. Ann. Ecc. de 1420. n. 12. Barros. Maff. Manoel de Faria.

O Infante, a fim de ter maior auctoridade, contente aliàs com alguns escravos que Antonio Gonçalves, e Nuno Tristaõ, que haviaõ chegado até Cabo Branco, lhe trouxeraõ, que eraõ as primicias destas terras, assentou mandar hum mensageiro a Martinho V. que entaõ occupava a Cadeira de S. Pedro, a dar-lhe conta dos seus descobrimentos, e conseguir algumas graças, visto os grandes bens que daqui podiaõ vir á Religiaõ, e honra a Santa Sé. Para esta negociaçaõ fez escolha de Fernaõ Lopes de Azevedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e nella Commendador, já condecorado com o titulo de Conselheiro delRei, e recommendavel pela auctoridade, que a sua rara prudencia lhe tinha grangeado.

Chegado este Cavalleiro aos pés do Throno do Vigario de Christo, representou a S. Santidade em pleno Consistorio com muitas efficacias, e energia, as infinitas obrigaçoens, em

que

que a Igreja eſtava a ſeu amo „ Fez
„ pompoſo alardo do zelo do Princi-
„ pe, que havia mais de vinte annos
„ gaſtava com largueza Real para
„ deſcobrir immenſos paizes, ludibrio
„ da ignorancia, e do erro, que ge-
„ miaõ havia muitos ſeculos debaixo
„ do jugo tyrannico do demonio, eſcra-
„ vos do Mahometiſmo, e da Ido-
„ latria: que o principal motivo, que
„ o incitava a eſte trabalho, era a
„ gloria de Deos, propagaçaõ da Fé,
„ e dilatar o curral do Bom Paſtor:
„ que conſagrando a naçaõ Portugueza
„ com eſte fim o ſeu cabedal, e a
„ meſma vida expoſta a tantos nau-
„ fragios, e outros perigos, rogava a
„ S. Santidade quizeſſe animar, e re-
„ conhecer-lhe o zelo, em lhe dilatar
„ a Fé, appropriando á Coroa de Por-
„ tugal todas as terras, que deſcobriſ-
„ ſem pela Coſta d'Africa até ás Indias
„ incluſivamente, viſto que todas as
„ Naçoens infieis, que nellas eſtavaõ
„ d'aſſento, ſe podiaõ avaliar como in-
„ juſtos poſſuidores, cuja ſalvaçaõ uni-
„ camente ſe lhe buſcava: que ao
„ meſmo tempo prohibiſſe a todos os
„ Principes Chriſtaõs ſob as maiores
„ penas Canonicas, o eſtorvarem as em-
„ prezas dos Portuguezes, ou inquie-

ANN. de J. C. 1440.

D. AFFONSO V. REI.

Ann. de J. C. 1440.

D. Afonso V. Rei.

„ tálos por qualquer modo que foſſe; „ ou tiveſſem pertençaõ de ſe eſtabe- „ lecerem nos paizes por elles deſco- „ bertos, e que por eſta razaõ eraõ na- „ turalmente ſeus : ultimamente que „ como ſe tratava da ſalvaçaõ, e bem „ das almas, abriſſe S. Santidade os „ theſouros da Igreja, e repartiſſe gra- „ ças com os que, expondo a ſua vi- „ da á cortezia de hum elemento pou- „ co ſeguro, ſe aventuravaõ a mil ge- „ neros de morte, e acabarem fóra da „ ſua Patria, da ſua familia, e de to- „ dos os ſoccorros eſpirituaes, e tem- „ poraes, de que podiaõ ſer provídos „ em ſuas cazas „

Folgaraõ de ouvir eſtes diſcurſos, e das miudezas, que lhes contou Aze- vedo, o Papa, e o Sacro Collegio; e conceberaõ grandes eſperanças a bem da Religiaõ, e naõ ſe enganaraõ nas ſuas conjecturas : de ſorte que S. Santidade com o voto dos Cardiaes deſpachou huma Bulla pela fórma, e teor, que o Infante a deſejava, concedendo liberalmente á Coroa Por- tugueza o ſupremo dominio ſobre to- das as terras, que deſcobriſſem até as Indias incluſivamente; ameaçando com cenſuras todos quantos os inquietaſſem nas ſuas Conquiſtas, como uſurpado-

res,

res, e ratificando quanto o Rei D. Duarte doára ao Infante, e á Ordem de Chriſto, accreſcentando depois muitos privilegios, graças, indulgencias eſpeciaes aos maritimos, e a algumas Igrejas, que o Infante fundára nas terras deſcobertas: com iſto ſe recolheo o Enviado muito ſatisfeito da ſua menſagem. Eſtas doaçoens, e privilegios foraõ depois confirmados, e augmentados pelos Summos Pontifices Eugenio IV. Nicoláo V. e Xyſto IV. &c.

ANN. de J. C. 1444.

D. AFFONSO V. REI.

Succedendo as coiſas ao Infante como deſejava, e adiantando-ſe cada vez conſideravelmente mais o progreſſos dos deſcobrimento, ſuffocaraõ-ſe as murmuraçoens dos politicos. Os povos ſuſceptiveis de novas impreſſoens cauſadas pelas occurrencias dos ſucceſſos, começáraõ a fazer-lhe juſtiça. Atroavaõ todo Portugal os elogios, que lhe faziaõ; e deſde logo o avaliaraõ como Reſtaurador de hum Eſtado eſgotado com as guerras de Caſtella, e Africa. Cada dia ſe via engroſſar o numero dos que aſpiravaõ a ſervir ſob os ſeus auſpicios: de toda a parte concorriaõ Eſtrangeiros, até do centro da Dinamarca, a offerecer-lhe ſerviço, e pertenderem delle emprêgos, ou terras, que cultivaſſem no novo Mun-

ANN. de J. C. 1444. D. AFFONSO V. REI.

do ; mas de tudo o mais solido foi, que, sendo elle até esse tempo o unico sobre quem carregava toda a despeza das armadas, cujo proveito naõ cobria o dezembolço, começaraõ entaõ a armar-se sociedades, e Companhias de interessados, que, pagando-lhe o quinto, e outros direitos, que o Rei lhe tinha concedido, ou ajustando-se com condiçoens ainda melhores, tomavaõ sobre si toda a despeza.

A Cidade de Lagos foi a primeira, que armou seis Caravelas, cujo mando teve hum Official chamado Lançarote, que fôra creado do Infante. Passados poucos tempos, fez outro armamento de quatorze Caravelas, commandadas pelo mesmo General: offereceraõ-se mais outros muitos particulares, em que tem maior lugar Gonçalo de Sintra, Sueiro da Costa, Alvaro de Freitas, e Rodrigo Eanes; de sorte, que em pouco tempo se achavaõ 26, ou 27 navios prestes a partir, ou já na viagem. Derramadas as Caravelas de Lagos com hum tempo forte, e naõ levando todos o mesmo rumo, aportáraõ a diversos sitios da Costa d'Africa, de Cabo Branco, Rio do Oiro, Ilhas d'Arguim, até a Cabo Verde, e mais avante delle, do qual

qual até entaõ ſenaõ havia paſſado: alguns delles chegaraõ ás Canárias, e tomaraõ o porto de Gomeira; e ſendo recebidos pelos ſeus habitadores com grande amizade, os perſuadiraõ a que os ajudaſſem n'huma entrada contra os da Ilha de Palma, com quem eſtavaõ de guerra: mas voltando, acabada a expediçaõ, á Ilha de Gomeira, e reparando que deſta viajem naõ tinhaõ desfrutado quanto eſperavaõ antes que partiſſem de Portugal, quizeraõ reſarcir-ſe á cuſta dos hoſpedes, que os haviaõ recebido taõ amigavelmente, e formando hum grande numero delles por eſcravidaõ, levaraõ ancora para voltarem a Lisboa.

ANN. de J. C. 1444.

D. AFONSO V. REI.

O Oceano Atlantico eſtá encravado de Ilhas, que ſe prolongaõ aſſás pelo mar, pelo lançamento da Coſta d'Africa. Tiveraõ os Antigos noticia de algumas, ou ſuppondo que as havia, nos deixáraõ huma confuſa idéa dellas, com o nome de *Fortunadas*, *Gorgades*, *Heſperides*, e *Caſſiterides*: mas deſde a Origem do Chriſtianiſmo ſe tinhaõ abſolutamente perdido, ou ignorado até ao decimo quarto ſeculo, em que alguns Aventureiros Genovezes, Malhorquinos, Caſtelhanos, Biſcainhos, Francezes, e Inglezes come-

meçaraõ a defcobrílas. Os Bifcainhos foraõ os primeiros, que fizeraõ huma expediçaõ na de Lançarote, donde trouxeraõ 170 peffoas, e alguns fructos da terra. Luiz de la Cerda Conde de Clermont, Principe de fangue de Hefpanha, e de França, fobrinho de Joaõ de la Cerda, chamado o Principe desherdado, e que tomou para fi o epítheto de Principe da Fortuna, moftrou algum defejo de fe hir eftabelecer alli; e para efte fim fe valeo do Rei de Aragaõ, e depois do Papa Clemente VI. que o coroou Rei das Canarias em Avinhaõ, dando-lhe o dominio deftas Ilhas, com condiçaõ de que as foffe conquiftar, e mandaria prégar alli o Evangelho; mas efte Principe antepondo a ifto coifa mais folida, veio a França bufcar emprêgo, e fervio muito bem na guerra contra os Inglezes. Os Reis de Portugal, e Caftella pediraõ efta doaçaõ ao Papa, como confta das fuas Cartas, que traz Raynaldi; queixando-fe ambos de fe ter feito fem o elles faber. Pertendia o primeiro que as Canarias lhe pertenciaõ, por ferem primeiro defcobertas pelos Portuguezes; e fundamentava-fe o fegundo em que o feu jus era mais natural, e immediato á Conquif-

Ann. de J. C. 1444.

D. Afonso V. Rei.

Spond. Ann. Eccl. ann. 1344. t. 7. &c.

quista d'Africa, de quem as Canarias era hum pertence.

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

O primeiro, que se estabeleceo nestas Ilhas do Oceano, foi hum Francez, nobre, chamado Joaõ de Betancourt, o qual empenhára o seu morgado de Betancourt, e de Grainville a Robin de Braquemont, Almirante de França seu primo, e tendo acompanhado a Hespanha a Henrique o Magnifico, e feito a este grandes serviços para o segurar no throno de Pedro o Cruel, obteve deste Principe as Canarias com titulo de Rei para Joaõ de Betancourt seu parente. Joaõ de Betancourt conquistou algumas destas Ilhas, mas naõ pôde conquistar a grande Canaria: faltando-lhe depois dinheiro, voltou a Europa, deixando a seu sobrinho Menaud, ou Massiot de Betancourt, para lhe conservar as suas Conquistas. Desavendo-se este com o Bispo, ou Vigario Geral, que Joaõ levára para as Canarias, enfastiado por outro lado do muito, que seu tio tardava em França, onde o demoraraõ primeiro molestias, depois instancias delRei, que carecia delle, naõ podendo Massiot conservar-se, se ajustou com o Infante D. Henrique, em quem fez cessaõ de todo o jus, que ti-

Ann. de J. C. 1444.

D. Affonso V. Rei.

tinha, a troco de algumas terras na Ilha da Madeira, onde aſſentou ſua familia, que depois tomou affinidade com a de Gonçalves Zaco, que tinha a principal Capitania das Ilhas.

Entrando o Infante, em virtude deſte contrato na poſſe deſtas Ilhas, que davaõ hum novo commodo aos ſeus deſcobrimentos, entrou em maior zelo de acabar a conquiſta dellas, para eſtabelecer ahi a Religiaõ Chriſtá; e por iſſo pôz em 1424. huma grande armada, em que ſe tranſportaſſem 2500 Soldados de Infantaria, e 120 cavallos, cujo mando confiou a Fernando de Caſtro, Governador da ſua Caza. O pouco, que ſe tirava deſtas Ilhas, que naõ podia baſtar para ſuſtento de tanta gente, fez com que o Infante tiraſſe maior perda do que lucro. Com tudo iſſo ſempre teve a ſatisfaçaõ de ver utilizado o ſeu trabalho na converſaõ deſta gente pagá, que foi o unico fructo, que aproveitou; porque tendo-ſe apoſſado deſtas Ilhas os Reis de Caſtella, como pertencendo-lhe por direito, por quanto era verdade que Betancourt pertendêra a ſua conquiſta com ajuda dos Caſtelhanos, e a elles jurára preito, e omenagem, foraõ cedidas aos Reis

Ca-

Catholicos em hum Tratado concluido entre Castella, e Portugal.

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

Era inexplicavel o cuidado, com que o Infante se applicava a que florecesse o commercio nos paizes de novo descobertos, ou em plantar solidamente as Colonias. Os descobridores, que partiaõ por ordem sua, naõ aportavaõ a Ilha alguma êrma, em que naõ deixassem algumas cabeças de gado, e outros animaes domésticos, que, multiplicando sem estorvos, davaõ depois cómmoda subsistencia aos que lá hiaõ viver. O Quanto nisto se esmerava, se póde bem conjecturar do que fez na Ilha da Madeira; pois naõ contente, além das familias com que a mandou pavoar, de a supprir de toda a casta de mecanicas, até mandou buscar a Chypre, e a Sicilia cannas de assucar, e ás Ilhas do Arquipélago as melhores cepas de Malvasía, que lá mandou plantar: E tam fructuoso foi este trabalho, que passados vinte e sinco, ou 30 annos depois da sua plantaçaõ, podia já sustentar 1800 Soldados de tropa. Barros nos attesta que no seu tempo valia sómente o quinto do assucar para a Ordem de Christo em alguns annos 60 arrobas.

A

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

A respeito do commercio das Costas d'Africa, escreve Alviso Cadamosto, hum dos Descobridores do Infante, que das Ilhas de Arguim se tiravaõ todos os annos entre 7, e 800 escravos para Portugal. O oiro em pó, que se sacou do Rio do oiro, foi com tanta abastança, que delle cunhou Affonso V. hum dinheiro muito fino, a que chamou cruzados, em razaõ da Cruzada, que o Papa Callisto III. concedêra, e em que este Principe entrára por voto. Ainda hoje dura em Portugal esta moeda com o mesmo nome.

Este commercio foi espinhozo nos seus principios, naõ sómente por ser deserta a Costa d'Affrica além de Cabo Branco, onde pega hum ermo de arêa ardente, de mais de 60 jornadas de cavallo, até ao paiz dos Negros, onde vai confinar, e foi necessario tempo para lá chegar; mas ainda pelos inconvenientes inevitaveis nos estabelecimentos.

Os Negros, naçaõ pobre, quasi nua, que viviaõ em huma terra esteril, e areenta, sem leis reguladas, tendo por morada algumas cabanas, sustenstando-se com hum pouco de milho, do leite do seu gado, e de al-

Ann. de J. C. 1444. D. Afonso V. Rei.

alguma carne, ou peixe ſeco ao Sol, naõ tinhaõ até eſſe tempo mais do que hum pequeno trato por terra com os Mouros de Barbaría. Eſtes com jornadas em caravanas chegavaõ aos Reinos de Tombut, e de Melli, onde commerciavaõ com os Negros em ſal, marfim, oiro, malagueta, e eſcravos, a troco de cavallos, que tiravaõ do Reino de Granada, de Sicilia, e de Tunes. Eſtes Negros, que antes dos Portuguezes, nunca tinhaõ viſto os Europêos, ficaraõ aſſombrados á primeira viſta das ſuas velas, e enleados com eſte eſtranho eſpectaculo, já os julgavaõ aves ou peixes, conforme ſe lhes affiguravaõ as velas altas, ou deſcidas; outras vezes medindo o eſpaço, que eſtes vaſos tinhaõ andado em huma noite, lhes pareciaõ faſtaſmas, ou larvas, que os illudiaõ. O verem deſembarcar os Portuguezes lhes cauzou novo paſmo; augmentou o ſeu terror, e eſpanto o verem eſtes homens taõ differentes delles, veſtidos de ferro, que traziaõ nas maõs, o raio, e o trovaõ. Da outra parte os Portuguezes, que lhe ignoravaõ o idioma, e naõ podiaõ dar-ſe a entender, de balde ſe valiaõ de affagos para os retirarem do ſeu primei-

ro

Ann. de J. C. 1444. D. Affonso V. Rei.

ro eſpanto, vendo-ſe obrigados a recorrerem á violencia para apanharem alguns, e trazêlos como moſtra a Portugal, derramaraõ entre elles o temor, e a conſternaçaõ, principalmente quando diſparavaõ os canhoens, e arcabuzes, e eſta ſimples gente viaõ cahirem-lhe mortos aos pés os companheiros, ſem verem coiſa, que lhes tocaſſe, e os offendeſſe.

Iſto foi cauſa de que nos primeiros annos, os que foraõ a eſte deſcobrimento, naõ fizeſſem ſociedade alguma com peſſoas taõ eſquivas, que ſe entranhavaõ no certaõ das terras o mais longe que podiaõ, logo que viaõ a borraſca, que os ameaçava, e ſómente poderaõ uſar de huma eſpecie de pirataria, pilhando algumas palhoças de peſcadores, que naõ tinhaõ tido tempo de ſe porem em ſalvo na fuga, uſando com eſtes miſeraveis de injuſtiça com taõ pouco remorſo, que mal lhes faziaõ a honra de os diſtinguir de brutos. Iſto durou até que alguns deſtes eſcravos aprendêraõ o Portuguez, para lhes ſervirem de Lingua, e alguns Portuguezes, e entre outros hum chamado Joaõ Fernandes, ſe aventurou a viver entre eſtes povos barbaros, para lhe aprender a lingua.

En-

Entaõ teve principio hum trato regulár entre as duas Naçoens.

ANN. de J. C. 1461.

D. AFFONSO V. REI.

Para o arraigar mais, fundou El-Rei D. Affonſo huma feitoria na Ilha de Arguim, onde eſte Principe, ou como outros querem, o meſmo Infante fundou huma eſpecie de Caſtello. Deo-ſe o commercio excluſivo a Fernaõ Gomes por ſinco annos, com condiçoens mais a ſeu favor delle, do que do Rei, como ſuccede ordinariamente neſtes contratos. Obrigou-ſe Fernaõ Gomes, além diſſo, a proſeguir em deſcobrir a coſta até mais ſincoenta milhas, começando do Cabo de Serra Leôa, onde fizeraõ termo os de Pedro de Sintra, e Sueiro da Coſta. Eſte contrato enriqueceo ſummamente a eſte Fernaõ Gomes, com que ſe reformou, e prorogou por muitos annos: fez grandes ſerviços á Coroa, e acodio ao Rei em varias preciſoens, por cujo motivo eſte Principe o fez nobre, e lhe deo licença para tomar por armas hum eſcudo em campo de prata, tres cabeças de Mouros com collares de ouro com tres aneis de prata hum no nariz, e os outros dois nas orelhas. Permittio-lhe tambem que tomaſſe o appellido de Mina, nome de huma terra, que elle deſcobrio,

Ann. de J. C. 1463.

brio, em que ſe fazia o maior reſgate deſtas partes em oiro em pó. Eſte meſmo adiantou o deſcobrimento até ao Cabo Santa Catharina a dois gráos e meio de latitude Auſtral.

D. Affonso V. Rei.

ElRei D. Affonſo V. tinha ſubido ao throno de idade de 6 annos: a ſua minoridade foi aſſás tranquilla pela prudencia do Infante D. Pedro ſeu Tio, que cazou com elle huma filha ſua; mas eſte cazamento foi fatal a ambos, pois que encheo de ciumes o Infante D. Joaõ, irmaõ de D. Pedro. Tratou eſte de entregar o governo do Eſtado a ſeu Sobrinho, e do ſeu retiro ſe lhe armou culpa, e ao tempo que eſte Principe infeliz voltava á Corte para ſe juſtificar, deſgraçadamente acabou com as armas na maõ contra o ſeu Rei, e genro, em hum daquelles encontros, que nem ſe podem precaver, nem evitar. A guerra, que Affonſo fez a Caſtella, pertendendo ſucceder alli, a que fez na Africa, bem que com melhor ſucceſſo, a preoccupaçaõ, em que depois entrou a reſpeito da Cruzada, que publicára Calliſto III. fizeraõ conhecido damno ao progreſſo dos novos deſcobrimentos, que a naõ ſobrevirem todos eſtes contratempos, poderiaõ ſer adiantados com mais efficacia, e fructo.

Quan-

Ann. de J. C. 1463. D. JOAÕ II. REI.

Quanto ao Infante D. Henrique, a pezar dos desgostos, que lhe causaraõ os alvoroços domesticos, e a pouca igualdade da fortuna do Estado, sempre trabalhou com toda a efficacia, que lhe foi possivel, accommodando-se ao tempo, e naõ affroxou neste ponto o seu zelo. E bem que adoptasse por amor, que lhe tinha, ao Infante D. Fernando seu sobrinho, e irmaõ do Rei D. Affonso, e tivesse cedido nelle todo o jus, e rendas dos novos descobrimentos; todavia o Infante D. Henrique ajudou este novo Principe quanto pôde, naõ abrindo maõ desta empreza até a sua morte, que foi em 1463. aos 67 annos de idade, no terceiro do Reinado de D. Joaõ II. seu segundo sobrinho.

Por mais que tenha dito em louvor seu, naõ posso deixar de dar aqui delle huma idéa maior, para fazer justiça ao merito de hum Principe, verdadeiramente digno da immortalidade; por unir em si todas as prendas naturaes, e virtudes adquiridas, que adornaõ os homens grandes, e bons Principes. Era de mediana estatura, mas grosso de carnes, de hum temperamento forte, e robusto: a téz de excellente côr alva, e corada, os ca-

bel-

Ann. de J. C. 1463. D. JOAÕ II. REI.

bellos louros, e alguma coiſa creſpos, o modo grave e ſevero, que á primeira viſta aſſombrava; mas eſta ſeveridade apparente moderava-a huma rara bondade, e perfeita igualdade d'alma, tudo effeito de hum genio generoſo, da candura dos ſeus coſtumes, e perfeito imperio, que tinha nas ſuas paixoens. Eſte imperio ſe conhecia em todo elle por effeito da ſolida piedade, e de huma virtude fóra de toda a ſuſpeita, boa ordem no ſeu proceder, e na ſua Caza, que ſe regía como ſe fôra hum Moſteiro, e n'huma modeſtia mui apurada em todas as palavras, trajo, meza, e ſerviço da Caza. Com tudo iſto era de altos penſamentos, taõ liberal, que quaſi chegava a prodigo, e gaſtava com maõ verdadeiramente Real em tudo quanto ſe encaminhava ao adiantamento da Religiaõ, gloria da Naçaõ, e bem do Eſtado. Protector das ſciencias, em que ſe diſtinguio igualmente que na Arte militar, em que deo repetidas provas de valor, e deſtreza; repartio immenſos theſouros, que ſe gaſtaraõ em convocar de todas as partes ſujeitos habeis, a quem mantinha com largas deſpezas, e em fundar Academias, a

quem

quem dava os proprios Paços, e as mais ſeguras rendas. Todos os moços Nobres do ſeu tempo lhe deviaõ a educaçaõ, e o affecto, que entaõ tinhaõ ás Sciencias, naõ ſe contentando com buſcar-lhe os meios trazendo-lhes bons meſtres, lhes ſuppria as neceſſidades aos Cavalheiros pobres, mandando-os eſtudar a ſua cuſta, e tomando depois ſobre ſi a ſua accommodaçaõ. Porém o em que mais brilhou a ſua magnificencia, foi nas incontaveis ſomas, que gaſtou neſtes deſcobrimentos, applicando ſem deſcanço, até aos ultimos momentos o talento, que tinha para obrar bem, para deſempenhar por todos os modos a diviza, que tomára, empobrecendo-ſe a ſi para enriquecer algum dia o Eſtado; de ſorte que com juſtiça o pode Portugal eſtimar por hum dos ſeus maiores Principes, que lhe buſcou maior honra, e a quem deve as maiores obrigaçoens.

Ann. de J. C. 1463.

D. Joaõ II. Rei.

Succedendo a D. Affonſo ſeu Pai ElRei D. Joaõ II. do nome, apenas ſubio ao throno, logo ſe applicou com ancia a ſeguir os veſtigios dos Reis ſeus anteceſſores, e do Infante D. Henrique, ſeu ſegundo Tio. Além de hum coraçaõ magnifico, e nobre, ti-

1481.

Ann. de J. C. 1481. D. Joaõ II. Rei.

nha hum zelo ardente pela gloria de Deos, e accrefcentamento da Monarquia, de que eftava Senhor; e a experiencia propria lhe tinha enfinado os bens, que Portugal começava a desfrutar dos feus novos defcobrimentos; por quanto huma parte das rendas do feu bolcinho em quanto Principe dos Algarves, e herdeiro jurado do Reino, era affentada nos direitos do trato dos paizes defcobertos de novo; e affim inteiramente perfuadido das conveniencias defte commercio, naõ fe defcuidou de meios para o fuftentar, animar, e lançar folidos alicerces.

Os que foraõ primeiros a efte defcobrimento nos feus principios contentavaõ-fe com deixarem arvoradas Cruzes nas praias onde aportavaõ, e com entalharem a diviza do Infante nas arvores vizinhas com os nomes, que punhaõ ás terras novas, e algumas outras noticias, que fe lhe antolhavaõ. No Reinado defte Principe fe começáraõ a erigir padroens em toda a parte, e no topo delles huma Cruz, nos quaes fe viaõ gravadas as armas de Portugal, o nome do Principe, que entaõ reinava, e do Capitaõ, que fizera o defcobrimento, o anno, e dia delle, para fervir

de

de inftrumento, e teftemunho authentico da poffe, e dominio Real de todas aquellas terras em nome do Rei, e Coroa de Portugal. Por efte modo mandou affentar nove padroens pelo comprimento da Cofta d'Africa inclufivamente até ao Cabo de Boa-Efperança, onde tiveraõ termo os defcobrimentos, que fe fizeraõ nos feus tempos.

ANN. de J. C. 1481. D. JOAÕ II. REI.

Paffados poucos annos, accrefcentou D. Joaõ aos antigos titulos o do Senhor de Guiné, e Cofta d'Africa, e a fim de fegurar o dominio effectivo mandou acabar a Fortaleza da Ilha de Arguim, começada alguns annos atrás, e mandou fazer outra mais forte em S. Jorge da Mina, onde acodia o maior refgate de oiro em pó.

Compunha-fe a fróta, que determinou para hir fazer o Caftello da Mina, de dez Caravelas, duas Urcas, e huma barca mais pequena. Nefta fróta carregou toda a pedra lavrada, tijolo, madeira, e materiaes precifos para a Fortaleza, que baftava erigir-fe; hia mais a frota apercebida de todos os víveres, e muniçoens de boca, e guerra para 600 homens, em que entravaõ cem pedreiros, e officiaes para a obra. O navio pequeno

ANN. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

era para peſcar na Coſta, e chegar mais á terra nas bahias, onde naõ poderiaõ chegar as Urcas, e Caravelas.

Diogo d'Azambuja, peſſoa de merito, e experiencia, que como tal fôra eſcolhido por ElRei para Capitaõ mór deſta frota, tendo-ſe feito á vela em 11 de Dezembro de 1481 tocou o porto de Bezeguiche, para confirmar hum Tratado de paz feito com o Senhor daquella Coſta. Pedro d'Evora Capitaõ do navio pequeno, que ſe tinha adiantado para eſte effeito, terminou felizmente eſte negocio; e proſeguindo dalli a ſua derrota, aportou na Mina aos 19 de Janeiro do anno ſeguinte. Por ventura encontrou naquelle porto hum pequeno navio Portuguez delRei, cujo Capitaõ, que alli eſtava reſgatando oiro, lhe ſervio de intérprete para mandar notificar ao Senhor do lugar a chegada do General, e o deſejo, que tinha de ſe verem ambos ſem dilaçaõ.

Caramança, que aſſim ſe chamava o Senhor deſta povoaçaõ de Negros, moſtrou-ſe contente com a chegada do General Portuguez, e deſembarcou Diogo d'Azambuja, e logo ſe apoſſou de huma eminencia vizinha á aldêa, que lhe pareceo diſpoſta para alli ſe

ſe fazer a Fortaleza, onde mandou arvorar a bandeira com as armas de Portugal, tomando poſſe em nome delRei ſeu Senhor, e alli erigio hum Altar encoſtado a huma grande arvore, onde ſe cantou a primeira Miſſa, que ſe diſſe naquellas terras: todos os que aſſiſtiaõ ſe desfaziaõ em lagrimas de devoçaõ com alegria, e eſperança de verem que J. C. tomava poſſe deſtas terras, onde até entaõ ſómente reinava a ſuperſtiçaõ, e a idolatria.

Ann. de J. C. 1481. D. Joaõ II. Rei.

A viſta do General Portuguez, e do Principe dos Negros ſe fez com todo o apparato poſſivel: cada qual ſe eſmerou em dar de ſi grande conceito na maior pompa, que era poſſivel, bem que de ambas as partes foſſe bem pouca: a Corte do Negro fez pouco eſpanto aos Portuguezes; pelo contrario eſtes aſſombraraõ aos Negros, que nunca tinhaõ viſto taõ numeroſo, e rico cortejo.

Paſſadas as primeiras ceremonias, e comprimentos fallou Azambuja ao Principe com grande enfaſe neſta ſubſtancia: „ Senhor, tendo ElRei meu „ Senhor ſabido com muita ſatisfaçaõ „ ſua, o bom aviamento, que ſeus vaſſal- „ los encontraõ no ſeu trafego neſta

„ Coſ-

Ann. de J. C. 1481. D. João II. Rei.

,, Costa d'Africa do vosso dominio, pe-
,, la benevolencia, com que os protegeis;
,, quer da sua parte ser grato a taõ
,, grande serviço, com hum benefi-
,, cio taõ notavel, que he o unico, que
,, dignamente recompensa quanto bem
,, lhe tendes feito, e o bom desejo, que
,, tendes para com elle. Consiste, este
,, bem em trazer-vos ao conhecimento
,, de hum Deos, Senhor, e Creador do
,, Ceo, e da terra, Remunerador dos
,, que crem no seu nome, e o servem
,, com fidelidade. Todos os Principes
,, da Europa reconhecem este Deos de
,, Magestade, e sobmettem as suas ca-
,, beças ao jugo da sua Lei: se a que-
,, reis reconhecer, aceitai o santo ba-
,, ptismo, que he a publica profissaõ desta
,, Lei, e ElRei meu Senhor vos terá
,, entaõ por irmaõ, e aliado, pois que
,, sois unidos com o mesmo vinculo de
,, Religiaõ, e haveis participar no Ceo
,, da mesma Bemaventurança, que nun-
,, ca tem fim. Com esta condiçaõ fará
,, comvosco hum Tratado, e Liga offen-
,, siva, e deffensiva contra os communs
,, inimigos, e fará comvosco huma es-
,, pecie de communidade de bens, man-
,, dando para vossos Estados toda a ri-
,, queza dos seus; mas para guarda de
,, hum e outro cumpre, que lhe deis
,, li-

,, licença para fazer nos voſſos Eſtados
,, huma caza forte, onde ſe poſſaõ re-
,, colher ſeguros os vaſſallos, que elle
,, enviar a eſtas terras, para que tenhaes
,, ſempre promptos os Portuguezes em
,, hum ſitio, que lhes poſſa ſervir de
,, aſylo contra os ſeus inimigos, e os
,, voſſos, e tambem de armazem para
,, o ſeu commercio.,,

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

Caramança, que tinha mais en-
tendimento, e politica do que ſe
preſume ordinariamente em hum Ne-
gro, moſtrou huma paſmoſa gravida-
de em toda a conferencia: attendeo
á falla do General com ſilencio, e at-
tençaõ maravilhoſa, bem que naõ
comprehendeſſe o ſublime della; e
depois de meditar hum pouco, reſpon-
deo ſuccintamente, gratificando ao Rei
de Portugal, e ao que repreſentava
alli a ſua peſſoa, bem que ſem depo-
ſitada decizaõ no ponto eſſencial, que
era o artigo da Cidadella, que o Ge-
neral tocára ſuperficialmente.

Ambos conheciaõ bem as conſe-
quencias, e nenhum explicava inge-
nuamente o que entendia. Azambu-
ja, que ſuſpeitou no animo do Negro
alguma deſconfiança, replicou, e diſ-
ſe quanto entendeo ſer mais efficaz,
para deſvanecer toda a ſuſpeita; e

ou

ANN. de J. C. 1481. D. JOAÕ II. REI.

ou Caramança ſenaõ ſentiſſe com forças para ſe oppôr a tanta gente, que facilmente lhe podia dictar a lei, ou attendeſſe entaõ a certas ponderaçoens de intereſſe preſente, que ſuffocaraõ os temores futuros, alli meſmo tomou o ſeu acordo, e batendo nas maõs elle, e os ſeus em ſinal de approvaçaõ, deo entaõ de boa vontade a permiſſaõ, que talvez naõ pudeſſe recuſar.

Logo no dia ſeguinte, ſem dilatar mais tempo, começou o General a trabalhar em abrir os alicerces do ſitio, e mal os pedreiros começaraõ a cavar, e quebrar certos penedos, que a ſuperſtiçaõ dos Negros havia conſagrado, logo elles acodiraõ armados a eſtorvar o trabalho: aqueceraõ-ſe os animos, e talvez começava huma Scena funeſta quando Diogo d'Azambuja, que eſtava dando as ordens para ſe tirarem os materiaes do navio, tendo logo noticia pelos Linguas, de que a Religiaõ naõ entrava tanto neſte arroido, como o deſcontentamento de naõ terem ainda recebido os preſentes, que ſe deviaõ, dar ao Principe, acodio ſem demora, reprehendendo os ſeus, e mandando-os ceſſar com hum ar de auctorida-

da-

dade, e indignaçaõ, que aquietou o motim. Immediatamente se entregaraõ os presentes com pompa: os Negros os receberaõ com muito prazer, vendendo por este modo, quasi sem darem tino disso, a liberdade, que deviaõ prezar sobre tudo. Trabalhou-se com tanta ancia, que em vinte dias se poz o Castello em estado de defeza. Diogo d'Azambuja edificou tambem huma Igreja no mesmo sitio, onde erigíra primeiro o Altar na sua chegada; e tanto á Igreja, como á Fortaleza foi dado por Orago S. Jorge. Na Igreja se estabeleceo huma Missa quotidiana in perpetuum pela alma do Infante D. Henrique; e ElRei concedeo á Fortaleza o foro de Cidade. Diogo d'Azambuja ficou com 60 homens para guarniçaõ da Fortaleza, e despachou o resto para Portugal nos navios com oiro, escravos, e outros generos, que tinha resgatado.

ANN. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

Passados alguns annos, mandou ElRei outra armada muito mais grossa a fazer outra Fortaleza, que tinha projectado na fóz do Rio do Senegal, a qual entendia ser de muito maior importancia, e que teve successo bem differente: direi o seu motivo.

En-

Ann. de J. C. 1481.

D. Joaõ. II. Rei.

Entre os povos que habitaõ as Regioens entre os Rios Gambea, e Senegal, eraõ entaõ mais conhecidos dos Portuguezes os Jalofos, que vizinhavaõ com a Costa. O Principe, que entaõ governava, tendo em pouco seus dois Irmaõs mais velhos, filhos do Rei defunto, deo o regimento do Reino a outro Irmaõ, que tinha sómente da parte da Mãi, chamado Bemoim, e elle se entregou soltamente a toda a casta de vicios. A escolha deste valido foi menos bem succedida, do que deveria ser: tinha elle talento, prudencia e valor; e para se manter contra os Pincipes seus rivaes, se aproximou mais ao mar, e fez huma Liga estreita com os Portuguezes, e para os ter satisfeitos naõ omittia diligencia com que os contentar; favorecia em tudo o seu commercio, pagava-lhes até os cavallos, que morriaõ na jornada, como se ja fossem embarcados por sua conta; e assim tudo foi em seu favor, durante a vida do Rei; mas sendo este mandado assassinar pelos dois Irmaõs, esteve Bemoim de repente abraços com huma grande guerra: para isto se soccorreo a seus aliados, e D. Joaõ II. lhe prometteo todo o soccorro, com condiçaõ de se fa-

'azer Christaõ, e receber o baptismo, : para este fim lhe mandou Embaixa-lores, presentes, e Missionarios. Be-noim prometteo quanto lhe pediraõ, lando todavia por desculpa, que o tem-oo de huma guerra civil era muito oouco proprio para huma mudança, ue naturalmente se soblevaria o res-o, que estava do seu bando; mas que lle huma vez que se achasse Senhor uieto, entaõ se podia converter, com sperança de que comsigo converteria ambem toda a naçaõ.

Ann. de J. C. 1481.

D. Joaõ II. Rei.

Gastou hum anno nestas dilaço-ns, entretendo sempre com boas es-oeranças. Entretanto a guerra, em ue hia descahindo, inquietava muito commercio: comprava a credito, e aõ podendo pagar, se via muito al-ançado: os commerciantes Portugue-es vendo que os negocios succe-iaõ mal, avizaraõ a ElRei, que ven-o que Bemoim naõ punha em effeito promessa, que tinha feito de abra-ar a Fé, ordenou com graves penas todos os seus vassallos, que o dei-xassem, e se recolhessem ao Reino.

Conhecendo Bemoim que esta rdem seria causa da sua ruina, ez hum esforço, e do seu cabedal, : do de seus amigos, pagou quanto de-via

Ann. de J. C. 1481.

D. João II. Rei.

via; mas vendo que nem assim podia reter os hospedes, mandou embarcar com elles hum seu sobrinho, entregando-lhe huma manilha de oiro, e cem escravos escolhidos, para dar a ElRei, implorando o seu soccorro; mas naõ houve tempo de o esperar; porque foi desbaratado, e a muito custo salvou a pessoa na fortaleza de Arguim, onde se embarcou, e veio a Portugal com vinte e sinco dos principaes da sua Corte, que o naõ quizeraõ desamparar nesta desgraça.

Sabendo ElRei da sua chegada aos seus Estados, o quiz receber, naõ como hum Chefe de barbaros pobres, e miseraveis, mas como hum Monarca Soberano, e Potentado; muito mais para dar a toda a Europa hum alto conceito das suas Conquistas, do que com o fim de ser grato aos serviços, que recebêra de Bemoim a sua gente. Assim mandou que fosse conduzido ao Paço de Palmela, onde lhe deo Caza, e onde foi assistido á custa del-Rei, em quanto se dispunha para dar em Lisboa a sua entrada publica.

No dia aprazado esperaraõ o Principe negro o Rei, e a Rainha, cada hum em seu Palacio separado, acompanhados de grande Corte de

Da-

Ann. de J. C. 1481.

D. JOAÕ II. REI.

Damas, e Grandes do Reino, vestidos ricamente, e com muita pompa, o qual conduzia D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que o fôra conduzir com grande companhia de Fidalgos moços. Bemoim, tendo cruzado com este estado as ruas de Lisboa, que estavaõ armadas, como em hum dia de triunfo, entrou no Paço, e foi á sala do Throno: logo que foi visto delRei, tirou este hum pouco o barrete, e dando alguns passos o veio buscar. Bemoim se debruçou aos pés do Rei, fazendo final de querer tomar terra com as maõs, e lançála sobre a cabeça, em final de respeito, e vassallagem, e levantando-o ElRei com agrado, se chegou elle ao throno, onde esteve em pé encostado a elle, e mandou ElRei ao interprete, que lhe dissesse que fallasse. Bemoim, que era hum homem bem apessoado, e prudente, e estava no vigor da idade, começou o seu discurso com desembaraço e o continuou com tanta graça, e gravidade, sem deixar motivo algum, que pudesse provocar a compaixaõ do seu estado presente, que ElRei se commoveo, e ficou muito contente de todas as perguntas, que lhe fez, concebendo delle o

con-

Ann. de J. C. 1487. D. JOAÕ II. REI.

conceito de ſer hum homem cordato e de diſcurſo, e fez delle maior caſo, do que tinha feito pelas primeiras noticias, que lhe tinhaõ dado. Bemoim paſſou depois a beijar a maõ á Rainha, a Affonſo Principe de Portugal, pedindo a ambos em huma falla breve, e bem ordenada, que quizeſſem empenhar-ſe por elle para com ElRei, em quem tinha toda a ſua eſperança, e acabado iſto foi conduzido para o Palacio, que lhe fôra deſtinado com igual acompanhamento, e com a meſma ordem, com que viera.

Como a maior ancia delRei era pela converſaõ deſte Principe Africano, a primeira coiſa, a que deo ordem foi a entregálo a Eccleſiaſticos de virtude, e letras, que o doutrinaſſem, e a todos os da ſua companhia. Com facilidade o catequizaraõ, porquanto Bemoim já de longo tempo eſtava inſtruido: e intereſſes bem differentes, dos que agora tinha lhe haviaõ eſtorvado o pôr por obra o que com tanto apêrto ſe lhe pedia, e parecia que bem fóra de propoſito; de ſorte, que pedindo elle agora com ancia o ſanto Baptiſmo para ſi, e para os ſeus, foraõ ſem demora admittidos a receberem eſta graça.

Fes-

Ann. de J. C. 1489.

D. JOAÕ II. REI.

Fez-se esta ceremonia com toda a pompa possivel. Na noite de 3 de Dezembro de 1489. foi levado á pia baptismal com dois dos principaes da sua companhia por ElRei, Rainha, Principe, Duque de Beja, que depois subio ao Throno, Nuncio do Papa, e Bispos de Tangere, e de Ceuta. Fez o officio este ultimo, e foi hum dos Padrinhos: deo-se a Bemoim o nome de Joaõ por obsequio a ElRei; e os outros Negros foraõ aposentados por outras Damas, e Fidalgas. No dia seguinte se seguio a esta ceremonia outra, com que ElRei armou Cavalleiro ao Principe Africano, dando-lhe por brazaõ huma Cruz de oiro em campo vermelho, e os sinco escudos de Portugal por orla: Bemoim fez omenajem de todos os seus Estados ao Rei, e Coroa de Portugal: o Nuncio remetteo a S. Santidade huma relaçaõ exacta de quanto se tinha passado, e hum instrumento authentico da obediencia, que este Principe novo Christaõ dava ao Papa, como Cabeça da Igreja.

Muitos dias duraraõ em Lisboa as festas pela entrada, e baptismo do Principe negro: tudo eraõ funçoens, e divertimentos, fogos de artificio,

Ann. de J. C. 1489. D. João II. Rei.

ficio, illuminaçoens, cannas, touros, momos, e outros entretenimentos, que aſſombrando os pobres Africanos, lhes inſpiravaõ hum grande conceito da potencia de Principe taõ magnifico, que os agazalhava com tamanho apparato, em comparaçaõ do que elles podiaõ fazer na ſua miſeria. Mas nem por iſſo deixaraõ elles da ſua parte de divertir a Corte de Portugal com a ſua agilidade, e deſtreza: hiaõ acompanhando os cavallos na carreira, e de ſalto ſe lhe punhaõ na ſella, onde ſe conſervavaõ em pé, e da meſma ſella deſciaõ a tomar pedras, que lhes lançavaõ de eſpaço a eſpaço, e tornavaõ a ſaltar em ſima dos cavallos com tanta ſoltura, que desbancavaõ muito os Mouros de Barbaría, que, pela muita deſenvoltura, que tem neſte exercicio, ſaõ o aſſombro dos mais povos.

Com tudo ElRei, que ſe occupava mais do ſolido, que dos divertimentos, mandou armar com preſteza vinte caravelas bem provídas de Soldados, armas, muniçoens de guerra, e boca, e mais apreſtos neceſſarios para fazer huma Fortaleza. A Capitania mór deſta fróta teve Pedro Vaz da Cunha, por alcunha o Biſagu-

gudo. Juntamente mandou ElRei cer-
to numero de Missionarios, e por
maioral delles o Padre Alvaro seu
Confessor, da Ordem de S. Domingos,
homem de muito nobre, e de muito
maior virtude: mas todas as grandes
esperanças delRei acabáraõ de golpe
por huma das maiores barbaridades;
pois apenas chegou esta frota taõ gran-
de, e causou em toda a terra ta-
manho terror, mal se tinhaõ aberto
os alicerces da Fortaleza, quando o
General desgostoso de haver come-
çado a Fortaleza em terreno pouco sa-
dio, e enfastiado de se ver obriga-
do a ficar em sitio taõ doentio, che-
gando-se a Bemoim, o matou ás punha-
ladas com o falso pretexto de que es-
te lhe urdia traiçaõ. Este caso, que
foi causa de motins entre os Negros,
e os Portuguezes, anojou extremamen-
te a ElRei; com tudo o deixou sem
outra vingança, mais do que os re-
morsos, que elle causaria ao seu au-
ctor, que he pena assás dura para
hum homem, que tem humanidade;
mas muito leve para quem he capaz
de commetter similhante covardia.

Ann. de J. C. 1489. D. Joaõ II. Rei.

D. Joaõ além do desejo de res-
tituir ao throno hum Principe confede-
rado, que lhe devia a sua fortuna,

Ann. de J. C. 1489.

D. João II. Rei.

affeſtava a outro alvo, a que de muito tempo fazia interiormente pontaria, que era acarear para os ſeus Eſtados o commercio com as Indias, e deſcobrir caminho para entrar nellas. Os ſeus Mathematicos lhe ſeguravaõ que iſto naõ ſómente naõ era impoſſivel, mas muito provavel, e por mais de hum caminho; por quanto por huma parte lhe ſeguravaõ, que ſe podia rodear a Africa, e lhe apreſentavaõ huma Carta Geografica, que o Infante D. Henrique houvera dos Mouros, na qual ſe apontava o caminho, o qual a experiencia moſtrava ſer infallivel: por outra parte, que todo o mundo eſtava cheio da noticia de hum poderoſo Monarca Chriſtaõ, conhecido pelo nome de Preſte Joaõ, ou Padre Joaõ, cujos Eſtados até entaõ ſe ignoravaõ. Enganados muitos com relaçoens antigas, principalmente com as de Marco Paulo Veneziano, os julgavaõ muito no interior da grande Aſia; pelo contrario outros os demarcavaõ, onde ſaõ legitimamente na Ethiopia ſuperior, perto do mar das Indias, ſobre as cataractas do Nilo, o que tinha a confirmaçaõ de alguns Sacerdotes Abexins, que tinhaõ vindo a Heſpanha, e de alguns Frades Européos,

que

que tinhaõ paſſado a Jeruſalem. Tinha ElRei huma grande ancia de ſe deſenganar neſte ponto, com tençaõ de fazer huma aliança com eſte Principe, para lhe dar a ultima inſtrucçaõ na Fé, ſobmetêlo á obediencia do Vigario de J. C. eſtabelecer entre os ſeus Eſtados, e os deſte Principe mutua correſpondencia, que lhe aſſegurava immenſos proveitos, ſe ella abriſſe caminho para as Indias taõ deſejado, e que era o objecto da ſua maior paixaõ.

Ann. de J. C. 1489.

D. Joaõ II. Rei.

Tinha além diſſo alcançado algumas noticias de que pelos Reinos novamente deſcobertos na Coſta d'Africa, ſe podia fazer caminho para entrar nos Eſtados deſte Principe; por quanto lhe contára hum Embaixador do Rei de Benim, que em 1486 paſſára com Joaõ Affonſo d'Aveiro a celebrar hum Tratado com a Coroa de Portugal, e pedir ſujeitos, que lá foſſem prégar o Evangelho, e inſtruílo a elle, e a ſeus vaſſallos nos pontos da noſſa Santa Religiaõ, que a o Oriente do Reino de Benim a trezentas, e ſincoenta legoas pelo certaõ, eſtava hum poderoſo Monarca, chamado *Ogane*, que tinha ſobre todos os Reis vizinhos juriſdiçaõ eſpiritual, e temporal. Que

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ. II. REI.

o Rei de Benim, e os mais vizinhos quando ſubiaõ ao throno, lhe mandavaõ Embaixadores com grandes preſentes, de quem recebiaõ a confirmaçaõ, cujos ſinaes, e Reaes inſignias eraõ hum bordaõ em lugar de Coroa, e huma Cruz de lataõ, ſem as quaes inſignias naõ eraõ reconhecidos Reis legitimos: que os Embaixadores em todo o tempo, que alli reſidiaõ, nunca o viaõ, e que unicamente lhes moſtrava hum pé no dia da ſua audiencia, o qual beijavaõ com todo o acatamento, como coiſa ſanta; e que no dia da ſua partida lhes lançavaõ tambem aõ peſcoço aos Embaixadores em nome do Principe huma Cruz de lataõ, o que lhes ſervia como ſinal de liberdade, que os livrava de toda a ſervidaõ, e era entre elles huma Ordem de Cavallaria, que lhes dava nobreza.

O meſmo com pouca differença contára Bemoim a ElRei, dizendo-lhe que para o Oriente do Reino de Tonguburu ficavaõ muitos Principes, principalmente hum, a que chamavaõ Rei dos povos Moſaicos, que nem era Mouro, nem gentio, e profeſſava huma lei, que tinha arremedos da dos Chriſtaõs. D. Joaõ, a quem todas eſtas noti-

ti-

ticias, confrontando com as relaçoens, que tinha do Preſte Joaõ, alentavaõ a grande ancia, que tinha de hir topar com elle, ſe perſuadio muito de que o viria a conſeguir, ſubindo pelo Senegal, que, conforme as ſuſpeitas dos ſeus Mathematicos, tinha a ſua naſcente nas meſmas montanhas, d'onde vem as do Nilo na altura das terras, e por iſſo tinha mandado, que, levantada que foſſe a Fortaleza na ſua barra, ſe ſubiſſe por ella aſſima até onde ſe podeſſe chegar. E como nas relaçoens, que lhe trouxeraõ, lhe fallavaõ em cataractas, e ſaltos iguaes aos do Nilo, deo ordem que ſe chegaſſe á ſua fonte. Projecto nobre, e ſem duvida magnifico, mas que parece naõ tinha ainda pezado a ſua difficuldade, ou impoſſibilidade.

Havia alguns annos, que pelas primeiras noticias, que tivera do Preſte Joaõ, aſſentára mandar em buſca delle por mar, e por terra, até o encontrar. Os dois, que mandou primeiro, voltaraõ de Jeruſalem ſem paſſarem ávante, por quanto lhe diſſeraõ que ſem o conhecimento do Arabigo, que elles ignoravaõ, lhes ſeria impoſſivel, e inutil proſeguir na ſua jornada. Depois diſto enviou ElRei outros do-

Ann. de J. C. 1489. D. Joaõ II. Rei.

dois, que o ſabiaõ muito bem. Hum delles era Fidalgo da ſua Caza, chamado Pedro de Covilhá, e outro Affonſo de Paiva: foraõ deſpedidos, e entregues as ſuas cartas de crença em Santarem a 7. de Maio de 1487. preſente o Duque de Beja D. Manoel, Succeſſor de D. Joaõ.

Tomando a derrota de Nápoles, paſſaraõ a Rhodes, onde ſe embarcaraõ para Alexandria, e depois foraõ ao Cairo, continuando daqui a ſua derrota até Adem, Cidade ſituada no golfo Arabigo, aſſima da embocadura do mar roxo. Chegados alli a tempo de monçaõ ſe ſepararaõ. Affonſo de Paiva foi ter a Ethiopia, e Pedro de Covilhá navegou para a India, e aportou em Cananor, e paſſou a Calecut, e Goa, onde ſe embarcou para Sofála, na Coſta Oriental de Africa; e daqui voltou a Adem, depois ao Cairo, onde tinha ajuſtado tornar a ver-ſe com Affonſo de Paiva: chegando lá teve noticias de que eſte era fallecido, mas encontrou lá dois Judeos Portuguezes com novas delRei. Por quanto eſte Principe, a quem hum deſtes Judeos tinha contado com miudeza o commercio da Cidade de Ormús ſituada na boca do golfo Pérſico, on-

onde concorriaõ todas as riquezas da India, da qual se transportavaõ depois para a Syria, e Egypto, para della se passarem a Europa; assentou mandar este Judeo, e seu companheiro com novas instrucçoens para Pedro de Covilhá, nas quaes lhe ordenava que lhes despachasse o outro Judeo com huma relaçaõ miuda das suas viajens, e que acompanhasse o primeiro até Ormus, e que ultimamente proseguisse sempre em buscar o Preste Joaõ, e naõ descorçoasse até o encontrar.

Ann. de J. C. 1489.

D. Joaõ II. Rei.

Pedro de Covilhá por cumprir com as Ordens do seu Principe, deo hum extenso diario do que havia passado ao Judeo, que ElRei lhe apontava, e contando-lhe de palavra quanto lhe foi possivel, se tornou a embarcar com o outro, e tornando a Adem, passou a Ormus; e tendo alli examinado tudo muito bem, despedio o seu novo camarada, ordenando-lhe que partisse com as cafilas, que vaõ a Alepo, e elle se embarcou em direitura para o mar roxo, e ultimamente chegou á Corte do Principe, que com tantas fadigas, suores, e perigos tinha buscado.

ElRei para se naõ poupar a diligencia alguma, escreveo a todas as

Es-

Ann. de J. C. 1489. D. João II. Rei.

Escalas do Levante, aos Consules da naçaõ Portugueza, ou aos mais fortes negociantes, que alli estavaõ estabelecidos, para buscar alguma noticia do que elle pertendia saber. Ultimamente veio de Roma hum Sacerdote Abexim chamado Lucas Marcos, que respondendo a todas as perguntas, que ElRei lhe fez do seu Paiz, ElRei lhe mandou que escrevesse cartas, que se remettêraõ a varios portos do Oriente, para se entregarem aos Abexins, vassallos do Principe, de quem se buscavaõ noticias, com esperança de que se alguma chegasse ás suas maõs, serviria de dar maior credito a Pedro de Covilhá, no caso que este tivesse tido a ventura de chegar ao termo da sua viajem. Depois disto mandou partir o mesmo Sacerdote Abexim com varias cartas, de que tinha dado as copias, tendo-lhe dado com maõ larga.

Os que ElRei mandou pelo Oceano Atlantico em busca deste Principe, foraõ Bartholomeo Dias, e Joaõ Infante, cada hum em hum navio, e em sua companhia huma naveta carregada de víveres, para acodir aos que se gastassem nesta longa navegaçaõ, e para tirar a estes aventureiros o bom pretexto de voltarem, como tinhaõ

nhaõ feito muitos outros antes delles.

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

A navegaçaõ começava entaõ a facilitar-fe mais: ElRei, que tinha na Corte os mais habeis Mathematicos, e naõ perdia o cuidado de inventar coifa, que facilitaffe o fucceffo dos feus defcobrimentos, por muitas vezes os incitava a imaginarem algum expediente, que deffe algum commodo, e facilidade á Arte de navegar. Correfpondeo o negocio á fua efperança; porque os Auctores Portuguezes lhes daõ o louvor de que achaffem o meio de tomarem a altura por meio de aftrolabio, e de terem feito as taboadas de declinaçaõ para ufo dos Pilotos, e quando naõ fizeffem outra coifa, bafta o ferviço, que entaõ fizeraõ á Europa, para os eternizar; pois defde entaõ fe puderaõ os navegantes afaftar da Cofta, e engolfar no alto mar, fem fufto de perderem de vifta a terra, o que faz que a navegaçaõ feja muito mais curta, e livre de rifco.

Dias, e Infante levavaõ ordem de profeguirem os feus defcobrimentos desde o rio Zaire, onde puzeraõ termo os de Diogo Cam, de quem daqui a pouco fallaremos; e de pôrem padroens em toda a parte, e deixarem

Ann. de J. C. 1489.
D. Joaõ II. Rei.

rem pela coſta Negros, e Negras bem veſtidas, e bem enſinadas do que deviaõ dizer, ou foſſe para tomar informaçoens do Preſte Joaõ; ou para dar bom conceito de Portugal, e acender deſejos de buſcarem a ſua conſederaçaõ.

Dias ſoffreo grandes trabalhos nas terras onde chegou: eraõ-lhe incognitos os idiômas, até aos meſmos Negros, que levava: a ſua gente muitas vezes ſe amotinou contra elle; o que accommodou ſempre com brandura, e coſtancia; mas em toda a viajem naõ achou noticia do Principe, que procurava; com tudo deſcobrio 350 legoas de paiz, pelos quaes pôz ſeis padroens, e chegou aos fins de Africa ao Cabo, a que pôz o nome de *Cabo Tormentoſo*, em razaõ dos grandes mares, que alli encontráraõ. O ſeu animo era paſſar ávante; porém a gente, que eſtava cançada, ſe lhe oppôz, e aſſim conveio voltar, e na volta encontrou a navera dos mantimentos, de que havia nove mezes andavaõ ſeparados: de nove homens, que nella havia, ſómente reſtavaõ tres, hum dos quaes paſmou de alegria de ſe tornar a encontrar, de que logo morreo; e Dias chegou em fim a Lisboa em Dezem-

bro

bro de 1487 havendo dezaseis mezes, e dezasete dias, que della partíra. Foi muito bem recebido delRei, que ouvida a relaçaõ, que lhe deo do *Cabo Tormentoso*, lhe quiz dar o nome de *Cabo de Boa Esperança*, com feliz agouro dos grandes proveitos, que se podiaõ tirar deste descobrimento.

Ann. de J. C. 1489. D. JOAÕ II. REI.

Diogo Cam, que antes da expediçaõ de Dias, tinha descoberto desde o Cabo de Santa Catharina até ao rio Zaire, onde dá principio o rio de Congo, achou huma nova naçaõ de Negros, cuja lingua naõ entenderaõ seus primeiros descobridores: esta nova naçaõ, bem que assombrada com a primeira vista dos Portuguezes, naõ ficou taõ fóra de proposito, que em vez de fugir, como tinhaõ feito todos os mais povos, se familiarizou com os hospedes, que vinhaõ de taõ longe, de sorte que pareciaõ já de longos tempos conhecidos. Diogo Cam vendo que gastava muito tempo por falta de Lingua, se resolveo em apanhar alguns dos que vinhaõ ao navio, e deixar-lhes outros em refens, para que ambos aprendessem o idioma do paiz: o que sortio bom effeito; porque tendo colhido quatro dos principaes, deo a entender aos outros

por

por geſtos, e ſinaes, e pelo melho teor, que lhe foi poſſivel, que a ſu intençaõ era util á ſua terra: que ell havia tratar muito bem os que trazi comſigo, e que dahi a quinze luas c tornaria a reſtituir; e que em penhc da ſua palavra lhes deixava alguns dc ſeus, que no emtanto aprenderiaõ ſua lingua, e ſe poriaõ em eſtado d lhes ſerem uteis.

Eſta violenta acçaõ, feita taõ rapi damente, e que era huma eſpecie d hoſtilidade ſortio bom effeito por huma eſpecie de prodigio, e milagre d Providencia. Os Negros naõ ſe dera por offendidos, e logo ſe aquietaraõ o ſeu Rei ſendo diſto informado, na ſe deo por offendido, e tratou muit bem os Portuguezes, que Diogo Can lá deixára com tamanha imprudenci á ſua deſcriçaõ, e reſſentimento; aprendendo eſtes alguma coiſa d idioma, fizeraõ com que o Rei eſtimaſ ſe a noſſa Religiaõ, e a elles meſmos com tudo tendo Diogo Cam voltad a Portugal, ElRei o mandou volta quaſi logo com os Negros, que tinh trazido; e vendo-os os ſeus compatrio- tas ſaõs, e ſalvos, e além diſſo ſatiſ- feitos do bom agazalho, que tinhaõ experimentado, teve Diogo mais fa- cil

cil entrada na Corte. O Rei de Congo o teve particularmente em tanto credito, que assentou tornálo a mandar com hum daquelles mesmos, que tinhaõ levado, a quem associou dois mancebos dos mais nobres em modo de Embaixada, pedindo a ElRei de Portugal que os mandasse instruir, e baptizar, e depois lhos tornasse a remetter em companhia de pessoas capazes, por quem elles, e seus vassallos podessem ter a mesma ventura.

Foraõ os Embaixadores recebidos em Lisboa com muita distinçaõ, e sabendo ElRei ao mesmo tempo, que o Rei de Congo era hum Principe muito mais poderoso, e seus vassallos hum povo muito menos boçal, do que os que entaõ se haviaõ descoberto, assentou que os devia tratar com mais distinçaõ, e catequizados foraõ baptizados com muita pompa. O Rei, a Rainha, e alguns dos Fidalgos principaes, e Damas do Paço os levaraõ a fazer Christaõs, e lhes deraõ o seu nome, e respondendo depois aos desejos do Rei de Congo, os tornou a mandar em huma frota com ricos presentes para ElRei de Congo, cujo mando deo a Gonçalo de Sousa, que morrendo no caminho teve por succes-

sor

Ann. de J. C. 1490.

D. JOAÕ II. REI.

ſor ſeu ſobrinho Ruy de Souſa que acompanhava o tio ſem cargo algum, e ſe moſtrou digno da eſcolha, que delle fizeraõ.

A penas eſta frota chegou á barra do rio Zaire, quando hum tio del-Rei, Senhor deſta Provincia, veio buſcar o Souſa com todas as moſtras da maior alegria. Era hum velho veneravel, que anciofo aſpirava pelo momento de receber o Santo Baptiſmo, e em quem a graça já tinha operado grandes maravilhas. Foi iſto o que logo pedio, e com tamanha ancia, e taõ ſolidas razoens, que o Souſa naõ lho pôde negar. Tres Religioſos de S. Domingos, que vinhaõ na frota, acabaraõ de o inſtruir, e o baptizaraõ com a maior ſolemnidade que foi poſſivel, no dia de Paſcoa do anno de 1491. a elle, e a hum pequeno filho, que tinha. O reſpeito que guardavaõ ao Rei, que deſejava o baptiſmo, foi cauſa de ſenaõ baptizarem mais: o meſmo filho mais velho deſte Governador o naõ pôde conſeguir: ſeu proprio Pai lhe repreſentou que elle meſmo naõ tomaria a ouzadia de o fazer primeiro que o ſeu Soberano, ſenaõ temeſſe aventurar neſta demora a ſua ſalvaçaõ, em razaõ da ſua muita ve-

velhice, e a daquelle menino, para quem requeria a ventura, que elle naõ era capaz de pedir, em razaõ dos seus tenros annos, a quem pouco baſtava para lhe tirar a vida. Ao tio do Rei, que assim se baptizou, puzeraõ o nome do Duque de Beja, D. Manoel, e ao menino, o nome de Antonio.

ANN. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

ElRei de Congo se deo por taõ contente deſta acçaõ de seu tio, que por isso lhe fez huma doaçaõ de mais trinta legoas ao longo da Coſta com dez para o certaõ. A graça da agua saudavel se deo a conhecer na pessoa deſte velho veneravel, que depois sempre foi cheio do espirito de Deos, e taõ zeloso por tudo quanto dizia respeito á Religiaõ, taõ ancioso de ouvir a palavra de Deos, que nunca cansava de a ouvir, e teve tal respeito aos altares, principalmente quando ouvia Missa, que tendo feito alguns moços Nobres hum arruido ao tempo que ella se celebrava á porta da Igreja de rama, que se tinha levantado para a ceremonia do seu baptiſmo, na qual todos os dias se offerecia eſte Santo Sacrificio, os quizera mandar matar, por entender que era faltar ao devido respeito, se o General Portuguez, e os Religiosos naõ tivessem maõ nesse excesso de zelo.

Sou-

Ann. de J. C. 1491. D. Joaõ II. Rei.

Soufa, que fabia que o Rei de Congo contava todos os inftantes, que elle tardava em chegar, naõ pôz demora em por-fe a caminho para a Capital. D. Manoel lhe deo os efcravos precifos para levarem os homens, e a fua fardagem pelas terras do feu governo, e o acompanhou em peffoa até a raia. O Rei mandou repetidas vezes ao caminho a comprimentar o General, e dar-lhe toda a honra da marcha até a cidade Real.

A entrada do General, e a fua marcha até aos Paços delRei, foraõ com o maior apparato, que foffria o Paiz, e a multidaõ, que o cercava era tal, que a muito cufto fe podia romper. ElRei o efperava no feu Paço fentado em huma cadeira de marfim, pofto fobre hum eftrado. Tudo inculcava mageftade nefte Principe: tinha na cabeça hum barrete de folhas de palma a modo de mitra tecido com muita delicadeza: o corpo eftava nú até á cintura, e o refto cingido até aos pés com hum panno de algodaõ: o braço efquerdo tinha por adorno hum bracelete de lataõ, e pendia-lhe do hombro hum rabo de cavallo, que he entre elles a infignia Real.

Tendo o Soufa acabado a fua fal-

falla, e exposto o motivo da sua Embaixada, mostrou os presentes, que levava, e o Rei os esteve examinando com toda a attençaõ, pedindo a explicaçaõ de tudo, e querendo que lhe repetissem muitas vezes o que lhe tinha sido dito. Era notavel o silencio em tamanho concurso, e incrivel a attençaõ; mas o mais digno de reparo era, que os Negros imitavaõ fielmente os Portuguezes em todos os gestos, reverencias, genuflexoens, inclinaçoens, e sinal da Cruz, como se comprehendessem todo o mysterio.

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

He inexplicavel a ancia, com que o Rei queria receber o Baptismo: na Corte, e no povo havia o mesmo desejo, e imitavaõ o Soberano; com tudo era necessario instruir, e apurar alguma coisa estes Neófytos; e além disso cumpria que mediasse tempo, porquanto naõ eraõ bastantes os Missionarios; mas hum inopinado caso decidio o successo, e lhe apressou a ventura. Alguns povos Insulanos, que habitavaõ em hum lago, que pertendem ser o Certaõ da Africa, e nascente dos Rios principaes, que a regaõ, se tinhaõ de novo rebelado contra o Rei de Congo; e faziaõ correrias nas suas Provincias: faziaõ-se temidos, pois se-

ANN. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

guraõ que podiaõ aliſtar 30⋔ combaten-tes, e cumpria que o Rei foſſe peſ-ſoalmente ao encontro deſtes levanta-dos. Os riſcos da guerra foraõ moti-vos mais que poderoſos, para que to-dos os guerreiros entraſſem no numero dos Soldados de J. C.

Deo-ſe principio, levantando hu-ma grande Cruz, que ſe plantou aos tres de Maio com muita ſolemnidade, que naõ foi menor pelo baptiſmo de Neofytos taõ illuſtres: o Rei de Con-go, a Rainha ſua principal mulher, e o Principe herdeiro, houveraõ os no-mes de Joaõ, Leonor, e Affonſo, que aſſim ſe chamavaõ o Rei, a Rai-nha, e o Principe de Portugal: ba-ptizaraõ-ſe depois tantas peſſoas de to-da a qualidade, e condiçaõ, que can-ſavaõ os braços dos Miſſionarios.

Antes que ſe abriſſe a campanha, entregou Ruy de Souſa ao Rei de Congo hum precioſo eſtandarte, que o Papa Innocencio III. enviára ao Rei de Portugal, e huma Cruz, para que entraſſe elle, e os ſeus na participaçaõ dos meritos da Cruzada, que ſe ha-via publicado contra os Infieis. ElRei ſe encheo de Fé neſte ſaudavel ſinal, e naõ ſe lhe malograraõ as eſperan-ças, voltando victorioſo de ſeus ini-

mi-

migos; persuadido que o devia a Deos, e ao adoravel final da nossa Redempçaõ.

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

Aos primeiros impetos de grande fervor acompanha de ordinario hum prestes arrependimento; e serve de o precipitar no excesso da relaxaçaõ opposta. Assim o experimentou esta nova Christandade feita sem estar sazonada: a verdade dos mysterios da nossa Religiaõ foi pouco custosa para estes Neofytos, pouco lidados, e menos capazes de disputarem sobre estes pontos; pareceraõ-lhes muito justos os principios da nossa Moral, e fundados em razaõ; mas como a vida do Christaõ he huma guerra aturada, que convem sustentar contra si mesmo, estes homens corridos no vicio desde o berço, conhecêraõ quaõ difficil era fazer cara continuadamente a paixoens, que adulaõ, e mortificar-se, para se conformar com maximas, que denegaõ o deleite. O espirito da superstiçaõ, naõ se tinha extincto de todo nas cinzas dos seus Feticos, e dos seus Moquisios, que solemnemente tinhaõ queimado, quando professaraõ o Christianismo: o fogo da luxuria, da avareza, da intemperança, e das mais paixoens se ateára mais

Ann. de J. C. 1491. D. João II. Rei.

com a resistencia, que poucos dias se tinha feito a estas paixoens: o mesmo Rei que, tinha envelhecido nestes habitos, achava mais pezado do que os outros o pezo da nova personagem, que lhe cumpria representar; de sorte que em pouco tempo se armou huma conspiraçaõ contra a nova Religiaõ, na qual entravaõ os Infieis, que ainda restavaõ, de que era cabeça hum filho do Rei, que senaõ quizera baptizar, e os Christaõs covardes, que eraõ os primeiros, que lhe condenavaõ a inconstancia. Estes esporeados pelos Sacerdotes, e Feiticeiros do paiz, estimulados pelas mulheres, e concubinas, que o Christianismo obrigára a repudiar, puzeraõ a Religiaõ em risco tal, que quasi estava afogada no berço, e os Missionarios Portuguezes, que Sousa lá tinha deixado, corrêraõ tamanho risco de vida, que a todo o momento esperavaõ ver-se matar.

Mas Deos, que tinha piedade deste povo, oppôz a esta torrente hum dique, que a reteve, e foi o Principe D. Affonso, filho mais velho do Rei de Congo. Este Principe, que era o unico Christaõ fervoroso, e verdadeiro Heróe, estava entaõ nas suas terras, onde fazia as vezes de Apóstolo,

lo, ao mesmo tempo, que era hum como impenetravel muro contra os inimigos do Estado. Sabendo o risco, que corria a Religiaõ, se empenhou com o Pai com tanta efficacia, que atalhou nelle a impressaõ, que tinha feito a sua covardia; mas Affonso correo risco de ser victima do seu zelo; a borrasca descarregou sobre elle: as diligencias dos inimigos da Religiaõ se incorporaraõ contra elle sómente. Indignaraõ contra elle o espirito delRei com as mais atrozes, e extravagantes calumnias. „ O Baptismo, diziaõ, „ o tornou encantador, e estragado „ com os costumes estranhos tinha odio „ á patria, e ao mesmo Rei, que lhe „ dera o ser; que mudava os mon- „ tes, secava os rios, e tolhia as no- „ vidades, fazia enloquecer os ho- „ mens, e ainda fazia coisas mais „ odiosas, manchando o leito nupcial „ com hum louco amor, que por for- „ ça de feitiços tinha metido nas es- „ posas de seu Pai.„ Tinha o Rei amor a D. Affonso; mas o talento debilitado com os annos o fez acreditar estes desvarios: talvez mostrasse crêlos para se accommodar ao tempo, e se deixou levar da indignaçaõ contra este filho amado, e lhe tirou as rendas, e as honras.

Ann. de J. C. 1491.

D. JOAÕ II. REI.

Fi-

ANN. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI

Ficaria perdido totalmente D. Affonſo, a naõ ſer a arte de Leonor ſua Mãi: deixou eſta prudente Rainha paſſar tempo, até que aquietaſſe hum pouco eſte alvoroço de eſpirito, e entaõ ſe valeo dos Grandes da Corte mais aceitos pelos ſeus annos, e prudencia, que, perſuadindo a ElRei a injuria, que fazia a ſi proprio no triſte eſtado, a que tinha reduzido o Principe ſeu filho, que com o ſeu valor lhe tinha ſegurado tantas vezes a Coroa na cabeça, fizeraõ com que entraſſe em cautelas, e em deſejo de examinar ſolidamente, ſe eſte Principe era calumniado com effeito, e cahindo em ſi, uſando de profunda diſſimulaçaõ, fez ſecretas indagaçoens; e tendo conhecido a innocencia do filho, o reſtituio a todas as honras antigas, mandando matar os ſeus accuſadores com a ultima pena.

Eſte rigor, bem que juſto, ſervio ſómente de irritar mais o partido, que tinha conſpirado em dar o throno a Panſa Aquitimo, irmaõ do Principe, e capital inimigo dos Chriſtaõs, e dos Portuguezes; mas tendo feito menos ouzado o temor, que inſpirou, veio a ſer mais arriſcado, e o Rei foi o enganado: com tudo deo-ſe por ſatisfeito com

om avizar o filho de que moderasse
 seu zelo, e atalhasse com politicas as
lesgraças, que lhe podia acarear a elle,
 á sua Caza. Mas naõ mudando Af-
onso por isso de teor, o Rei o cha-
nou á Corte; mas o Principe instrui-
lo secretamente por sua Mãi, demo-
ando o obedecer com diversos pretex-
os, eludio sempre o vir até a morte
le seu Pai, que bem conhecia naõ
oder tardar muito, e de que em bre-
e tempo foi certificado.

Ann. de J. C. 1491. D. Joaõ II. Rei.

Entaõ tomando o acordo de hum
homem de entendimento, e valor,
narchou com pressa para a Capital;
nde entrou de noite, e ao amanhe-
er congrega os povos, a quem fallou
om vehemencia, e com tanto fructo a
avor da sua justiça, que dobrou os ani-
nos de todos, e foi geralmente re-
onhecido por legitimo herdeiro do
Throno. Pansa Aquitimo, que estava
lojado fóra da Cidade, ficou atordido
leste lanço dirigido com tanto segre-
lo, como prudencia; e naõ querendo
lar ao Irmaõ tempo de se melhorar,
ommette direito á Cidade, tendo repar-
ido a sua gente em dois corpos. Affon-
o mais confiado em Deos, do que no
numero, e qualidade dos que o a-
companhavaõ, congregou os guerrei-

ros,

Ann. de J. C. 1491. D. JOAÕ II. REI.

ros, que pôde encontrar, e levando-os ao combate, mandou abrir as portas da Cidade, e invocando a altas vozes o nome de J. C, e de S. Tiago, como faziaõ os Hespanhoes, se lançou como hum leaõ á primeira batalha dos inimigos, que desordenados logo ao primeiro ataque, foi dar na segunda, que assim desbaratou, que nem huns, nem outros se podéraõ melhorar; de sorte que a victoria logo se declarou pelo melhor partido, em cujo favor se declarou o Ceo.

Quiz a desgraça de Aquitimo, que na fugida cahisse em hum cepo armado para apanhar as feras, onde foi tomado, estando mortalmente ferido. Affonso intentou salvar-lhe a vida, mas este homem feroz antepôz a perda do corpo, e alma ao recorrer á clemencia do Irmaõ, e a abrir os olhos á verdade. O seu General mais cordato, pedindo que o deixassem morrer Christaõ, e receber o Baptismo, conseguio a vida com condiçoens assás humanas.

Esta victoria pôz a Affonso Senhor pacifico do Throno, todo o restante dos seus dias. Reinou sincoenta annos, nos quaes se mostrou sempre muito agradecido a Deos, e affeiçoado

do aos Portuguezes ſeus confederados, e com razaõ ſe pode julgar o Apoſtolo dos ſeus Eſtados, a quem elles devem a Religiaõ, a qual com o decurſo do tempo veio a eſmorecer muito, e quaſi a arruinar-ſe: todavia foi hum dos mais ſeguros amigos, que Portugal tem tido.

ANN. de J. C. 1497.

D. JOAÕ II. REI.

Por eſte tempo, em que ElRei D. Joaõ ſe applicava tanto, e fazia taõ groſſas deſpezas para os novos deſcobrimentos, principalmente para tocar nas Indias, que era o porque mais ſuſpirava, teve hum dos maiores deſgoſtos, e entendeo ver roubado por eſtrangeiros o que elle entendia ter nas ſuas maõs. Foi tanto mais vivo o ſentimento, por dever imputar a ſi meſmo, e naõ attribuir a outrem eſta culpa.

Tendo Chriſtovaõ Colomb, Genovez de naçaõ, navegado muito tempo para Levante, quiz experimentar fortuna no mar Atlantico, para ſeguir o que entaõ andava em voga. Pertendem alguns, que elle fôra aſſentar vivenda na Madeira, e que tendo recahido em ſua caza as reliquias de hum navio Françez, que naufragára, tivera pelo Piloto delle noticias da America, da qual nunca quiz deſcobrir a ori-

Ann. de J. C. 1497. D. João II. Rei.

origem, eſtando ſeguro do ſegredo; por quanto todos quantos eſcapáraõ do naufragio tinhaõ morrido de miſeria, e dos trabalhos, que tinhaõ padecido.

Como quer que foſſe, Colomb paſſou a Portugal, e veio offerecer-ſe a ElRei com grandes promeſſas de lhe dar a poſſe de hum novo mundo ao Oeſte dos confins do Oceano. D. Joaõ, que achou pouco fundamento neſte homem, o teve por hum homem, que fantaſeava, fazendo pouca conta delle. O meſmo lhe ſuccedeo com as de mais Potencias maritimas, e ultimamente depois de ter padecido por ſete annos muitas repulſas, e lidas, alcançou Colomb pelo valimento do Arcebiſpo de Toledo, que a Rainha D. Izabel lhe mandaſſe armar tres Caravelas, com as quaes, depois de padecer varias contradiçoens da equipagem, ultimamente deſcobrio as Ilhas-Antilhas: aportou em algumas, e deixando ahi parte da gente em hum Forte da Ilha Heſpanhola, voltou a Europa, trazendo comſigo dez, ou doze naturaes do paiz, e oiro, e outros generos do paiz por amoſtra, e para darem idéa deſtas terras, e ſeus deſcobrimentos.

Ape-

Ann. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

Apenas entrou no Tejo, e ancorou no porto de Lisboa, tendo ElRei noticia da sua chegada, lhe quiz fallar. Colomb altivo com o successo da sua viajem, fallava com tanta soltura, e encarecimento, misturando algumas reprehensoens a ElRei, de naõ ter dado credito ao que lhe dissera, e ter assim perdido muito, que parecia ter vindo depositadamente insultálo. Este atrevimento sem respeito o pôz em risco de vida, pois os Fidalgos da Corte indignados delle o quizeraõ matar, e chegaraõ a propor isto a ElRei, que rejeitou a proposiçaõ com horror, e até fez capricho de premiar a Colomb, e aos da Ilha, que trouxera em sua companhia; mandando vestir a estes ultimos de escarlate, e fazendo-lhes muitas mercês.

Naõ deixaraõ todavia de estimular a este Principe a vaidade de Colomb, e os seus mal comedidos discursos; mas o que mais o abalava, era ver os Insulanos, todos pessoas bem dispostas, e mais airozos do que os Negros de Africa; e parecendo-lhe pelo modo, que talvez fossem da India, ou de paizes, que lhe pertencessem, preparou sem dilaçaõ huma grande

Ann. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

de armada para ſenhorear eſtes paizes.

ElRei D. Fernando, bem que ainda naõ tiveſſe em grande conta eſte deſcobrimento de Colomb, todavia, como era hum Principe muito politico, e cuidadoſo no que era da ſua juſtiça, mal teve novas deſte armamento delRei de Portugal, logo ſe lhe mandou queixar por ſeus Embaixadores, como de huma hoſtilidade, e infracçaõ dos Tratados feitos entre as duas Coroas. A' viſta deſtas queixas ſuſpendeo D. Joaõ os apreſtes, e conſentio que eſte jus ſe pleiteaſſe amigavelmente; e por diverſas vezes ſe nomearaõ Plenipotenciarios de ambas as Coroas; e Fernando chegou a mandar Embaixadores expreſſamente a iſto a Portugal; porém como eſte ardiloſo Principe nada queria concluir antes de ſaber quanto importava o negocio, ſeus Embaixadores naõ faziaõ mais que alongar o negocio, ſem o levarem ao fim. Iſto deo occaſiaõ ao dito galante delRei D. Joaõ, que eſta Embaixada naõ tinha pés, nem cabeça, alludindo á qualidade deſtes dois Embaixadores, dos quaes hum era coixo, e outro paſſava por hum pouco eſtouvado; com tudo ambos eraõ aſſás expertos para eſte negocio. Ultima-

imamente se remetteraõ ambos á de-
isaõ do Papa Alexandre VI. que
ntaõ occupava a Cadeira de S. Pe-
lro. Sua Santidade repartio o novo
nundo entre estas duas Potencias, que
ntaõ quasi nada tinhaõ nelle, por
numa linha imaginaria tirada de Nor-
e a Sul a cem legoas a Oeste das
lhas de Cabo Verde, e dos Açores.

Ann. de J. C. 1497. D. Joaõ II. Rei.

D. Joaõ nunca perdeo o arrepen-
limento de ter rejeitado Colomb, e
naõ o ter attendido: póde-se com tu-
lo dizer que foi effeito da Providen-
cia, que governa o coraçaõ dos Reis,
e faz com que se accommodem ás
suas intençoens. Portugal era muito
acanhado para abarcar tanto; o novo
campo, que se abria, era por outra
parte taõ amplo, que podia dar que
fazer a muitas Potencias, e estancar
a ambiçaõ a mais desmedida. Se a de
D. Joaõ se contivesse em raias mais
comedidas, tinha assás de que se con-
tentar. O nome Portuguez enchia a
Europa toda, e tinha feito escurecer
a gloria, que tinhaõ ganhado na Arte
da navegaçaõ Fenices, Cathaginezes,
Gregos, e Romanos; toda a Costa
Occidental da Africa tinha franqueado
os seus portos aos navios desta Na-
çaõ; protegiaõ o seu commercio as
For-

Ann. de J. C. 1497. D. JOAÕ II. REI.

Fortalezas, que alli tinhaõ levantado, e confederaçoens, que tinhaõ ajuſtado: os Reis de Benim, de Tongubutu, de Mandinga, de Congo, pertendiaõ a ſua amizade por meio de ſeus Embaixadores; tinha interpoſto a ſua auctoridade, para ajuſtar as ſuas differenças, tendo entre elles tanto credito, que obrigava a depôr as armas aos meſmos vencedores. Mas como o ſeu grande alvo foi ſempre a India, como iſto lhe levava todo o cuidado, perdendo o ſono, e o ſocego, naõ pôde conſeguir neſte ponto a ſatisfaçaõ, que eſperava, e a morte, que o roubou nas veſperas dos grandes ſucceſſos, que eſperava, deo a moſtrar que elle ſómente ſemeára, para ſe aprovèitar outro mais feliz do que elle.

Fim do primeiro livro.

HISTORIA
DOS
DESCOBRIMENTOS,
E CONQUISTAS
DOS
PORTUGUEZES,
NO NOVO *MUNDO*.

LIVRO II.

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei.

ERA D. Manoel, Duque de Beja, o homem feliz, para quem a fortuna, ou para melhor dizer a Providencia tinha destinado o colher o fructo, que outro plantára. A morte de D. Affonso, Principe herdeiro de Portugal, e filho de D. Joaõ II. a quem a queda de hum cavallo lançára na cova na flor dos annos, desempedio a Manoel o caminho para o throno, para onde o chamava o direi-

ANN. de J. C. 1497.

D. MANOEL REI

direito do nafcimento, e a difpofiçaõ teftamentaria do Rei defunto. Era filho do Infante D. Fernando, irmaõ delRei Affonfo V., a quem o Infante D. Henrique adoptára, e amára com exceffo; de forte que parece, que Deos quizera premiar os merecimentos defte Principe virtuofo, fazendo com que vieffe a recahir na peffoa, que elle prezava tanto, a abundancia de bens, cujo caminho elle tinha arroteado. Parece que foi efpecie de vaticinio da futura grandeza de D. Manoel, que D. Joaõ, que o tinha por herdeiro prefumptivo da fua Coroa, o obrigou a meter no efcudo das fuas armas huma esfera, ou mappa-mundo por emblema, como fe defde logo antevíra, que efte Principe moço algum tempo havia de ter dominio em todos os paizes, que o Sol allumêa.

Eftava D. Manoel em Alcacer do Sal com a Rainha fua irmã, quando teve noticia da morte delRei, e da fua difpofiçaõ teftamentaria, e logo foi acclamado, e reconhecido Soberano legitimo por todos os Eftados do Reino. Eftava entaõ nos vinte e hum annos de idade: era dotado de todas as prendas, que engrandecem os Reis, e fuperior á fua mefma fortuna.

na. Como todos os ſeus cuidados lhe levava o bem da Monarquia, que Deos lhe entregára, teve repetidos conſelhos ácerca de muitas coiſas, que careciaõ de reformaçaõ, e a fim de delinear hum plano geral do Governo.

Ann. de J. C. 1497.

D. MANOEL REI

Opinou-ſe grandemente neſtes conſelhos ácerca dos negocios do novo mundo, e os pareceres diſcordaraõ em tres ſyſtemas, tendo cada hum delles ſeus partidarios: os mais ardidos ſe acoſtaraõ á negativa, e queriaõ que abſolutamente ſe abriſſe maõ de huma empreza, para que olhavaõ como infallivel ruina do Eſtado: as razoens já allegadas contra os projectos do Infante D. Manoel accreſcentavaõ o quanto eſtavaõ de nós remotas as Indias, e terras do Preſte Joaõ; o grande riſco de ſe ſublevarem todas as potencias Mahometanas, a impoſſibilidade de ſupprir a tantas deſpezas, e reſiſtir a taõ potentados inimigos: os ſegundos com mais moderaçaõ votavaõ que paraſſemos no que até entaõ eſtava deſcuberto, e que niſſo ſe houveſſem com mais moderaçaõ: os terceiros, mais levados do zelo da gloria da naçaõ, aſſentavaõ que cumpria hir ávante, aſſentando que as mer-

ANN. de J. C. 1497. D. MANOEL REI

cês, com que Deos os tinha protegi
do no bom fucceffo deftes defcobri
mentos, lhes afiançava, que era do fe
agrado profeguir nelles: a efta opinia
fe encoftou ElRei, como mais con
forme ao feu propofito, á nobreza do
feus fentimentos, e á gratidaõ, qu
devia á memoria delRei feu antecef
for, do Infante D. Fernando feu Pai
e de D. Henrique, feu fegundo Tio

Apenas tomou efte acôrdo, quan
do mandou aparelhar tres navios d
maior toque que os ordinarios, a fin
de refiftirem melhor ás groffas corren
tes do Cabo de Boa Efperança, e
com eftes mandou huma naveta carre
gada unicamente de mantimentos: De
clarou depois Capitaõ mór Vafco d
Gama, homem Fidalgo, valente, e
defembaraçado, e a quem ElRei de
funto já deftinára para fazer efta via
jem. Deo as outras Capitanias a Pau
lo da Gama, irmaõ de Vafco da Ga
ma, e a Nicoláo Coelho, e da na
veta foi Capitaõ hum creado de Vaf
co da Gama por elle efcolhido.

Preftes os navios, ponderando D.
Manoel a importancia da empreza,
quiz dar com folemnidade as inftruc
çoens precifas ao General della, e
mandando-o chamar a Eftremoz a el

le,

e, e aos outros dois Capitaens, e principaes Officiaes, lhes fez huma falla eſtudada, na qual tendo encarecido a grande confiança que tinha na ſua fidelidade, e valor, os exhortou grandemente a deſempenharem o conceito, que fazia delles, do qual dava hum authentico abono na honroſa eſcolha, que fizera das ſuas peſſoas; animando-os depois com as mais magnificas promeſſas, e eſperanças de premios mais avultados; recommendando-lhes particularmente a ſobordenaçaõ, que deviaõ ter ao ſeu General, que repreſentava a peſſoa delle Rei, e a eſte a prudencia, moderaçaõ, e conſtancia, que foſſe neceſſaria nas occorrencias do cargo, com que o honrava. Acabada eſta falla, entregou a Vaſco da Gama as cartas de crença para os Reis da India, o Itinerario de Pedro de Covilhã, e outras muitas inſtrucçoens, rematando a ceremonia com entregar-ſe nas maõs de Vaſco o eſtandarte, que em todo o diſcurſo tivera deſenrolado hum Secretario de Eſtado, no qual eſtava pintado o adoravel ſinal da noſſa Redempçaõ: e poſto Vaſco da Gama de joelhos jurou omenagem a ElRei em ſeu nome, e dos ſeus, e tomando a ban-

deira partio com todo o acompanha
mento para Lisboa, onde ſe havia d
embarcar.

Ann. de J. C. 1497.

D. MA-MOEL REI

Huma legoa diſtante deſta Cida
de havia huma Ermida, ou Capella
que o Infante D. Henrique mandár
fundar na praia ſob a invocaçaõ d
Noſſa Senhora, para alentar a devo
çaõ dos Marinheiros, e buſcar-lhes
protecçaõ da Mái de Deos. Vaſc
quiz fazer aqui a vigilia da ſua parti
da com a mais companhia, gaſtan l
a noite em oraçaõ, e diſpondo-ſe pa
ra a viajem com os Santos Sacramen
tos, merecendo aſſim a bençaõ do Ce
com eſtes actos de Religiaõ. Tend
aſſim deſafogado a ſua piedade, ſe re-
colheraõ em prociſſaõ do meſmo mo
do, que tinhaõ hido, levando cad
hum na maõ hum cirio entoando Hy-
mnos, e Pſalmos, acompanhados d
grande numero de Sacerdotes, e Re-
ligioſos, e atrás immenſo povo, qu
convidára de toda a parte a novidad
do eſpectaculo.

Bartholomeo Dias, e ſeus com-
panheiros tinhaõ dado huma idéa ta
temeroſa do Cabo de Boa Eſperança
que ſómente ſe temiaõ naufragios, e
aos miſeraveis deſgraçados, que ſe ex-
punhaõ a tentar eſta paſſagem, ava-
lia-

liavaõ como victimas, que eraõ levadas á morte quasi inevitavel, e tomados desta persuasaõ os acompanhavaõ como se fossem para a sepultura. Estavaõ todos lavados em lagrimas de verem a tantos, e taõ robustos mancebos deixar pais, parentes, e cabedaes para hirem em busca da morte infallivel na flor dos seus melhores annos.

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei

Assim foraõ acompanhados até ao porto os nossos novos Argonautas seguidos do mais maviosо apparato: alli postos de joelhos receberaõ de novo a absolviçaõ geral, como agonizantes, e depois embarcáraõ entre soluços, e choros de hum povo inteiro, que naõ podia despegar delles os olhos, e o coraçaõ, nem despregar a vista do mar, senaõ depois que desfraldando as velas, hum vento favoravel os alongou de sorte, que naõ podéraõ ser vistos da praia.

Partio Vasco da Gama nos principios de Julho de 1497, e foi direito ás Canarias, donde seguio a sua derrota sem se demorar ás Ilhas de Cabo Verde, onde ancorou com treze dias na de S. Tiago, e fez aguada, e tomou algum refresco. Tornando a fazer-se ao largo lutou quatro mezes com os ventos, e foi obrigado a deman-

ANN. de J. C. 1497. D. MANOEL REI

mandar terra. Tomou o porto em huma grande, bahia, que depois houve o nome de S. Helena, onde topou com hum povo barbaro, miferavel, mas de bom coraçaõ, e generofo. Hum Soldado chamado Fernaõ Vellofo obteve do General licença para hir ver fem mais companhia a fua vivenda: foi delles recebido com grande humanidade, mas tomado de repente de hum terror panico, de que nunca pôde dar os motivos, entrou a correr para os navios com toda a preffa: o pobre gentio, que ignorava a caufa defta apreffada fuga, o feguio para o tranquillizar, e como ifto mèfmo lhe dobrava o temor do Soldado, lhe dava azas para melhor fugir. A chufma do navio, que eftava fazendo aguada, vendo-o vir taõ afadigado, e perfeguido, temendo alguma traiçaõ, lançou maõ das armas: os Negros acometidos fe pocem em defeza, e lançaõ hum chuveiro de pedras, e flexas, e com huma feriraõ o General em hum pé. Seria de maiores confequencias o combate, fe o naõ atalhaffe a prudencia do Gama, que mandando tocar a recolher fe fez á vela, dando-fe por feliz de fe falvar a taõ pouco cuf-

ufto, depois de correr tamanho rif-
o pelo eftouvamento de hum fó ho-
nem.

Ann. de J. C. 1497.

D. Manoel Rei

Como a effe tempo fe ignorava
inda que em certas paragens havia
ventos geraes, que facilitaõ a nave-
gaçaõ em tempo de monçaõ, e a
azem muito arrifcada, ou talvez impof-
ivel, fóra della, infelizmente fe co-
heceo que Vafco da Gama partíra na
eftaçaõ do anno a mais oppofta; de-
forte que quando chegou ao Cabo
le Boa Efperança fómente achou tor-
nentas, e temporaes taes, que os
marinheiros canfados do trabalho de
huma navegaçaõ de finco mezes,
aborrecidos dos ruins mantimentos, e
mais efpantados das fantafmas, com
que fe lhe affigurava o rifco defte
Cabo temerofo, dizem que por mui-
tas vezes fe levantaraõ contra elle,
e correria rifco a fua vida, a naõ fer
o feu grande animo, e conftancia;
por quanto mandando prender os ca-
beças do motim, e entre elles os
Meftres, e Pilotos, tomou fobre fi o
governo da náo, e naõ fazendo nos
muitos dias, que durou a tempefta-
de, mais que bordejar, e correr em
arvore feca, affim foube fazer rofto
aos obftaculos, e perigos, que ainda
fa-

ANN. de J. C. 1497. D. MANOEL REI

faziaõ ser maiores a gente levantada, d[illegible]
que os mares, e os ventos, passou em
fim este famoso Cabo em sinco dias
de 20 de Novembro até 25; e en-
contrando depois tempos mais macios,
teve a satisfaçaõ de ver os espiritos
mais quietos com o acalmar das bor-
rascas, e tomou porto perto de 6[illegible]
legoas além do Cabo para o Oeste em
huma bahia, a que depois se pôz o
nome de aguada de S. Braz.

Aqui tomou algum folego do tra-
balho, que passára, e achou-o logo
nos Cafres desta Costa; que sem re-
ceio lhe deixaraõ prover-se de al-
gumas coisas a troco de cascaveis,
missangas, e outras quinquilharias de
pouco valor; mas começando a ha-
ver entre elles, e os seus algumas
porfias ácerca do resgate do gado,
assentou mudar-se para mais longe pa-
ra outro porto pequeno, no qual ten-
do repartido por todos os navios os
sobrecellentes, que restavaõ na naveta,
a queimou conforme as ordens, que
tinha. Daqui se fez á vela dia de N.
Senhora da Conceiçaõ, e sahindo o
tomou outra tormenta, que por mui-
tos dias lhe apurou a paciencia;
acalmou todavia sem lhe succeder ac-
cidente algum, e se achou na Costa,

a

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

ı que chamou do Natal, pela defco-
›rir neffe dia, e fer coftume recebido
lar ordinariamente ás terras, que de
ıovo fe defcobriaõ, nomes dos myfte-
ios, do dia do Santo, cuja fefta fe
:elebrava. Pela mefma razaõ pôz o no-
ne de *Rio dos Reis* a hum grande Rio,
ue abocou no dia da Epifanía do
ınno feguinte. Os Cafres de huma
ıldêa defta Cofta o communicaraõ, e
e fez ahi hum commercio taõ paci-
ico, que elle lhe pôz o nome de *Agua-
la da Boa Paz*, e fazendo-fe á vela
ɔara feguir a fua derrota, paffou de
ıoite o Cabo, a que chamou *das
Correntes*, em razaõ da muita vio-
encia, com que as aguas, correndo
ɔara terra, o apanhavaõ para dentro de
ıuma grande bahia, da qual temeo,
ue naõ podeffe fahir, e por efte mo-
ivo fe foi tanto ao largo, que paffou
fem ter vifta de toda a Cofta de So-
fala, taõ celebre pelas fuas minas de
oiro, e a que alguns Sabios tem
com muita probabilidade pela Ofir,
onde Salomaõ enviava as fuas frotas,
e de que tirava os cabedaes, que fi-
zeraõ florecente o feu Reinado.

Os noffos Aventureiros andavaõ
até effe tempo mais defefperados: em
toda a fua navegaçaõ naõ tinhaõ to-
pado

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

pado mais do que povos meſquinhos, cuja lingua naõ entendiaõ, e com quem cumpria eſtar ſempre com reſguardo, de quem mal aproveitavaõ alguns víveres para manterem a vida, ſem verem o menor claraõ de melhor fortuna; mas o Ceo começou a abençoálos neſtas terriveis circumſtancias de animo conſternado; porque entrando em hum rio no alcançe de algumas almadias, canoas, ou pequenos barcos, que tinhaõ as velas de folhas de palmas, tomaraõ algumas eſperanças de mudarem, que lhes deraõ bons preſagios, e foi motivo de pôrem a eſte rio o nome de rio dos *Bons Sinaes*. Com effeito eſtes povos naõ eraõ negros como os outros; entre elles ſe via alguma miſtura de fulos, que davaõ ſuſpeita da vizinhança de brancos, e além diſſo tinhaõ mais policia, e melhores veſtidos. Alguns vinhaõ embrulhados em pannos de algodaõ, e linho tingidos, com toucas de ſeda, e pannos tecidos com oiro, e prata. Alguns davaõ por algumas palavras Arabigas, e fallaraõ com Fernaõ Martins, que ſabia ſufficientemente, e ſervia de lingua ao General. Mas o que os encheo mais de conſolaçaõ foi darem-lhe ſinaes, que

ue mais para o Nafcente encontrariaõ omens brancos como elles, e navios uafi da feiçaõ dos feus, que navegaaõ por aquelles mares, fazendo al- commercio.

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

Bem fe pode julgar qual feria fatisfaçaõ de Vafco da Gama, veno taõ felices finaes. Alentado com fperanças mais bem fundadas do que s paffadas, pôz nefte rio hum novo adraõ, a que chamou S. Rafael, e eterminou dar pendor aos navios, ue o neceffitavaõ muito: ajudaraõ-no ifto os naturaes, que amigavelmene lhe acodiraõ com tudo quanto puleraõ: mas poucas faõ as alegrias fem efconto: agoou a de Vafco hum ovo genero das moleftias até entaõ aõ conhecidas, que era o efcorbuto, ue fez grande eftrago na fua gente. Tiveraõ-no por huma efpecie de eryipela, que inchando as gingives, fazendo-as apodrecer, lhes arrancaa todos os dentes e caufava outros ymptomas triftes: conheceo-fe a fua caufa verdadeira, e que procedia das carnes falgadas, e ar groffo do mar. Alguns morreraõ, mas a maior parte efcapou.

Naõ paffou fó efte perigo: efteve quafi para morrer na bateira do na-

ANN. de J. C. 1498. D. MANOEL REI

navio, e por bem pouco escapou d ficar em hum banco d'arêa; mas sal vando-se felizmente de ambos os ris cos, chegou sinco dias depois á Ilh de Moçambique, e foi ancorar er huns Ilheos para sima della, cois de huma legoa, onde pôz hum nov padraõ, e chamou aos Ilheos S. Jorge

He Moçambique huma pequen Ilha pouco afastada do continente d Costa Oriental d'Africa, em quatorz gráos e meio de latitude Austral. En poder dos naturaes da terra, que saõ Cafres do Reino de Quiloa, era coisa de pouco momento, porém derramados os Mouros Sectarios de Mahomet pela Costa, tinhaõ alli assentado huma escalla para o commercio de Sofala, e Indias, em razaõ da bondade, e abrigo do seu porto. Na Ilha naõ havia mais que Mouros, accommodados pobremente em pequenas cabanas de terra, cobertas de palha, nem havia mais edificio de pedra, e cal além da Mesquita, caza do Xeque, que alli tinha Ibrahim, Rei de Quiloa, para lhe cobrar os direitos, e governar em seu nome. Quando os Portuguezes se senhorearaõ della, fizeraõ alli a escalla das suas frotas, que navegavaõ para a India; e Moçambique

ue veio a ser hum porto dos mais
amosos; mas como o ar he pouco
adio, esta terra, que consome os seus
abitantes, foi o sepulcro de infeli-
es, que sómente haviaõ resistido ao mais
ıde trabalho desta navegaçaõ, para
lli darem fim á vida cançada de li-
as.

Ann. de J. C. 1498.

D. Ma-moel Rei

Apenas deraõ vista de Vasco da
Gama, correraõ a elle sete pequenas
lmadias cheias de gente, e de toca-
ores de instrumentos, que acompa-
havaõ hum Official do Xeque, e, do
nais longe que pôde, os saudou em
Arabigo, e perguntou d'onde vinhaõ,
para onde hiaõ aquellas velas. Lo-
o que pela bandeira, e pela respos-
a se desenganou de que eraõ Portugue-
es, e que andavaõ indagando o ca-
ninho para as Indias, quando elle,
ue por Religiaõ era inimigo jurado dos
Christaõs, e pela patria dos Portugue-
es, por quanto era vassallo dos Reis de
Fez, e Marrocos, armou a tençaõ de
s perder. Com tudo, como naõ era
ossivel conseguílo á força descober-
a, dissimulou quanto pôde, mas
aõ pôde ser tanto, que Vasco, que
examinava com attençaõ, naõ presu-
nisse pela sua inquietaçaõ os seus per-
ersos designios; porém como era con-
veni-

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

veniente disfarçar estas suspeitas, gastando o tempo em reciprocos comprimentos, naõ se pouparaõ demonstraçoens de alegria; e a pezar do respeito do Alcoraõ, beberaõ os Mouros com profusaõ vinho, que lhe offertaraõ; deraõ-se mutuamente presentes por varias vezes, e ajustaraõ-se em dar aos Portuguezes mantimentos pelo seu dinheiro, e dois Pilotos pelo preço que ajustassem. Mas naõ podendo estar muito tempo suffocado o odio destes Infiéis, se deo logo a conhecer em muitos lanços de traiçaõ, e má vontade. Os Pilotos escaparaõ a nado: sumíraõ alguns Abexins, com quem o Gama tinha começado a tratar, para ter noticias dos Estados do seu Principe, e ultimamente romperaõ em hostilidades, investindo algumas almadias com os bateis Portuguezes, que hiaõ fazer aguada.

Tendo-se o General queixado, e pedido justiça, lhe foi tornada huma resposta muito altiva, que determinou com alguns insultos seguidos de huma nuvem de frechas. Agastado o Gama mandou dar algumas descargas de artilharia, que mataraõ quatro pessoas, e entre elles hum dos Pilotos, que fugiraõ para o lado do Xeque.

Este

Este estampido das bombardas, que ma-
avaõ, até entaõ pouco conhecidas,
u pouco usadas nestas terras, causou
aõ subita consternaçaõ, que n'hum
nstante os Mouros todos se salvaraõ
a Ilha para a terra firme. O Xeque
spavorido ficou mais brando, e con-
edeo ao Gama quanto elle quiz, e
Vasco se contentou com hum Piloto,
 immediatamente se fez á vela pa-
a mais longe.

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

O temor naõ tinha emendado a
uim vontade deste, e ou estivesse as-
im ajustado com o Xeque, ou fosse
aturalmente inclinado a fazer mal,
ssentou que podia perder os navios,
a resoluçaõ de ou se perder a si,
u salvar-se a nado; andava muito vi-
iado, e elle o conhecia; com tudo
aõ tardou muito em se manifestar,
netendo os navios entre humas ilhe-
as, que dizia ser hum Cabo, ou
onta pegada ao continente. Isto lhe
ustou caro, porque conhecendo-lhe
Vasco a malicia, o mandou açoitar
ortemente, de sorte que sempre se
onservou disto memoria nestes sitios,
hamando-se a estas Ilhas *as Ilhas do
Açoitado.*

Este castigo dado a tempo cau-
sou nelle hum apparente arrependi-
men-

ANN. de J. C. 1498. D. MANOEL REI

mento, e prometteo levar as náos á Quiloa, Cidade opulenta, e conhecida pelo seu commercio com a India, habitada em parte de Christaõs Abexins. O que naõ declarava era, que havendo lá informaçaõ de quanto havia passado em Moçambique, estava capacitado de que se applicariaõ os meios precisos, para se vingar dos nossos; mas naõ podendo em razaõ dos ventos, e correntes pôr por obra os seus projectos, entendeo o perfido Piloto que o poderia conseguir hindo a Mombaça, onde dizia que se encontrariaõ os mesmos commodos de Quiloa; e Gama vendo-se falto de viveres reduzido a extrema necessidade, foi obrigado a lá se deixar levar.

Era neste tempo Mombaça huma Cidade muito forte, governada por Mouros, que tinhaõ seu Rei independente de Quiloa: estava cercada, ou quasi cercada de mar, e formava huma especie de Ilha, ou Peninsula, cujo porto tinha duas bocas defendidas de hum Forte muito bom. Os edificios eraõ de pedra, e arremedava muito as Cidades de Europa: o ar he sadio, e bom o terreno, e com tudo isto era muito povoada, e abastada em razaõ do seu commercio, e

o

commodo da vivenda, que nella ha-
ia, fazia que fosse huma Cidade mui-
o deliciosa.

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

Vasco da Gama, a quem as an-
ecedentes traiçoens tinhaõ feito acau-
elado, naõ quiz entrar no porto, e
urgio ao largo da bahia; e foi rece-
ido com as mesmas mostras, que lhe
leraõ em Moçambique. Vieraõ a bor-
lo dos navios algumas almadias cheias
le homens vestidos á Turca, com tur-
antes, armados de sabres, punhaes,
e broqueis, acompanhados de musi-
ca, e com todas as demonstraçoens
exteriores de alegria. O General, que
em tudo attendia, naõ deixou entrar
mais de quatro, que eraõ os mais bem
tratados, a quem primeiro tirou as ar-
mas. Passados os comprimentos, brin-
des, e presentes ordinarios nestas oc-
casioens, lhe representaraõ estes que
era politica, até mais seguro, reco-
lher-se ao porto; por que além dos ris-
cos, que corria em hum porto mal se-
guro, diziaõ elles que causava sus-
peitas com este extraordinario procedi-
mento, e ficaria exposto ás guardas
costas, que elles traziaõ, que lhes da-
riaõ caça como a Piratas.

Tinha-se posto huma grande vi-
gia em que o perfido Piloto naõ con-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

verfaffe com elles ; a pezar defte refguardo teve elle modo de os noticiar de quanto tinha fuccedido em Moçambique, e tendo-lhe ifto ateado o odio, e infpirado nelles os mefmos fentimentos de vingança, e diffimulaçaõ, apertaraõ mais com o General para que meteffe os navios no Porto. Gama, que lhes queria tirar toda a fufpeita, e ao mefmo tempo fegurar-fe, lhes prometteo fazêlo no feguinte dia, com tanto que lhe mandaffem hum bom Piloto, e nefta efperança os defpedio contentes do bom gazalhado, que tinhaõ achado, e dadivas, que tinhaõ recebido.

Quando Vafco partio de Portugal, levou dez homens tirados da cadéa com fentença de morte pelos feus crimes, os quaes alcançariaõ o perdaõ tentando cafos, em que pedia a prudencia fenaõ aventuraffem homens de maior probidade. Deftes fe devia fervir nos cafos de fufpeita, e já tinha deixado alguns no caminho. Ao feguinte dia voltaraõ a vifitalo alguns Mouros honrados, apertando com elle que lhe cumpriffe a palavra, e elle pedio mais dois dias de dilaçaõ, com o pretexto de que aquelles eraõ da Pafcoa dos Chriftaõs : e que

no

o emtanto mandaria dois ſujeitos, os de mais conta, a viſitar ElRei da ıa parte, e certificalo de que ao ter- eiro entraria no porto. Eſtes dois omens eraõ daquelles criminoſos, quem elle dera as inſtrucçoens ne- eſſarias, porém ſendo trazidos de maõ ela Cidade com as cautelas, que praticaõ nas Praças d'armas, e em empos de ſuſpeita, naõ podéraõ in- ormar ſenaõ da quantidade da gente, ue viraõ, da grandeza do Paço del- Rei, e da audiencia, que eſte lhes era.

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

Reſoluto em fim o General a en- ar o porto no dia ajuſtado, os Mou- os em modo de o feſtejarem, e a- ompanharem, concorreraõ em muitos arcos bem enfeitados, nos quaes o umero, e variedade de inſtrumentos aziaõ huma harmonia barbara, mas aõ totalmente deſentoada. Alguns ſe hegaraõ aos navios, e por mais cau- ela, que niſſo ſe puzeſſe, ſubiraõ em naior numero do que queriaõ. Fez Vaſco da Gama ſinal para disferir as velas com grande prazer dos Mouros, que aſſentavaõ ter já a preza nas naõs; mas ſoltas as velas, naõ que- endo a Capitania tomar vento, re- eando o Gama que por falta de naõ

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

querer governar, defcahiffe em hum baixo, mandou immediatamente lançar huma ancora, e carregar as velas; e como efta manobra repentina requer muitos movimentos, e á vifta do rifco dava maior calor aos mareantes, os Mouros, que andavaõ nas outras náos, e ignoravaõ a caufa defta manobra taõ inefperada, affentaraõ que lhes tinhaõ raftreado a traiçaõ, e todos fe lançaraõ ao mar para fe falvarem a nado. Os que eftavaõ na Capitania lhes imitaraõ o exemplo, e com elles o traidor Piloto de Moçambique, auctor fecreto defta confpiraçaõ. Vafco da Gama defenganado entaõ da fua confpiraçaõ, que depois lhe confirmaraõ as diligencias, que os Mouros fizeraõ de noite, para lhe cortar as amarras, deo graças a Deos de o tirar falvo defte rifco, e fe fez á vela para hir bufcar hum porto mais feguro, e gente menos atraiçoada.

No caminho encontrou dois zambucos, que hiaõ para Mombaça, e os tomou, e bem que a maior parte dos Mouros fe lançaffem ao mar, ficaraõ treze que pôz a ferros; e inquirindo-os á parte, foube que alli vizinha eftava huma grande Cidade chamada Melinde, cujo Rei favorecia

fum-

summamente o commercio, e agazalhava muito bem os Estrangeiros, e que lá poderia achar Pilotos para a viagem das Indias, e mantimentos a escolher, e todos os mais generos; com cujas noticias assentou hir para lá.

Ann. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

Correspondia todavia a Cidade de Melinde á pintura, que della se tinha feito: era assentada em huma chapa de terra cercada de excellentes jardins: o seu Rei era hum velho veneravel, e posta de parte a sua Religiaõ, tinha todas as qualidades de honra e probidade; e quando Vasco lhe mandou dar conta da sua chegada por hum destes honrados mensageiros, de que tenho fallado, e hum dos Mouros, que tinha cativado, estimou a chegada dos Portuguezes, e teve por honra o verse buscado de taõ longe por hum Principe taõ poderoso, de quem quanto lhe contavaõ dava tamanho conceito. O que supposto, houve entre o General, e a Corte huma alternada correspondencia de politica, e boa fé, com reciproca satisfaçaõ de ambos. ElRei, que pela sua muita idade senaõ levantava da cama, entregára todos os negocios de importancia a hum filho legitimo, herdeiro dos seus Estados, e digno pelas suas boas

pren-

Ann. de J. C. 1498. D. Manoel Rei

prendas de tal Pai. Efte, que tinha tomado verdadeira affeiçaõ aos Portuguezes, fe efmerou em dar-lhes todas as provas de eftimaçaõ, e querendo que o General foffe a terra, lhe rogou que quizeffe vifitar a ElRei feu Pai, que o defejava fummamente ver, e a quem as fuas moleftias impediaõ fahir de caza, offerecendo-fe para o fegurar, e deixar-lhe em refens feus dois filhos.

Vafco, a quem até o bom gazalhado era fufpeitofo, fe defculpou dizendo, que tinha ordem expreffa del-Rei feu amo, para o naõ fazer; accrefcentando todavia que fe elle lhe queria fazer a honra de lhe vir fallar, o hiria receber a meio caminho. O Principe, que obrava com finceridade, e por effeito da eftimaçaõ, nefta occafiaõ cedeo das formalidades do feu gráo, e confentio niffo. Vafco da Gama, fatisfeito de hum proceder, que o punha à pár com hum Soberano, tendo dado as ordens para a fegurança dos navios, mandou embandeirar o batel, e fe efmerou em tudo quanto podia dar pompa a eftas viftas. O Principe da fua parte querendo dar alguma moftra da fua grandeza, veio ao porto lançado em hum palanquim acom-

acompanhado de grande numero de Nobreza entre acclamaçoens, e musica, que tocava em roda delle. Apenas foi visto pelo General, logo se embarcou, mas sendo a marcha do Principe mais vagarosa do que elle entendia, suspendeo a marcha, esperando sobre o remo que o Principe chegasse. Chegados ambos, saltou o Principe francamente no batel do Gama, a quem abraçou amorosamente, e tornado a si da torvaçaõ, que lhe causaraõ as salvas de artilharia dos navios, a quem o Gama fez sinal para pararem, travaraõ huma graciosa conversaçaõ, em cujo tempo andou o Principe examinando os navios em roda delles. O General tambem se chegou a ver a Cidade, sem desembarcar; e tendo feito juntos muitas voltas, se separaraõ muito contentes hum do outro, e o Principe muito mais satisfeito com o presente, que Vasco lhe fez dos treze Mouros, que tomou, do que do mais, que lhe tinha dado, e de quanto lhe tinha dito.

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

Quando Vasco da Gama chegou ao porto, estavaõ surtos nelle quatro náos das Indias, nas quaes dizem que havia alguns Christaõs daquellas partes, alguns Baneanes, e hum Mou-

ro

Ann. de J. C. 1498. D. Manoel Rei

ro Guzarate, que folgaraõ muito de ver os Portuguezes, e Vafco da Gama nada menos de os encontrar. Teve toda a liberdade de os communicar, e nas frequentes conferencias, que tiveraõ tirou noticias, e inftrucçoens proficuas em todos os pontos, que eraõ de maior importancia para elle.

Querem alguns que entaõ aprendeffe hum novo modo de tomar a altura, e fazer ufo da buffôla, dois pontos os mais effenciaes da navegaçaõ, fem os quaes feria impoffivel cruzar largos mares, e com os quaes fe navega para toda a parte. Se a ifto fe podeffe juntar o conhecimento das longitudes, e o modo de as tomar, andar-fe-hia taõ feguro no mar, como em terra. Dizem que moftrando-lhe Vafco o feu aftrolabio, e o que os Mathematicos delRei D. Joaõ II. tinhaõ inventado para ufo dos Pilotos, lhes naõ fizera novidade, e lhes moftraraõ outros inftrumentos mais perfeitos nefta materia, que diziaõ ferem vulgares aos Arabios, que navegavaõ pelo mar Roxo, e a todos quantos frequentavaõ os mares da India: que lhe deraõ particulares noticias da admiravel harmonia do ferro, e do iman na agulha cevada; e que voltando

Vaf-

Vaſco a Lisboa publicou eſtes conhe-cimentos todos, o que certamente ſeria hum dos maiores ſerviços, que Portugal poderia fazer á Europa. Mas ainda que eu eſteja perſuadido de que a noticia da buſſola particularmente vieſſe á noſſa Europa da India por via dos Arabios, aſſim como a da impreſſaõ, e polvora, que já havia na China muitos ſeculos antes das viagens dos Européos ao Cataio, no tempo das Cruzadas, naõ vejo que conſte que eſte conhecimento ſe nos communicaſſe pelos Portuguezes; antes pelo contrario vejo que os Auctores daõ eſta honra a Flavio de Melfe no Reino de Napoles, dois ſeculos antes das navegaçoens dos Portuguezes.

ANN. de J. C. 1498.

D. MANOEL REI

Conſervou-ſe ſempre huma perfeita harmonia entre a Corte de Melinde, e o General Portuguez. Eſte, que naõ podia viſitar peſſoalmente o Rei já velho, o mandou fazer por dois officiaes ſeus, de quem ElRei ſe deo por muito contente. Vaſco achou todo o commodo para ſe prover de mantimentos, e acodir a tudo quanto lhe era neceſſario. Alguns Mouros, e Indios, que naõ eraõ de Melinde, lhe pediraõ que os quizeſſe levar por paſſagei-

Ann. de J. C. 1498.

D. Manoel Rei

geiros á India, e o Principe herdeiro lhe deixou pôr hum padraõ com as armas de Portugal em teſtemunho da ſua confederaçaõ: deo-lhes hum habil Piloto, Indio de naçaõ, em quem teve grande confiança, e para remate de toda a politica, o obrigou a que lhe prometeſſe tomar na volta o porto de Melinde, para fazerem mais ſeguros os vinculos de amizade, e tomar os Embaixadores, que em ſeu nome queria mandar a El-Rei de Portugal.

O golfo de Melinde na Coſta de Malabar he de quaſi ſetecentas legoas. O Piloto pôz logo a proa ao Norte, e deſcobriraõ a eſtrella pelas que havia muitos tempos tinhaõ perdido: tornaraõ a paſſar a linha, e cortando depois direito ao Indoſtàn, paſſados alguns dias, ajudados de hum vento favoravel deſcobriraõ huma terra alta, que ainda por dois dias naõ poderaõ bem reconhecer por eſtar enevoada: ultimamente o Piloto diſtinguio os montes de Calecut, e veio dar eſta feliz noticia ao Gama, e tranſportado de alegria, como ſe elle, e os ſeus tiveſſem chegado ao termo dos ſeus trabalhos, deraõ a Deos ſolemnes acçoens de graças. Poucas

ho-

oras paſſadas, tomou terra a duas milhas abaixo deſta Cidade a 18 de Maio de 1499. havendo vinte dias que tinhaõ partido de Melinde, e onze meses depois de terem deſamarrado de Lisboa.

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

Bem que debaixo do nome de Indias Orientaes ſe comprehendaõ todas eſtas amplas Regioens da grande Aſia, que ficaõ além do mar da Arabia, e Reino da Perſia, propriamente fallando ſó ſe pode dizer India a grande Regiaõ de terra firme, terminada ao Poente pelo Rio Indo, que dá nome a todo eſte paiz, e que por eſte lado a ſepara da Gedroſia, e da Carmania, da Perſia, e de Ariana, provincias, que ſe dilataõ até ao mar Caſpio. Tem pelo Nórte os montes Imaos, que ſaõ huma producçaõ do Caucaſo, e as dividem da Scythia, e Tartaria, ficando-lhe ao ſeu Oriente a China. Banha-a pelo Meio dia o mar Oceano, chamado tambem mar Indico, pelo qual ſe entranhaõ muito as duas grandes Peninſulas áquem, e além do Ganges, entre o mar da Arabia, e o mar da China, onde ſe acha hum Arquipelago encravado de huma multidaõ de Ilhas ſem numero, muitas das quaes por ſi ſó fazem hum

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

hum florecente Eſtado. Todavia a In
dia tomada em mais rigor, e redu
zida a mais eſtreitos limites, ao qu
os meſmos naturaes chamaõ *Indoſtan*
contém as terras, que jazem entre
Indo, e o Ganges, que rebentand
ambos do monte Imao, corrend
Norte, e Sul, vaõ vazar no mar da
Indias.

Hoje quaſi todo o Indoſtan eſt
no Imperio do Graõ Mogor, de quen
tem ſido conquiſta de quaſi dois ſe
culos. No tempo, em que os Portu
guezes o deſcobriraõ, eſtava repartid
entre ſinco Reis poderoſos, cad
hum dos quaes tinha ſeus Reis tri
butarios. Eraõ elles os Reis de Cam
baia, de Delli, de Decan, Narſinga
e de Calecut. Eſte ultimo era mai
conhecido pelo nome de Samorim, que
correſponde ao de Imperador, do que
pelo da ſua Cidade Capital: ſeus eſ
tados eraõ todos maritimos, e ſe eſ
tendiaõ por todo o Malabar.

Eſtes principaes ſucceſſores de
Poro, eraõ originariamente Gentios.
A Religiaõ dominante da maior par
te, e que ainda ſe conſervava com
eſplendor, era a Idolatria antiga, e
as Orgias de Bacco conſervadas por
tradiçaõ. Via-ſe entre elles a meſma
diſ-

ſtinçaõ de linhagens, ou de Tribus, e que nos fallaõ os antigos Geogra- os, e Auctores, que tem eſcrito dos actos de Alexandre. Entre eſtas linha- ens diſtinctas pelo naſcimento, e eter- amente ciozas da ſuperioridade, que em humas ſobre outras, ſuperiorida- e fundada ſobre fabulas da ſua ori- em, da ſua Religiaõ, as de maior alibre ſaõ as dos Bramanes dos Naires, u Nobres.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Os Bramanes oriundos do ſan- ue dos antigos Gymnoſofiſtas, her- eiros do ſeu eſpirito, e diſciplina, aõ os unicos depoſitarios da Religiaõ os ſeus maiores, Oraculos dos ſeus Deoſes, Interpretes das ſuas Leis, e os unicos, que tem jus ao Sacerdocio, e miniſterio do Altar. Crem em hum Ente ſupremo, chamado *Parabrama*, o qual gerou tres Deoſes ſuperiores a udo o mais, e que ſegundo a opiniaõ dos Nianigulos, todos juntos formaõ hu- na Divindade, bem que hoje no con- ceito commum, e popular ſejaõ tres Deoſes creados, e ſubalternos, ſobre quem deſcança em tudo o ſer ſupre- mo. Brama o principal delles, he o Creador: delle emanaraõ os Reis in- feriores, e todos os Entes viſiveis, e inviſiveis. Vichnou he o Deos con- ſer-

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

ſervador, e Routren o Deos deſtru dor. Os Bracmanes em memoria deſtes tres Deoſes trazem tres cordoen unidos, e compoſtos de tres fios ca da hum de ſua differente cor, qu ſaõ hum teſtemunho, e profiſſaõ da ſu Fé, e pertendem que he huma idé eſtragada da revelaçaõ do myſterio d Santiſſima Trindade, e hum ſinal diſ tinctivo do ſeu eſtado, e linhagem Eſtes tres Deoſes tem encarnado po differentes vezes, e com fórmas diver ſas, e tem alcançado dos demonio muitas victorias, que ſe vem diverſa mente expreſſadas ſob figuras emble maticas de idolos adorados nos ſeu templos.

Além deſtes tres Deoſes, ha in finitos outros repartidos em diverſos *Chorcams*, ou Paraiſos. As ſuas idéas ácerca das encarnaçoens dos ſeus Deo- ſes dizem baſtante relaçaõ com as fabulas da mythologia dos Gregos, e as ſuas varias esferas de Divinda- des correſpondem ás idéas dos anti- gos Egypcios, e Platonicos, de que Jámblico nos deo aſſás larga noticia no ſeu Livro dos myſterios. A ſua dou- trina ácerca da Palingeneſia, ou renaſ- cimento do mundo, e a tranſmigra- çaõ das almas, he inteiramente con-

for-

orme a de Plataõ, e de Pythagoras.
Naõ ha coisa mais extravagante do
ue a sua Religiaõ debaixo da casca
as fabulas, com que está envolta.
Os principios da sua Moral seriaõ ex-
ellentes, se fossem coherentes, e se
sua mesma Religiaõ os naõ alteras-
e, e corrompesse. As suas ceremo-
ias legaes saõ sem conto, misturadas
om todos os horrores do culto da mili-
ia do Ceo, de todas as fatuidades
a Astrologia judiciaria, da Magia,
de huma superstiçaõ taõ miuda,
ue se póde dizer que chega ao ulti-
io excesso.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei.

O *Vedam*, dividido em sinco li-
ros contém toda a sua Religiaõ, mys-
erios, e preceitos. Tem-no por tra-
içaõ immemorial, e he entre elles
aõ respeitado como entre nós as San-
as Escrituras, e está em hum idio-
ia taõ antiquado, que poucos ha en-
re elles, que o entendaõ. Os com-
ientarios supprem o texto, e fazem
um estudo, que he quasi toda a occu-
açaõ da sua vida. Começaõ-no des-
e o primeiro uso de razaõ, e á pro-
orçaõ que crescem em annos, saõ
dmittidos a conhecimentos mais ele-
ados, aos gráos das suas Universidades,
ás differentes ordens da sua Jerarquia.

Es-

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

Efte curfo de Eftudos he ao mefmo tempo hum curfo de iniciaçoens, cujas provas faõ hum duro noviciado e faõ mais afperas á medida que vaõ fendo promovidos a graós mais elevados, e confequentemente mais fantos no feu conceito. A fua vida geralmente he muito cheia de aufteridades, e fujeita a infinitos preceitos legaes. Naõ comem coifa, que tenha vida, vivem de efmolas, e prezaõ de extrema regularidade: regularidade apparente, que affombrando povos fummamente dados á fuperftiçaõ, faz que fejaõ o objecto da fua veneraçaõ, e lhes infpira tanta vaidade das fuas peffoas, e tanto defprezo dos mais, que o mais miferavel da linhagem dos Bramanes, fe teria por manchado, fe foffe tocado por hum Rei, ou fe comeffe com elle, no cafo que os Reis proprios naõ foffem Bramanes, bem que naõ ponhaõ duvida em ferem feus cozinheiros, ou fervílos nos mais vís emprêgos.

A aufteridade de vida naõ he em todos a mefma: varía conforme as feitas, e differentes Deofes, que fervem por profiffaõ com mais particularidade. Huns vivem no mundo, outros retiraõ-fe delle; huns cazaõ-fe, outros pro-

profeſſaõ o celibato: alguns ha, que vivem em grandes Communidades, e outros, que ſe entranhaõ nos ermos: e entre eſtes ha muitas ordens de Penitentes, cuja vida he cruamente deſhumana, que ſenaõ pode ler ſem horror as cruezas, com que ſe haõ comſigo proprios.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

A ſegunda linhagem he a dos Nobres repartidos em duas claſſes, a que ſe pode chamar primeira, e ſegunda Fidalguia. A primeira he dos Raias, ou Caimaes, que ſaõ pequenos Soberanos, ou outras peſſoas auctorizadas, como entre nós os Duques, Marquezes, Condes &c. A ſegunda Nobreza comprehende os Naires puros. Eſtes fazem profiſſaõ das armas, e ſe criaõ de idade de ſete annos nas Academias, que fazem as vezes das Eſcolas da noſſa antiga Cavallaria na Europa. ſaõ extraordinarios os rigores, e ſe ſaem deſtros na Arte militar, bem ſe pode dizer que o compraraõ com terriveis provas. Nem podem ſervir nos Exercitos, nem trazer as armas por compoſtura, ſem que ſeja primeiro armado cavalleiro com todas as ceremonias paſſados alguns annos, que terminaõ o curſo dos ſeus penoſos eſtudos. No tempo deſtes exercicios ad-

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

quirem huma grande defenvoltura, força, e ligeireza indizivel, e hum defprezo á morte fuperior a tudo ifto. Os Naires, a que chamaõ *Amoucos*, e que tem jurado a vida a algum Principe, faõ os mais arrifcados e formidaveis, por quanto fiéis ao juramento naõ faltaõ em feguir feu amo até ao fepulcro, e para o falvarem naõ ha rifco, em que fenaõ metaõ, genero de morte, com que naõ inviftaõ. Com tudo ifto faõ fuperfticiofos em extremo, e altivos nas fuas fuperftiçoens, bem que pobres, e miferaveis. Apenas entraõ em huma rua começaõ a bradar que fe retirem, e defpejem, para os naõ mancharem, fe lhes tocar algum do povo baixo. O mais fingular he, fuftentarem muitos juntamente huma mulher, principalmente fe faõ irmaõs, a quem trataõ fem ciume: as heranças paffaõ aos filhos das irmãs, ou de outros parentes da parte materna.

As outras caftas de povo miudo fe diftingue, como nos conta Heródoto dos primeiros Egypcios, pelas profiffoens, em Negociantes, lavradores, porqueiros, vaqueiros, e até ladroens. A mais mefquinha de todas he a dos *Parias*, que comem carne de animaes, por cuja caufa faõ taõ abo-

abominaveis, que a penas saõ avaliados por homens.

A condiçaõ das mulheres he assás penosa na India, pela obrigaçaõ, que tem de se queimarem sobre o corpo de seus maridos, sobpena de incorrerem no maior desprezo, e serem obrigadas a se prostituirem para o serviço dos Templos; abominaçaõ auctorizada pela sua Religiaõ, juntamente com o deshumano costume de se deixarem esmagar pelas rodas dos carros des Idolos, ou de se deixarem barbaramente matar em honra delles.

A nada he comparavel a magnificencia dos seus templos, ou Pagodes, a ser verdade o que nos seguraõ alguns Auctores, que sómente o Portico de hum destes Templos, onde se guardavaõ as victimas destinadas para os Sacrificios, se compunha de 700 colunas, que emparelhavaõ em belleza com as do Pantheon de Roma. Pode-se dizer que ombreavaõ, ou talvez desbancavaõ os edificios do antigo Egypto. Os seus Pagodes saõ ainda muito ricos, os seus Mosteiros muito numerosos, e muito bem edificados, seus idolos cheios de joias de muito grande valor, de sorte que se faria huma grande idéa da sua Religiaõ,

 se

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

se ella se avaliasse pela opulencia.

Calecut, que era entaõ o assento do Sacerdocio, e Imperio, era tambem a Cidade mais populosa destas Regioens, e a feira universal de todas as riquezas do Oriente. Viaõ-se girar em negocio os diamantes, e preciosas pedrarias das ricas minas do Indostan, perolas, oiro, prata, ambar, marfim, loiça, sedas, pannos pintados, algodaõ, indigo, assucar, madeiras preciosas, arômas, e geralmente quanto póde concorrer para o uso, e mimos da vida.

O Indostan he cortado por huma cordilheira de montes, que o separaõ pelo meio, e vai fenecer no celebrado cabo Comorim. O mais pasmoso he, que no mesmo clima, na mesma estaçaõ, e em taõ pequena distancia quanto he a grossura destes montes, saõ reguladas as sazoens taõ alternadamente, que ao tempo que os de Leste tem hum Estio muito enchuto, e formoso, estaõ os de Poente alagados de hum rigoroso Inverno, que dura pelos mezes dos calores da Europa. O Inverno sente-se mais pelas chuvas aturadas, e ventos taõ fortes, que fazem impraticaveis os mares da India, do que pelo rigor do frio;

o que obriga aos Eſtrangeiros, que ſabem o tempo prefixo, a prevenilos, aproveitando as monçoens, para ſe recolherem, e os naturaes do paiz a ſalvarem as ſuas embarcaçoens, metendo-as pelos eſteiros, ou guardando-as em armazens, onde as conſervaõ.

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

Como o tempo, em que o Gama chegou á India foi rigoroſamente neſte, iſto deo ainda melhor ſinal de virem de paizes remotos, do que a figura dos ſeus navios, e quaõ pouca noticia tinha daquelles mares. Quiz ſua boa ventura que, chegando os que elle mandou a terra dar conta ao Samorim do motivo da ſua vinda, encontraſſem alli hum eſtrangeiro, que tirando pelas feiçoens quem feriaõ pouco mais ou menos, lhes perguntou em bom Heſpanhol, que demonio os conduzíra alli, e que hiaõ lá buſcar; e dando-ſe-lhe depois a conhecer, lhes tomou tal affeiçaõ, e foi taõ eſſencialmente preſtadio, que ſe póde dizer que a ſua ſalvaçaõ lhe veio da parte d'onde menos o deviaõ eſperar.

Era eſte hum Mouro natural de Tunes, chamado Monçaide: ſabia muito bem a lingua Heſpanhola, e tratára com os Portuguezes em Oraõ; e bem que inimigo delles por patria,

e

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

e Religiaõ, como em todas as naçoens ha homens honrados, em quem a probidade faz justiça ao merecimento verdadeiro, a pezar da variedade de doutrina, e ciumes da naçaõ, lhes tomou tal affeiçaõ, que as victorias, que elles tinhaõ alcançado em Africa, a tinhaõ feito avultar, em vez de a diminuir. Era o seu officio em Calecut Corretór, e agente do commercio: e tinha por amigo outro Mouro daquelles, que Vasco mandava em companhia de hum dos degradados; de sorte que recebendo-os em sua caza, se inclinou a servir os Portuguezes com sinceridade, e politica, que Deos depois premeou nelle com a graça da conversaõ.

Tendo tratado primeiramente com o Catual, que era o Ministro encarregado das coisas do commercio em Calecut, e alhanado as primeiras difficuldades, tratou primeiro de pôr em seguro a pequena frota, mandando-a para o porto, que dista alguma coisa da Cidade. Houve-se depois por modo, que, vendo o Samorim adulada a sua vaidade, e interesse, por ser buscado por huma naçaõ nobre, guerreira, rica, e poderosa, vinda do outro cabo do mundo em busca da sua amizade, e

a pe-

a pedir-lhe por mercê lhe abrisse os seus portos, quiz receber o Gama como Embaixador de hum dos maiores Monarcas.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei.

Como para este fim era conveniente que o General aparecesse em pessoa, fez isto hum embaraço no conselho em razaõ da desconfiança, que os Portuguezes tinhaõ de todas estas costas barbaras, e até entaõ descônhecidas. Paulo da Gama, irmaõ do General, encontrava com as maiores forças que nenhum outro, o seu desembarque, e trouxe os outros ao seu voto com razoens muito solidas; mas Vasco da Gama, que era hum homem de animo, naõ quiz dar ouvidos a alguma destas razoens suggeridas mais pelo sangue, e pelo susto, do que pela prudencia. Cortou com a sua resoluçaõ todas as difficuldades, e tendo dado regimento a seu Irmaõ, para fazer as vezes de General em seu lugar, e mandado a Nicoláo Coelho para commandar os bateis, chegando-os o mais proximo á terra, que podesse, a fim de se poder recolher a elles, se o caso o requeresse, mandou a Paulo, que, ainda quando o visse trazer cravado o punhal, antepozesse o serviço del-Rei ao cuidado da sua vida: que naõ fi-

ANN. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

fizeſſe o menor movimento pelo ſalvar, e ſoccorrer; mas que ſe aparelhaſſe ſem demora, para voltar a Portugal dar conta a ElRei ſeu Senhor, das circumſtancias da ſua viajem, do deſcobrimento das Indias, e do ſeu triſte deſtino.

Eſte diſcurſo do General eſpremê-o a todos as lagrimas dos olhos; mas elle conſervando ſempre a preſença do animo, e hum ar intrepido, que alentava os animos deſcahidos, eſcolheo doze peſſoas, para o acompanharem, mandando-lhes que ſe preparaſſem com o aceio conveniente á occaſiaõ, como elle tambem ſe preparou. Mandou aparelhàr os bateis, e deſembarcou entre ſalvas de artilharia dos navios, ao ſom de tambores, e piſaros, e trombetas, o que tudo fazia huma certa pompa, e eſpectaculo a quem fazia eſtimavel a novidade.

Recebido pelo Catual, que o eſperava ao deſembarcar, acompanhado de duzentos homens, parte para lhe levarem o fato, e parte para o eſcoltarem, com grandes demonſtraçoens de amizade, e politica o fez ſubir a hum palanquim, e elle ſe meteo em outro: os Portuguezes da companhia os hiaõ ſeguindo dois em dois, metidos em

hum

hum motim de povo, que concorria de toda a parte puchado da curiosidade, a quem a figura, e vestido dos novos hospedes pareciaõ taõ extravagantes, como os Indios pareciaõ aos Portuguezes.

ANN. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

Cumpria caminhar assim até Pandarane, Caza de prazer do Samorim, onde entaõ assistia, sinco milhas distante de Calecut. Passaraõ por esta Cidade sem se ahi demorarem, e foraõ dormir em hum lugar fóra della: no dia seguinte tornaraõ a caminhar, e encontraraõ no caminho dois templos de Idolos, onde entraraõ. Os Portuguezes, que estavaõ persuadidos de que todos os Indios eraõ Christaõs antigamente convertidos á Fé por S. Thomé, julgaraõ serem Igrejas, e confirmou-os nesta opiniaõ verem os Bramanes, que á porta lhes davaõ as suas aguas lustraes, que elles entedèraõ ser agua benta, com a qual se benzeraõ com muita devoçaõ: depois offereceraõ-lhes humas poucas de cinzas feitas de bosta de vaca, que com grande humildade puzeraõ na cabeça, e tendo entrado nos Templos ajoelharaõ aos Idolos. He verdade que a sua figura os enganou, e se tranquillizaraõ com a de hum, que arremedava bem a

da

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

da Mãi de Deos com o menino Jesus nos braços ; e pronunciando alguns Indios o vocabulo *Marian* , entendêraõ elles que era com effeito aquella, e a honraraõ com toda a devoçaõ , que se sabe ser particular á naçaõ Portugueza para com a Mãi do Redemptor ; mas hum delles , que desconfiou mais, exclamou : „ Que elle adorava a Deos , e „ que se aquelles eraõ Diabos , renuncia- „ va de todo o coraçaõ „ Vasco naõ pôde soster o riso ao ouvílo , mas nem elle, nem os outros o mostraraõ , porquanto o seu riso era do agrado dos Indios.

A hum destes Templos veio esperar o Embaixador o irmaõ do Catual , de maior dignidade , e acompanhado de grande numero de Naires , com companhia mais limpa, e nobre do que a primeira : Vasco da Gama subio a outro andor rico , e magnifico , e estava taõ satisfeiro da sua sorte, que muitas vezes repetia com complacencia : „ Que bem pouco se enten- „ dia entaõ em Portugal , que taõ longe „ de lá fizessem á naçaõ tamanha hon- „ ra, como a que elle recebia entaõ. „

Chegaraõ em fim aos Paços del-Rei. Os grandes do Estado vieraõ receber o Embaixador á entrada , e o acom-

acompanharaõ por finco grandes páteos, a cujas portas havia Guardas, que com páos afaſtavaõ o povo, mas era tal o empenho de ver os eſtrangeiros, e tamanha a preſſa, que houve muitas feridas, e alguns abafados.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

A ſala da Audiencia, grande, e deſabafada, eſtava armada de rica tapeçaria de varias cores: o chaõ èſtava alcatifado de veludo verde, e toda em roda amobelada de cadeiras poſtas em modo de amfitheatro, e muito ricamente eſtofadas. No fundo da ſala eſtava huma eſpecie de cama, a que elles chamaõ Catel, onde eſtava lançado o Samorim com a cabeça ſobre algumas almofadas. Moſtrava ter meia idade, de boa figura, e agrado: tinha na cabeça huma eſpecie de carapuça em forma de tiara, ou mitra; veſtia huma tunica branca de algodaõ ſemeada de rozas de oiro, que lhe chegava ao joelho, e era todo o ſeu veſtido: nas maõs varios aneis de oiro com pedras de valor ineſtimavel. Os braços, e pernas nuas, e enfeitados com braceletes com tanta, e taõ rica pedraria, que deslumbrava. Tinha diante dois grandes vaſos de oiro, n'hum dos quaes eſtava o betel, que lhe miniſtrava hum Grande dos mais chegados parentes, e

o

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

e o outro cheio d'agoa para lavar a boca, e efcarrava em huma bacia do mefmo metal.

Apenas appareceo o Embaixador na entrada da fala, fe encaminhou para elle o Bramane, ou Pontifice da Corte, velho venerando pelos annos, e pela dignidade, e o conduzio até ao meio da fala, e o aprefentou ao Rei. Feitas as cortezias ao modo do paiz, de que já eftavaõ inftruidos, os mandou fentar o Samorim, e depois mandou repartir por elles algumas frutas, e outros acepipes, que os Portuguezes comeraõ de boa vontade, e ou o Samorim goftaffe do modo, com que comiaõ os eftrangeiros, ou do feu ar, fallava manfo com o Fidalgo, que lhe aprefentava o betel, e parece que elles eraõ o affumpto da paleftra, e que folgavaõ com elles. Acabada a comida pediraõ os Portuguezes de beber, e lhes deraõ agua, e querendo elles accommodar-fe ao ufo do paiz de beberem fem tocar no vafo com os beiços, para fenaõ enfovalharem, fizeraõ ifto tam mal, por naõ eftarem avezados, que deraõ novo affumpto de rifo.

O Samorim mandou depois dizer ao Embaixador, que elle podia communicar a fua legaçaõ a alguns daquelles

es, que o acompanhavaõ. Vasco da Gama entendendo que a honra de seu amo se interessava nisto, que elle julgava huma especie de desprezo, respondeo com altivez, que os Reis só communicavaõ com os Reis, e com seus Ministros, presentes poucas pessoas: o Samorim, que conheceo esta delicadeza, teve a complacencia de condescender com a sua vontade, e passou a outro quarto, para onde elle foi em pessoa com alguns officiaes.

Alli se lêo a carta delRei de Portugal, e Vasco fez huma falla, que continha quasi o mesmo, e a tudo respondeo o Samorim com muita bondade, com grande concisaõ, que bem inculcava o caso, que elle fazia da aliança de hum Principe, que se anticipava por modo taõ grato, e mostrou estar prompto a favorecer o commercio, huma vez que se lhe notificasse quaes generos se haviaõ trazer, e quaes se buscavaõ. Tendo depois perguntado ao Embaixador qual queria antes viver com os Mouros, ou com os Christaõs, isto he com os Indios Gentios, que o Gama avaliava como Christaõs, o tornou a mandar reconduzir para Calecut, e lhe mandou dar cazas para elle, e os da sua companhia, onde foi tratado corref-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

correſpondentemente á ſua dignidade.

Até aqui tudo ſuccedeo bem ; mas ſobrevieraõ duas coiſas , que alteraraõ todas as eſperanças do bom ſucceſſo. A primeira foi o naõ ter o General modo de preſentear dignamente ao Principe , a quem era mandado ; o que lhe offereceo era de taõ pouco valor , que ſe deſdenhou com deſprezo : baſtaria qualquer raridade da Europa , porém iſto naõ lembrou á Corte de Portugal. Vaſco ſe deſculpou o melhor que pôde. Diſſe „ que „ os Portuguezes havia quaſi hum ſe„ culo que buſcavaõ caminho para che„ garem á Corte do Imperador das „ Indias : que quantos Capitaens até „ agora tinhaõ ſido mandados , ſe tinhaõ „ recolhido deſeſperados de fazerem „ eſte deſcobrimento : que elle meſ„ mo partíra muito duvidoſo de o le„ var ao fim , e que chegara lá depois „ de inexplicavel trabalho : que a ami„ zade delRei ſeu amo valia mais que „ quantos preſentes do mundo , e que „ ſe queriaõ preſentes , quando elle , „ ou os que lhe ſuccedeſſem voltaſſem „ á India , os trariaõ de tamanho valor , „ que deſſem a verdadeira eſtimaçaõ „ do Principe , de quem elle era vaſſal„ lo „. Eſtas razoens eraõ verdadeiras,

e

legitimas, mas era coifa bem trifte
aõ ter para dar mais do que boas
alavras a huma naçaõ intereffeira, em
ue he coftume naõ entrar nunca com
s maõs vazias diante dos Reis, e feus
Miniftros.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei.

Mas o que arruinou tudo, e foi
caufa fegunda do ruim fucceffo, foraõ
s diligencias, com que os Mouros fe
mpenharaõ pelos arruinar. Naõ fe
motinaraõ fómente em razaõ do odio,
que tem aos Chriftaõs, houve aqui
nais politica, do que Religiaõ: ti-
nhaõ em Calecut hum grande commer-
cio, e daqui paffavaõ ás Coftas d'
Africa, e Arabia, e eraõ os unicos
depofitarios de todas as riquezas da
India, de que a Europa fe provia por
elles, como da primeira maõ; e ven-
do que os Portuguezes abriaõ efte
caminhaõ, receavaõ juftamente que
lhes tiraffem efte trafego. Alenta-
do o feu ciume com efte motivo, fe
determinaraõ a perdêlos, para atalharem
hum mal, que temiaõ, e trabalharaõ pa-
ra que naõ voltaffe hum fó a Portu-
gal com a noticia defte fatal defcobri-
mento. Com dinheiro, que repartiraõ
fem mefquinharia, compraraõ o Catual,
e maiores Miniftros, e mudaraõ a ten-
çaõ, que havia a favor dos novos hof-
pe-

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

pedes, a quem já tinha desacreditado a sua pobreza, e chegaraó a offerecer requerimentos ao Samorim, nos quaes pintavaó os Portuguezes, como „ miseraveis Piratas, sem fé, sem honra, e que em toda a sua derrota ti„ nhaó deixado vestigios da sua cruel„ dade, e perfidia, de que eraó segu„ ros abonos o que elles tinhaó obrado „ na sua passagem em Moçambique, e „ Mombaça. Accrescentavaó a isto, que „ se era verdade o que elles assoalhavaó „ serem vassallos de hum Monarca po„ deroso, com maior razaó se deviaó „ oppor ás pertençoens de huma naçaó „ altiva, a quem a ambiçaó, e desejo de „ conquistar, traziaó do fim do mun„ do, e que por toda a parte davaó „ mostras de tyrannia, do que dar-lhes „ favor com perjuizo dos Mouros, que „ havia tempo immemorial, que comer„ ciavaó nestes paizes com paz, e com „ tanto lucro do Estado, que nos di„ reitos de entrada, que pagavaó, tinhaó „ a renda mais apurada do Monarca. „

Estas razoens, apoiadas sob maó, fizeraó o seu effeito, e facilmente conheceo Vasco da Gama a mudança da Corte a seu respeito, avisado aliás por Monçaide, que foi taó honrado, que naó quiz entrar na conspiraçaó dos

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

los da ſua ſeita, ſe vio de repente metido no maior riſco, em que nunca eſtivera, e comprehendeo todas as conſequencias, que podiaõ originar-ſe deſta conſpiraçaõ; com tudo naõ perdeo o acordo: attento a tudo eſcreveo primeiro aos navios, que tiveſſem reſguardo ſobre ſi, e o ſeu eſſencial cuidado era embarcar-ſe, o que com effeito conſeguio; mas primeiro foi neceſſario desfazer muitos enredos, diſſimular, e vencer muitos procedimentos ruins. Conſeguio em fim fallar ao Samorim, e moſtrar a juſtiça da ſua cauſa, e tendo deixado em terra como refens algumas mercadorias, ſe recolheo a bordo com Monçaide, que ſenaõ deo por ſeguro entre os ſeus, e quiz acompanhar a fortuna do General, a quem ſempre fôra fiel. Vendo-ſe entaõ o Gama hum pouco mais deſabafado, algumas repreſalias que fez a tempo, e alguns Indios, que tomou, ſerviraõ para ſe lhe entregarem as fazendas, e refens: ultimamente obteve do Samorim huma Carta para ElRei ſeu amo, na qual eſte Principe „ moſtrava eſtimar „ muito a aliança, que ElRei de Portu- „ gal queria contrahir com elle, e deſcul- „ pava de algum modo o ſeu proceder, „ pela falta de intelligencia dos ſeus Mi-

Ann. de J. C. 1499. D. Manoel Rei

,, niſtros com os Portuguezes, e pro-
,, metia a liberdade do commercio, com
,, tanto que ſe fizeſſe ſem violencia, e
,, ſem perjuizo das outras naçoens, que
,, eraõ já lá antes de poſſe delle, e que
,, elle por fortes razoens devia conſervar.

Satisfeito o General com eſta leve vantajem, ſoltou as velas para as Ilhas de Anchediva, aſſim chamadas em Arabigo, por ſerem ſinco. Eſtaõ ſituadas na coſta ſincoenta legoas aſſima de Calecut. Aqui tendo eſpalmado os navios, e feito aguada, ſe fez outra vez ao largo, onde as calmarias o retiveraõ muito tempo antes de chegar á Coſta d'Africa. A primeira terra, a que chegou, foi á Cidade de Magadaxó, que ſalvou com a artilharia, ſem ſe demorar mais por hum reſquicio de má vontade, e deſgoſto, que tinha contra os Mouros. Paſſou a Melinde, onde recebeo o Embaixador, que eſte Rei lhe pedio, que trouxeſſe a Portugal: tendo depois tocado na Ilha de Zanzibar, onde foi muito bem recebido, e nas Ilhas de S. Jorge perto de Moçambique, onde deixou o ſeu navio S. Rafael, perdido em hum baixo de arêa, dobrou o Cabo de Boa Eſperança no mez de Março do anno de 1499, e foi a ſua derrota pelas

Ilhas

lhas de Cabo Verde, e Açores, e hegou em fim a Lisboa no mez de etembro, paſſados mais de dois an- os depois da ſua partida, trazendo ómente ſincoenta homens dos 170 om que partíra. Tinhaõ acabado de ſcorbuto, e outras moleſtias, parti- ularmente Paulo da Gama, que dei- ou ſepultado na Ilha Terceira. Vaſ- o da Gama teve grande magoa da erda deſte irmaõ, que lhe naõ era nferior em merecimento, a pezar de udo iſto foi baſtantemente feliz, por uanto depois de paſſar tantos traba- nos em mar, e terra, bem ſe póde er a ſua volta como huma eſpecie de nilagre.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Vaſco da Gama, antes de entrar a Cidade, teve huma novena na Er- nida de N. Senhora, onde antes de artir tinha feito as ſuas devoçoens, ara dar a Deos ſolemnes acçoens de graças pelo ter ſalvado de tantos riſ- os., ElRei, que já eſtava informado le todas as circumſtancias deſta via- em por Nicoláo Coelho, que com ormenta ſe ſeparára de Vaſco da Ga- na nas Ilhas de Cabo Verde, e que ntrára no Tejo aos 10 de Julho, o nandou viſitar da ſua parte pela pri- neira Nobreza do Reino, e depois

ANN. de J. C. 1499.

D. MANOEL REI

lhe fez huma ſolemne entrada como a hum Principe, e feſtejou a ſua vinda com publicos divertimentos de touros, fogos, e luminarias; e para lhe dar premio competente, lhe fez mercê de poder uſar de *Dom*, e que accreſcentaſſe no eſcudo das ſuas armas huma peça das da Coroa: nomeou-o Almirante das Indias, com míl eſcudos de renda; e licença para poder empregar todos os annos duzentos cruzados em mercadorias, exemptas de direitos, para mandar para a India, os quaes rendiaõ quaſi 700 cruzados, e pelo tempo adiante o fez Conde da Vidigueira. Premiou eſte Principe tambem, e á proporçaõ do ſerviço, todos quantos tinhaõ entrado neſta expediçaõ, de ſorte que nenhum, que mereceſſe premio, ſe podia queixar de naõ ter participado dos ſeus beneficios.

E para fazer eterna a memoria deſte ſucceſſo, como Principe verdadeiramente Chriſtaõ, tendo mandado dar a Deos ſolemnes acçoens de graças por todo o ſeu Eſtado, mandou edificar hum ſoberbo Templo debaixo da invocaçaõ da Mãi de Deos no meſmo ſitio, onde eſtava a pequena Ermida do Infante D. Henrique, e hum Convento da Ordem de S. Je-

ro-

onymo, para a ſervirem: dotou eſte Convento de grandes rendas, com brigaçaõ de receberem alli para dou-inarem todos os mareantes, que alli uizeſſem ter exercicios de devoçaõ: uiz que eſte ſanto lugar tiveſſe o ome de Belem, que era o do ſitio o naſcimento do Reſgatador do mun-o, e bem que o eſcolheſſe para ſe-ultura ſua, e dos Reis ſeus ſucceſſo-es, parece que quiz particularmente onrar ao Infante D. Henrique, pri-neiro motor das viajens, e deſcobri-nentos dos Portuguezes; pois fez ôr a Eſtatua deſte Priucipe no lugar nais eminente ſobre a porta principal la Igreja, impondo novos encargos aos ue já havia, para rogarem pela alma leſte grande Principe.

Ann. de J. C. 1499.

D. Manoel Rei

Naõ havia coiſa mais apparatoſa para D. Manoel, do que a viſta que os ſeus deſcobrimentos lhe repreſentavaõ, e o que entaõ figurava no mundo. Herdeiro preſumptivo por hum filho, que acabava de ter, de todos os Eſtados dos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel pela Infanta de Heſpanha ſua eſpoſa, eſtava em veſperas de ſer hum dos mais potentados Principes da Europa: á grandeza, e numero deſtas Monarquias accreſcentava el-

ANN. de J. C. 1500.

D. MANOEL REI

elle o commercio das tres partes maio
res do mundo Africa, Afia, e Ameri
ca, em razaõ dos defcobrimentos qu
acabavaõ de fazer os Portuguezes,
Caftelhanos; de forte, que alentado fo
bre maneira deftas aduladoras efperan
ças, naõ lhe dando cuidado o ver ef
gotado o feu Erario, os infinitos rif
cos de viajens taõ compridas, a per
da de tantos navios, e de tanto nu
mero de vaffallos, que acabavaõ nef
tas navegaçoens, affentou que naõ de
via abrir maõ dos bens, que podiaõ
accrefcer á Religiaõ, e ao Eftado,
fe confirmou de novo nas fuas ten
çoens; e accrefcentando aos feus no
vos titulos de Senhor da navega
çaõ, Conquifta, e commercio d'Afri
ca, Arabia, Perfia, e India; naõ fe
deo por contente com remetter al
guns navios, mas aparelhou frótas de
poder, que podeffem dictar Leis em to
da a parte onde chegaffem.

A primeira, que fe aparelhou, efte
ve preftes a levar ancora no mez de
Março do anno feguinte de 1500. Conf
tava de 13 velas, em que embarcá
raõ 1500 Soldados, além da marinha
gem. Foi General defta armada Pe
dro Alvares Cabral, homem Fidalgo,
hindo por fegundo outro Cavalheiro,
por

or nome Sancho de Tovar; todos os
nais Capitaens eraõ pessoas de mere-
imento, e experiencia.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

Era o regimento, que levava Pe-
ro Alvares Cabral, o ir á Costa de
ofala buscar noticias do seu commer-
io, visitar os Reis da Costa de Zan-
uebar, e particularmente o de Me-
nde, a quem havia entregar o Em-
aixador, que o Gama tinha trazido,
: trabalhar por fazer aliança com es-
es Principes, assentando, se podesse
er, alguns sitios nesta Costa, que ser-
issem de escalla, e feitoria para as
iajens, e voltas da India: daqui
levia enfiar direito a Calecut, e dili-
genciar com todos os meios de bran-
lura, que o Samorim deixasse assentar
iuma feitoria nesta Cidade, que po-
lesse servir para se fazer seguro com-
mercio entre as duas Naçoens, e per-
suadílo occultamente a que se desfi-
zesse dos Mouros, com esperança de
que tiraria maiores lucros dos Portu-
guezes, do que de outra Naçaõ algu-
ma. Ultimamente se devia empenhar
com elle, para que permittisse que nos
seus Estados prégassem o Evangelho
sinco Religiosos Franciscanos, repre-
sentando-lhe este ponto unicos, como o
maior bem, que lhe podia buscar, e o
ma-

ANN. de J. C. 1500. D. MANOEL REI

maior final, que lhe podia dar de eftimaçaõ; e fe o Samorim fe moftraffe rebelde a todas eftas propofiçoens, lhe houveffe Cabral de declarar guerra aberta, e vingar por todos os caminhos os ruins modos, com que fe houvera com Vafco da Gama.

ElRei antes de elle partir, querendo conformar-fe em tudo com o efpirito de Religiaõ, e para merecer as bençoês do Ceo a efta emprefa, e dar-lhe maior conceito com as brilhantes ceremonias, acompanhou o General, e a todos em prociffaõ á Igreja de Belem, como fizera a Vafco da Gama. Todo o tempo, que durou a funçaõ, efteve Cabral á ilharga del-Rei: o Bifpo de Vifeu diffe a Miffa de Pontifical, e fez ao General hum Sermaõ muito eloquente, e capaz de lhe avivar a ambiçaõ, e excitar a emulaçaõ dos feus competidores; depois benzeo huma bandeira com as armas de Portugal, que ElRei entregou a Pedro Alvares Cabral, Pondo-lhe tambem na cabeça do General hum chapéo bento, que o Papa lhe mandára; e acabada a ceremonia, o acompanhou na mefma ordem até ao embarcar, affectando fallar-lhe com muita privança, a fim de o honrar mais com eftes fi-

ſinaes de confiança, e naõ ſe recolheo ao Paço, ſenaõ depois de o ver embarcado entre o eſtrondo da artilheria dos navios, e da fortaleza, e vivas de todo o povo.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

Foi feliz a navegaçaõ até ás Ilhas de Cabo Verde, onde chegaraõ em treze dias: paſſados dois dias, deo tino de lhe faltar á ſua eſquadra hum navio, que provavelmente teria hido a pique, e de que nunca mais teve noticia; e tendo-o eſperado dois dias inutilmente, ſe pôz em caminho. Empégou-ſe tanto para fugir ás calmarias da Coſta d'Africa, que aos 24 de Abril ſe achou á viſta de huma terra incognita ſituada ao Oeſte; e obrigando-o o mar a coſtear, correo até 15 gráos de latitude Auſtral, onde encontrou hum bom porto, a que por eſta cauſa pôz o nome de *Porto Seguro*, tendo dado á terra do Continente, onde aportára o de Santa Cruz, cujo nome ſe trocou depois no de Brazil, que he o de hum páo aſſás conhecido hoje, como tambem os antigos Povos, que eraõ os primeiros habitadores do paiz.

Tendo o General mandado á terra gente, que a deſcobriſſe; tendo informaçoens de que a terra dava moſ-

tras

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

tras de fertil, retalhada de rios cabedaes, cuberta de arvores de fructos de varias castas, e habitada de homens, e animaes, assentou desembarcar para dar á gente algum refresco, e tomar posse della.

Mandou apanhar alguns barbaros, e os mimos, e presentes, que lhes deraõ, serviraõ para abrandar os outros, que em se familiarizaraõ em pouco tempo, e trouxeraõ ás náos dos fructos da terra: estes barbaros andaõ nús de todo, e tintos do pé até a cabeça de vermelho, que todos os dias renovaõ a cuja pintura accrescentaõ varias figuras. Os homens rapaõ a cara, e a cabeça, e cortaõ os cabellos por baixo das orelhas, quasi como a coroa dos Frades: furaõ as orelhas, nariz, beiços, e faces, onde inserem grandes bolas de louça feita de casca de marisco, o que os faz horrendos: os de mais enfeites consistem em alguns tecidos de pennas, collares, e braceletes de louça, de fructos secos, que fazem hum som, como de chocalhos: saõ altos, bem feitos, e de bons humores, muito ligeiros, astutos, e os seus exercicios saõ a caça, a pesca, e a guerra. As suas armas saõ arco, e flexa,

Ann. de J. C. 1500.

D. MANOEL REI

e huma especie de adarga, e a maça: uçaõ de canoas de arvores cavadas, que levaõ até 60 pessoas: suas mulheres, que saõ assás bem parecidas, trazem os cabellos soltos, ou em duas tranças, e os tem muito compridos, e negros; e elles tem todo o cuidado da casa. Cultivaõ milho grosso, e a raiz da mandioca, de que fazem bolos de farinha de páo: Sécaõ as carnes ao fumo, e tambem fazem bebidas, que embriágaõ, e de que usaõ nos seus festins. As cabanas destes Gentios saõ compridas, e pobres: todas as riquezas saõ algumas macas, onde dormem, e alguns vasos de barro: o que mais os caracteriza he, que as primas com irmãs nascem esposas de seus primos com irmaõs; que os maridos se põem de cama, quando lhes parem as mulheres: que comem seus inimigos nas festas solemnes, depois de os terem apedrejado; e que poem a secar os corpos dos seus defuntos, e os sécaõ, e lhes bebem as cinzas.

Vendo Cabral hum povo, que lhe parecia manso, e singelo, e em quem naõ descobria vestigio algum de Religiaõ, Leis, nem governo Civil, condoeo-se delle, e quiz que o Padre Henrique, Superior dos sinco Missiona-

rios

ANN. de J. C. 1500. D. MANOEL REI

rios, homem de merito, e que depois foi Bispo de Ceuta, lhe prégasse o Evangelho, o que elle fez com hum bom Sermaõ Portuguez, de que os Gentios, bem que estiveraõ promptos ao ouvir, naõ comprehenderaõ nada: mas o Missionario naõ teve por isso menos merito diante de Deos, nem menos gloria com os da sua naçaõ, que gostáraõ summamente da prégaçaõ, que lhes pareceo muito forte, e approváraõ o seu zelo.

O General depois de assentar hum padraõ para tomar posse desta terra, deixou ahi dois degradados, a quem a pena de morte foi commutada na de degredo, e enviando dalli hum navio, em que mandou hum destes Gentios para trazer a Lisboa a noticia deste descobrimento, tornou a fazer-se ao largo, cortando direito para o Cabo de Boa Esperança. A travessa he de quasi 1200 legoas: estava excellente o tempo, brandos, e variaveis os ventos, e as calmas amiudadas: hum cometa, que appareceo por dez dias successivos, pareceo vaticinar a desgraça, que succedeo. Estavaõ pandas todas as velas, e esperávaõ pelo vento: ignorávaõ os Pilotos as consequencias desta manobra em hum sitio, onde os fu-

furacoens saõ taõ frequentes, e rapidos, como hum relampago: de repente veio hum tufaõ taõ furioso, que voltou quatro navios em hum instante, que foraõ a pique sem se lhe poder acodir, nem se salvar alguem delles. Era Capitaõ de hum aquelle Bartholomeo Dias, que descobrio o Cabo de Boa Esperança, e acabou aqui a vida digna de melhor sorte. Durou vinte dias a borrasca, que se seguio, e derramou os navios, que ficáraõ, hum dos quaes voltou a Portugal. A Capitania acompanhada de outros dois, que sempre andáraõ em arvore seca, passáraõ o Cabo de Boa Esperança, sem o perceberem; e os tres, que restávaõ, se lhe uniraõ na Costa de Sofala.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

Tendo Cabral junto o resto da sua fróta enfraquecida de mais de metade: foi até Moçambique, onde foi mais bem recebido do que fôra Vasco da Gama, pelo temor, que causou com a sua chegada. Este mesmo temor fez com que fosse mais circumspecto Ibrahim Rei de Quiloa, a quem o General fallou no mar, como o Almirante tinha feito com o filho do Rei de Melinde; e com tudo o temor naõ foi bastante para que Ibrahim deixasse de armar alguma maldade,

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

de, e além de a perceber o General, foi avizado por hum irmaõ do Rei de Melinde, que eſtava entaõ em Quiloa. Por mais vontade que Cabral tiveſſe de dar hum caſtigo a eſte perfido Rei, todavia aſſentou que convinha mais aos intereſſes delRei ſeu amo, disfarçar por entaõ, e paſſar a Melinde, cujo Rei fiel á amizade, que havia contrahido com o Rei de Portugal, chegou a paſſar por huma guerra cruel, que lhe movêra o Rei de Mombaça, e ficou muito ſatisfeito com a volta dos Portuguezes, e do ſeu Embaixador, que lhe traziaõ com preſentes conſideraveis; deſorte, que tendo tratado o General com toda a politica, e tendo-o provido de refreſco, e de toda a caſta de mantimento da terra, lhe deo dois Pilotos Guzarates, com os quaes ſe pôz em viajem, e chegou a Anchediva em breve tempo com feliz navegaçaõ.

Sabendo o Samorim a chegada da fróta, mandou ao caminho em buſca do General principaes Senhores da Corte, para o comprimentarem da ſua parte, e offerecer-lhe quanto dependeſſe delle, para ſegurança do commercio, moſtrando extremo contentamento da ſua vinda aos ſeus Eſtados, e

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

muito agradecimento á honra, que lhe fazia ElRei de Portugal, de querer ter com elle aliança. Cabral, a quem o modo do Samorim deo altivez, e tinha acautelado o como elle se houvera com Vasco da Gama, lhe mandou pedir huma audiencia; mas ao mesmo tempo o mandou desenganar de que elle naõ desembarcaria, sem ficarem refens, que abonassem a sua fidelidade, e pedio nomeadamente em refens o mesmo Catual, e Ministros, em que mais podesse confiar-se.

Esta proposiçaõ mais que affouta assombrou o Samorim, e ou fosse vencido do medo, ou, o que he mais provavel, pelo conselho dos Grandes, que tinhaõ sido comprados pelos Mouros, dissimulou com o maior excesso, a fim de trazer os Portuguezes a cahirem no laço, que lhes armava, e em fim passados alguns dias de alteraçaõ neste ponto, se entregáraõ os refens.

A audiencia foi das mais soberbas. Cabral foi a ella com toda a magnificencia Portugueza: o presente, que lhe levou em nome delRei seu amo, era digno do Monarca, que o mandava. O Samorim, que queria tratar com honra este Embaixador, estava carregado de joias, e acompanha-

ANN. de J. C. 1500.

D. MANOEL REI

nhado do mais brilhante da Corte; e as honras, que se fizeraõ ao Embaixador, foraõ sem exemplo; e assim como naõ faltou coisa alguma á pompa do recebimento, tambem senaõ negou coisa alguma das que foraõ pedidas. O Samorim deo ao Embaixador, huma casa, que se podia chamar hum palacio, de que lhe fez total doaçaõ, cuja escritura se escreveo em letras de oiro. Permittio-lhe que nella arvorasse a bandeira de Portugal, e de fazer alli huma feitoria: André Corrêa foi nomeado Feitor, ou Consul da Naçaõ, e immediatamente tomou posse tranquilla, e começou a preparar os armazens.

Eraõ muito bons estes principios para deixarem de ser suspeitosos. O que tinha succedido com o Almirante Vasco da Gama, as differentes tentativas, que os refens fizeraõ para se escaparem, e outras muitas circumstancias, eraõ bastantes para elles se acautelarem. O General de si mesmo desconfiado era deste acordo; mas a nimia confiança de Corrêa venceo todas as suas suspeitas, e se deixou levar demaziado dos conselhos deste homem, cego pelo seu interesse, e preoccupaçoens, de que elle foi a primeira victima.

Os

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

Os Mouros tinhaõ em Calecut dois ſeus nacionaes, e da ſua Religiaõ, que tinhaõ a ſeu cargo tratarem do commercio, e ſerviaõ o officio de *Xabandar*, iſto he, Couſules: hum tinha juriſdiçaõ nas caravanas de terra, e outro preſidia á Marinha. Chamava-ſe o primeiro Coge Bequi, e o ſegundo Coge Cemeri. Eſtes dois Mouros tinhaõ entre ſi paixoens, como ſuccede entre peſſoas, que tem entre ſi intereſſes. Coge Bequi tinha probidade, e ſeguio o partido dos Portuguezes, e tam religioſamente, que iſto lhe cauſou pelo tempo adiante a ſua morte: Coge Cemeri tambem affectou ſer-lhes affeiçoado, mas com dobrez, e velhacamente; e como tinha mais maquinaçaõ do que o ſeu collega, quiz a deſgraça de Correa, que deſpreſando os aviſos de Coge Bequi, ſe fiaſſe inteiramente do ſeu rival, que abuſando inſenſivelmente do imperio, que pouco a pouco hia grangeando ſobre elle, fez com que elle cahiſſe tres mezes ſucceſſivos em toda a caſta de laços.

O principal eſtudo delle era, em fazer com que Correa cometeſſe faltas, que recahindo ſobre os Portuguezes, lhes alheaſſem o animo dos Indios,

Ann. de J. C. 1500. D. Manoel Rei

o que sortio o melhor effeito, e o me-
teo em duas coisas de consideraçaõ
foi a primeira metêlo em fazer inve-
tir, e tomar á força hum grande navi
carregado com sete elefantes por cor-
ta dos Indios, persuadindo-o serem d
Mouros contrabandistas por hum di-
curso, que elle armou. O Samorim
que abrigava tudo isto, folgou de ve
este combate, e tirou delle todo
proveito: a segunda falta em que
meteo, foi induzilo a investir n
mesmo porto outro navio, còm outr
falso motivo. Naõ podiaõ os Portu-
guezes achar carga para os seus navios
Coge Cemeri persuadio a Aires Cor-
rea, que o Samorim tinha culpa di-
to, e que com desculpa de a na
haver, mandava dar de noite toda ao
Mouros, e que o navio, de que s
tratava, estava carregado. Negando-
o Samorim, deo licença aos Portugue-
zes para tomarem o navio; estes
investem, entraõ, e o successo o
convenceo de que em lugar de espe-
ciaria, naõ tinha outra coisa mais d
que mantimentos por conta dos In-
dios.

Coge Cemeri, que occultamen-
te representava outra figura, amotinou
o povo, juntou quatro mil homens

que

que acometendo a casa dos Portuguezes, lhe arrombam as portas, roubaõ, e levaõ tudo a ferro, e fogo, antes que se podesse dar aviso ás náos. Dos setenta Portuguezes ficáraõ mortos sincoenta, e entre elles Aires Correa: os outros escapáraõ com muito custo na praia, onde os recolheraõ os bateis vindos dos navios á primeira revolta, a maior parte delles feridos, e sem forças de cançados, e do muito trabalho, que tiveraõ para se recolher.

Ann. de J. C. 1500.

D. Manoel Rei

O General duvidoso se o Samorim entrava, ou naõ em hum successo, em que se violava o direito das gentes com tamanha atrocidade, esperou por alguns dias alguma satisfaçaõ; mas vendo que ElRei naõ acodia por isso, se aparelhou para investir treze navios grossos de Mouros, que estavaõ no porto, e fazendo sobre elles hum terrivel fogo de artilharia, foraõ queimados, ou tomados, pondo grilhoens a quantos escaparaõ de queimados, ou afogados; e para que naõ sentissem sómente os Mouros os estragos, e penas da traiçaõ, que lhe tinhaõ feito, por dois dias inteiros varejou a Cidade com tanto dano della, que tendo demolido muitas casas, morto mais de

ANN. de J. C. 1500. D. MANOEL REI

600 peſſoas, obrigou ao Samorim a fugir para o campo, aſſuſtado de ver cahir-lhe ao lado de huma bala hum valido ſeu.

Cabral, tendo-ſe tambem vingado, ſe fez á vela para Cochim trinta legoas além de Calecut para o Meio dia. Eſta Cidade ſituada na foz do Mangat, que a cerca, era Capital de hum pequeno Reino tributario do Samorim, cujo Rei, prudente, e ſempre aſſoberbado com a vizinhança de hum Principe nimiamente poderoſo, eſcandalizado do dano, que cauſava ao commercio de ſeus vaſſallos, deo faceis ouvidos ás razoens do preſente intereſſe, ſem precaver as futuras conſequencias, e forjou os ſeus proprios grilhoens, buſcando aliados, que vieraõ depois a ſer ſeus ſenhores.

O nome dos Portuguezes tinha enchido todo o Indoſtan, e os Prinpes todos do Malabar deſgoſtoſos do Samorim, tratavaõ de encoſtar-ſe a elles para hum caſo de neceſſidade: naõ entendia o General que tiveſſe ainda taõ diſpoſta a India em ſeu favor, antes pelo contrario medindo os Indios todos por igual bitola, deſconfiava de tudo, e aſſim naõ ſe reſolveo tratar com Trimumpara (aſſim ſe chamava o Rei

de

de Cochim) senaõ por intervençaõ de hum Jogue, que Fr. Henrique tinha convertido á Fé; encontrou porém neste Principe tal facilidade, que ajustou com elle quanto quiz para o presente, e para o futuro: e como este paiz era muito fertil em especiarias, e mais drogas do Indostan, em breve tempo teve o General carga, qual podia desejar.

Ann. de J. C. 1501. D. Manoel Rei.

Estava a ponto de partir, quando se vio buscado dos Reis de Coulaõ, e Cananor; mas como já tinha ajustado os seus negocios, os houve entaõ de satisfazer com boas palavras, passando sempre por Cananor na volta para o Reino, onde foi recebido com todas as mostras de honra, e amor, que elle podia esperar. Ainda que já tivesse carregado, tomou alli algumas drogas, e embarcou hum Embaixador, que ElRei de Cananor mandava a Portugal, imitando o de Cochim, que tambem mandava o seu segurar mais os vinculos da perfeita amizade. Partio depois para Lisboa, onde aportou com felicidade, vespera de S. Joaõ do anno 1501; havendo perdido no caminho a náo de Sancho de Toar, que tocou nos baixos de Mombaça. Cabral se vio obrigado a mandar-lhe pôr o fogo depois de despejada de gente, e

car-

ANN. de J. C. 1501. D. MANOEL REI I.

carga, e Sancho reparou bem esta desgraça, por quanto mandado em huma pequena embarcaçaõ a Sofala, conforme as ordens delRei, fez aliança com o Cheque, ajustou hum tratado de commercio, e voltou a entrar no Tejo no mesmo tempo que o General.

A ancia, com que D. Manoel tratava de ter exito nos negocios da India, naõ lhe permittia que esperasse noticias de Cabral: aparelhou quatro velas para hirem ter com elle, e servir-lhe de reforçar a armada; e sabendo pouco tempo depois do descobrimento do Brazil pelo navio, que tinha voltado, fez outra armada de seis náos commandada por Gonçalo Coelho para ir indagar maior noticia, e mais segura posse.

Joaõ de Nova, Fidalgo Gallego, homem habil, e desembaraçado, que tinha a Capitania mór das náos, que hiaõ para a India, nunca se póde encontrar com o General Portuguez, a quem era remetido, e em tudo o mais teve venturosa navegaçaõ. Descobrio na hida a Ilha da Conceiçaõ. Na aguada de S. Braz achou huma carta pendurada em huma arvore dentro de hum sapato, em que se referia a via-

jem

jem de Cabral quando hia para a India: pôz o seu nome a outra Ilha que descobrio na Costa de Zanguebar. Chegado a Melinde achou noticias mais miudas da falsa fé, com que o Samorim se havia havido ultimamente com os Portuguezes, e obrigando-o isto a havelo como inimigo, deo caça a dois navios delle, hum dos quaes tomou, e lhe pôz fogo: fazendo depois viajem para Cananor, chegou a bom tempo para se aproveitar do seu commercio, e ganhar bastante honra.

Tendo por fim a politica dos Mouros, negociantes de Calecut, desgostado os Portuguezes de hum commercio taõ remoto, puzeraõ todo o empenho em lhes impedir a carga; o que tinhaõ, assas adiantado com as manhas, que tinhaõ praticado com Aires Correa, e tumulto, que se lhe tinha seguido. Embaraçava-os porém a confederaçaõ, que os Portuguezes tinhaõ assentado com os Reis de Cochim, e Cananor, e estavaõ de acordo de a revolver por todos os modos. Sabendo que Cabral estava em Cochim, lançáraõ no mar de intelligencia com o Samorim huma frota de mais de 60 vasos, nos quaes entrávaõ vinte e sinco navios grossos.

Ca-

ANN. de J. C. 1501. D. MANOEL REI

Cabral, a quem elles encontraraõ fa
hindo de Cochim, naõ lhes pôde da
batalha, por eftarem muito cozidos con
a terra, e elle eftar muito ao largo
de forte que profeguio o feu caminh
fem fe deter. Tiveraõ elles efte ret
ro como affectada victoria, a qual lhe
deo tal alento, que affentáraõ lançál
de Cananor, affim como bafofeava
telo feito deixar Cochim; porém che
gáraõ muito tarde, e a tempo que j
Cabral eftava longe, mas muito a tem
po para embaraçar Joaõ de Nova, que
chegou depois da partida do outro
e fe difpunha para voltar. Teve Joaõ
de Nova avizo da chegada da armada
para fe aparelhar, e com effeito no
dia feguinte appareceraõ mais 100 ve-
las, que bloquearaõ a barra do porto.
Tinha Joaõ de Nova demaziado brio
para voltar coftas, nem fe perturbou,
nem perdeo o animo, e difpondo os feus
navios de forte que naõ podeffe fer
abordado, e paffada toda a artilharia
para hum dos bordos, varejou a frota
inimiga por todo o dia fem defcançar
com tamanha furia, que tendo metido
no fundo 19, e eftropeado mais de
400 homens, obrigou os inimigos
a levantarem bandeira de paz, reco-
lhendo-fe a Calecut, onde levaraõ o ef-

tra-

trago, e deshonra de ferem desbaratados.

Ann. de J. C. 1501. D. Manoel Rei

Tentou mais o Samorim colhêlo com propoſiçoens artificioſas, mas advertido Joaõ de Nova por Coje Bequi, e por outro Portuguez ahi cativo, que eſcapara ao desbarate de Calecut, nem ſequer tornou reſpoſta a eſte Principe diſſimulado, e enganador, e dando á vela para Portugal, deſcobrio mais de caminho a pequena Ilha de Santa Helena, que com a excellencia das ſuas aguas, e ar, e com os mais refreſcos, que alli ha, parece ſer depoſitadamente poſta para commodo de taõ prolixas jornadas, naõ havendo quaſi navio algum, que naõ diligencêe entrar nella.

Gonçalo Coelho naõ teve tamanha ventura: hum furioſo furacaõ lhe fez perder quatro embarcaçoens das ſeis, que commandava; as outras duas chegaraõ com effeito ao Braſil, e voltáraõ de lá, mas naõ trouxeraõ mais carga do que páo Braſil, macacos e papagaios: pobre retorno attendendo á deſpeſa de tamanha armada! Mas quanto ſe enganaõ os penſamentos humanos! Eſte paiz, que ao principio pareceo o mais miſeravel deſcobrimento, que teve Portugal, he hoje entre to-

ANN. de J. C. 1501. D. MANOEL REI

todos o de que tira maiores prove tos,

As honras, com que D. Mano acolhia os que voltavaõ das viajen do Ultramar, principalmente quand tinhaõ algum ſucceſſo, tinhaõ eſpalha do por todo o Reino incomprehenſ vel emulaçaõ: os maiores Fidalgos en tráraõ nella, como ſe o exercicio d aventureiro foſſe em certo modo a unic pórta por onde ſe entrava para a fortu na. Gaſpar Corte Real, homem no bre, e bem empregado na Corte, que rendo deſtinguir-ſe como os de mais obteve licença delRei, e entendend que para o Sul naõ havia que deſco brir, foi direito ao Norte, e deſco brio com effeito a Ilha de Terra Nova e a terrá de Lavrador, à quem chamo Terra Verde, que depois teve po muitos annos o nome de Terra d Corte Real. Achou os Eſquimáos na turaes do paiz, barbaros abſolutamen te differentes de todos os mais povo da America, a reſpeito dos quaes pare cem eſtrangeiros: ſaõ ſummamente deſ confiados, e bem que foſſem os pri meiros, que ſe deſcobriraõ, ainda ſe naõ poderaõ amanſar, nem tratar con elles, ſenaõ com a eſpingarda em ca ra, e com todas as cautelas, que inſ

pira

Ann. de J. C. 1501.

D. Manoel Rei

ira o medo da traiçaõ. Quando Cor-
e Real voltou a Portugal, deo conta
a sua expediçaõ, e voltou o mais
reve, que pôde. Foi para elle fatal
sta segunda viajem, pois nella aca-
ou, ou morto pelo Gentio, ou em
lgum naufragio. Seu irmaõ Miguel,
ue lhe quiz ir no alcançe, para buf-
ar noticias delle, e para este fim ar-
nára dois navios, teve igual sorte. El-
Rei, que estimava muito estes dois ir-
naõs, mandou expressamente outros
avios em busca delles, mas sendo inu-
eis todas as diligencias, perdeo a espe-
ança de os salvar, e naõ quiz dar li-
ença a Joaõ Vasco Corte Real, seu
rimeiro irmaõ, e Mordomo da sua
Casa, para que emprehendesse esta jor-
nada, que o amor fraternal lhe inspi-
ára que fizesse pessoalmente, com a es-
perança baldada de os poder encontrar.

No em tanto vinha-se Cabral re-
olhendo para Portugal, e tendo da-
do conta da sua viajem, e do Es-
ado da India, ElRei D. Manoel,
que, naõ obstante o ter perdido meta-
de da armada, concebeo firmes espe-
anças do bom successo, pôz ainda so-
bre ancora vinte velas, que repartio
em tres Capitanías. Tinha a primeira
esquadra de tres navios o Almirante
Vas-

Ann. de J. C. 1502. D. Manoel Rei

Vaſco da Gama, que já tinha ti
tempo de deſcançar das fadigas da p
meira viajem. Vicente Sodré, e E
tevaõ da Gama, primo de Vaſco c
pitaneavaõ cada hum ſinco náos d
outras dez, e ambos hiaõ ſujeitos
Almirante. Sodré levava particular e
cargo de cruzar o mar das Indias,
conſervar nelles o reſpeito á bandei
Portugueza, dando caça a todos
inimigos da Coroa. Devia dar fav
ás duas feitorias aſſentadas em Can
nor, e Cochim, e ultimamente pôr t
do o cuidado em embaraçar o con
mercio do mar Roxo, guardando
paſſagem de Babel-Mandel.

O Almirante tendo eſtabelecid
no caminho duas feitorias na Coſta d
Zanguebar, huma em Sofala, e outr
em Moçambique, veio ancorar co
toda a frota no porto de Quiloa. A
ſombrado Ibrahim com a viſta de ta
grande armamento, contra o qu
naõ tinha modo de ſe precaver,
vio obrigado a aceitar todas as condi
çoens, que o Gama lhe quiz impôr
e veio de propoſito fallar-lhe ao ma
Gama, que ſe via com maiores for
ças, naõ fez eſcrupulo de quebranta
o direito das gentes com hum Princi
pe, cuja falſa fé tinha experimenta
do,

o, e o fez prisioneiro, e assentou, ue lhe fazia mercê em o soltar, obri- ando-o a reconhecer vassallagem á Co- oa de Portugal, e a pagar hum tri- uto de dois mil meticaes de oiro; que Ibrahim prometteo falsamen- e. Mas este Principe, que se apossa- a violentamente do throno, onde se nantinha tyrannicamente, enganou o General, dando-lhe em refens hum dos naiores Senhores da Corte, de cujo nerito se receava, e de quem julga- a que os Portuguezes fariaõ justiça, endo-se enfadados da sua falta de palavra, sacrificando-o á sua indigna- aaõ. Mas este, que era hum sujeito le talento, e probidade, descobrio ao Almirante todo o mysterio, e pagou lo seu cabedal os dois mil meticaes le oiro, e se houve com tanta arte, rectidaõ, que o Gama lhe deo a li- berdade, e naõ pôde deixar de ficar seu amigo.

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

Boa vontade tinha o Almirante le se despicar da falta de fé de Ibra- nim, receando porém as consequen- cias de hum negocio, que podia ser duvidoso, e demorado, e que lhe podia fazer perder a monçaõ, se pôz a caminho para a India. Chegado á Costa do Malabar encontrou huma

gran-

ANN. de J. C. 1502. D. MANOEL REI

grande náo chamada *Meris*, que Soldaõ do Egypto mandava todos annos ao Indoitan, de que ordinari mente se recolhia com rica carreg çaõ para o commercio deste Princip e ao mesmo tempo passava muit romeiros, que por devoçaõ hiaõ Meca ao Sepulcro de Mafoma. Des fogou Vasco com demasia nesta o casiaõ o seu rancor contra os Mouro e se houve por modo indigno de C valleiro, porque naõ se satisfazend com esbulhar este navio, que lhe na fizera resistencia alguma, e tomar vi te meninos, que destinou para Religio sos do Mosteiro de Belem, trabalho depois pelo meter no fundo, e afo gar nelle quantos estavaõ dentro, qu eraõ quasi 300 pessoas; e como o na pôde conseguir, foi obrigado a abor dalo, e queimalo, o que naõ lhe se ria tam facil de fazer, se estes infel ces, antevendo tam ruim tratamento cuidassem em se defender.

Recolhendo-se depois a Cananor foi recebido do Rei com toda a pom pa possivel, e o tratou como igual mas tendo-se havido com altivas, na da pôde concluir ácerca do commer cio, e se retirou descontente para Ca lecut. Tomou no caminho coisa de

sin-

incoenta Gentios em pequenos zam-
pucos de pefcadores, e efperou algum
empo á vifta da Cidade, para ver fe
o Samorim moftrava querer entrar em
concerto. Naõ tardou muito que naõ
vieffe hum homem, que abordando a
Capitania com habito de Capuchinho,
e dizendo *Deo gratias*, fe deo depois
a conhecer por hum Mouro mandado
pelo Samorim a defculpar-fe do paffa-
do, e offerecer novas propofiçoens. O
Almirante naõ quiz dar ouvidos a coi-
fa alguma, fem que primeiro fe lhe pa-
gaffe quanto fe havia roubado na Fei-
toria de Calecut, quando foraõ mortos
Aires Correa, e outros; e fe gaftá-
raõ tres dias em hidas, e vindas, nas
quaes o Samorim fe defculpava com
boas razoens, e moftrava que elle ti-
nha recebido dano muito maior do que
fizera; mas o Almirante, fem querer ti-
rar-fe da primeira refoluçaõ, e paffa-
do o prazo, que fe dera ao Samorim
para dar fatisfaçaõ, fez o final apraza-
do para enforcarem pelas vergas os fin-
coenta Indios, que fe tinhaõ apanhado,
e fe repartiraõ para efte effeito pelos
navios. Acabada efta cruel execuçaõ,
que fe fez á vifta da Cidade, mandou
cortar pés, e maõs a todos os cada-
veres, e metendo-os em hum batel, o
fol-

Ann. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

soltou a tempo que enchia a mar que os levasse a terra, para ahi dar triste espectaculo de huma vingan tamanha como esta, dizendo ao S morim em huma carta escrita em Ar bigo. „ Que elle lhe mandava aqu „ le presente em represalia da mor „ dos Portuguezes; accrescentando q „ quanto ao preço da fazenda, elle lh „ pagaria centuplicada „ E chegan depois os navios o mais perto q pôde á praia pela noite, esbomba deou a Cidade, sem descontinuar to o dia seguinte, com tal estrago, q além da gente que matou, pôz por te ra grande numero de edificios, e a ruinou grandemente hum dos Paços c Samorim.

A solidaõ, em que este esbomba deamento poz a Cidade, lhe dava a berta para o Almirante emprehende alguma coisa maior, mas ou fosse po ignorar o que lá se passava, ou por que naõ quizesse, ou porque sena afoutasse a entregar nella, se conten tou com o que tinha feito, e tend largado o fogo a hum navio grande que tomára no porto, e tinha guar dado algum tempo, com tençaõ d que servisse para algum ajuste, se fez á vela para Cochim.

As

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

As deſavenças, que o Almiran-
e tivera com o Rei de Cananor,
davaõ algum ſobreſalto aos Portugue-
zes, as quaes ſe augmentavaõ mais pe-
as ſuſpeitas, em que eſtava o Feitor
Gonçalo Gil. Eſte homem, que ti-
nha hum genio inquieto, quiz preſua-
dir a Vaſco da Gama, que o Samo-
rim tinha comprado ſob maõ os Reis de
Cochim e Cananor, por intervençaõ,
de alguns Bramanes, e que todo o
im deſtes eſtorvos, com que eſte ul-
imo repugnava concluir coiſa alguma,
naõ era mais do que hum acordo to-
nado entre eſtes Principes, para di-
atar os negocios, de ſorte que a fro-
a ſe viſſe obrigada a invernar na In-
dia, eſperando queimala nos portos,
nde ſe recolheſſe. Eſtes temores aju-
dados de algumas bem fundadas con-
ecturas, tomáraõ maior vulto com o
que obrou o Rei de Cochim, que na
primeira viſta, que teve com o Al-
mirante, ſe moſtrou tam intratavel, co-
mo o de Cananor, de ſorte que o Al-
mirante ſe deſpedio tam deſcontente
delle, como do outro; mas o animo
deſtes Principes era em ſi ſincero,
e, ſe tinhaõ poſto algumas duvidas,
era, porque as pertençoens dos Por-
tuguezes naõ eraõ juſtas.

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

O Succeſſo o moſtrou aſſim; por quanto o Rei de Cananor inquieto da pouca ſatisfaçaõ, com que o Almirante moſtrara deſpedir-ſe dos ſeus portos, lhe mandou dizer por alguns Portuguezes, que tinha nos ſeus Eſtados, que elle antepunha a amizade do Rei de Portugal aos ſeus proprios intereſſes: que regulaſſe elle as condiçoens do contrato como quizeſſe, que elle tomava a ſi reſarcir aos negociantes a perda, que allegaſſem, ajuſtando-ſe com elles, e ſatisfazendo-lho nos direitos de entrada, e ſahida, e recahiria nelle todo a perda. O Rei de Cochim ainda ſe houve melhor, porque reparando que o General partia colerico, e hum tanto inquieto, foi traz elle em huma almadia ſó com quatro, ou ſinco remeiros, e tendo-o alcançado ſubio, ao ſeu navio, e lhe diſſe com aquella liberdade, que naſce da ſinceridade de coraçaõ: „ Eu conheço que ſois hum „ homem mais duro de contentar, do „ que eu de conceder quanto me pedis: Fazei o que quizerdes, e pois „ eſtais Senhor da minha peſſoa, „ que eu vos venho entregar, iſto „ vos ſervirá de afiançar a minha vontade „. O General aſſombrado, e con-

confundido de ſimilhante acçaõ, lhe reſpondeo com cumprimentos, que moſtravaõ mais o ſeu eſpanto, do que reciproca ſatisfaçaõ de generoſidade. Com effeito ſe aproveitou da ſua palavra, e concluio o tratado á ſua ſatisfaçaõ, e como o tinha propoſto, e immediatamente foraõ feitas as eſcrituras. A penas o Rei de Cananor teve eſtas noticias, naõ ſatisfeito com o que tinha mandado dizer ao Almirante, lhe deputou mais dois Embaixadores a pedir-lhe que voltaſſe ao ſeu porto, com a palavra de que tudo ſe ajuſtaria á ſua ſatisfaçaõ.

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

Com tudo o Almirante eſteve quaſi cahido n'hum principio, em que o arrojáraõ a ſua nimia confiança, e preſumpçaõ. Por muito eſcandalizado que eſtiveſſe o Samorim do que havia paſſado, naõ perdia todavia a eſperança de travar ainda alguma negociaçaõ, ou o pertendeſſe com ſinceridade, ou entraſſe na tençaõ de ſe vingar. Os Eſcritores Portuguezes concordaõ em accuſar a dobrez deſtes Principes, e ſuas manhas; os Auctores Indios talvez o naõ confeſſaſſem taõ facilmente, e parece-me que lhe conheço alguma razaõ para ſe queixar, pois aſſás devia parecer duro a

Ann. de J. C. 1502. D. Manoel Rei

taõ grande Monarca, que hum pequeno numero de Eſtrangeiros vieſſem ao ſeu Reino tratálo como ſenhores, e impôr-lhe condiçoens taes, que elle naõ podia delles colligir outra coiſa, ſenaõ que elles lhe queriaõ dar leis, e recorrer deſde logo ás vias de facto as mais violentas, no caſo que elle naõ ſe quizeſſe dobrar a quanto lhe pediaõ.

Quaesquer que foſſem as ſuas intençoens, vamos ao facto. Eſtando o Almirante ainda em Cochim, veio a elle hum Bramane, homem de talento, e aſſás adiantado em annos, trazendo-lhe dois filhos, e hum ſobrinho, para lhos trazer para Portugal, onde dizia que deſejava foſſem educados na Religiaõ, e Sciencias da Europa. E entrando depois em pratica com o Almirante, lhe confeſſou que viera de mandado do Samorim, e teve modo de o perſuadir a que voltaſſe a Calecut. Vaſco da Gama aſſentou que hia ſeguro, deixando o Bramane, e os tres mancebos em refens, e entregando a frota a Eſtevaõ da Gama, partio contra o voto dos ſeus Capitaens ſómente com dois navios, hum dos quaes deſpedio a chamar a Cananor Vicente Sodré. O Samorim naõ

con-

oncluia nada, affectando dilaçoens, : o Gama ſe vio acometido de repen- e de cem almadias, que com abri- ;o da noite pertendêraõ queimar-lhe a ıáo. A traiçaõ foi tambem ordida, que enaõ deo tino della, ſenaõ quando á os Indios trepavaõ pelas cadêas das neſas das náos, e naõ houve tempo ara mais, do que para picar a amar- a, e cadêa de ferro, com que tinha ado fundo. A bom tempo ſe levan- ou hum vento de Leſte freſco, mas mpenhando-ſe os inimigos em o ſe- uirem ao largo, ſe incorporou com lle a bom tempo Vicente Sodré, ue tendo metido a pique com a ar- tilheria das ſuas caravélas muitos pa- áos, eſpalhou os outros. O Almi- ante na volta para Cochim mandou nforcar o Bramane, cujos filhos, e obrinho, ou verdadeiros, ou fingidos á ſe tinhaõ ſalvado fugindo da náo.

Ann. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

Além dos Embaixadores delRei e Cananor, que vieraõ a Cochim ne- ociar com o Almirante, teve ahi mais utros dois de Cranganor. Eſtes di- iaõ ſerem mandados pelos antigos Chriſtaõs da India, oriundos daquel- es, a quem convertêra S. Thomé an- es de rematar a ſua carreira Apoſto- ica com glorioſo martyrio; e tendo- lhe

ANN. de J. C. 1502. D. MANOEL REI

lhe expendido toda a ſua tradiçaõ a reſpeito deſte glorioſo Apoſtolo de J. C., e o preſente eſtado da ſua Chriſtandade, em que ſe contavaõ quaſi trinta mil almas, regidas no eſpiritual por Biſpos, e Sacerdotes que davaõ obediencia ao Patriarca d'Armenia, como primeira cabeça, diſſeraõ „ que „ elles eraõ mandados da parte da ſua „ pequena Republica, para lhe proteſ„ tarem quanto os alegrou a primeira „ noticia de terem alli chegado Chriſ„ taõs, e Vaſſallos de hum dos Reis „ mais poderoſos da Europa, e a eſ„ perança, que lhes renaſceo com a „ lembrança de que Deos os mandaria „ como Redemptores da eſcravidaõ „ em que gemiaõ ſob a tyrannía de „ Principes infiéis daquelle Gentiliſ„ mo, e de Sarracênos, mortaes ini„ migos dos Chriſtaõs, a quem o ſeu „ cabedal, e tráfego tinhaõ dado „ grande credito naquellas terras. Pe„ lo que ſe encommendavaõ na ſua bon„ dade, e para o obrigarem a tomar „ mais de coraçaõ o ſeu amparo, lhe „ apreſentavaõ o Sceptro, pelo qual „ ſe obrigavaõ a reconhecer dahi em „ diante a ElRei de Portugal por ſeu „ verdadeiro, e legítimo Soberano „

Coiſa nenhuma podia dar maior ſa-

ſatisfaçaõ ao Almirante, do que eſta Embaixada; e por iſſo lhe reſpondeo com o maior agrado, e com grandes palavras de conſolaçaõ, aceitando a propoſta da parte delRei ſeu Senhor, e certificando aos Deputados „ que „ neſte Monarca encontrariaõ ſempre „ zeloſo, e efficaz Protector: e que „ os ſeus Generaes, que eraõ ſeus lu- „ gareſtenentes, e o repreſentavaõ „ a elle na India, tomariaõ a ſeu car- „ go com muito boa vontade os ſeus „ intereſſes delles: que elles os deviaõ „ ter por intérpretes da ſua vontade, e „ recorrer a elles nos ſeus apertos: „ que quanto a elle em particular, po- „ diaõ eſtar certos da ſua boa vontade, „ e do quanto deſejaria ſer-lhes pro- „ veitoſo: que na ſua partida, e du- „ rante a ſua auſencia, os encommen- „ daria áquelles, que ficaſſem fazendo as „ ſuas vezes, em que achariaõ outro „ elle. „ Com iſto os deſpedio, dei- xando-os ſatisfeitos com o bom aco- lhimento, e liberalidade, que uſou com elles.

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

O Samorim, que naõ ſocegava, vendo baldados os ſeus ardís, ſe voltou a outros meios, que lhe pareceraõ mais ſeguros, e infalliveis, que foraõ eſcrever a ElRei de Cochim ſeu Vaſ-

ſal-

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

ſallo, e trabalhar com elle já com promeſſas, já com ameaças, para o obrigar a entregar-lhe os Portuguezes, ou fazer com que os expulſaſſe dos ſeus Eſtados. Trimumpara tam conſtante, como ſincéro, reſpondeo a eſtas cartas do Samorim com huma grandeza de coraçaõ, que bem o podia deſenganar da ſua conſtancia, e reſoluçaõ. Além diſſo teve a delicadeza de naõ querer deſcobrir nada diſto ao Almirante, por lhe poupar os ſoçobros, e inquietaçoens, que talvez lhe cauſaſſe, e ſó lhe deo conta, quando ſe vio em pontos de lhe moſtrar com toda a certeza, que elle aventurava tudo por elle, e que prezava tanto a aliança, que fizera com elle, que antes queria perder tudo, do que quebrantála.

Gama eſtando de partida, foi avizado do eſtado, em que deixava eſte Principe, e fez todo o poſſivel pelo perſuadir que devia eſperar tudo da gratidaõ dos Portuguezes: e tendo-ſe deſpedido della partio para Cananor com treze navios, e no caminho encontrou junto de Pandarane huma frota de 39 velas, que o Samorim deſpedio contra elle. Sem demora apreſentou batalha; e logo tam rijo inveſ-

ANN. de J. C. 1502.

D. MANOEL REI

reſtírão com duas náos groſſas de Mouros, que vinhaõ na vanguarda inimiga, os navios de Sodré, Rafael, e Pereio, que vinhaõ mais boiantes, que, faltando o animo á maior parte dos que as defendiaõ para ſuſtentar ataque tam forte, ſe arrojáraõ ao mar, onde os Portuguezes, que ſaltáraõ nos botes, ferindo-os com lanças, remos, e maças, matáraõ mais de trezentos. O reſto da frota tomado do meſmo terror tendo encalhado em terra, o Almirante, cujas náos eſtavaõ muito carregadas, como lhes naõ podia hir no alcance, parou em esbulhar as que tinha tomado, e pondo-lhes o fogo, ſeguio a ſua viajem. Entre as riquezas, que alli ſe acháraõ, topou hum Idolo de oiro de 60 libras de pezo, que tinha os olhos de excellentes eſmeraldas, e cravado de rubins pelo peito, onde tinha hum carbunculo do tamanho de huma caſtanha, que dava grande brilho: o manto do Idolo era bordado de oiro, igualmente rico de pérolas, e mais pedraria de grande preço.

O Almirante concluio o ſeu tratado com ElRei de Cananor, com as meſmas condiçoens, que aceitára o Rei de Cochim. Obrigou além diſto a eſte Principe a entrar com o de Cochim em

Ann. de J. C. 1502.

D. Manoel Rei

em huma liga offenſiva, e defenſiva para ter quem o ſoccorreſſe no caſ que foſſe acometido pelo Samorim, tendo concluido tudo com grande ſa tisfaçaõ, tomou o caminho de Euro pa, veio refreſcar a Moçambique, entrou em Lisboa no primeiro de Se tembro de 1503.

A entrada, que ElRei lhe mar dou fazer em Lisboa, teve todas a moſtras de triunfo, em que com tod a ſolemnidade poſſivel foraõ levado os preſentes do Rei de Cananor, Cochim, os deſpojos de Calecut, ſceptro dos Chriſtaõs de S. Thomé, os dois mil meticaes de oiro das parea do Rei de Quiloa, que ſe fizer tributario da Coroa de Portugal, cuj memoria quiz ElRei D. Manoel eter nizar, mandando fazer de todo o oir deſte tributo huma rica Cuſtodia, qu dedicou ao ſeu magnifico Templo d Noſſa Senhora de Belem.

Fim do ſegundo Livro.

HIS-

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO III.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

FICARAÕ os negocios da India em grande desamparo com a partida do Almirante; e o Samorim escandalizado pelos Portuguezes, e summamente picado das vivas respostas do Rei de Cochim, entendeo que se lhe offerecia a mais favoravel conjuntura de se vingar, e que a fortuna lhe punha em certo modo nas maõs os seus inimigos; com tudo querendo naõ faltar ás solemnidades devidas, para mostra que naõ obrava sem ponderaçaõ em hum ponto, em que já estava resolvido, congregou huma Junta, a que vie-

ANN. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI

vieraõ muitos Principes ſeus vaſſallos, e muitos outros do Rei de Cochim que com temor o tinhaõ deſamparado. Neſte concelho expôz as ſuas queixas, com moſtras da maior moderaçaõ, mas com toda a arte de razoens capcioſas, que lhe ſuggeria a mais ardente animoſidade. A maior parte dos Principes comprados pelos Mouros, ou levados de paixoens diverſas, como he vulgar nas Cortes, approváraõ os motivos da ſua indignaçaõ, menos Naubeadarim, filho de ſua irmá, e herdeiro da Corôa, Principe de probidade, e valor, o qual emprehendeo deſvanecer as pretendidas razoens, e o fez por huma parte com tanto reſpeito, e pela outra com tal força, e taõ boas razoens, que juſtificando plenamente todas as acçoens dos Portuguezes, que moſtravaõ reſpeito ao Rei de Cochim, até a conſtancia, e boa fè delles aſſim elogiou, que fez algum abalo no animo de ſeu tio, e eſteve em termos de ſahir triunfante a razaõ do rancor, ſe o Coimal de Repelim, capital inimigo do Rei de Cochim, em razaõ de pertençoens, que tinha ſobre terras, que eſte lhe retinha injuſtamente, voltando todos os votos do Conſelho com a ſua altivez,

naõ

ąõ fizeſſe pender a balança a favor lo odio contra a razaõ.

Aſſentada a guerra, ſem demora hegou a Cochim a noticia, onde cau-ou grande conſternaçaõ nos povos. Os Mouros, que havia muitos ſeculos e tinhaõ eſtabelecido em quaſi todas s Cidades maritimas da India, eraõ aõ poderoſos, que faziaõ ſobrançeria o meſmo Principe; tinhaõ empenha-lo em ſeu favor a maior parte dos Miniſtros, e dos Naires; os Portu-guezes pelo contrario eraõ ſummamen-e odiados do povo, e da Nobreza, u foſſe por inſtigaçaõ dos Mouros, nimigos tanto mais para temor, quan-o mais occultavaõ o ſeu odio, ou por-que os Portuguezes naturalmente deſ-prezadores, e que ainda naõ conhe-ciaõ bem a terra, naõ punhaõ difficul-dade em ſe deſviarem dos uſos da terra, e viviaõ demaziadamente á Européa.

Eſtando os animos aſſim diſpoſtos, inha ElRei de Cochim fortes aſſaltos dos ſeus mais fieis vaſſallos, que effi-cazmente lhe repreſentáraõ quanto era danoſo a elle, e a toda a familia Real o expôr-ſe a ſi, e ao ſeu povo a per-derem tudo por attençaõ a huns pou-cos de Eſtrangeiros, a quem ninguem amava. Os meſmos Portuguezes, que conhe-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

conheciaõ quam arriscados andavaõ, e que tinhaõ mais susto dos habitadores, agastados de tolerarem violentos huma guerra, em que com razaõ temiaõ ser victimas, do que de toda o exercito de Calecut, puzeraõ todas as forças em persuadir ao Rei, que, accommodando-se ao tempo, fingisse desamparalos, e salvasse a sua pessoa, e Estado, dando-lhes licença para elles se recolherem a Cananor, onde estariaõ seguros. Mas este Principe, que prezava mais a honra, do que o Reino, e a propria vida, entendendo que este expediente, que era hum modo decente de poder faltar á sua palavra, offendia o melindroso delle, naõ quiz dar ouvidos a proposiçaõ alguma destas, e fazendo cara a todos mostrou animo constante, e deo aos Portuguezes huma guarda de Naires, a fim de que lhe naõ fugissem, e para os salvar do furor do povo.

Nestas circumstancias chegou a Cochim Vicente Sodré com a sua armada, e com a vista delle começaraõ a respirar ElRei, e os Portuguezes; e bem que tivesse ordem expressa do Almirante, para que ajudasse ElRei de Cochim, se fosse ameaçado, nunca o poderaõ resolver a que ficasse com el-

le, ou foſſe covardia, ou ambiçaõ. Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei
Feitor ſe empenhou para iſto com
zoens, com ſupplicas, e com lagri-
as, mas todas baldadas. Eſte homem
digno do ſangue de huma naçaõ no-
e, naõ avaliando em nada a vida
os ſeus nacionaes, a honra delRei
u Senhor, o merecimento de hum
rincipe, que ſacrificava tudo por pura
nerofidade, antepondo a tudo o pro-
ito das ſuas prezas, reſpondeo fria-
ente „ Que elle naõ viera para com-
ter em terra, que ſe ſalvaſſem co-
mo quizeſſem, ou podeſſem ElRei
de Cochim, e os Portuguezes; que
elle tinha ordens delRei de Portu-
gal para cruzar no Golfo Arabico,
e que cahiria em culpa, ſe faltaſſe a
executar as ſuas ordens „ e com
feito partio com a ſua frota, deixando
m Cochim uma conſternaçaõ ainda
aior do que o era antes de huma reti-
da tam pouco preſumida, e tam mal
ſtificada.

Deos, vingador dos delictos, o
unio, cegando-o de modo que ſó-
ente a ſi pôde imputar a ſua perda.
atisfizeraõ bem no principio a ſua ava-
eza ſinco ou ſeis prezas ricas, que
e cahiraõ nas maõs, nas quaes ſó-
ente em oiro achou mais de 200 du-

ca-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

cados; mas depois disto foi perder-s nas Ilhas de Curia-Muria, porto n Estreito de Meca. Os Beduins, ber que Mouros, se houveraõ bem cor elle, e lhe deraõ soccorro muito tempo, na reciproca troca, que cor elle faziaõ de gados pelas suas mer cadorias, e depois lhe deraõ hum sau davel aviso, de que se abrigasse d hum temporal do Norte, que sobre vem nesta paragem no mez de Maio tam forte, que naõ ha vasilha, que lh possa resistir. Sodré naõ teve conta nen com os seus avisos, nem com os do mais Capitaens, que se separáraõ del le, de sorte que obstinadamente tei moso, ou por melhor dizer, por hum effeito da justiça Divina; que queria que o seu oiro fosse para elle perdi çaõ, se perdeo elle, e seu irmaõ nes te terrivel furacaõ, sem que nunca se podesse salvar alguma parte das gran des riquezas, que foraõ causa de hu ma das acçoens mais covardes, que se tem obrado no mundo.

Trimumpára, á quem o exemplo de Sodré podia dar pretexto para fal tar ao promettido, assentou que naõ lhe devia seguir o exemplo, nem que huma covardia podesse justificar outra sua; ficou todavia inquieto, e confu so.

). Tinha ás portas o Samorim com hum xercito de ſincoenta mil combatentes, ujo numero engroſſava cada dia com a eſerçaõ dos Principes vaſſallos de Cohim: marchava com toda a preſſa, om a confiança, e alegria, que ſaõ aticinios da victoria. Pelo contrario 'rimumpára via hum ar melancolico, triſte em quantos o cercavaõ, e tinhaõ mantido fieis; e iſto era baſnte para lhe augurar a futura ruina; orém nada o mortificou tanto como deſerçaõ de dois Européos transfuas, fundidores de profiſſaõ, e excelentes armeiros, que tinhaõ paſſado a armada do Gama, fingindo ſerem edreiros, encobrindo a ſua verdadeia profiſſaõ; e a ſua apoſtaſia deo ſuſeitas de que paſſaſſem á India, ou alvez foſſem alli mandados para embaraçar os Portuguezes: com effeito oraõ aſſás uteis ao Samorim, que ſe oube aproveitar delles a tempo, para irar grandes proveitos, e conſervaos no exercicio da ſua profiſſaõ conentando-os com groſſos ordenados.

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

A ſolemne declaraçaõ da guerra, ue ao meſmo tempo chegou ao Rei le Cochim da parte do Samorim, junta com as apertadas Cartas deſte Principe, e de outros muitos Senhores

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

ſeus amigos, que lhe faziaõ as ma
res inſtancias para que tiveſſe dó d
proprio, e do ſeu povo, lhe aper
raõ ſummamente o coraçaõ; mas i
movel a tantos abalos, qual a roc
debalde açoitada das ondas do m
fazendo confiança na juſtiça da
cauſa, era elle quem dava alento
deſcahido valor dos ſeus, e dos P
tuguezes, e com aquella tranquilli
de de ſemblante, que inſpira ſegur
ça, ordenou tudo, e ſe pôz em e
do de huma vigoroſa reſiſtencia.

A Ilha de Cochim eſtá deſpe
da da terra firme por hum eſtreito
mar, que he vadeavel na baixa ma
principalmente em hum váo chama
Palurd. Por aqui pertendia romper
Samorim com todas as ſuas forç
Trimumpára, que conhecia a import
cia da paſſagem, poz aqui de guar
Naramuhim, filho de ſua irmã, e h
deiro dos ſeus Eſtados, conforme a
da Gynecocracia eſtabelecida no M
labar, e lhe deo para commandar 55
Naires, com quem ſe incorporar
Lourenço Moreno, e outros pou
Portuguezes. Era Naramuhim val
te, e entendido, do que deo gr
des provas neſta occaſiaõ; porque
parecendo o Samorim a dois de Al
pa

ara paſſar o váo, ſe houve com tal alor, que o obrigou a retroceder om baſtante desbarate: e tendo no ia ſeguinte reforçado o Samorim a atalha commandada pelo Caimal de Repelim, ajudado pelo rio com grande umero de paráos, ſendo o combate nais prolixo, e ſanguinolento do que o dia antecedente, deo muita honra a Naramuhim, que diſtinguindo-ſe em to-as as ſuas acçoens, obrigou os inimi-os a vergonhoſa retirada. Naõ me-horou o Samorim nas mais diligen-ias, que depois tentou: Naramuhim ra aſſás experto, moſtrava-ſe em to-a a parte a fazer cara, de ſorte que o Samorim ſempre desbaratado, deſcor-oando do bom exito da empreſa, evantaria covardemente maõ della, a naõ ſer hum conſelho, que lhe avi-ou eſpiritos de honra.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

Naõ tendo fructo a força, reccor-reo á traiçaõ: comprou com grandes ſommas o Theſoureiro do exercito de Naramuhim. Eſte traidor fingindo mo-eſtia ſe recolheo á Cidade, e os Nai-res coſtumados a receberem diaria-mente os ſeus ſoldos, e municoens começaraõ primeiro a murmurar da ſua auſencia, e voltáraõ em corpo a Co-chim. O Theſoureiro, que antevia

M ii bem

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

bem o ſucceſſo, alli os foi detendo d
hum para outro dia com varias ca
telas, e como iſto dava calor á mu
muraçaõ, e deſerçaõ do campo, e
pouco tempo ſe achou Naramuhi
quaſi ſó. O Samorim, que movia eſ
trama atraiçoadamente, e ajuſtado co
elle eſtivera alguns dias ſem fazer m
vimento algum, aproveitou eſta occ
ſiaõ de paſſar o váo, para o que app
receo ao romper do dia. Aviſado N
ramuhim, acodio a eſtorválo, e ſu
tentou o combate todo o dia até
noite com os poucos ſoldados, q
tinha; mas ſuffocado da multidaõ, f
roto, e morto com dois ſobrinh
ſeus, Principes moços, que dava
grandes eſperanças, e que na ajuda d
ſeu tio deixáraõ bem vingada a ſu
morte, ſem cahirem ſenaõ depois d
terem, como elle, dádo grandes pr
vas do ſeu valor.

A morte deſtes Principes valent
poz Cochim em conſternaçaõ, e de
forças ao odio, que tinhaõ aos Port
guezes, e cauſou deſeſperaçaõ no Rei
porém eſte, cujo ſentimento chego
tambem ao Portuguezes, que ſincer
mente o choráraõ, e ſentiraõ na ve
dade, ſervio de augmentar mais a eſ
timaçaõ, que tinha delles, com anci
ver-

ANN. de J. C. 1503.

D. MANOEL REI.

erdadeira de se vingar; e juntando odas as forças, que estavaõ derramaas lhe foi dar batalha, onde foi desuido, ferido, e obrigado a se abriar á Ilha de Vaipim. Entre todos os 'rincipes da sua Corte nenhum o quiz eguir senaõ o Caimal desta Ilha, com s Portuguezes, a quem ElRei nuna quiz deixar, a fim de poder melhor uidar na sua conservaçaõ.

Quiz ontra vez o victorioso Saorim provar a constancia do geneoso Trimumpára pelo caminho da randura; porém naõ tendo a desortuna nada trocado em hum animo aõ fiel, desafogou todo odio em Cohim, entrando na Cidade com fuor, levando tudo a ferro, e fogo, até se affoutou a hir acometer o Rei ugitivo no seu asylo, bem que pela ua Religiaõ tivesse immunidade Sarada. Mas sendo a Ilha bem fortiicada, e defensavel, ficaraõ frustradas odas as suas tençoens; e depois disso o obrigáraõ tambem a recolher-se as chuvas, que começavaõ: deo todavia ordem á defensaõ de Cochim, onde deixou alguns corpos de tropas para segurar a posse della, e voltou a Calecut soberbo com o successo, com tençaõ de tornar a abrir a guerra

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

ra na entrada dos bons dias da Pr
mavera.

Neſte trabalhoſo eſtado, em qu
ſe achava ElRei de Cochim a pon
to de perder tudo, lhe acodio a Pro
videncia com novo ſoccorro, que lh
cauſou tanto maior alegria, quant
menos ſe eſperava. Aſſentando D. Ma
noel que na India tudo paſſava con
ſocego, naõ tinha apparelhado no an
no precedente mais do que tres pe
quenas eſquadras de tres navios cad
huma. Capitaneava a primeira Anto
nio de Saldanha com regimento d
naõ paſſar além do golfo Arabigo
e de andar de guarda na boca d
mar Roxo; as outras duas, que era
deſtinadas para a India, vinhaõ com
mandadas pelos dois primos com ir
maõs Franciſco, e Affonſo de Albu
querque. Franciſco chegou primeir
á India, tendo perdido hum dos na
vios da ſua conſerva; e topou com
quatro da armada de Vicente Sodré
commandados por Pedro de Attaide
de quem ſoube o que acontecer
áquelle Capitaõ, e o triſte eſtado
em que deixará Cochim, cujo Rei So
dré havia deſamparado no maior aper
to. Eſtas noticias obrigáraõ ao Albu
querque a partir a pezar, do rigor do
tem-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

mpo, que ainda durava: As mais
rcumſtanciadas noticias, que teve em
ananor do máo ſucceſſo da guerra
: Cochim, o obrigáraõ a dar-ſe maior
eſſa, e o fizeraõ reſolver a hir, ſem
erder tempo, ſurgir na Ilha de Vai-
m.

O Rei de Cochim, que foi dos
rimeiros, que reconheceo a bandeira,
xclamou traſpaſſado de alegria, *Por-
ugal*, *Portugal*, e correo ao porto
receber o General, a quem teve por
eu Redemptor. Tendo-o Franciſco
e Albuquerque cumprimentado da parte
elRei ſeu amo, e tendo-lhe gratifi-
ado da lealdade, com que ſe houvera
elos ſeus intereſſes, lhe entregou os
reſentes, que ElRei D. Manoel lhe
nandava, e em nome deſte Principe
ie mandou dar dez mil cruzados do
iro, que elle tomou no theſouro da
rota. Eſta liberalidade tanto a tem-
o, trocou os animos dos Indios vaſ-
allos de Cochim a reſpeito dos Por-
uguezes. Depois ſe offereceo Fran-
iſco a ſervilo, promettendo-lhe reſ-
ituilo ſem demora ao ſeu throno.

Naõ tardou com effeito o ſucceſ-
o á promeſſa; e tendo o General deſ-
aratado, e poſto em fuga a guarni-
ꞔaõ, que o Samorim deixára na Ilha
de

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

de Cochim, trouxe a ElRei em t
unfo á sua Cidade Capital; e naõ
dando por satisfeito com isto, repar
dos seis centos homens da sua fr
ta pelos Capitaens, que o acomp
nharaõ, entrou nas duas Ilhas vizinh
que eraõ dos Caimaes rebeldes, de
baratou as suas tropas, ficando hu
dos Caimaes mortos no campo, qu
mou os Paços, talou as terras, e
ve victoria de huma armada de
paráos, que eraõ do Samorim, f
varias correrias nas terras de Repelin
sempre com bom successo, e se r
colheo a Cochim cheio de gloria.
que mais se distinguio nestas facçoe
foi Duarte Pacheco Pereira. Fôra
le na primeira viajem de Vasco
Gama, e tinha-se assinalado á vis
do Samorim na entrada da náo d
Elefantes, de que já fallei; e segu
da vez foi á India Capitaõ de hu
navio da esquadra de Affonso
Albuquerque, mas tendo-se separad
delle com temporal, chegou prime
ro, e á sua chegada obrou taes pro
zas, que pareceraõ preludios das acçe
ens heroicas, que fez passados pouco
tempos.

O Rei de Cochim estava tam sa
tisfeito, que o General assentou de

ver

ver aproveitar-se das felices disposiçoens, para lhe propor da parte del-Rei D. Manoel, que lhe deixasse ordenar na sua Cidade huma Fortaleza. Isto era verdadeiramente dar as maõs á escravidaõ, em que se hia metter; triste recompensa para hum Principe, a quem Portugal devia taes finezas; porém esta delicada proposta foi feita em taes circumstancias, disfarçada com taõ especiosas razoens, que ainda que o Rei, e o seu Conselho antevissem certamente as circumstancias, com tudo as obrigaçoens presentes, e as circumstancias, em que estavaõ, fizeraõ naõ sómente com que o Rei naõ só conviesse, mas que concorresse com officiaes, e apparelhos para adiantar a obra. O General, que receava que o Rei se arrependesse brevemente de hum consentimento dado sem ponderaçaõ, naõ perdeo tempo. Escolheo hum sitio alto, que dominava a Cidade, e o Porto, delineou a planta da Fortaleza, e na falta de pedra, e cal mandou cortar troncos de palmeiras, que o Rei deo francamente. Quatro dias depois de começada a obra, chegou Affonso de Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco, assim adiantou a

obra

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

obra, de cuja direcçaõ tomou cargo, que se arrematou em breve tempo, como tambem a Igreja, que se fundou successivamente.

Constava a Fortaleza de hum quadrado de madeiros, sobre madeiros bem unidos, e pregados com prégos. Por dentro estava terraplenado, e cercado de hum fosso, onde entrava a agua do rio; nos dois angulos do quadrado se fizeraõ duas torres, ou cavalleiros, em que se abriraõ boas baterias. A ancia, com que os dois Albuquerques se deraõ em aviar a carga para voltarem ao Reino, naõ lhes deo lugar a fazerem a Fortaleza de outra materia, nem tambem a Igreja, nem fazer obras mais solidas: terminaraõ-se estas obras com huma ceremonia santa, feita com a maior pompa, que permittiaõ as circumstancias, em que se achavaõ os Portuguezes, a qual naõ deixou de ser grata aos infieis, que admittiraõ os usos da nossa Religiaõ, e testemunharaõ a solemnidade com que a Igreja se benzeo, e se lhe deo por Orago S. Bartholomeo, dando-se á Fortaleza o de Sant-Iago. Os Auctores Portuguezes todos saõ de acordo, que Affonso d'Albuquerque tomou neste dia huma como posse Real das Indias,

e

que com esta Fortaleza lançou os grilhoens á liberdade de todas estas provincias, e foi como a pedra fundamental de todas as mais, que elle mesmo fundou, ou depois delle se fundaraõ neste novo mundo, de que elle foi Conquistador.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei.

Acabado este negocio, nada mais desvelou os Albuquerques do que fazerem entradas no paiz inimigo, e despicarem o Rei de Cochim dos seus vassallos rebeldes. Fizeraõ correrias, que se alcançavaõ humas a outras pelas terras do Caimal de Repelim, e do Caimal de Cambalam; talaraõ-lhe todo o senhorio, queimaraõ-lhe as povoaçoens, e mataraõ-lhe muita gente; mas como por toda a vizinhança corriaõ successivamente as noticias das suas hostilidades, em breve tempo se appellidaraõ tamanho numero de Naires, que os Portuguezes por varias vezes se viraõ em aperto, e obrigados a recolher-se apressados aos bateis. Naõ encontrando Duarte Pacheco o seu no sitio, onde o deixára, esteve em risco de ficar carregado do grande numero, mas com acçoens mais que humanas, deo lugar a que os Albuquerques o livrassem. Pouco depois retribuio igual beneficio a Affonso de Al-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

Albuquerque, que devendo a elle vida, lhe ficou tambem na obrigaça de toda a gloria, que depois grangeou Pacheco desbaratou tambem trinta, quatro paráos de Calecut, que inquie tavaõ o commercio de Cochim, e cru zavaõ por aquella Costa. Fariaõ o Generaes maiores progressos, ou tal vez maiores estragos, se os naõ obri gasse a sobrestar nas suas sanguinosa execuçoens a bondade de Trimumpára que se compadeceo dos proprios seu inimigos.

O Samorim, que nado disto igno rava, a quem já a guerra era peza da, persuadido aliàs pelo Princip Naubeadarim, que pelo seu amor à justiça, e o appreço, que fazia dos Portuguezes o tinha affeiçoado a elles, propôz a paz. Foi ella tratada, e ajustada com tamanha cautela, que os Mouros de Calecut o naõ souberaõ senaõ depois de ajustado, e assignado o Tratado. Foraõ as condiçoens delle: que viviria em boa harmonia com ElRei de Cochim; que despejaria todos os portos de navios seus, a fim de naõ inquietarem o commercio: obrigou-se além disso a pagar 500 bahares de pimenta, e alguns quintaes de outros generos em paga da fazenda, que tô-

fôra roubada a Aires Correa, e que ultimamente naõ permittiria, que os Mouros de Calecut commerciassem para o Golfo Arabico. Pertendia além disso Francisco de Albuquerque, que lhe fossem entregues os dois Christaõs transfugas; porém este Principe nunca quiz consentir em huma condiçaõ para elle taõ vergonhosa, e assim se omittio. Tornou a restabelecer-se em Calecut a Alfandega, e de huma, e outra parte se começaraõ a gozar os bens de taõ appetecida paz.

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

Affonso de Albuquerque, que levava regimento de D. Manoel para hir tomar carga a Coulaõ, tinha já partido convidado com grandes offertas pela Rainha, que era alli Regente na minoridade delRei seu filho. O alto conceito, que ella tinha concebido dos Portuguezes, e das conveniencias do commercio, a obrigáraõ a fazer-lhes offerecimentos. He Coulaõ huma das mais antigas Cidades da India, da qual pertendem, que tenhaõ sahido as Colonias, que fundáraõ as Capitaes de diversos Reinos do Indostan; mas tendo esmorecido o seu commercio em razaõ da superioridade, que tomou a Cidade de Calecut, tinha decahido muito do seu antigo lustre; com tudo era ain-

da

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

da rica, e populosa; o seu porto e accommodado em hum Rio navegavel e muito seguro, menos em algu sitios, em que o Canal deste Rio e treita; e Affonso encontrou alli tod os commodos, que desejou. Fund alli huma Feitoria com hum Feitor e dois Escrivaens, e para sua guar lhe deixou vinte homens. Tendo e contrado nesta Cidade alguns Christaõ de S. Thomé, lhes buscou aliviar o c tiveiro, e alcançou do Governo o al viar-lhes notavelmente os tributos, q eraõ obrigados a pagar; e tendo fe to a sua carga deixou por Apostol ao Padre Rodrigues, Religioso Dom nicano, que sendo dotado de scien cia, e virtude, extendendo o seu ze lo tanto aos Christaõs ignorantes como aos Indios idolatras, fez gran de fructo com huns, e com outros.

Naõ durou muito tempo a paz bem que naõ fosse por culpa de Sa morim; mas por effeito de hum lan ço indigno da ambiçaõ de hum Po tuguez. Tendo Fernaõ Correa, Feito de Cochim, noticia de que passava pa ra Cranganor hum paráo carregado d pimenta por conta do Samorim, man dou-o tomar. Por mais que o Patr delle allegasse com a paz, e tratad

de

la aliança de novo ajuſtada, dizendo que o paráo era do Samorim, e que ia para pagar parte do que ſe devia dar aos Portuguezes, a quem ſe haviaõ já entregado 800 bahares, naõ foi attendida a ſua razaõ, e o paráo foi tomado com violencia, mortos ſeis Indios, e outros muitos feridos. Eſpalhada por Calecut huma acçaõ tam oppoſta ás leis da equidade, e da razaõ, cauſou alli grande eſpanto, e juſta indignaçaõ; mas Naubeadarim ſempre comedido tranquillizou os impetos colericos do Samorim, eſperando que ſe lhe fizeſſe juſtiça; mas Franciſco de Albuquerque, a quem ſe vieraõ queixar, fez diſſo taõ pouca conta, que bem fóra de reſtituir a preza, nem ſe quer tomou reſpoſta, e menos tratou de dar apparencias de ſatisfaçaõ; e tendo promptos, e carregados todos os navios, ſe diſpunha a paſſar a Europa.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

Agaſtado ſobre maneira o Samorim, e reſolvido a deſpicar-ſe, fez os maiores apercebimentos para tornar ás hoſtilidades. Noticiado Affonſo d'Albuquerque por Coge Bequi, e pelo Feitor de Calecut, deo aviſo a Franciſco; e tendo o Rei de Cochim noticia de tudo pelas ſuas eſpias, ante-

ven-

Ann. de J. C. 1503. D. Manoel Rei

vendo que toda eſta borraſca viria
bentar ſobre elle, applicou todos
meios para a deſvanecer; mas inu
mente. He verdade que Franciſco p
metteo a ElRei deixar-lhe tropas, q
o defendeſſem, e com effeito lhe d
xou 50 homens na Fortaleza de Sa
Iago. Deixou-lhe mais hum navio,
duas caravelas com outros cem h
mens, capitaneados por Duarte P
checo, o qual, depois de ſe havere
eſcuſado todos os mais Capitaens,
ſacrificou neſta occaſiaõ pela gloria
Deos, e honra da ſua naçaõ; e co
effeito o ſacrificio era tal, que Fra
ciſco de Albuquerque, e os de ma
Capitaens, que ponderavaõ quaõ mi
guado era o ſoccorro, já olhavaõ p
ra Pacheco, e os que comſigo tinh
como homens perdidos, cujas alm
ſe podiaõ d'antemaõ encommendar
Deos, como ſe foſſem já defuntos. Co
tudo embaraçando-ſe pouco com o q
ſuccederia, ſe fizeraõ á vela para Po
tugal, tendo primeiro pedido ao S
morim os Portuguezes, que lhes r
tinha em Calecut, bem que anteviſſe
que lhos naõ entregaria.

Confeſſo, que eſte comportamen
to dos Albuquerques parece que ca
ſaõ eſpanto, e poem mancha na ſu
glo-

loria: o que poderia deſculpar Affon-
o, he que dos ſeus Commentarios pa-
ece, que elle teve algumas diſcordias
om ſeu primo, que fazendo as ve-
es de primeiro General, ſe havia
om muita altivez, aconſelhava-ſe pou-
as vezes com elle, e até affectava
ominalo. Por outra parte parece que
ffonſo tinha regimento de eſtar ás
rdens de Franciſco, no que reſpei-
ava á vinda: como quer que foſſe
ffonſo partio primeiro, e chegou a
6 de Julho de 1504 a Lisboa, onde
oi bem recebido delRei, a quem fez
reſente de dois formoſos cavallos
'erſas, os primeiros, que paſſárao a
'ortugal, e de algumas *Arrantas*, ou
nedidas de perolas de preço, e outra
nais conſideravel de ſemente de pe-
olas. Franciſco correo a meſma ſorte
os Sodrés, cujo ruim exemplo tinha
mitado Nicoláo Coelho, e elles ſe
erderaõ, ſem que jámais ſe ſoubeſſe
nde, nem como. Pedro de Attaide
utro Capitaõ, que vinha na ſua con-
erva, deo na Coſta de Ethiopia ſu-
erior; (*) mas ſalvou-ſe a gente,
depois de muitos trabalhos paſſaraõ
uns a Moçambique, e outros foraõ
Melinde.

Ann. de J. C. 1503.

D. Manoel Rei

(*) *Nos baixos de S. Lazaro.*

Duarte Pacheco, que acompanhá-

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

ra os Albuquerques em Coulaõ , Calecut , deo pressa em voltar a Cochim , logo que elles se fizeraõ á vela. Achou o Rei de Cochim muit esmorecido com hum falso rumor , qu os Mouros tinhaõ maliciosamente es palhado , tendo capacitado este Prin cipe de que vendo Pacheco as pou cas forças , e a impossibilidade de fa zer cara a tamanha potencia dos ini migos , tencionava acolher-se a Cou laõ , ou Cananor com todos os Por tuguezes , e que quando elle menos cuidasse o desampararia indefeso , fei to alvo de todo o odio do Samorim sem que elle podesse esquivar-se ao tristes effeitos da indignaçaõ daquel le , visto que tanto os seus perfido aliados , como seus mesmos vassallo se dispunhaõ a desamparalo. Trimum pára , em quem estes discursos tinhaõ feito grande abalo, naõ pôde conter-se , que naõ fallasse a Pacheco , e lhe mostrasse a sua suspeita. Pacheco naturalmente aspero , e que via quanto esta desconfiança offendia a sua honra , e melindre, se agastou taõ furiosa , e vivamente , que perdeo o respeito devido á Magestade , de sorte , que o Rei soçobrou hum pouco , porém como este Principe tinha pruden-

cia ,

cia, fazendo difto mefmo conceito da
finceridade de Pacheco, e do feu va-
lor, de que já tinha provas abonadas,
ficou inteiramente confolado. Pache-
co abrandando depois lhe deo taõ boas
razoens para acabar de o perfuadir,
acompanhadas de perfuafoens taõ ef-
ficazes, e taõ cheias de confiança, e
prefumpçaõ, que ElRei efteve por tu-
do quanto elle quiz, e por feu Con-
felho mandou a todos feus vaffallos,
que lhe obedeceffem como a elle pro-
prio, prohibindo com pena de vida,
que ninguem fahiffe dos feus Eftados.

Depois difto chamou Duarte a fua
cafa os principaes Negociantes Mou-
ros de Cochim; congregados elles, lhes
fez huma falla cheia ao principio de
muitos elogios, e cumprimentos., Lou-
,, vou-lhes o zelo, e o feu antigo amor
,, ao Eftado, moftrou-lhes depois com
,, todo o encarecimento a tençaõ com
,, que elles, e todos os Portuguezes
,, eftavaõ de derramarem até a ultima
,, pinga de fangue em defenfaõ dos feus
,, bens, e vida; mas ao mefmo tempo
,, lhes moftrou quaõ vergonhofo, e per-
,, judicial feria defampararem elles a pa-
,, tria, as familias, as cafas fem mais
,, fundamento do que o de hum terror
,, panico, rematando em fim, que fe

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

,, entre elles havia algum taõ covard
,, que quizeſſe ſeguir eſte partido, ſe e
,, le ou vieſſe a preſumir ſimilhante d
,, ſignio de fugirem, ou lhe cahiſſem n
,, maõs hindo em fuga, os mandar
,, ſem falta enforcar.,, O ſemblante
lhe inflamava á proporçaõ, que hia di
correndo, mas eſtas ultimas ameaç
foraõ proferidas com tal vehemenci
e colera, que aquelles pobres infel
ces ſe affiguravaõ já com a corda
peſcoço, e ſe lhe lançaraõ aos p
proteſtando a ſua fidelidade para co
os Reis de Portugal, e Cochim, p
quem eſtavaõ promptos a ſacrificar t
do. Duarte, com o meſmo eſpirit
de politica, que o incitára a falla
lhes, affectando naõ os ouvir, ſe le
vantou de repente, e voltando-lhes
coſtas, ſahio a fim de lhes inſpirar mai
terror.

Como as palavras nunca tem tan
ta efficacia como as obras, mando
fazer huma exacta ronda de dia,
noite, deſejando, e buſcando occaſia
de verificar as ameaças, que fizera,
fim de os intimidar mais com algun
lanço de vigor; porém como ninguen
ſe afoutava a ſahir pelo grande te
mor, que tinhaõ delle, recorreo a hum
eſtrategema, que ſortio o meſmo ef
feito.

feito. Encontrou a caſo alguns barcos de Indios peſcadores, e fingindo julgalos fugitivos deo ordem para ſerem enforcados. Derramada pela Cidade eſta noticia os mandou pedir ElRei, a quem elle reſpondeo altivo que a execuçaõ já eſtava feita, e que no caſo que naõ eſtiveſſe, elle os naõ entregaria: com effeito os mandou eſconder, e paſſado algum tempo os mandou entregar a ElRei em ſegredo. Eſte ardil lhe foi de proveito, e conteve todo o povo na ſua obrigaçaõ.

Para moſtrar por outra parte quaõ pouco medo tinha do Samorim, começou as hoſtilidades nas ſuas terras, e dos Caimaes ſeus confederados, entrando, e queimando cada dia já huma povoaçaõ, já outra; mas com taõ acceleradas correrias, com tal actividade, e ventura, que os meſmos Indios das ſuas tropas, que naõ podiaõ comprehender o como elle podia reſiſtir a tantas fadigas, nem vencer tanto, o temiaõ ſummamente dizendo delle que naõ era homem, mas demonio.

Chegados ao Samorim os clamores das continuas hoſtilidades, o obrigáraõ a naõ perder tempo em abrir a campanha: marchou a grande paſſo para Repelim acompanhado de muitos

Reis

ANN. de J. C. 1504. D. MANOEL REI

Reis feus tributarios, e de 50$ h
mens, de que fe compunha o f
exercito por mar, e terra, refolu
entrar a Ilha de Cochim pelo váo
Cambalam. Por extremado que fo
o valor de Pacheco, conheceo melhor
que ninguem, que era quafi impoffiv
refiftir contra taõ grande numero de in
migos fó com 150 homens, em que
unicamente podia confiar, e que e
neceffario repartir. Todavia, como mu
tas vezes da neceffidade fe tiraõ fo
ças, e de hum genero de defefper
çaõ, mandou-os juntar, e lhes repr
fentou taõ vivamente as circumftar
cias, em que fe achávaõ, apertan
do-os igualmente, ou de indifpenfave
obrigaçaõ, ou de empenharem as ul
timas forças em defeza dos feus bens
liberdade, e vida, e honra da fu
naçaõ, ou de acabarem fem honra
que excitados, e como alheados d
vehemencia do difcurfo fe abraçara
mutuamente, obrigando-fe todos com
os mais fagrados juramentos, primei-
ro a ordenarem a fua confciencia,
fortalecendo-fe com os Sacramentos,
e de antes morrerem do que defam-
pararem huns aos outros, recuarem,
ou darem o mais leve indicio de te-
mor.

Sa-

Satisfeito elle da nobre emula-
aõ, que divisava em todos os dest-
nidos soldados, que capitaneava, os
epartio pelo modo seguinte. Pôz na
Fortaleza de Cochim 39 homens ca-
itaneados pelo Feitor Aíres Correa,
njusto, e imprudente auctor desta
guerra. Entregou 25 a Diogo Perei-
a, Capitaõ do navio, que deixou
le guarda á Cidade: huma das suas
aravelas, que necessitava ser crena-
la, ficou no estalleiro sem servir: o
esto dos soldados repartio pela cu-
ra, e por dois bateis, em hum dos
quaes hia elle, para com este debil
occorro hir para o váo de Camba-
am, que emprehendeo defender. An-
es de partir se foi despedir delRei,
que lhe entregou 500 Naires, com-
mandados por dois Caimaes, a quem
acompanhou o Thesoureiro das suas
fendas. A affectada segurança de Pa-
checo naõ consolou este Principe, que
ao despedir-se delle naõ pôde enfrear
as lagrimas, persuadido de que elle se
hia aventurar a morrer infallivelmen-
te, comparando as suas acanhadas
forças com a multidaõ sem conto de
seus inimigos.

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Chegado á passagem do váo,
pôz logo Pacheco em fugida 800 Nai-
res,

Ann. de J. C. 1504.
D. Manoel Rei

res, que lhe quizeraõ diſputar o d
ſembarque: lançou depois ancora n
meſma paſſagem, de ſorte que a car
vela, e os dois bateis quaſi a imp
diaõ toda, amarrados huns aos outr
com groſſos cabos, e com cadêas d
ferro, que difficilmente ſe podeſſe
cortar.

No meſmo dia chegou o exe
cito inimigo, e na ſeguinte noite man
dou o Samorim, por conſelho do
dois Chriſtaõs transfugas, armar hun
cavalleiro á borda do mar, e aſſenta
huma bateria. No ſeguinte dia, qu
era Domingo de Ramos, dia aponta
do pelos ſeus feiticeiros, como di
feliz, e deciſivo, ſe moveraõ os ini
migos para batalharem ao romper d
dia: eſtava a terra cuberta de tropas
que deviaõ forçar a paſſagem, com
mandadas pelo Samorim em peſſoa
a frota vinha mandada por Naubea
darim, e pelo Caimal de Repelim ſeu
Tenente, e tomava todo o eſteiro
compondo-ſe de 150 vaſos de remo
de diverſas eſpecies, a ſaber de 76
paráos com ſuas arrombadas, e cada
hum com duas peças pequenas de artilhe-
ria, vinte e ſinco frecheiros, e ſinco
arcabuzeiros; ſincoenta e quatro catu-
res, e trinta tones, que cada hum
ti-

tinha huma peça de artilheria, de feis foldados differentemente armados. A' vifta defta multidaõ de inimigos, o brilhar das armas, o fom dos inftrumentos, a fua algazarra affim amedrentaraõ os Naires do Rei de Cochim, que fe puzeraõ a fugir; e nem hum fó dos vaffallos defte Rei fez cara, menos os dois Thefoureiros, que, como eftavaõ na caravela, foraõ retidos a feu pezar pelos Portuguezes, que da fua parte moftravaõ o maior animo, que podiaõ correfpondendo á vozería do exercito inimigo.

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Romperaõ o ataque vinte paráos encadeados, e armados de ganchos de ferro para atracar a caravela; por algum tempo fe pelejou quafi ás efcuras por tolherem o dia huma nuvem de fettas, que entaõ fe tiravaõ, e o fumo da artilheria, e como os inimigos eftavaõ taõ apinhados, que fenaõ podiaõ revolver, era maior o eftrago entre elles, do que entre os Portuguezes, que naõ deixaraõ de padecer algum tempo feu incommodo da artilheria dos paráos; mas mandando Pacheco difparar a tempo dois tiros mais groffos, meteo no fundo quatro, e quebrando a cadêa pôz os outros em fugida. Succedendo a fegunda linha

de

Ann. de J. C. 1504. D. Mamoel Rei

de paráos á primeira, meteo mais 2
delles no fundo, desarmou treze,
o resto lhe fugio. Passando o Caima
de Repelim, que regia a terceira l
nha, a occupar o lugar dos outros, f
meteo então no váo o exercito in
migo. Então começou o combate
ser mais arriscado, por vir o ataqu
de duas partes, e tornar a começa
com maior furia, e durou até à noi
te, tendo os inimigos, cujo anim
começou a esmorecer, muito máo suc
cesso; por quanto os ultimos paráos f
não quizerão chegar de mui perto a
combate, e forão obrigados a reco
lher-se com perda de 1500 homens, sen
que os Portuguezes, que sempre attri
buem os bons successos mais a mila
gre, do que ao seu valor, tivessen
mais do que alguns poucos feridos.

O Samorim bem que já descon
fiado desta primeira desgraça, todavi
alentado pelos seus feiticeiros, qu
lhe prometterão melhor successo n
dia de Pascoa, assentou experimen
tar neste dia novo ataque: engros
sou a frota do mar: era ella de
cem paráos, cem catures, e oiten
ta tones, com 380 peças d' artilhe
ria, e 15ↀ homens. Repartio-a em
dois corpos, hum dos quaes devia hi

aco-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

acometer o navio, que tinha ficado em defeza da Cidade, em quanto o outro emboſcado no Rio de Repelim havia de paſſar o váo, em quanto o General andava auſente, que ante-via naõ faltaria em acodir a defender o navio. Pacheco tinha noticia do dia do ataque pelas eſpias, que trazia; mas naõ ſabia o ardil, e eſtando preparado para defender o váo, ficou eſpantado de naõ ver nada; quando lhe chegou hum recado do Rei de Cochim, aviſando-o do riſco, em que eſtava o ſeu navio. Das duas caravelas, que já eſtavaõ para combater deixou huma, e hum dos bateis em guarda da paſſagem, pelo que podia ſucceder; e com outra caravela, e batel correo a ſoccorrer o navio, ajudado da enchente, e do terreno, que era a favor: a ſua preſença deſordenou os inimigos, ſem que toda a diligencia dos ſeus Generaes os podeſſe deter, e como lhes naõ podia ſeguir o alcance, proſeguia o caminho para o navio, quando os tiros de artilheria dos que metiaõ, e defendiaõ a paſſagem do váo, lhe deo aviſo: por ventura mudara o vento com a maré, e em poucas horas chegou ao combate, a tempo que já a caravela eſta-

va

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

va arrombada á flor d'agua, e a
tilheria lhe tinha arrombado todos
bordos, como tambem do batel: a
dava a briga grandemente aceza
huma, e outra parte, e os Portugu
zes já naõ podiaõ de cançados; m
causando a chegada do General igu
temor neste novo ataque, que n
primeiro, vendo-se os inimigos ac
metidos pelo flanco, só trataraõ
fugir, deixando perdidos perto de 30
homens, e 19 paráos, que os Po
tuguezes queimaraõ, sem terem ma
perda, menos algum pequeno dano
e feridas de pouca conta, do que
grande trabalho deste dia.

A indignaçaõ do Samorim naõ lh
deixou esperar mais tempo para da
outro combate, que para o dia se
guinte; o General, que por hum Bra
mane teve disto aviso, mandou ao
seus que se apparelhassem, e que dei
xassem chegar os inimigos o mai
que podessem, sem fazerem motim
O silencio lhes deo animo: vieraõ em
grande numero e quasi desordenados
e apenas estavaõ a tiro, feito o sina
pelo General, desparou toda a attilhe
ria, e mosqueteria taõ viva, e felizmen
te, que lhes cortou de todo o ani
mo. Por mais diligencias, que po

va-

Ann. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

arias vezes fizeſſem pelos torna-
em a trazer ao combate, o Nau-
eadarim, e o Caimal de Repe-
m envergonhados das injurias,
eprehenſoens, e opprobrios, com
ue os tratou o Samorim, nunca
uizeraõ tornar a fazer roſto aos Por-
uguezes, e eſtiveraõ ſempre afaſ-
ados até ao fim do combate, que
arou em vergonhoſa fuga, e perda
e mais de 20 paráos, e perto de
oo homens.

A afflicçaõ, que cauſou ao Samo-
im taõ vergonhoſa retirada, o obrigou
deixar a empreſa de nunca mais
cometer eſta paſſagem, em que tinha
eimado por vaidade. Sem demora le-
antou o campo, e bagagens, e ſe
etirou com precepitaçaõ. Pacheco lhe
eguio a retaguarda, e no meſmo dia
ueimou dois Pagodes, huma pequena
ovoaçaõ, e desfez hum corpo de tro-
as. Por mais cançados que os Por-
uguezes eſtiveſſem, o General naõ lhes
eixava tomar deſcanço, por naõ dar
empo ao inimigo de reſpitar, e co-
no tinha a tempo noticia de todas
s reſoluçoens, como aquelles ata-
ues eraõ ſempre determinados pela
uperſtiçaõ, e pela fatua eſcolha de
lias fauſtos, e infauſtos, aproveitava-
ſe

Ann. de J. C. 1504.
D. Manoel Rei

ſe de todos os intervallos, e ſempre encontravaõ, onde menos o eſpera-vaõ: já queimava huma aldêa, já car-regava ſobre hum deſtacamento da fro-ta, já cahia ſobre hum quartel, ſem-pre hia ſeguro, e nunca ſe recolhi- ſem effeito, e ſem ter tido algum ſuc-ceſſo conſideravel.

O Samorim eſtava taõ raivoſo que por mais vergonhoſo, que julgaſ-ſe deixar huma empreza começad- com tamanha deſpeſa, e eſtrondo, com taõ numeroſo exercito, contra ta- poucos ſoldados, ſem que a podeſſ- levar ao fim, teria pedido, e ajuſtad- a paz, como propôz no ſeu Conſelho ſe o naõ deſviaſſem diſſo o Caima de Repelim, e os Bramanes, dando-lhe eſperanças de melhor ſucceſſo, ten-tando a paſſagem por Palinhard, e Pa-lurd, por onde paſſára a primeir- vez, que entrou em Cochim.

Reſolvido pois a eſta nova tentati-va, conduzio o ſeu campo. Pachec- pelos aviſos que tinha, e caminho qu- levava o Samorim, aſſentava que ell- ſe recolhia a Calecut; mas melhor informado depois da ſua marcha, e ſabendo que já algumas tropas deſta-cadas tinhaõ entrado na Ilha de Araul, onde cortavaõ ramos de arvores, o que en-

Ann. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

ıtre os Indiòs ſe tem como ſinal de
ctoria, accodio alli, e carregou ſo-
e elles com tal rapidez, que os pôz
n fugida, encravou-lhe a artilheria,
ıe já eſtava em bateria, e mandou
rtar as arvores, que havia na ponta
ı Ilha.

Os dois váos de Palinhard, e Pa-
rd, diſtantes meia legoa hum do ou-
), davaõ aos Portuguezes o commo-
ı de ſe naõ poderem paſſar ambos no
eſmo tempo: o primeiro naõ ſe po-
a paſſar pela infanteria, ſenaõ na va-
.nte, e ainda entaõ com muito cuſ-
pela altura do lodo, e baſta eſta-
da, que havia da outra banda: o ſe-
ındo dava paſſagem em barcos na
rea-mar, mas naõ podia abſolutamen-
paſſar-ſe vazando a maré: Pacheco,
ıe tinha reparado neſtas circumſtan-
as, vio que podia accodir à defende-
s ambas; e tendo pôſto as duas ca-
velas na paſſagem de Palurd bem
ıcoradas, e ligadas humas a outras
ım cadêas de ferro, andava ao tom
ı maré nos dois bateis bem artilha-
ɔs, de ſorte que chegava a Palinhard
ɔ fim da vazante, e com a maré vol-
.va ao paſſo de Palurt. Neſte tra-
ılho continuou ſem deſcançar de noi-
:, e de dia, fizeſſe o tempo, que
fizeſ-

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

fizeſſe, em quanto teve inimigos,
que ſe defender. Naõ lhe deraõ eſ
muito tempo, pois o acometeraõ no p
meiro dia de Maio com hum exerci
taõ numeroſo como o primeiro, m
com igual ſucceſſo, e deshonra,
cançando os Portuguezes quarta v
delles victoria.

A peſte, que por eſte tempo l
vrava com grande eſtrago pelo exe
cito do Samorim, o obrigou a retira
ſe por algum tempo, e deo lugar
General de eſpalmar os navios, junt
muniçoens de guerra, e boca, e fo
tificar as paſſagens. No que dava v
á gente de pé, mandou meter eſtaca
e outras invençoens com pontas
ferro, mas encravando-ſe eſtas dem
ziado no lodo, mandou meter eſtac
aguçadas de madeira dura, que a ſe
tempo fizeraõ bom effeito: depois fo
tificou o váo, metendo huma eſtacad
por todo o Rio, de huma paſſagem
outra, que era guardada pelos Naire
capitaneados pelo Principe de Cochi
em peſſoa.

Mitigada algum tanto a peſte
tendo os feiticeiros eſcolhido o dia pa
ra a paſſagem do váo de Palinhard
mandou o Samorim avançar as tropa
neſta ordem. Marchavaõ diante 3
Nai-

laires de guarda á artilheria, que raõ 30 peças montadas em carretas. eguia-se immediatamente a vanguar- a, que constava de 12ȡ homens, n que entrávaõ 200 archeiros, e trin- i espingardeiros, capitaneados pelo rincipe Naubeadarim. O Caimal de .epelim dava as ordens ao corpo da atalha, que constava de outro igual umero de tropas. Fechava a mar- ıa o Samorim com a retaguarda, ue se compunha de 15ȡ homens, os quaes haviaõ 400 armados de ma- hados para cortarem as estacas. Ti- ha Pacheco para fazer rosto a todo ste exercito somente quarenta homens m dois bateis, e em cada hum del- ɜs seis pedreiros, dois falconetes, e utra peça de maior calibre. Aguardou, ɜm fazer movimento, que a arti- ıeria inimiga se ordenasse, e começas- ɜ a disparar; e chegando entaõ os seus ois navios mandou laborar a sua com ınto vigor, que forçou os inimigos retrocederem até hum palmar, do ual ainda algum tempo teimaraõ m atirar sobre elle: no emtanto hegou Naubeadarim com a vanguar- a, e com grande resoluçaõ entrou no áo, onde foi recebido com muito alor da parte dos Portuguezes, que

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

descarregaraõ sobre elle muitos ti
de artilheria, mosquetes, e granad
A novidade destas pôz em grande des
ranjo, e causou grande temor nos i
migos, cujo animo se quebrantou
gum tanto. Pacheco, que receava q
o seu batel naõ ficasse em seco no
do, se vio precisado a mandar adiant
Christovaõ Jusarte, Capitaõ do segu
do batel, que era mais pequeno, a f
de occupar a entrada, ao mesmo te
po, que elle se retirou hum pouco p
ra o defender, esperando pela mar
que naõ podia tardar, para se hir i
corporar com elle.

Este movimento naõ diminuio n
da da acçaõ dos Portuguezes. Ao me
mo tempo os Naires de Cochim, q
estavaõ defendendo a estacada, fug
raõ por traiçaõ de hum Caimal, p
rente de Trimumpára, que tendo de
xado o partido deste Principe para s
guir o do Samorim, tinha de nov
passado deste a congregar-se com o d
Cochim, a quem ainda era traido
Estava ausente o Principe de Cochim
que havia de commandar estas tropas
nem tinha noticia do combate: o Ge
neral o mandou noticiar por hum Br
mane, mas o perfido Bramane lh
naõ deo noticia, senaõ qnando de

por

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

por acabada a acçaõ. Juſarte que notou a deſerçaõ dos Naires, clamou a Pacheco para o noticiar della, mas o eſtrondo da artilheria, e a vozeria dos ſoldados era tamanha, que o General o naõ ouvio.

As mais tropas ſe tinhaõ incorporado ao exercito, e tudo carregava ao meſmo tempo: o Samorim aventurando a peſſoa, como qualquer ſoldado raſo, animava os ſeus com os geſtos, e com palavras: conhecendo-o Pacheco pelas inſignias Reaes, mandou atirar-lhe com hum falcaõ, que matou dois Naires, que o acompanhavaõ. O Samorim naõ fez mais do que afaſtar-ſe hum pouco, ſem deixar de exhortar Naubeadarim, e o Caimal de Repelim, que alentaſſem as gentes, antes que a maré ſubiſſe: eſtes incitavaõ os ſoldados ás pranchadas, e com effeito ſe meteraõ aſſás pelo váo; mas dando com as pontas das eſtacas, entaõ encravados nellas com dor, e incommodados por outra parte do fogo dos bateis, ſe converteo tudo em clamores, e gemidos de gentes, que acurvavaõ huns ſobre os outros, e que naõ podendo retroceder, como queriaõ, ficavaõ muito mais atolados na vaſa, onde muitos acabavaõ afogados.

O ii Até

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Até efte tempo tudo hia a be
dos Portuguezes ; mas cortada a e
tacada , que ficára fem guarniçaõ
e de que o General naõ dera tinc
fe vio em hum inftante quafi cerc
do. Já o inimigo lhe prendia os r
mos dos bateis, fem que elle pude
fe manobrar. Entaõ conheceo o ri
co , e vendo-fe perdido, accodio a De
de todo o coraçaõ , que lhe valeffe
parece que a maré accodio a ponto
feu rogo, e com effeito foi o m
mento decifivo. A' medida que a ag
crefcia, fe defembaraçaraõ os Portugu
zes, e os inimigos pelo contrario
viraõ forçados a ceder; de forte q
vindo a fer impoffivel a paffagem ,
vio o Samorim obrigado a tocar
recolher , e levar as tropas ao can
po , tendo perdido mais gente nef
acçaõ, do que em nenhuma das pr
cedentes. A fua mefma peffoa co
reo maior rifco nefta retirada : Diog
Rafael , que o conheceo, e era Capita
de huma caravela do paffo de Palurd
lhe apontou huma peça , que defp
rando matou tres peffoas das ma
principaes da fua Corte, taõ vizinha
á fua peffoa , que ficou falpicado d
feu fangue, e fe vio obrigado a def
cer do palanquim , e falvar-fe á pé

Au-

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Augmentava-se a indignação no [a]nimo deste Principe com as suas des[d]itas: e enfastiado da falta de atten[ç]aõ, com que o trataraõ fazendo-lhe [a]ontaria, agoniado com a perda de [t]antas batalhas, accusaõ-no de que [t]omasse por expediente huma traiçaõ, [e] ardil, vendo sempre infructifera a [f]orça declarada. Dizem que abraçan[d]o o parecer do Caimal de Repelim, [e]spalhou varios assassinos pelo campo, [a] fim de matarem o General Portu[g]uez, e que se valeo de outros, que [d]eitassem veneno nas aguas dos po[ç]os, e fontes; e que tinha trama[d]o outra conspiraçaõ para queimar o [n]avio, e a Cidade de Cochim. O Ge[n]eral, que era informado de todos es[t]es conselhos verdadeiros, ou fingi[d]os, e talvez armados para intimidar, [a]ffectou desprezalos, e naõ deixou de tomar com segredo todo o resguardo para os atalhar, e querendo conse-quentemente pagar ao inimigo, e in-timidalo, lançou voz de ter feito cer-to desenho, e de huma maquina em que trabalhava, em que era infallivel cahir o Samorim em pessoa. Toda esta maquina se reduzia a fortificar a passagem do váo, em que abrio pro-fundos vallos, e fazer hum reducto,

no

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

no qual armou huma eſpecie de forca, em que na India coſtumaõ juſtiçar o povo baixo. Perguntado pelos Naires de Cochim para que ſervia, reſpondeo friamente, que era para alli enforcar o Samorim, cuja reſpoſta aſſim os aſſombrou, que naõ ouſaraõ replicar-lhe; mas o Samorim ſe intimidou por tal maneira, que immediatamente mandou duas peſſoas propor a paz, ſem dar diſſo conta a ninguem mais do que ao Principe Naubeadarim ſeu ſobrinho, que ſuſpirava por ella. Naõ a deſejava menos o General, mas como os Deputados particulares naõ moſtravaõ plenos poderes, e tratavaõ o negocio como da ſua parte, e em nome particular, inculcou o General fazer pouco caſo delles, e reſpondeo, que ſe o Samorim lha requereſſe, entaõ veria o que devia reſponder.

Eſta tranquilla altivez, e apparente deſprezo, ajudado aliàs do bom ſucceſſo das continuadas correrias, ſempre naõ eſperadas, acabaraõ de deſalentar o Samorim, e lhe augmentaraõ o terror; e naõ tendo mais eſperanças de paz, aſſentou experimentar outra vez o ſucceſſo da guerra, já com menos cuſto, pelo

per-

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

erſuadirem do bom exito de certas
naquinas, cujo deſenho era da inven-
aõ de hum engenheiro Arabe, com
fim de queimar com ellas as náos
os Portuguezes. Conſtavaõ eſtas ma-
uinas de oito caſtellos de madeira,
oſto cada hum ſobre dois paráos
marrados hum ao outro, e podiaõ
ſtar nelles dez arcabuzeiros, que fi-
ando mais altos, do que os navios,
ſtavaõ ſobranceiros á ponte, e com-
áter com vantajem. Pacheco, que te-
e informaçoens deſtas maquinas, ſe
pparelhou para lhes reſiſtir, e para
ſto juntou ambas as caravelas huma
outra com a poppa em terra, ſobre
ageiras para alargarem, a fim de que os
araós inimigos naõ lhes pudeſſem che-
ar na acçaõ: fez em cada huma
ellas hum caſtello de proa ſobre os
gurupezes com meios maſtros, onde po-
diaõ eſtar ſeis homens em cada hum;
e a fim de deſviar de ſi os caſtellos
dos inimigos, fez diante em conveni-
ente diſtancia huma ponte de oitenta
maſtros de oito braças quadrada, bem
ſegura com ſeis ancoras grandes com
cadêas de ferro.

Eſcolhido para eſte grande com-
bate o dia da Aſcençaõ, marcharaõ
o exercito de terra, e a frota ao
rom-

ANN. de J. C. 1504. D. MANOEL REI

romper do dia. A primeira devia ten-
tar a paſſagem do váo de Palinhard
ao meſmo tempo que a frota comb-
teſſe com as caravelas na paſſage
de Palurd, onde deviaõ pôr o maio
empenho. Levavaõ a ordem ſeguinte
vinha diante grande quantidade c
balſas de fogo, que hiaõ ſobre jar
gadas, compoſtas de toda a caſta c
materias combuſtiveis, que acezas
e ſendo largadas contra os navios, de
viaõ ſer levadas pela corrente. Se
guia-ſe a frota diſpoſta em tres l
nhas. Compunha-ſe a primeira de 2
paráos, parte ſoltos, parte prezo
huns aos outros : a ſegunda de cer
catures, e 80 tones; e detraz d
tudo vinhaõ as oito maquinas, a quen
prometiaõ taõ grande effeito, mas to
das eſtas eſperanças do inimigo para
raõ em nada, e todos os ſeus pro
jectos ſerviraõ de lhe cauſar maior per
da, e enchêlo de maior confuſaõ.

As fogueiras acezas ſoltas á va-
zante, e deſviadas pela ponta dos Por-
tuguezes, que fazia huma eſpecie de
eſporaõ, ſe gaſtaraõ baldadamente; e
bem fóra de ſortir o effeito, que os
inimigos ſe prometiaõ, embaraçavaõ
que a ſua frota pudeſſe paſſar ávan-
te em razaõ do ſeu fogo, ficando aſ-

ſim

im servindo de alvo todo o tempo, que durou o incendio, a hum grande fogo de artilheria dos Portuguezes mais forte, e bem manobrada, do que a dos Indios; de sorte que naõ perdia hum tiro, e o rio andava atulhado de mortos, e moribundos, e de estilhaços de embarcaçoens, metendo humas no fundo, e destroçando outras, de sorte que fugiaõ do combate, e augmentavaõ a confusaõ, e desordem.

Pelo que diz respeito ás grandes, e pesadas maquinas, como era trabalhoso o seu governo em razaõ dos dois lemes, que eraõ necessarios para o governo de cada huma dellas, embaraçando hum o effeito, do outro, sómente duas se puderaõ chegar taõ perto, que fizessem alguma coisa. Entaõ tornou a começar a briga com maior furor, e se susteve algum tempo, em que a fortuna balançeou a victoria com incerteza, mas mandando o General disparar alguns tiros com huma colubrina, a que chamaõ Camelo, as duas maquinas feitas em rachas tombaraõ para o mar com horrivel bulha, e perda de quantos nellas estavaõ.

Naõ teve o Samorim melhor suc-

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

ſucceſſo na paſſagem do váo de Pa
nhard. Aqui ſe defenderaõ com ſumm
valor Simaõ d'Andrade, e Chriſtov
Juſarte, que capitaneavaõ os bateis
de Lourenço Moreno, que regia
guns paráos dos Indios, e o Princi
de Cochim, que eſtava com os ſe
Naires de guarda da eſtacada ; a
que ſubindo a maré, reſolveo a fo
tuna deſte dia, o mais funeſto de t
dos para o Samorim, que naõ ſabe
do a que attribuir tantas deſgraças,
á falta de animo dos ſeus Generaes
e tropas, ou á impoſtura dos ſe
feiticeiros, que por tantas vezes o
nhaõ enganado, tendo algum temp
tenteado na ſua mente, ſe deixou lev
do deſgoſto, e levantou o campo e
dia de S. Joaõ para ſe retirar a Cal
cut. Dizem que perdêra neſta gue
ra, que durou quaſi ſinco mezes,
para 20∯ homens, parte delles
peſte, e parte acabando com as arma
Naõ ſe faz conta com a perda da a
tilheria, navios, e mais apparelhos
guerra.

Acompanharaõ ao Samorim a
Calecut hum tropel de deſgoſtos.
todo o inſtante lhe naõ ſahia da me
moria o eſpectaculo deſta Cidade chei
de dô, as queixas de ſeus habitado
res

s arruinados; a deserçaõ, e o desam-
ro dos Reis confederados, ou vassal-
s do Rei de Cochim, que todos, até
nesmo Caimal de Repelim, se tinhaõ
ngraçado com elle: a prosperidade
ste Principe vencedor, que puchava
si todo o commercio, e desfructava
ano a doce consolaçaõ de o haver
umilhado; a confiança do General
ortuguez, que vaidoso das suas vi-
orias se aproveitava da geral cons-
rnaçaõ, e ostentava ser sempre se-
nor; tudo isto lhe fez taõ profun-
a impressaõ, e o sepultára em taõ
ta melancolia, que deixando as re-
eas do governo, renunciou o Reino,
se retirou a hum *Turcol*, especie de
rmida, para alli passar o resto dos seus
as em penitencia, e servindo aos
us Deoses.

ANN. de J. C. 1504.

D. MANOEL REI

Naõ tardou em espalhar-se por
oda a India a noticia de taõ estron-
oso retiro, o que acabou de lhe es-
ragar os interesses; mas este recolhi-
nento naõ durou muito tempo; sua
Mãi, mulher de muito animo, e de
om entendimento, assim o estimulou
cerca da pusillanimidade de huma
evoçaõ vergonhosa pelo desgosto, e
ela fuga, e assim deo calor ao seu
esentimento com novo desejo de vin-
gan-

ANN. de J. C. 1504. D. MANOEL REI

gança, que o obrigou a ſahir da
e a tornar ao Throno.

Porém já naõ era tempo de
deſpicar. Era a eſte tempo cheg
com treze navios da ſua frota, e
guns outros, que ſe lhe achega
no caminho, Lopo Soares d'Alvar
ga, a quem o Rei de Portugal d
pachára eſte anno, pelas informaçoe
que lhe deo o Almirante. As nova
que Soares achou em Melinde, Mo
baça, e Cananor, das proezas, q
tinha obrado Pacheco, aſſim infu
raõ o ſeu animo, que ſe tornou ſu
mamente altivo, e deſprezádor. O S
morim, a quem a vinda do novo G
neral tinha abrandado muito, deſeja
anciosamente a paz, e tinha disfarç
damente ordenado, que ſe manda
a Cananor a comprimentalo, e ped
lhe a paz da parte dos Portuguez
cativos de Calecut, e principaes me
cadores deſta Cidade; mas Soares n
lhe quiz dar audiencia. Repetiraõ
diligencia preſenteando-o com refre
cos de toda a caſta, quando appar
ceo na barra de Calecut; mas el
ſe altanava cada vez mais com as ſu
miſſoens, e naõ quiz dar onvidos
propoſta alguma, ſem que primei
ſe lhe fizeſſe entrega dos Portugueze
cati-

tivos, e dos dois Chriſtaõs deſerto-
s. De boa vontade convinha o Sa-
orim na entrega dos primeiros, e com
o o deixava arbitro das mais condi-
ens do Tratado; mas naõ podia a-
bar comſigo entregar dois homens,
e por honra, e probidade era obri-
do a defender, huma vez que os ti-
a tomado ſob a ſua protecçaõ,
que o tinhaõ bem ſervido: cerra-
s hum, e outro neſte artigo, man-
u Soares varejar a Cidade por dois
as com horroroſo eſtrago: cahiraõ
uitos edificios, e acabaraõ mais de
00 peſſoas.

Devemos confeſſar, que eſta ac-
aõ he de ruim exemplo pela oppo-
çaõ eſcandaloſa de ver de huma par-
, antepor hum General Chriſtaõ, pa-
ſaciar a ſua paixaõ, e vaidade, os
cceſſos de huma guerra, á certa van-
jem da paz ſempre appetecivel, e
crificar as vidas dos vaſſallos do ſeu
rincipe, que deixava expoſtas a to-
o o furor dos ſeus inimigos, ſómen-
por carregar da ſua vingança uni-
mente dois homens, que, bem que
riminoſos, como naõ vaſſallos de Por-
gal, podiaõ diſpor de ſi; e de ou-
a parte hum Principe idolatra, offen-
ido nos ſeus meſmos Eſtados, ſacri-
ficar

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

ficar a vida, e o proprio Imperio
fim de desempenhar a palavra,
promettera; o qual se havia com
ta moderaçaõ, que sendo os outros
que primeiro quebraraõ a paz,
haviaõ jurado, o tratavaõ taõ n
bem fóra de sacrificar ao seu de
que aquelles mesmos, que já ti
em seu poder, póde dizer-se que
deixava em demaziada liberdade, p
que abusavaõ della, e estavaõ serv
do de espias nas suas terras todo
tempo, qne a guerra durou.

Soares partio para Cochim,
de foi recebido delRei com muitas
monstraçoens de amor, e este lhe
presentou Pacheco como seu Rede
ptor. O General agradeceo a e
Principe da parte delRei seu amo
constante amor, que tinha aos Portugu
zes, da generosidade, com que pers
tia na sua aliança, e se lhe offerec
servilo, pondo-se em termos de p
der cumprir o seu offerecimento.

A Cidade de Cranganor, de q
já fallamos, estava situada na Costa
Malabar, quatro legoas distante de C
chim, e povoada de muitas Naçoe
alli juntas, de varias Religioens, Id
latras, Mahometanas, Judeos, e Chri
taõs, e compunha com o seu ter

to

rio hum pequeno Eſtado regido por
odo de Republica, ſob a protecçaõ
Samorim, a quem pagava tributo
ra ſe defender dos ſeus vizinhos, e
ſtentar o ſeu commercio. Neſta ul-
na guerra ſe empenhou pelo ſeu
incipe por diligencia dos Mouros,
ie eraõ os mais poderoſos; e Co-
im tinha padecido gravemente com
ſua vizinhança. Agora corria a no-
ia de que o Samorim eſperando pe-
partida da frota Portugueza, que eſ-
va para cedo, apparelhava alli todos
apreſtes de guerra para recahir ſo-
e a Ilha de Cochim, onde eſpe-
va ter entrada pelo paſſo de Pali-
rt: que o Principe Naubeadarim jun-
va alli hum numeroſo exercito de
rra, e que outro Mouro por nome
laimane, homem habil nas coiſas do
ar, apparelhava a toda a preſſa huma
ota, e tinha já 80 paráos, e ſinco
íos groſſas.

Aſſentou-ſe o hir-lhes á maõ com a
aior preſteza, e ſegredo poſſivel: foi
em guardado o ſegredo: e mandan-
Soares apparelhar quinze bateis, 25
ıráos, e huma caravela, partio ao
nanhecer com 1000 Portuguezes, e
oo Naires, que ſe deviaõ incorpo-
r com mais oito centos, que o Prin-
cipe

Ann. de J. C. 1504.

D. Manoel Rei

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

cipe de Cochim mandara diante toma
o paſſo de Paliport. Com todo eſt
ſegredo, e diligencia ſempre dera
tempo aos inimigos para ſe pôrem er
defeza. Maimane os veio receber cor
duas náos groſſas encadeadas huma
outra, e bem providas de artilheria, qu
davaõ abrigo á frota. Os ſinco bateis
que levavaõ a dianteira dos Portugue
zes, encontraraõ com toda a reſoluçaõ
e por muito tempo ſe ſuſteve a bri
ga com ſummo alento de ambas a
partes. Maimane, e ſeus dois filhos
ſe defendiaõ com deſeſperaçaõ, e aca
baraõ como valentes. Tomados eſte
dois navios, a pouco cuſto ſe derramou
o reſtante da frota: entaõ fez o Ge
neral ſinal para pôrem o peito em ter
ra, a que Naubeadarim accodio, oppon
do-ſe com os ſeus ſoldados: foi renhi
do, e ſanguinolento o combate, mas
finalmente ſendo obrigado a ceder, e
levado pelos ſeus na fuga, tornou
Naubeadarim a entrar em Cranganor
por huma porta, para ſahir pela ou-
tra. Foraõ-lhe os Portuguezes no al-
cance pela Cidade, em que paſſaraõ
tudo a ferro, e fogo. Mandára o Ge-
neral, que ſe attendeſſe ás Igrejas, e
caſas dos Chriſtaõs, que tinhaõ vindo
implorar a ſua protecçaõ; porém como
qua-

quafi todas as cafas faõ de madeira, cubertas de cana, ou de ola, naõ fe póde evitar que muitas dellas fe abrazaffem com as outras.

Anno de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Nefte tempo teve o Samorim mais outros dois golpes de parte d'onde menos os efperava, direi o motivo. O Rei de Tanor, que era valente homem, e affás poderofo em dominio, tinha fido defapoffado pouco a pouco pelo Samorim, que lhe tinha fómente deixado Panane, e Tanor. Levou ifto com paciencia, como he ordinario nos Principes de pequenos Eftados, que fe vem obrigados a ceder a Potencia maior. Em quanto durara a ultima guerra, tinha elle fervido o Samorim com o maior zelo, efperando que os feus ferviços o defenganaffem, e incitaffem a fazer-lhe juftiça; mas o Samorim bem fóra de attender a iffo, tencionava invadir-lhe o reftante das praças, por ficarem com commodidade para poder continuar a guerra contra El-Rei de Cochim. Refentio-fe o Rei de Tanor, e refolveo tirar a mafcara: deputou menfageiros ao General Portuguez, pedindo-lhe foccorro; mas antes que elle lhe chegaffe, deo no Samorim dois golpes mortaes, e decifivos com fumma celerida-

ANN. de J. C. 1504. D. MANOEL REI

de; por que tendo noticia que est
Principe marchava com 10⸙ homen
a incorporar-se com as tropas, que ti
nha em Cranganor, o foi esperar em
hum desfiladeiro, e o destruira total
mente, matando-lhe 2⸙ homens; e re
cahindo depois sobre Naubeadarim
de quem tinha informaçaõ que hia des
troçado, lhe cahio em sima inopinada
mente, e o acabou de derrotar de to
do, e espalhar os miseraveis resto
do seu fugitivo exercito.

Pouco estorvo causara a guerra no
commercio dos Portuguezes. Pacheco
era hum homem, que accodia a tudo,
assim tinha disposto as coisas, que nin-
guem pudesse tomar carga, sem que
primeiro estivessem providos os arma-
zens delRei de Portugal. Se achava al-
guem carregando com fraude, era con-
fiscado, e tomada a fazenda com sum-
mo rigor, de sorte que quando Soares
chegou á India, achou a carga prompta,
e summamente rica. Pelo que naõ ten-
do este General mais em que cuidar,
se despedio delRei de Cochim, a
quem deixou Manoel Telles Barreto
com quatro velas para defensaõ das
suas terras, e andar de guarda-costa
na India. Bem desejava este Princi-
pe conservar Pacheco; mas o General
nun-

ınca quiz convir niſſo, e Pacheco i forçado a embarcar.

Ann. de J. C. 1504. D. Manoel Rei

Soares tinha ainda que concluir ıma grande facçaõ primeiro que ſe ;eſſe ao largo, para ſe recolher á Euro-.. Tinha noticia que em Pandarane ſtavaõ 17 grandes náos de Mouros :amente carregadas, que aguardavaõ ɔr vento para ſe fazerem á vela para mar Roxo. Tendo aſſentado queima-s, para que a facçaõ ſe lhe naõ uſtaſſe, naõ quiz dar parte ao Rei de ochim, e fingio que naõ era a ſua nçaõ mais do que dar huma viſta a ananor, e ſe pôz no mar com toda a ota, levando de companhia as velas, ıe deixava na India.

Apenas eſtava na altura de Pan-ırane, lhe ſahiraõ vinte paráos inimi-ɔs bem artilhados, que vinhaõ eſpia-, ; e vendo as caravelas, que vinhaõ iante, e que navegavaõ pouco por ſcaſſear o vento, as acometeraõ com rande reſoluçaõ ; mas accodindo a ota, que vinha atrás, ſe recolheraõ a ɔda a preſſa. As dezaſete náos dos Iouros eſtavaõ em huma eſpecie de ahia prezas humas a outras, com a oppa em terra, e a proa armada de rtilheria, com quatro mil homens m ſua guarda. A bahia eſtava am-

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

parada de hum recife , em cuja po
ta havia hum reducto , com huma b
bateria : os navios Portuguezes naõ t
nhaõ fundo para ſe chegarem a terr
por eſtarem muito carregados ; e
General embarcou com a flor da ſua m
licia em quinze bateis , e vendo q
as caravelas podiaõ entrar , as levou
reboque. Toda a difficuldade eſta
em paſſar o recife : a bateria junta co
as dos navios eſtorvaraõ muito , e
durara mais , voltariaõ os Portuguez
deſairoſos : tomando todavia anim
com a meſma grandeza do riſco , c
da hum dos Capitaens dos bateis i
veſtio , como ſe eſtiveſſem ajuſtados
a ſua náo. Triſtaõ da Silva foi o pr
meiro , que atracou , e ſubio ao navi
que afferrou ; todos os mais lhe ſ
guiraõ o exemplo , e entre todos
aſſinalou muito Pacheco , como ſem
pre fizera , pelejando entaõ corpo
corpo ; e os Mouros mal coſtumado
a terem roſto a ſimilhantes inimigos
ſe puzeraõ a fugir como poderaõ , de
ſamparando os navios , que foraõ prez
das chamas , porque os queimaraõ co
toda a fazenda por ordem do Gene
ral , que vaidoſo com eſta victoria fe
derrota para Portugal , onde chego
aos 22 de Julho de 1505 ; tendo ga
ta-

ado sómente quatorze mezes desde a ua partida de Lisboa até voltar a lla.

Ann. de J. C. 1505. D. Manoel Rei

Como era filho do Chanceller môr o Reino, foi recebido com grande listinçaõ, e assim o merecia: mas por grande que fosse a sua gloria, por nais honras, que lhe fizessem, tudo ra nada em comparaçaõ do espanto, om que se punhaõ os olhos em Paheco. Elle levava as attençoens de odos, qual David com as filhas de srael pela morte de Goliath. Naõ se artavaõ de o ver, nem de ouvir falar, e referir as pasmosas proezas dese homem, que era em si mesmo hum prodigio. ElRei, que foi hum daqueles, em quem fez maior impressaõ, mandou escrever relaçoens exactas, que remetteo ao Papa, e a todos os Principes da Europa. Depois o levou ao seu lado em procissaõ á Igreja Cathedral, onde deo a Deos solemnes acçoens de graças, fazendo-lhe o elogio o Bispo de Viseu, o famoso Doutor Ortiz. Por todas as Igrejas do Reino mandou ElRei fazer o mesmo.

Tudo isto era mais fasto, e ostentaçaõ, do que solida fortuna para o pobre Pacheco. O seu desinteresse o obrigou a recusar teimosamente todos os

Ann. de J. C. 1505. D. Manoel Rei

os presentes delRei de Cochim, co
tentando-se com huma attestaçaõ ho
rada, em que se lhe louvavaõ as suas a
çoens, e com hum brazaõ d'armas pa
juntar ao de seus antecessores, o qu
fazia com a sua gloria mais relevan
a daquelles. Trabalhando sómente p
lo bem do seu Rei, trabalhou ma
em merecer reputaçaõ, do que e
grangear, e por isso era muito ma
digno de recompensa; mas assim me
mo o deixaraõ por muito tempo e
quecido; e como por acaso fallanc
alguns Grandes em seu abono, pass
dos já muitos annos, lhe deraõ o Go
verno de S. Jorge da Mina. Nem assi
o deixou por muito tempo quieto
inveja sempre anciosa em perseguir o
homens do merecimento. Pacheco ali
activo, e de temperamento naõ so
frido, incapáz de adular, nem compra
zer com aquelles, que eraõ o orga
do Principe, e interpretes dos seus de
sejos, veio a ser a victima do seu geni
isento. Accusado de desencaminhos fo
trazido a Portugal em ferros: muito
tempo o deixaraõ definhar em escura
enxovia carregado dos mesmos ferros
ultimamente provada a sua innocencia
foi posto em liberdade; mas ficou
sempre pobre, e taõ pobre, que chegou

a

mendigo. Excellente exemplo da
onfiança, que se deve ter em servir
os homens, e da gratidaõ, que deve
esperar aquelle, que naõ tem a arte de
e saber conduzir.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

Hum mez antes da volta de Lopo
Soares ao Tejo, tinha D. Manoel posto
de verga d'alto huma poderosa armada
de treze náos, e seis caravelas, de que
era Capitaõ Mór D. Francisco de Al-
meida, Conde de Abrantes. Hia elle para
residir na India primeiro como Gover-
nador, e Capitaõ General, havendo
depois de tomar o titulo de Vice-Rei;
mas depois de haver fundado algumas
Fortalezas nos sitios, que lhe hiaõ apon-
tados. Mandára-o ElRei assim, a fim
de naõ haver descuido na construcçaõ
das praças; e como elle havia de repre-
sentar alli a figura delRei seu amo,
queria D. Manoel que a figura fosse
correspondente, e lhe reservou gran-
des ordenados, cem homens de guar-
da para a sua pessoa, Capella com Ca-
pellaens, e Musicos, e outras coisas
proprias para fazer relevante a sua di-
gnidade.

D. Francisco d'Almeida primeiro Governador, e Vice-Rei da India.

D. Francisco d'Almeida era filho do I. Cõde d'Abrantes D. Lopo d'Almeida.

Levantou ancora de Lisboa aos
30 de Junho, e chegou á Ilha de An-
chediva aos 13 de Setembro do mes-
mo anno. Alli achou hum aviso de
Gon-

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Gonçalo Gil Barbosa, Feitor de Ca nanor, para avisar os primeiros navio de Portugal, de que os armazens es tavaõ cheios para poderem voltar, para que guardassem esta Costa por to do o mez de Setembro, por se espe rarem trez náos de Meca, que ha viaõ de trazer algum soccorro a Cale cut em serviço do Samorim. Almeida mandou em resposta hum correio, huma caravela ás differentes Feitoria da India com a nova da sua chegada despachou outras duas caravelas para guardarem a Costa, e elle mesmo abrio os alicerces de huma Fortaleza em que se trabalhou com a maior ancia, como tambem em armar duas galeras, e outros vasos destinados para andarem a cosso, cuja madeira tinha vindo lavrada do Reino.

Os Portuguezes tinhaõ tomado tal superioridade no Indostan, que davaõ leis em qualquer parte, que appareciaõ. As primeiras condiçoens, que entravaõ nos Tratados de alianças com os Principes, que as queriaõ, aceitar era, reconhecerem-se por tributarios delRei de Portugal, e consentirem que os Portuguezes fizessem huma Feitoria, ou huma Fortaleza dentro nas suas Capitaes, ou nos sitios, que escolhessem.

em. No commercio eraõ elles quem
ſſentava o preço aos generos á ſua
ontade, obrigando os Indios a prove-
em as ſuas Feitorias primeiro que pu-
eſſem vender a outrem. Nenhum eſ-
rangeiro tinha liberdade de carregar
ntes delles, e ninguem, foſſe natural
o paiz, ou eſtrangeiro, podia navegar
eguro neſtes mares, que naõ foſſe
or elles viſitado, e ſem cartas, ou
aſſaporte dos Governadores, ou Fei-
ores poſtos pelos Generaes. Eſta ſu-
erioridade naõ podia deixar de ſer
diosa, mas o medo conſtrangio a huns
ſujeitar-ſe, e outros o faziaõ de
oa vontade por particulares, e peſ-
oaes intereſſes.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Naõ podia deixar de fazer ſo-
rançeria aos Principes comarcaons
ſta fundaçaõ, que Almeida fez em
Anchediva, e o que mais ſe aſſombrou
oi o de Onor, que ſó eſtá apartado
o legoas. Tanto eſte, como o Gene-
al Portuguez ſe buſcaraõ reciproca-
nente, e em breve ſe ajuſtou entre
mbos huma eſpecie de tratado, a que
Rei ſó interveio pelos ſeus Mi-
iſtros.

Para fazer conceito dos intereſſes
deſte Principe convém ſaber, que os
portos mais frequentados n'outro tem-
po

ANN. de J. C. 1505.

D. MAROEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

po eraõ os de Onor, Baticala, e a
guns mais daquella Costa, que er
do dominio do Rei de Bisnaga,
Narsinga, e assim eraõ os mais
bastados em razaõ da successiva fr
quencia dos Mouros, que alli vinh
cerregar as especiarias. Hiaõ descar
balas a troco de cavallos da Persia
e Arabia, que o Rei de Narsinga lh
comprava, pelo prestimo, que dell
tirava para a guerra, que fazia ao R
de Decan; mas por mais que elle tratas
por abarcar todo o trato dos cavallos
os primeiros, que lho falseavaõ p
meio de contrabandos, eraõ os Mou
ros, que estavaõ nos seus Estados
traficando elles proprios em cavallos
que hiaõ vender ao seu inimigo; po
quanto este lhos pagava melhor,
muitas vezes por dobrado preço. Ten
do o Rei de Narsinga trabalhado bal
dadamente por evitar este contraban-
do, assentou tomar grande vingança
delles, e exterminalos. Pelo que, no
anno do Senhor de 1469, e de Egiro
917, fez huma daquellas sanguinolen-
tas execuçoens, de que em varios
tempos se tem visto muitos exemplos
contra os Judeos em diversos Estados da
Europa. Acabaraõ nella mais de 10
Mouros, ou Sarracenos; os que se po-
de-

erão salvar, cuja evasaõ se favoreceo, oraõ tomar assento em Goa, e suas izinhanças.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Mais dano tirou ElRei de Naringa desta execuçaõ, do que tirava do ontrabando; por quanto escandalizalos os Mouros Estrangeiros da barbaa deshumanidade, de que este Princie usára com os seus vassallos, que inhaõ a mesma Religiaõ, se vingaraõ seu tempo esquecendo-se do seu orto, e levando as riquezas do seu ommercio aos seus vizinhos, e inimigos. O Rei de Onor, a quem este lano feria mais perto, naõ podia ver em desgosto que o Sabaio, ou Principe de Goa se aproveitasse do que lle perdia; e a prosperidade deste ival foi huma semente de discordia, odio, a que se seguio huma guerra rolixa entre os dois Reis: parece que guerra de terra foi sempre mais a avor do Sabaio, que fundou huma raça d'armas nas vizinhanças da Cilade de Onor, que assoberbava muio esta Cidade. Mas o Rei de Onor mais bem succedido por mar, conseguio inquietar-lhe o commercio de Goa, e acarear pouco a pouco os Sarracenos aos seus portos. Para isto tinha sempre huma frota bem esquipa-

da

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

da, e capitaneada por hum dos prin
paes Fidalgos da sua Corte, chama
Timoja, homem valente, e de di
criçaõ, que merecera grande concei
servindo este Principe com zelo.

Quando Vasco da Gama cheg
a primeira vez a Anchediva, pare
que toda a tençaõ do Rei de On
foi dar-lhe a morte. Para este fi
ordenou Timoja hum ardil, unind
dois paráos para lhe queimar as náos
mas tudo foi brevemente derramad
com as ballas da artilheria. O Sa
baio se houve mais manhosamente
mandando hum Judeo Polaco com in
trucçoens para obrigar o General Po
tuguez a entrar no serviço do Sa
baio, a fim de se valer delle contra
seu inimigo, ou de o meter em al
guma cilada, onde acabasse; mas o Ga
ma tendo aviso dos naturaes da Ilh
de Anchediva, de que se acautelas
deste homem, o obrigou a confessa
posto a tormento, e o trouxe a Por
tugal, onde se baptizou, e tomou no
seu baptismo o nome de Gaspar,
depois fez na India grandes serviços
aos Portuguezes.

As proezas, que Pacheco acabára
na guerra contra o Samorim, tinha
inspirado a Timoja huma grande esti-

ma-

ıação aos Portuguezes. Aſſentou tra-
elos ao ſeu partido a todo o cuſto,
ſe meteo niſſo com toda a ancia na
ıegada de Almeida. Até ſe valeo de
ıanha para obrigar eſte General, que
ıaõ eſtava aſſás informado das conve-
iencias do paiz, a fazer alguma hoſ-
lidade contra a praça, que o Sabaio
ıandara fundar em Cincatora, que
ıcommodava grandemente a Cidade
'Onor; mas a prudencia do Gover-
ıdor de Cincatora deſvaneceo todos
s projectos de Timoja, mandando
iſitar o Almeida com refreſcos de ter-
ı, fazendo com elle aliança, que
rredou a borraſca, que o aſſombrava.
Fruſtrado eſte golpe, ainda outro
ıcidente deſordenou mais a politica
o Rei de Onor, e do ſeu Miniſtro.
)s Portuguezes, que guardavaõ a Coſ-
ı, obrigaraõ huma náo de Mouros
dar á Coſta, e lhe tomaraõ a car-
a, em que entravaõ 12 cavallos da
'erſia. Embaraçando o máo tempo o
mbarcalos ſe viraõ obrigados a entre-
;arem-nos aos que primeiro viraõ, pa-
a darem conta delles, dizendo-lhes,
ıue já que elles eraõ amigos, e alia-
los, lhes deviaõ fazer o favor de lhos
;uardar, até que o tempo deſſe jaze-
la para os vir buſcar. Quando ſe vie-
raõ

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

raõ buſcar, naõ apparecêraõ os cavallos e deraõ em reſpoſta, que os tinha tomado o Rei d'Onor. Naõ ſe accommodaraõ os Portuguezes: o Rei d'Onor e Timoja eſtavaõ auſentes · os Mouros da terra, e o Governador de Onor ſeguraraõ a ſua ſatisfaçaõ, e que ElRei havia de pagar os cavallos; mas entrando o General em deſconfiança por eſtas demoras, de que lhe queriaõ armar alguma falſidade, recorreo ás obras, queimou as velas, que eſtavaõ no porto, e pôz o fogo á Cidade, da qual huma parte foi abraſada.

Ou o Rei de Onor concorreſſe para eſta deſgraça, ou o vagar, com que ſe houve, embaraçaſſe o reſiſtir-lhe, foi obrigado a diſſimular, a fim de atalhar mais funeſtas conſequencias, e por iſſo mandou Timoja, que adoçando manhoſamente o animo do General, deſculpou o melhor que pôde os exceſſos cometidos de parte a parte por má intelligencia; pedindo-lhe ſe deſſe por ſatisfeito com o mal, que deixava feito; prometteo grande ſatisfaçaõ pelos cavallos perdidos, bem que aſſeveraſſe que o Principe naõ ſabia delles: encareceo o deſejo, que elle tinha da amizade delRei de Portu-

tu-

gal, a quem queria pagar tributo, ostrando-se prompto a aceitar quaes-er condiçoens de paz, que lhe of-recessem. O General, que tinha essa de partir, respondeo, que naõ nha tempo de se demorar para re-lar as condiçoens do Tratado; mas e prometteo, que em poucos dias andaria seu filho para este fim: que emtanto tomava sob a protecçaõ, lRei seu amo o Rei d'Onor, dei-ndo-lhe huma bandeira de Portugal, e seria respeitada de todos os Por-guezes, a quem fosse mostrada. As-n despedio a Timoja assás satisfeito sua negociaçaõ.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Tendo já a Fortaleza de Anche-va altura competente para resistir a gum assalto, D. Francisco segundo as dens, que recebêra delRei de Por-gal, deixou nella por Governador a anoel Paçanha com boa guarniçaõ, logo passou a Cananor, onde tomou o ulo de ViceRei tanto que lá chegou.

O novo Vice-Rei naõ deixou isa alguma, que podesse dar lustre á a nova dignidade: mostrou-se em iblico com a maior pompa que pôde naginar, e nas vistas, que teve com Rei de Cananor, meteo o maior pparato possivel. Tratou este Princi-

pe

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

pe quasi como superior a inferior renovou com elle os primeiros trat dos, regulando as condiçoens a seu a bitrio, e obteve delle como huma esp cie de favor, que lhe fazia a permiss de fundar huma Fortaleza, que e poucos dias foi levantada, accodind ElRei com os materiaes, e trabalhand na obra todos os Portuguezes sem d tinçaõ, a fim de se acabar com prestez

Mas o que mais deo alento á a tivez do Vice-Rei, foi o ver-se ao me mo tempo buscado pelo Rei de Na singa, ou de Bisnaga, de quem fallamos. Este Principe além dos gra des Estados, que tinha no Certaõ d terras, dilatava os seus dominios p toda à Costa de Coromandel além c Cabo de Comorim, e áquem era s nhor das terras de Canará, que co finaõ com o Malabar por huma parte e pela outra com o Reino de Deca Chamava-se Rei dos Reis, e com effe to tinha muitos seus tributarios, e tre os quaes tinha lugar o Rei c Onor; e requerendo os seus intere ses o unir-se aos Portuguezes ma dou a Almeida hum Embaixador logo que teve noticia de ser chegad a Anchediva. Encontrou Almeida Embaixador em Cananor, e lhe de au-

audiencia nas mesmas náos com todo o apparato possivel. „ O Embaixador „ disse, que a grande estima, que El- „ Rei seu senhor fazia da naçaõ Por- „ tugueza, o obrigára a desejar aliar-se „ com ella: que de boa vontade esta- „ ria pelas condiçoens, que pudessem „ favorecer o commercio entre esta „ naçaõ, e os seus vassallos; e que „ para dar provas mais abonadas da „ sua vontade, dava licença ao Vice- „ Rei para fundar Fortalezas nos seus „ portos, e em qualquer parte, que es- „ colhesse, menos no de Baticala, que „ já tinha fechado a outros: ultima- „ mente, que para mais apertar os vin- „ culos desta uniaõ, que queria que „ houvesse entre elle, e o Rei de „ Portugal, offerecia ao Principe de „ Portugal em cazamento sua irmã, „ que era huma Princeza muito for- „ mosa „ Vinhaõ estas offertas acompanhadas de ricos presentes; e o Vice-Rei respondeo a esta Embaixada com nobreza, e dignidade. Regulou as condiçoens presentes conforme era conveniente ao estado dos negocios, e com boas esperanças do mais, despedio o Embaixador muito satisfeito, e com grandes presentes para ElRei, e para elle.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ANN. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo depois entregue o governo da Fortaleza de Cananor a Lourenço de Brito, partio para Cochim, onde desejava estar, e onde determinava fazer huma acçaõ de muito apparato. Trimumpara, aquelle taõ fiel, constante, e generoso amigo dos Portuguezes, tinha renunciado o throno a sua devoçaõ o levara a retirar-se conforme o costume assás usado entre os Bramanes Reis, a acabar em hum ermo, e dar fim aos seus dias nos exercicios mais santos, que se praticaõ na sua Religiaõ; mas até na sua renunciaçaõ quiz dar aos Portuguezes huma notavel prova da affeiçaõ, que lhes tinha, por quanto havendo de escolher entre os sobrinhos hum successor, excluio de proposito aquelle, que se mostrava mais affeiçoado ao Samorim, e antepôz a Naubeadora, que mostrara mais affecto aos Portuguezes, bem que o outro, conforme os usos do Malabar fosse herdeiro mais proximo da Coroa. Esta troca embaraçou ao principio alguma coisa ao Vice-Rei; mas reflectindo bem, era a circumstancia mais a favor para o que elle meditava; e como Naubeadora em certo modo reinava sómente pelo favor dos Portuguezes, es-

tes

tes se aproveitaraõ da conjunctura para lhe impôr o jugo, e reduzilo ao dominio de Portugal.

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Tendo tomado todas as medidas, e prevenido todos os apparelhos para fazer mais luzida a funçaõ; sentado o Rei entre a sua Corte, igualmente acompanhado o Vice-Rei de todos os seus Officiaes, e Guardas, lhe fallou nesta substancia. „ Exaltou primei-„ ro os serviços importantes, que Tri-„ mumpara tinha obrado em favor da „ Coroa de Portugal, aventurando os „ seus Estados, e a propria vida por „ salvar os Portuguezes seus aliados: „ accrescentou depois, que ElRei seu „ amo assim prezara tudo isto, que, „ querendo dar huma prova brilhante „ do seu agradecimento, lhe recom-„ mendara tres coisas, que elle que-„ ria cumprir a favor do Principe rei-„ nante, já que Trimumpara pela „ sua renunciaçaõ naõ queria aprovei-„ tar-se dellas.

„ Era a primeira coroalo com hu-„ ma Coroa de oiro, sinal distinctivo „ da auctoridade Real, que em nome „ delRei de Portugal lhe conferia, „ exemptando-o desde logo de toda a „ subordinaçaõ ao Samorim, ou qual-„ quer outro Principe, dando-lhe li-

ANN. de J. C. 1505. D. MANOEL REI D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

„ berdade de cunhar moeda de oiro
„ prata , ou outro qualquer metal
„ como usavaõ , os Reis obrigando-s
„ a defender o novo Rei ; e seu
„ successores de todos , e quaesque
„ inimigos. „ Dito isto , se levantou
Vice-Rei , tomou o Coroa , e a pô
na cabeça do Principe entre acclama
çoens de pifaros , e trombetas ; sen
tou-o no throno , e o constituic
Rei.

„ Consistia a segunda em lhe fa-
„ zer offerta de huma copa de oirc
„ de pezo de 6 cruzados , que ElRe
„ D. Manoel mandava a Trimumpar
„ para o consolar da perda , que tinha
„ tido de seus sobrinhos na guerra , que
„ defendera em favor dos Portuguezes
„ accrescentando que ElRei de Portugal
„ lhe mandaria todos os annos outra
„ similhante em testemunho do seu
„ agradecimento , e protecçaõ. Depois
„ levantou-se o Vice-Rei , e entregou
„ a copa a ElRei.

„ A ultima coisa por fim , lhe
„ diz elle , he , que trazia ordem de
„ fazer outra Fortaleza mais forte do
„ que a primeira , para segurança do
„ Rei , e Cidade de Cochim , que ser-
„ visse como de reparo seguro a esta
„ Cidade.

O

O Rei, que se moſtrou ſatisfeito de tudo, reſpondeo com muito agrado. „ Que elle reconhecia quantas „ obrigaçoens devia ao Rei de Portugal, de quem recebia tantos bens: „ que elle ſe honrava com a protecçaõ „ de taõ grande Principe, e trabalharia pela merecer, e conſervar, concorrendo com os Portuguezes para tudo quanto pudeſſe ſer de ſeu ſerviço.

Ann. de J. C. 1505.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tiráraõ-ſe duplicados inſtrumentos deſte auto. Seguraõ os Auctores, que Naubeadora ſe reconheceo entaõ vaſſallo da Coroa de Portugal, e parece que deſde entaõ os Portuguezes o avaliaraõ ſempre como tal. O Vice-Rei contente naõ perdeo tempo, trabalhou em reforçar, e alargar a Fortaleza: depois deſpachou para o Reino oito náos groſſas, cuja carga eſtava prompta nos armazens de Cochim, e Cananor, e deo o governo deſta frota a Fernaõ Soares.

Cançado o Samorim das deſgraças, porque havia paſſado pelo valor de Pacheco, moſtrava ſó deſejar a paz; mas ou por vaidade naõ quizeſſe ſer o primeiro em pedir, ou que receaſſe por outra parte o affoutar-ſe a pôr niſſo a maõ, nem fazia a paz, nem

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

nem a guerra, e eſtava na inacçaõ. Podiaõ aproveitar-ſe os Portuguezes, ſe a confiança, que inſpiraõ os ſucceſſos a huma naçaõ altiva, os naõ meteſſe naquella preſumpçaõ cega, que he conſequencia da eſtimaçaõ, que faz de ſi propria, e do deſprezo, com que trata o ſeu inimigo. Pelo que, bem longe de diſpôr alguma negociaçaõ; que era coiſa, que o Samorim deſejava com ancia, ſó trabalharaõ por azedar a deſeſperaçaõ deſte Principe com a caça, que davaõ aos navios na Coſta, coiſa, que arruinava inteiramente o ſeu commercio: na verdade que os Portuguezes eraõ neſte ponto máos politicos: era-lhes conveniente abrandar o animo dos Indios, e domeſticalos pouco a pouco, acarealos, e parece que andavaõ apoſtados a irritalos cada vez mais: ſuccederaõ tambem algumas acçoens taõ violentas da ſua parte, que naturalmente lhe cauſariaõ a ſua perda, ſe a Providencia naõ trabalhaſſe pelos conſervar, em certo modo a ſeu pezar.

Antonio de Sá, Feitor de Coulaõ, homem violento, e intereſſado, foi hum dos que pôz a naçaõ em grande riſco pela ſua avareza, e aſſomamento. O cuidado, com que impe-

pedia, que alguem tomasse carga primeiro, que os armazens estivessem cheios, foi causa de hum leve reboliço contra os Portuguezes, em que alguns foraõ mortos: succedeo isto em tempo, em que Pacheco tinha todo o mando das Indias, e isto o obrigou a hir pessoalmente a Coulaõ; mas por mais activo que fosse, assentou dissimular com prudencia o passado, atabafar o negocio, e segurar a conveniencia para o futuro. Chegado Almeida a Anchediva, hindo a Coulaõ Joaõ Homem, Capitaõ da caravela, que fôra mandada a levar a noticia da vinda do novo General, Antonio de Sá vaidoso de se achar fortalecido com a chegada da nova armada, assentou repetir as suas instancias com vigor. Estavaõ no porto de Coulaõ hum bom numero de navios de Mouros, que pediaõ carga a ElRei, e naõ esperavaõ outra coisa para partirem: embaraçára-o Sá atè entaõ, por mais vontade que elle tivesse de os satisfazer; mas receando, que ElRei se deixasse vencer, expôz a Joaõ Homem os seus temores, e este mais violento, e despejado do que Sá, lhe expôz friamente, que convinha naõ se aventurar a ver, que o Rei lhe fal-

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Ann. de J. C. 1505.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

faltaſſe ao promettido, e que para obrigar a manter a palavra, era neceſſario, ſem entrar em conſultas, effectivamente lançar maõ dos lemes, e velas de quantos navios eſtrangeiros eſtavaõ ſurtos, e fechar iſto nos armazens: eſte projecto concebido com nimia leviandade, foi executado ainda com maior altivez, e depois Joaõ Homem ſe fez á vela taõ vanglorioſo, como ſe tiveſſe alcançado huma grande victoria.

Foi extrema a indignaçaõ, que cauſou acçaõ ſimilhante aos Mouros, e Gentios, e bem que eſtes ſe puդeſſem vingar a pouco riſco, por naõ eſtarem em Coulaõ mais de 15 Portuguezes, naõ quiz conſentir o Miniſtro delRei em acçaõ alguma, ſem que primeiro ſe diligenciaſſem todos os meios de brandura. Aſſim mandou requerer primeiro ao Feitor, que lhe quizeſſe fazer entrega do que tinha tomado, e ter tento com as conſequencias, que ſe podiaõ originar de hum caſo taõ oppoſto ao direito das gentes; mas eſte homem hum pouco leve, naõ peſando bem o riſco, em que ſe achava, deſgoſtoſo das exprobraçoens, que lhe fazia o menſageiro, e deixando-ſe cegar da cólera de pa-

la-

vras, paſſou a pôr-lhe as maõs. Iſto
i como appellidar o povo amotina-
, que lançou maõ das armas, ma-
ndo todos os Portuguezes, de que
maior parte morreraõ queimados em
ıma Igreja, onde ſe tinhaõ feito
rtes, ou eſmagados por quererem
itar o fogo.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Apenas teve o Vice-Rei noticia
ſte catáſtrofe, logo mandou a ſeu
ho Lourenço de Almeida, que o
ſſe vingar. A empreſa foi encarre-
ıda a ſujeito capaz: D. Lourenço,
em que moço, era hum dos maio-
s homens, que ſe criaraõ em Por-
gal, e já tinha nome por muitas
çoens boas. Partio ſem demora, e
ıtrou no porto de Coulaõ, e vendo
ıe nem da parte da Regencia, nem
Rei ſe lhe queria dar ſatisfaçaõ;
ıtes pelo contrario os navios, que
li eſtavaõ, ſe encadeavaõ huns com
s outros, e ſe diſpunhaõ para huma
imoſa reſiſtencia, embarcou os ſol-
ıdos nos bateis, e depois de huma
ua batalha pôz fogo a todos os
avios, que chegavaõ a 24, todos
om rica carregaçaõ. Eſcolheo D. Lou-
ença Joaõ Homem para vir trazer a
eu pai a nova deſta victoria. Tinha-
e eſte homem diſtinguido muito na
bri-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

briga, e tinha-lhe dado sobre a ada ga huma bala de bombarda, que l cahio aos pés sem entrar, nem l fazer mal, e dizem os Escritores Pc tuguezes, ser isto hum milagre co que o Ceo parecia approvar a vigoro acçaõ, que elle fizera. Porém o V ce-Rei estava taõ indignado desta a çaõ, e muito mais quando soube q a morte dos Portuguezes fôra tri consequencia della, que fez bem c verso juizo; porque o riscou do se viço, tirando-lhe a capitania da c ravela, em vez do premio, que el esperava.

Como quasi todos estes navi eraõ de Mouros de Calecut, sent vivamente o Samorim a sua perd Este Principe, posto que se conse vasse, como dissemos, em huma e pecie de inacçaõ, fallando a verdac naõ passava de ser apparente; porqu além de diligenciar com outras Cort por todos os modos da sua politica a fim de suscitar hum geral levant mento contra os Portuguezes, naõ ce sava de obrar secretamente os maic res apparatos a fim de sortirem effe to os seus projectos: redobrou-os con maior efficacia, para que os naõ pe cebesse o inimigo, mandou vigiar c

seus

us portos taõ apertadamente, que nguem tinha liberdade para fahir, as foraõ defcobertas as fuas tençoens, pezar de todas as cautelas.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Achava-fe entaõ em Calecut hum omano da nobre familia de Patrizzi, ais conhecido pelo nome de Luiz arthema Bolonhez, como elle fe denmina nas fuas memorias. Correra das as efcalas do Levante até ás ıdias a fua curiofidade, e o amor de ajar, disfarçando o nome, e a paia: e tendo efperteza para penetrar uanto paffava na Corte do Samorim, ve meios de fahir da Cidade, e dar e tudo fiel conta a D. Lourenço de lmeida, fendo a fubftancia do que zia: „ Que picado o Samorim de ver embaraçado o feu commercio, tendo junto o maior numero de officiaes, que lhe fôra poffivel, apparelhara huma armada a maior, que fe tinha até entaõ vifto, para comboiarem os navios mercantes, que vieffem ao feu porto: que efperava apanhar ás maõs os navios Portuguezes efpalhados, e que andavaõ a corfo por differentes partes: que fe aproveitava grandemente dos dois Chriftaõs transfugas, de quem havemos fallado: que eftes lhe haviaõ „ fun-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ fundido boa porçaõ de peças de
„ tilheria de differente calibre , e l
„ tinhaõ dado a planta da fórma
„ muitos navios , de que a ſua frota
„ compunha ; mas que eſtes dois
„ negados , que com iſto tinhaõ fei
„ tanto mal aos Chriſtaõs , eſtavaõ
„ vamente atormentados de remorſ
„ de conſciencia , e que ſómente
„ conſervavaõ no ſerviço dos infi
„ por huma eſpecie de neceſſidade ,
„ que de boa vontade voltariaõ a
„ Portuguezes , ſe pdueſſem conſegu
„ hum ſalvo conducto , e hum ſegu
„ do ſeu perdaõ.

Inſtruido o Vice-Rei de tudo p
eſte Fidalgo , que lhe foi mandado
deſpachou immediatamente o meſm
Fidalgo a ſeu filho com ordem de
fazer paſſar a Calecut , e favorece
quanto pudeſſe a fuga dos dois d
ſertores , e para que juntaſſe to
das as velas , que andavaõ derrama
das , e hir em buſca da frota inimiga
e brigar com ella. D. Lourenço exe
cutou fielmente as ordens de ſeu Pai
mas a ancia dos transfugas foi cauſa d
ſua perda : a vontade , que elles tinha
de trazerem comſigo mulheres , filhos
e cabedal ; as diligencias, que fizeraõ pa
ra eſte fim, deraõ a conhecer o deſignio

al-

ʃorotaraõ o povo, que os fez em
daços: o Cavalheiro Romano mais
perto ſalvou-ſe com cuſto.

Naõ tardou muito em apparecer
frota dos inimigos conforme os avi-
s, que havia: compunha-ſe ella de
ais de 200 velas, a ſaber 84 navios
andes, 124 paráos; eſtava o mar
alhado de vaſilhas. Inquietou-ſe D.
ɔurenço por ſe compor a ſua arma-
unicamente de onze navios: tres
leoens, ou náos grandes, 5 cara-
las, duas galeras, e hum bergan-
n; e receou que os ſeus ſolda-
ɔs naõ deſmaiaſſem olhando para a
ſproporçaõ de forças com eſta innu-
eravel multidaõ de inimigos, cuja
ſta baſtava para os fazer deſcoro-
ɔar. Aſſentando todavia de pelejar
ɔnforme as ordens poſitivas, que para
o tinha, pôz toda a ſua confiança
ajuda do Ceo, e fez voto de ſun-
ır huma ermida a N. Senhora da
'ictoria. Os inimigos, naõ obſtante
ſuas forças, naõ deixaraõ de ſe to-
ıarem de medo, que moſtraraõ pedin-
ɔ paſſagem livre: talvez quizeſſem
nputar a culpa aos Portuguezes com
izerem, que elles naõ tinhaõ ordem
e pelejarem com os Chriſtaõs, mas
ɔmente de comboiarem as náos da
ıa conſerva.

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

No

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

No primeiro dia naõ houve gra
de conflicto por escassear o vento
mas refrescando no dia seguinte,
Lourenço, que queria naõ ficar ce
cado, tomou o largo, e o barlavento
começaraõ a disparar as duas armada
mas com bem differente successo.
artilheria dos inimigos mal manobr
da fez pouco dano nos navios Po
tuguezes, que tinhaõ entre si grand
intervallos, ao mesmo tempo, que e
tes naõ perdiaõ tiro na multidaõ
vasilhas taõ bastas, e apinhadas,
sorte que se empeciaõ nas evoluçoen
Apenas o General reparou na deso
dem da armada, e no estrago, qu
causava a sua artilheria, mudando en
taõ o systema de combater sómen
de lonje, veio a abalroar a capitania
tres vezes lançaraõ fóra os arpéos
e só á quarta ficou atracada. Foi D
Lourenço o primeiro, que entrou a
companhado de Joaõ Homem, qu
ainda que descontente do Vice-Rei
quiz acompanhar seu filho como vo
luntario, e ter parte na honra dest
conflicto. Ao mesmo tempo entrara
Filippe Rodrigues, Vicente Pereira
Fernaõ Peres d'Andrade acompanha
dos de outros muitos. Estavaõ na nác
600 Mouros escolhidos, que brigáraõ

no

principio muito bem ; mas eſpon-
dos dos grandes golpes , que davaõ
Portuguezes , ſe lançaraõ ao mar ,
ixando a coberta juncada de mortos.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

Tinha Nuno Vaz Pereira, imi-
ndo o ſeu General , afferrado ou-
náo , que naõ era menor do
e a precedente , em que eſtavaõ
nbarcados 500 homens , mas com
m differente ſucceſſo ; por quanto
ndo a ſua caravela muito peque-
em comparaçaõ della, ſoffria mui-
trabalho : as pancadas, que o navio
va na caravela, parecia que a me-
tiaõ no fundo , e os inimigos api-
iados nos caſtellos d'avante , pe-
jando de ſima para baixo, feriaõ
m muita vantajem. Foi a fortuna
Vaz o ter D. Lourenço entrado
navio , que afferrara, e teve modo
lhe acodir , e depois de hum rijo
mbate tomou eſte ſegundo , e ten-
a tomada deſtas dũas náos poſto
n deſordem a frota inimiga, ſe der-
mou a maior parte dos navios de
ercadores, voltando huns a Calecut ,
outros ſeguiraõ a ſua derrota ; mas
tando os paráos , e mais navios da
ſcolta novas forças da ſua deſeſpera-
iõ, ſe moveraõ todos a hum tempo ,
alargando-ſe para cercarem os navios ,

o

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

o fizeraõ com tamanha resoluçaõ, ventura, que os Portuguezes mui tempo estiveraõ duvidosos de ser opprimidos do numero. De ambas partes era indizivel a animosidade: ambas se combatiaõ com o mais vo ardor. Os Portuguezes obrav maravilhas, Joaõ Serraõ, e Simaõ Andrade se distinguiaõ entre elles, pelejavaõ como Heroes. Ultimame te depois da acçaõ, que durou todo dia, e parte da noite com o clar da Lua, a frota inimiga se pôz e fuga, e se retirou com perda de ma de 3000 homens, e de muitos navi metidos a pique, e nove apreados os quaes o vencedor levou comsi ao porto de Cananor, onde foi rec bido com grande applauso do Rei, de todo o povo, que fôra testemunl do combate.

Por este tempo o Sabaio; Princ pe de Goa, cioso da aliança, que Portuguezes tinhaõ feito com o R d'Onor seu inimigo, espreitando bertas de se aproveitar, mandou hu ma armada a Anchediva, logo qu soube que D. Lourenço, que tinha h do bastecer esta praça, tinha partid para pelejar com a frota de Calecu Compunha-se ella de 60 navios d

re-

emo, capitaneada por hum Portuguez enegado, por nome Antonio Fernan-les, que fôra calafate. Era hum dos enegados, que disse já ter sido lança-lo por Pedro Alvares Cabral na Costa l'Africa. Ficára em Quiloa, e mu-lando alli de Religiaõ, tomando o no-ne d'Abdala, achou depois maneira le penetrar até ás Indias, onde gran-geou alguma estimaçaõ: acometeo a praça com muito vigor, mas o Go-vernador Manoel Peçanha a defendeo le forte, que obrigou a levantar o cerco, e recolher-se a Goa muito mal ratado. Vendo o Vice-Rei, que es-a praça muito remota se conservava com muito custo, e tinha muito pou-ca serventia, a mandou demolir pas-sados alguns dias por voto dos do Conselho.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Hum novo incidente, que sobre-veio, esteve a ponto de excitar novo motim geral pela India contra os Por-tuguezes, e causar a perda á toda a Naçaõ; e foi a acçaõ verdadeiramen-te das mais atrozes, e por culpa de hum só homem. Sahindo Gonçalo Vaz de Goes de Cananor, para se hir in-corporar com a frota de D. Lourenço de Almeida, deo caça a hum navio Mouro, que sahio do mesmo porto;

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

o feu Capitaõ muito fenhor de fi veio a bordo ao final, e moftrou hu paffaporte paffado em termos pc Lourenço de Brito, Governador d Fortaleza de Cananor; mas o amb ciofo Goes, que fómente bufcava hu pretexto para tomar o navio, excla mou defatinado, que o paffaporte er fingido, ou extorquido; imputou a Capitaõ ruins tençoens, e fem abalarem as razoens, e lagrimas def tes infelices, accrefcentou á barbari dade a injuftiça, e tomando o navi mandou, enforcar quantos vinhaõ den tro, e atados, e cozidos nas velas os lançou no mar.

As ondas, que levaraõ eftes cadaveres á praia do mefmo porto de Cananor, defcobrio toda a iniquidade defta acçaõ, e excitou o horror, que ella merecia. Tinha Cananor mudado de Senhor, e o Rei era falecido poucos dias antes, tendo o Samorim com as fuas maquinaçoens, e dinheiro confeguido o nomear hum fucceffor taõ oppofto aos Portuguezes, quanto o antecedente fôra propicio. O Capitaõ do navio, que tinhaõ morto, era fobrinho do Mouro mais poffante de Cananor, cujo credito era muito grande em todo o Malabar. Mal efte in-

fe-

eliz velho pôz os olhos no cadaver
e hum ſobrinho, que tanto eſtima-
a, chamando toda a ſua parentela,
a de todos os que tinhaõ tido
gual ſorte, correo á Fortaleza toma-
o de furor, e lavado em lagrimas,
ama que quer fallar ao Governador,
nça-lhe em roſto a ſua traiçaõ,
má fé do ſeu paſſaporte. Lourenço
e Brito, que nem tinha modo de
uſtificar a barbara acçaõ de Goes,
em de provar a ſua innocencia, fi-
ou enleado, e falla ſem proveito. O
elho agoniado cada vez mais, corre
o Paço do Rei com a meſma com-
anhia, e com a de infinito povo, que
e lhe incorporou, e pedindo audien-
ia ao ſeu Soberano, implora a ſua
quidade, expoem-lhe a iniquidade da
cçaõ, e enche o Paço de gritos. O
Rei já diſpoſto com os impetos do
dio, lhe parece ainda mais vivo o
orror do crime; teve interior alegria
o ſeu coraçaõ, e conſolando o ve-
ho affligido o melhor que pôde, lhe
rometteo fazer a diligencia, para que
he fizeſſem juſtiça.

Parece que tudo concorria para
vultar o mal; porque pelo meſmo
empo eſtava a Cidade de Cochim
onſternada com hum deſaſtre acon-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

tecido, naõ digo por covardia, ma por demaziada prudencia da maior pa te dos Capitaens da frota de D. Lou renço de Almeida. Tinha efte Fidalg moço ordem de correr a Cofta com hu ma armada de 10 navios, para favorece o commercio del'Rei de Cochim, qu tinha entaõ muitos navios, que rec lher. Chegado D. Lourenço a Dabul teve noticia, que alli fe achavaõ mu tas náos de Cochim impedidas pel frota do Samorim. Efta frota, que e tava dentro no rio, naõ lhe podia e capar, e depois de ter livrado os a liados podia confeguir nova victori defta frota. Defejava D. Lourenç dar a batalha, mas no confelho fora do voto contrario o maior numer dos Capitaens, e cedendo D. Louren ço com violencia foi obrigado a de xar o combate: aproveitaraõ-fe os in migos, queimando, ou tomando todo os navios, que tinhaõ bloqueados Chegando a Cochim a noticia deft perda, encheo a Cidade de fentimento e o Rei de alguma indignaçaõ. O mefmo Vice-Rei o fentio, e procu rou baldadamente tranquillizar a coler defte Principe, promettendo-lhe caftiga feu filho, no cafo que o achaffe culpado e com effeito a penas chegou, lhe fe

Con-

onſelho de guerra; mas como D. oureneço tinha ordem expreſſa de naõ mprehender nada ſem o voto da mai-: parte dos Cabos, e tivera a cau-ıla de lhes pedir os pareceres por ſcrito, apreſentou a ſua defeza, e :m cuſto ſe livrou: os Capitaens ɔndenados pela ſua meſma aſſigna-ıra, foraõ ſuſpenſos dos ſeus car-os.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Foi ventura dos Portuguezes o ɔntentarem-ſe os moradores de Co-him em deſafogarem a ſua dor com ueixas; porém naõ ſuccedeo aſſim em Cananor; e ou lhes pareceſſe pouco aſtigo, o privarem Goes da capitania, omo foi com effeito, ou eſtiveſſem imiamente agaſtados para admittirem lguma ſatisfaçaõ, começaraõ a traba-har ſurdamenre, e armar todas as diſ-ɔoſiçoens com o Samorim, para ex-ulſarem eſtes eſtrangeiros. Era o Sa-norim habil em extremo para deſa-ɔroveitar taõ boa aberta, e fez logo ɔfferta ao Rei de Cananor de 24 pe-ças de artilheria, e 30⌀ homens.

Todas as circumſtancias do tem-ɔo eraõ fataes aos Portuguezes: naõ inhaõ chegado náos de Portugal, co-no era coſtume, e os inimigos toma-aõ diſto grandes eſperanças funda-

das

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

das no pronoſtico dos ſeus feitice-
ros, que neſte anno lhes promettia
grandes ſucceſſos. D. Lourenço tinh
com effeito metido 60 ſoldados na For-
taleza, e provido a praça; mas er
muito pouco contra tantos inimigo.
O Inverno vinha entrando, e naõ
podia eſperar a Fortaleza mais ſoc-
corro até a vinda da Primavera, ao
meſmo tempo, que o Samorim pond
em marcha as ſuas tropas por terra
em qualquer tempo as podia mandar.
Neſtas circumſtancias he certo, que o
Portuguezes eſtavaõ perdidos em Ca-
nanor, a naõ ſer a traiçaõ de hum ti
delRei, e de hum ſeu ſobrinho, que
naõ dando ouvidos ás vozes do ſan-
gue, e da natureza, para os ſacrifi-
car á ſua ambiçaõ, e eſperanças, ſa-
crificando ao meſmo tempo o ſeu Rei
e os ſeus parentes, lhes deraõ avi-
ſos, e ſoccorro a tempo, e na neceſ-
ſidade, ſendo por eſte meio a cauſa
da ſua ſalvaçaõ.

Eſtava a Fortaleza de Cananor
em huma ponta de terra, que o mar
lavava por duas partes. Tinha hum
defeito eſſencial, que era faltar-lhe
agua, que ſó lhe vinha de hum po-
ço, que eſtava entre a Cidade, e a
praça, em que ſenaõ pudera meter.

O

O Rei de Cananor, que conhecia que tinha os Portuguezes rendidos, se lhes pudesse cortar a communicaçaõ para o poço, antes de romper declaradamente, com varios pretextos mandou abrir huma cava de praia a praia, deixando huma estreita passagem para o poço, e depois guarneceo toda esta linha de baluartes, e artilheria. Instruido o Governador dos seus designios por estes perfidos Principes, fez o mesmo da sua parte, naõ deixando para hir ao poço, que se achava entre estas duas linhas mais, do que huma simples ponte levadiça.

Acabadas as obras de huma, e outra parte, começaraõ as hostilidades. No principio de Maio appareceo El-Rei de Cananor com 60$ homens, que da primeira mostra fizeraõ mais algazara, que dano. Por hum mez foi o poço o campo de batalha, e o theatro, onde os mais valentes de ambos os partidos deraõ provas de seu valor, e ainda que os inimigos levassem ordinariamente o peor, com tudo os Portuguezes se viaõ na consternaçaõ de naõ tomarem agua, sem que lhes custasse sangue, e para a buscarem cumpria pegar em armas toda a guarniçaõ, o que lhe causava in-

cri-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

crivel fadiga, e a pouca quantidade de que se alcançava, era repartida com tanta conta, que mal chegava a mata a sede. O Governador, que mal chegava a ter quatrocentos homens er tre Portuguezes, e Malabares, poupava as sortidas; e como isto augmentava a mingoa d'agua, obrigava ao infelices apertados da sede, a saltarer por sima dos muros, ou furtarem-s com risco á vigilancia das vigias, muitos perderaõ assim a vida.

Conhecendo Brito, que pouco pouco se lhe hia assim desbastando gente, se via consternado; mas Thomaz Fernandes, que estava na Fortaleza, e fôra mandado da India como engenheiro, o salvou deste susto Abrio huma mina grande, e alta, que chegava até ao poço ao nivel d'agua e para que naõ lhe lançassem peçonha no poço os inimigos, fez huma abobada o mais secreto que pôde sobre a agua, e depois mandou arrazar o poço, e encher por sima. Esta acçaõ assim espantou o Gentio, que assentando, que os Portuguezes tivessem achado agua dentro na Fortaleza, nem se quer lhe veio á memoria similhante ardil.

Tirada ao inimigo esta esperança,

:a, voltaraõ os ſeus deſignios, aſſentan-
lo acometer a praça formalmente. Hou-
ve primeiramente muitos combates na
ranqueira, que fizera Brito; mas der-
amando a artilheria dos Portuguezes
os inimigos, as muitas perdas, que ti-
veraõ aſſim lhes eſmoreceraõ o ardor,
que naõ tiveraõ mais ouzadia de ap-
parecer. Para obviar eſte inconvenien-
e inſpiraraõ os Mouros ao Rei, que
nandaſſe preparar huma grande quan-
idade de balas de lá muito eſpeſſas,
com que pudeſſem chegar-ſe cobertos.
Tinha Brito noticia de todos eſtes
apparelhos, cujo ſegredo deſcobrio por
alguns inimigos, que ſe apanharaõ em
hum cepo, que lhes armaraõ em hu-
ma ſortida; além diſſo era aviſado pe-
o Principe de Cananor, que lhe man-
lou hum dos ſeus confidentes, com
dois bateis carregados de mantimen-
tos: com tudo iſſo naõ deixou de ter
algum effeito o ardil dos Mouros. Os
tiros das peças grandes da artilheria
deſſe tempo, a que chamavaõ esferas,
e camelos, embaçavaõ nas ſaccas de lá,
o que cauſou algum temor nos cerca-
dos, e deo ouzadia aos inimigos: tan-
to, que ſahindo do ſeu campo, e vin-
do em deſordem dar huma eſcalada á
Fortalèza, já arrancavaõ os páos, que
ſoſ-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

soſtinhaõ a terra das trincheiras. Brit mandou mudar para o reparo algum colubrinas, chamadas baſiliſcos, mandando carregar algumas peças c metralha, desfez as balas de lá, de xando ſem abrigo os que eſtavaõ d traz, e fazendo a artilheria carregad de cartucho grande eſtrago, enche os inimigos de terror, e os pôz er deſordem. Conhecendo iſto Brito, dei xou ſahir hum corpo de ſoldados que eſtavaõ já promptos para hum ſortida, que pôz os inimigos em fu ga, e voltou victorioſo á Fortaleza.

Pelo decurſo do cerco, que fo demorado, houve de parte a parte mui tos aſſaltos, e ſortidas: a mais cele bre foi a de que ſe encarregou hun Fidalgo Caſtelhano, conhecido pel appellido de Gadualajara ſua patria Eſcolheo huma noite tenebroſa, fria e chuvoſa, e dando ſobre hum quar tel inimigo, lhe matou 300 homens e ſe recolheo carregado de deſpojo e viveres. Outra ſortida, que ſe fez em dia de Sant-Iago naõ foi taõ fe liz para os Portuguezes: perderaõ nel la alguns ſoldados, entre elles Gon çalo Vaz de Goes, que com o ſeu ſangue pagou a acçaõ indigna, que accendera eſta guerra, feliz em pu-

ri-

-ificar esta nodoa com huma morte gloriosa.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

Bem que as diligencias dos inimigos tivessem taõ ruim successo, parece que a fortuna quiz combater a seu favor. Tendo hum Guarda do armazem posto por descuido fogo á Feitoria da Fortaleza, se ateou com tanta violencia, por encontar por toda a parte materia combustivel, que em poucas horas foi toda queimada com quasi todos os mantimentos, e muitas casas vizinhas.

Debalde trabalhou o Governador por encobrir esta perda aos inimigos, e aos seus proprios. Os inimigos a conheceraõ, e se aproveitaraõ, levando perto da tranqueira rebanhos, que incitassem a fome dos cercados, vendo coisa, que lha fartasse, e por este meio chamalos para cahirem nas ciladas, que lhes haviaõ armado. Quanto aos cercados, a pezar do soccorro do Principe de Cananor, que os fornecia de noite, estavaõ reduzidos a taõ grande fome, que naõ lhes fazia nojo o comer ratos, gatos, e toda a casta de immundicias.

Em breve tempo se viaõ obrigados a morrerem, ou a se renderem; mas neste aperto recorreraõ ás preces publicas, e fizeraõ votos á Mãi de Deos na Igreja, que D. Lourenço de Almei-

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Almeida fizera em ſua honra depo
da victoria; e eſta Mãi caritativa, ſer
pre favoravel aos que a imploraõ
parece que ouvio o ſeu rogo. No me
mo dia da ſua glorioſa Aſſumpçaõ
levantou hum vento do mar, que lh
lançou dentro da Fortaleza tanta quan
tidade de lagoſtas, que ſervio de fa
to mantimento por muitos dias: e co
mo na India he huma comida muit
ſadia; naõ ſómente lhes ſervio de r
medio contra a fome, mas tambem con
tra as moleſtias cauſadas pela fome.

Eſte remedio ſeria leve, e inutil
ſe a eſtaçaõ naõ eſtivera taõ adianta
da; mas receando o Samorim, e
Rei de Cananor, que com a volta d
bom tempo chegaſſe o ſoccorro de Eu
ropa, aſſentaraõ prevenilo, unindo a
ſuas forças, e pôrem a ultima diligen
cia para levarem a Fortaleza: com eſ
te fim deſpedio o Samorim huma ar
mada, logo que ſe pôde conſervar no
mar. Eſtava bem diſpoſta a ordem do
ataque. Devia ter principio pela trin
cheira interior a fim de chamar para
ahi todo o cuidado dos cercados, ſem
deſconfiarem do fingimento; mas tra
vada a acçaõ, a frota que eſtaria en-
coberta, devia vir fazer o ſeu deſem-
barque na ponta, e tomar a Fortale-

za

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

za com huma eſcalada ſem medo de encontro. Brito, que eſtava avizado das tençoens do inimigo pelos Principes, ſeus ordinarios eſpias, naõ ſe deſcuidou dos ſeus avizos. Chegado o dia do ataque, vindo a frota, conforme eſtava ajuſtado, bem que foſſe forte, numeroſa, e com algumas maquinas de novo artificio, foi recebida com tal valor, e taõ terrivel eſtrago de artilheria, que aſſombrados os Cabos de tal reſiſtencia naõ eſperada, ſe retiraraõ quaſi ſem batalha. Acodindo entaõ os Portuguezes, que defendiaõ eſte poſto, á tranqueira, onde o Gentio começava a ter alguma vantajem, houve hum taõ rijo encontro, que naõ podendo os ſitiadores ſofter o impeto dos cercados, foraõ obrigados a recolher-ſe, deixando muitos mortos.

O Rei de Cananor eſcarmentado depois deſta acçaõ, ſó deo ouvidos a propoſiçoens de paz, que ſe apreſſou mais com a chegada de Triſtaõ da Cunha, que vindo de Portugal veio dar fundo neſte porto. Com iſto levantou o cerco, que durou quatro mezes, nos quaes Lourenço de Brito, e os valoroſos Portuguezes, que com elle eſtavaõ grangearaõ grande gloria, e nome.

Fim do terceiro Livro.

HIS-

HISTORIA DOS DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES, NO NOVO MUNDO.

LIVRO IV.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

POr mais que ElRei D. Manoel se empenhasse, e por maiores despezas, que fizesse, para pòr em ordem os negocios da India, nem por isso se descuidava dos de Africa, que serviaõ como de caminho para aquelles. Ao mesmo tempo que estava com guerra aberta com os Mouros de Fez, e Marrocos, despachava continuadamente frotas para o Oceano, a fim de adiantar os descobrimentos, e fazer novas Feitorias por esta Costa. Quasi que

ue já tinha torneado esta parte do
lundo, e havia penetrado até ao
abo de Guardafú. Pelo mar Atlan-
co tudo estava em paz: gozava
m guerra dos seus dominios, e com-
ercio. Este Principe levado de hum
erdadeiro zelo, e piedade, nada o
citava mais do que arraigar alli a
eligiaõ, e mandar Missionarios, os
aes fizeraõ grande fructo, maior-
ente no Reino de Congo, onde eraõ
voneados pelo Principe D. Affonso.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Na Costa Oriental, onde os po-
os tinhaõ mais politica, e eraõ ca-
zes de se defender, sendo quasi
dos Mouros, havia repetidas pele-
s, mas quasi sempre os Portugue-
s levavaõ a melhor. O Rei de
elinde, e o Cheque de Moçambi-
e conservavaõ fielmente a sua ali-
ça: pelo contrario o Rei de Mom-
ça se defendia vigorosamente, e in-
ietava o Rei de Melinde seu vizi-
o, porque recolhia os Portuguezes,
lhes era affeiçoado. Ibrahim, Rei
Quiloa, a quem o Almirante fi-
ra por força tributario de Portu-
l, fez esta aliança simulada, e naõ
dou em a quebrar. Mandando de-
is D. Manoel tres náos, cuja Ca-
ania tinha Antonio de Saldanha,
estes

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

estes navios se espalharaõ com t
menta. Diogo Fernandes Pereira, C
pitaõ de hum, descobrio a Ilha de S
cotorá até entaõ desconhecida a
Europêos, onde invernou antes
passar á India. Rui Lourenço Rav
co, que commandava o terceiro, f
guerra viva ao Rei da Iha de Zan
bar, bem que aliado da Coroa, l
tomou varios navios, matou seu fil
em huma briga, e obrigou este Pri
cipe a fazer-se tributario, pagan
cada anno cem meticaes de oiro,
trinta carneiros ao Capitaõ, que fo
receber o tributo. Similhantemente p
hum tributo de 500 meticaes de oi
cada anno á Cidade de Brava, q
era huma modica Republica na Co
de Zanguebar; e encontrando-se co
Antonio de Saldanha, ambos cau
raõ tanto medo a ElRei de Momb
ça, que se vio obrigado a fazer hu
paz simulada com o Rei de Melind
e depois passaraõ ambos á India.

Ibrahim usurpador do Thro
de Quiloa, a quem a sua conscie
cia trazia inquieto pela má fé passad
se recolheo ao Certaõ, quando D. Fra
cisco de Almeida Vice-Rei passava
India. Mahomet Anconin, a quem de
xou o governo da Cidade, naõ ous
fazer-

azer-lhe cara ; mas ſeguro pelo Ge-
eral Portuguez voltou com as tropas.
Almeida, que ſabia quaõ grato elle era
o Povo, o coroou Rei em lugar do
ſurpador fugitivo ; pôz-lhe a Coroa
a cabeça com grande ceremonial,
brigou aos ſeus novos vaſſallos a dar-
he juramento de fidelidade, e depois
iſſo o meſmo Rei fez omenagem a
lRei de Portugal, de quem ſe reco-
heceo vaſſallo.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Neſte Principe ſe vio hum ex-
ellente exemplo de probidade, pois
ue conhecendo-ſe mais depoſitario da
Coroa, do que Rei, pedio ao Gene-
al mandaſſe reconhecer por Principe,
legitimo herdeiro do Eſtado, com
xcluſaõ de ſeu proprio filho, hum dos
lhos do Rei Abulfail deſtronizado pelo
ſurpador Ibrahim. Eſpantado Almeida
a generoſidade deſte Mouro, que taõ
ltamente condenava a ordinaria ambi-
aõ dos Principes, ſempre diſpoſtos a
nvadirem os Eſtados alheios, ambiçaõ,
ue tem aſſás de exemplos no Chriſ-
ianiſmo, lhe concedeo o que pedia,
om condiçaõ todavia, que elle foſſe
enhor do Sceptro até á ſua morte,
governaſſe como Rei os Eſtados do
eu pupillo.

Tendo erigido em Quiloa huma

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Fortaleza, que todavia foi depois r
cessario demolir, partio Almeida pa
Mombaça com tençaõ de castigar
Rei delle, e obrigalo ao que era ju
to. O Piloto, que mandou reconh
cer a barra, foi recebido a tiros de a
tilheria, de que tinha algumas peç
com as armas de Portugal, que o R
de Mombaça tinha tirado de mergulh
do navio S. Rafael, que ahi tinl
naufragado: o inimigo estava dispos
para se defender bem: tinha dentı
4ф homens, e ainda esperava mai
soccorro: o que naõ obstante, pond
Almeida o fogo á Cidade por du
partes, a investio ao mesmo tempo pc
outras tres, e a entrou. O combat
nas ruas foi disputado, e sanguinoso
morreraõ á espada 700 pessoas, e hou
veraõ 200 prizioneiros: o Rei fugi
para o Certaõ, e offereceo alguma
proposiçoens de paz, que naõ fora
attendidas: a Cidade foi esbulhada
e achou-se hum grande despojo, d
qual o General tomou unicamente hu
ma frexa. Seu filho D. Lourenço s
distinguio muito nesta tomada. Naõ
quiz o General, que seguissem o al-
cance a ElRei: tinha os soldados can-
çados, e já naõ podiaõ mais. Con-
tentou-se com tomar-lhe a artilhe-
ria,

a, e ſeguio a viajem para a India.

O conceito, que entaõ ſe tinha, e que Sofala era o Ofir de Salomaõ, que della ſe tirava quaſi todo o oiro aquellas terras, fazia com que ElRei). Manoel ſenaõ deſcuidaſſe de ſimiiante ſitio; para o que deſtinou uma eſquadra, que partio pouco empo depois da de Almeida. Caitaneava-a Pedro d'Anhaia, que de-a ficar com o governo de Sofala. onſtava a frota de 6 velas, das quaes es eraõ navios groſſos, que haviaõ de aſſar á India, quando Anhaia os pueſſe eſcuzar; os outros tres deviaõ fiar de guarda coſta na Ethiopia infeor, governados por Franciſco d'Ahaia filho de Pedro.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Pelo nome de Sofala ſe pode omar huma Cidade, huma Ilha, hum eino no paiz dos Cafres, muito além o Cabo de Boa Eſperança, voltano para o Equador, entre o Cabo as correntes, e Moçambique. Formaõ Ilha os dois braços do Cuama, que e hum ramo do Zambeze. Os habiadores ſaõ negros, de cabello encaacolado, ſaõ ſuperſticioſos como os nais Negros, mais ladinos com tudo, om mais policia, e com alguma inuſtria. Naõ obſtante iſto, ſaõ pobres

ue os da Cidade Magadaxó foſſem
s primeiros, que lá foſſem; mas ten-
o os Reis de Quiloa feito deſpejar
ſtes, ſe apoſſaraõ da terra, e puze-
ıõ nella Cheques, e Governadores
m ſeu nome. O que lá eſtava, quan-
o lá entraraõ os Portuguezes, chama-
o Joſé, tomou a independencia nos
ıotins da ultima revoluçaõ de Qui-
ɔa, e ſe fez Soberano; mas foi já
ırde, e aproveitou-ſe pouco tempo.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Aportando Anhaia em Sofala, de-
ois de vencidos alguns embaraços
ntes de chegar ao Paço do Cheque,
ue eſtava em huma povoaçaõ aſſás
emota, tomou a reſoluçaõ de lá hir
ɔm toda a ſua gente, ao ſom de
ımbores, e trombetas. O Cheque,
ue de boa mente diſpenſára eſta vi-
ita, disfarçou, e lhe deo bom aco-
ıimento: eſtava lançado em hum ca-
el no interior do ſeu Palacio, e ti-
ha ao lado hum feiche de flexas;
o mais, bem que pobre, era muito
ıodeſto, e naõ havia na ſua Corte
oiſa maior, nem mais attendivel do
ue elle. Era já adiantado em annos,
ois contava 80, e cego; com tudo
ıoſtrava huma ſoberania, e ſuſtenta-
a a reputaçaõ, que tinha merecido.

Expôz-lhe Anhaia a ſua menſa-
gem,

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

gem: fez alardo da potencia do R
de Portugal, e dos proveitos da f
aliança, e concluio pedindo licen
para edificar huma Fortaleza, que l
serviffe de efcala para os navios, q
foffem ás Indias, de caza forte p
ra eftarem as fazendas, e de repa
contra as invafoens dos inimigos
Cheque, de quem os Portuguez
pertendiaõ fer fieis aliados.

Jofé naõ carecia do commerc
dos Portuguezes, e fabia que ell
eraõ mais para temer, do que pa
amar, e ifto mefmo fez com que l
vemente lhes concedeffe quanto p
diaõ.

A licença de fazer a Fortale
agaftou fummamente os Mouros, pri
cipalmente a Mufaph genro do Ch
que, que tomou a liberdade de fa
lar mais foltamente a feu fogro; m
o experimentado velho, que via ta
to melhor com os olhos do efpirito
quaõ pouco com os do corpo, lh
atalhou o impeto, fazendo-lhe toma
o pezo aos motivos da fua politic
„ He fóra de tempo, lhe refpondeo
„ oppor-nos por ora ao que naõ p
„ demos impedir: naõ ha coifa, qu
„ refifta a eftes novos hofpedes: h
„ notorio o que fizeraõ em Moçam
„ bi-

bique, Quiloa, Mombaça, e na India: confeſſo que ſaõ hoſpedes peꝫados, e ruins vizinhos, eu lhes abro meios de ſe fortificarem, e eſtabelecerem, concedo iſſo, mas com que forças nos achamos nós para começar-mos as hoſtilidades, e defendermo-nos, ſe elles nos quizerem opprimir? Eſperemos, deixemos que o tempo trabalhe: aqui naõ ficaõ todos, pois vaõ deſtinados para outra parte: o ar da terra mortal a todos os eſtrangeiros, como nós meſmos o experimentamos bem, acabará muitos delles; e quando ſe achar desfalcado o numero, quando eſtiverem bem apalpados do ar, entaõ telos-hemos ao noſſo arbitrio, e nos desfaremos de taõ pezados hoſpedes.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

O vaticinio de Iſuph naõ tardou a cumprir-ſe em parte. Anhaia pôz maior cuidado em terminar a Fortaleza, e os Cafres naturaes do paiz, e deraõ tal ajuda, que em pouco mpo, e com pouco cuſto a acabou. eſpedio entaõ Barreto, que ſe fez á la para a India com tres navios de rga, e mandou ſeu filho com ouos tres andar ás prezas até Moçamque. Foi eſte taõ desgraçado, que a

mui-

Ann. de J. C. 1506. D. Manoel Rei D. Francisco de Almeida Vice-Rei	

muito custo se salvou em Quiloa, d
pois de perder dois navios, e alli
Feitor Pedro Ferreira o prendeo, c
mo se os perdera por culpa sua. Hi
do-se assim desfalcando pouco a po
co a guarniçaõ, o foi muito ma
com as molestias causadas pelo
apaulado, e pestilencial destas terras
que se fez mais pestifero com o ro
per das terras, de sorte que se vi
reduzida a quarenta pessoas, muit
das quaes andavaõ em pé com muit
trabalho.

Nem assim se portavaõ os Po
tuguezes com grande politica, e t
nhaõ puchado a si todo o trato d
oiro. Fizeraõ o mesmo regimento
que em outras partes os tinha feit
taõ odiosos, e observavaõ com igua
rigor, de sorte que escandalizados o
Mouros, e valendo-se do credito d
Musaph, resolveraõ ultimamente Isup
a que lançasse maõ da opportunidad
do tempo para os expulsar.

Para segurarem melhor o tiro
a engrossarem as suas forças, convido
Isuph hum Principe vizinho, tributa
rio do Imperador de Monomotapa
a quem mostraraõ os capitulos contr
os Portuguezes, exhortando-o a qu
tomasse parte no seu desbarato, e des-

po-

bojo: pintaraõ-lhe esta empresa por huma parte taõ facil, e pela outra de tanto proveito, que foi o que bastou para avivar a cobiça do Cafre, que se pôz em campo com hum grande exercito.

Ann. de J. C. 1506. D. Manoel Rei D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Havia entaõ na Corte do Cheque hum homem nobre de muito credito, Abexim de naçaõ, que tendo sido cativado pelos Mouros de idade de dez annos, fôra por elles circuncidado, e criado na sua Religiaõ. Quando vio Anhaia na primeira audiencia, o acompanhou, e travou com elle estreita amizade, e para lhe dar provas da sua estimaçaõ, lhe fez presente de 20 Portuguezes, que tinha em seu poder, que eraõ de hum navio da sua frota, que tendo-se levantado contra o Capitaõ, tinhaõ sido cativos, querendo antes aventurar-se a todo o risco, que corriaõ em terra incognita, do que tornarem a embarcar-se com elle.

Arraigada com o tempo a amizade, sempre tinha sido do partido dos Portuguezes no Conselho, mas como naõ pode vencer, deo avizo a Anhaia de quanto se tinha acordado para sua ruina, e se lançou na Fortaleza com cem homens do seu mando, pouco antes de se começar o ataque, para

ANN. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

o qual Anhaia ſe apparelhou com to-
do o vagar.

Era a tençaõ dos inimigos pôren
o fogo á Fortaleza, que era ſómente d
páos, com flexas, faxinas inflammadas
e com effeito lançaraõ grande numer
de frexas, e trouxeraõ muita faxina
com que quaſi igualaraõ a altura d
reparo. Anhaia, que tinha tomado a
cautelas ordinarias contra o fogo
deixou chegar os inimigos ſem eſtorvo
e diſparou a artilheria tanto a tempo
que os Cafres naõ coſtumados ao eſtam
pido, e effeito deſtas maquinas, vol
taraõ logo as coſtas, e ſe meteraõ en
hum grande palmar; mas continuand
o canhaõ a decepar as arvores, e a fa
zer maior eſtrago com os eſtilhaços
eſpinhados os Cafres de os terem con
vidado para virem fazer guerra naõ
homens, como elles ſe explicavaõ
mas a Deoſes, converteraõ a ſua fu-
ria contra os Mouros, esbulharaõ a po-
voaçaõ, e ſe recolheraõ ás ſuas ter-
ras.

Anhaia, mal ſatisfeito de ſe ver
deſembaraçado a taõ pouco cuſto, quiz
vingar-ſe de ſeus inimigos, e inhabili-
talos de lhe poderem ſer danoſos com
mais vigoroſo golpe, e eſcolhidos quin-
ze Portuguezes, e vinte homens do

Abe-

Abexim ſeu amigo fiel, dá na povoaçaõ do Cheque no quarto da modorra, entra até ao Paço, matando quantos encontrava; paſſa ao quarto do Principe, que, ainda que velho, e cego, naõ perdeo o acordo; e pondo-ſe em defeza, arroja as ſettas ſem tino, e fere levemente Anhaia no peſcoço. Seguio-ſe a prompta vingança deſte golpe. O Feitor Manoel Fernandes, homem deſtro, e bom ſoldado, ſe chega ao velho, e lhe corta a cabeça, que cravada em huma lança ſobre os muros da Fortaleza ſervio de eſpectaculo de terror.

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo eſta morte ſervido de ſe ajuſtar promptamente a paz, entrou logo a diſcordia entre os Mouros ácerca da ſucceſſaõ. Tendo cada hum dos filhos do Cheque o ſeu partido, Anhaia fez pezar para a parte de Solimaõ, que moſtrara ſempre mais affeiçaõ aos Portuguezes, e que de boa mente ſe ſujeitou á condiçaõ de ſe fazer tributario da Coroa de Portugal. Poucos dias depois morreo Anhaia do contagio do ar peſtilente deſte paiz. Tomou o governo Manoel Fernandes, eſperando ſer confirmado nelle em attençaõ aos ſeus ſerviços; mas o Vice-Rei da India, a quem pertencia a nomea-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

nomeaçaõ, ſabendo da morte d'Anhaia pelos dois Capitaens dos navios, que mandara D. Manoel em buſca de Franciſco de Albuquerque, o tirou, e mandou para governar Nuno Vaz Pereira, levando ordem de paſſar por Quiloa, onde os motins, que ſe tinhaõ ſuſcitado, requeriaõ a ſua preſença, e remedio naõ retardado.

Com effeito Nuno achou em Quiloa as coiſas em grande deſordem. Mahomet Anconim, que com a ſua prudencia tinha tudo em boa ordem, depois de ſe ter ſalvado das emboſcadas dos do partido de Ibrahim, veio a ſer victima da ſua propria generoſidade para com hum Principe confederado do uſurpador deſapoſſado. Tinha Pedro Ferreira, Feitor, ou Governador de Quiloa, cativado hum filho do Rei de Tirendiconde, e o tratava mais como eſcravo, do que como priſioneiro. Mahomet, que naõ era homem de grande ſangue, e que queria ter hum protector, reſgatou eſte Principe moço, e o mandou a ſeu Pai com alguns preſentes. Eſte fingindo-ſe agradecido a eſta demonſtraçaõ de magnanimidade, convidou Mahomet para huma conferencia, com pretexto de tratar nella negocios de paz, e tendo-o

em

em seu poder, o mandou cruelmente assassinar em quanto dormia.

Morto Mahomet, e provavelmente tambem o moço Principe da descendencia de Abulfail, que fôra apontado herdeiro legitimo do Reino, pleitearão o Throno Hocem, filho de Mahomet, e Micante, sobrinho do usurpador Abrahim. Estes dois rivaes naõ sómente repartiraõ entre si os Mouros, mas tambem os Portuguezes. Os principaes naõ assentavaõ que Hocem tirasse merecimento da afeiçaõ de Mahomet aos Estrangeiros, quando aliàs era tido em pouco, em razaõ do seu nascimento, e assim se puzeraõ da banda de Micante com o Governador Ferreira, que neste ponto naõ ajuizava como os demais da sua naçaõ; mas naõ rebentava daqui o maior mal. ElRei de Portugal mal informado, tinha passado ordem, que senaõ transportasse fóra desta Cidade alguma daquellas fazendas, que se levavaõ ordinariamente a Sofala, cujo commercio queria reservar para si sómente. Esta ordem, a que se dava a mais exacta observancia, assim revoltou os animos, que em pouco tempo se vio a Cidade quasi despovoada das principaes familias, que se refugiaraõ a Mom-

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Mombaça, a Melinde, e ás de mai Cidades vizinhas. Nuno, ainda an tes de chegar a Quiloa, abolio esta or dem, e a mandou notificar hindo no caminho, o que produzio taõ bom effeito, que quando lá chegou levava de companhia mais de 20 vela carregadas destas familias fugitivas que alegres se recolhiaõ a tomarem posse dos seus antigos bens. Por este modo tornou a Cidade ao seu antigo esplendor. Depois disto mandou Nunes, que cada hum dos pertendentes pleiteasse na sua presença; e naõ obstante o favor de Ferreira, pôz Hocem de posse do Sceptro, e depois partio para Sofala.

Tendo Hocem grangeado a estimaçaõ do povo com huma victoria, que alcançou pouco tempo depois, veio a ser taõ insolente, que suscitadas de novo as facçoens, o Vice-Rei mandou ordem para lhe tirarem o governo, e pôrem Micante em seu lugar. Portando-se este ainda peor que o seu rival, e dando todos os dias novos motivos de queixas pelos seus brutaes costumes, foi similhantemente deposto, e foraõ buscar o usurpador Ibrahim. Repugnou no principio fiar-se nos Portuguezes, e vir-se-lhes me-

meter nas maõs; mas vencida a desconfiança, reinou pacificamente, e viveo sempre depois com boa armonia com elles.

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Nesta conjunctura partio de Portugal Tristaõ da Cunha para a India, pôr de caminho com execuçaõ algumas ordens na Costa d'Africa. ElRei D. Manoel que o estimava, o avia nomeado antes de hir para a India como Vice-Rei; mas tendo cegado de vertigens, de que era acometido, foi Almeida nomeado em seu lugar. Tendo-o curado os Medicos, o nomeou ElRei General das náos da carga, que mandava ás Indias, dando-lhe algum lucro na mesma carga, o despachou com huma armada de 6 velas, das quaes Affonso de Albuquerque commandava sinco.

Tendo-se Tristaõ metido em demaziada altura do Sul, descobrio algumas Ilhas, a que deo o seu nome, que ainda conservaõ, e depois chegou com bom successo a Moçambique; mas tendo perdido muito tempo na navegaçaõ, por naõ ter seguido o conselho de Albuquerque, perdeo a monçaõ de passar á India. Quiz resarcir esta perda, hindo reconhecer a Ilha de Madagascar, ou de S. Lourenço,

que

Ann. de J. C. 1506.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

que Rui Pereira tinha descoberto pel parte de dentro, e que depois o fc por fóra, e pela banda do Sul pc Fernaõ Soares, que lá foi voltand das Indias.

Esta Ilha, situada debaixo d Zona torrida, e do Tropico de Capr çornio no mar da Ethiopia, correspor de ao paiz dos Cafres, e terá 35 legoas de comprido, e 80, ou 10 de largo: os seus habitantes parte sa negros, parte brancos, ou baços: es tes moraõ na costa do mar, e pare cem ser Colonias Arabias. Os ne gros mais antigos no paiz provavel mente saõ oriundos dos Cafres, quem saõ parecidos nos costumes, na Religiaõ. A terra he muito fer til de tudo quanto he necessario par a vida, e util para o commercio, pc rém Tristaõ naõ achou alli as grande riquezas da India, como tinha fanta siado. Os povos lhe fizeraõ ao prin cipio bom acolhimento a fim de lh armarem huma cilada, de que log tomou vingança; mas vendo que all aproveitava pouco, tornou a sahir, perdeo alguns navios no recife d Ilha, que lança muito para fóra, esteve em perigo de ficar tambem al li perdido.

Ten-

Ann. de J. C. 1506.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo achado tudo tranquillo em Quiloa, paſſou a Melinde. Eſtava enaõ ElRei de Melinde com guerra berta com os Reis d'Hoja, e de Lamo, or intereſſes particulares, e antigas ertençoens; e perſuadindo a Triſtaõ, ue era pelo favor, que tinha entaõ ado aos Portuguezes, obrigou eſte General a tomar parte nas ſuas deſaenças, e Hoja foi ſaqueada, e moro o ſeu Rei na defeza. O de Lamo irando liçoens da deſgraça do vizinho, vitou igual ruina ſobmetendo-ſe, e faendo-ſe tributario da Coroa de Porugal.

A Cidade de Brava, que fica nais aſſima 50 legoas, ſeguio o exemlo d'Hoja, e teve a meſma ſorte. ra grande, rica, povoada, e forticada com hum muro, hum foſſo, e lgumas torres, defendidas por mil Mouros bem armados, e que deraõ noſtras de valentes. Aceitára o ſer ributaria de Portugal por alguns dos abeceiras da Republica, que ſe achaaõ em Quiloa, como diſſe; mas ella eve eſta acçaõ tanto a mal, que bem ue foſſe hum mero artificio para ſalar huma náo ricamente carregada, nde vinhaõ peſſoas da Cidade das le mais conta, aſſentou, que devia

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

dar desta acçaõ hum severo castigo aos que se acharaõ cumplices, e os privou dos seus cargos. Na resoluçaõ de se defender bem, quando Tristaõ da Cunha chegou, despedio com desdem o seu mensageiro. Todavia tendo ponderado melhor o Senado, se começou a tratar huma negociaçaõ com o General Portuguez; mas como esta se hia demorando com diversos pretextos, desconfiado o General destes vagares, á força de tormentos soube a verdade, do que andava nestes tratos, e vio que o entretinhaõ; porque nesta monçaõ reinava hum vento taõ forte, que naõ escaparia hum só vaso de dar á Costa.

Chamando Tristaõ a Conselho, assentou entrar a Cidade na noite seguinte. Toda a gente se embarcou nos bateis, e se formou em duas linhas. Levava Albuquerque a primeira composta de 400 homens, e Tristaõ a segunda com 600 homens, Chegaraõ a terra ao romper o dia; e por mais que quizessem encobrir a marcha, os da Cidade a perceberaõ, e se acharaõ 2000 homens para lhes defender o desembarque, o qual se fez todavia com muita ventura, ainda que naõ fosse sem se derramar sangue. Os inimigos comba-

bateraõ com valor; mas vendo-se apertados voltaraõ á Cidade, e entraraõ nella podendo fechar as portas, porquanto alguns se sacrificaraõ fazendo cara aos inimigos: entaõ se espalharaõ os Portuguezes ao longo dos muros; e reparando Albuquerque em huma especie de brecha em hum lugar, onde o muro era mais baixo, deo por alli o assalto, e subio o muro. Foi longo, e violento o combate pelas ruas; e entrando a Cidade pela sua banda Tristaõ, que a investio por outra parte, se fizeraõ os Mouros fortes na grande Praça, e Mesquita. Aqui se renovou a briga com mais ardor, e tendo durado até ao meio dia, se retiraraõ os Mouros, e sahiraõ da Cidade, deixando 500 mortos, e entre elles os cabeceiras da Republica. Tambem houveraõ muitos mortos da parte dos Portuguezes, e maior o numero de feridos, nos quaes entrou o proprio General, que no mesmo sitio em que foi ferido, quiz ser armado Cavalleiro com seu filho por Affonso d'Albuquerque, que lhe cingio a espada, e lhe deo a pranchada na fórma do antigo uso. O General armou depois alguns Cavalleiros dos que se tinhaõ mais distinguido nesta facçaõ.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Triſtaõ naõ quiz, que ſe ſeguiſ ſe o alcance ao inimigo fóra da Ci dade, e mandou fechar as portas; e como temia o furacaõ, com que o ameaçavaõ, deo a Cidade a ſaco, mandando deitar bando, que ſenaõ detiveſſem, pois lhe queria pôr o fogo. Acharaõ-ſe muitas riquezas de toda a caſta, mas foi tamanha a ambiçaõ dos ſoldados, e marinheiros, que naõ ſe fartando alguns, ſe viraõ cercados das chamas: naõ foi menor a crueldade, pois cortaraõ as maõs, e as orelhas a mais de 800 mulheres, e meninas, por naõ gaſtarem mais tempo em lhe tirarem os braceletes, e brincos. Eſta barbaridade deſgoſtou ſummamente o General, que para a evitar deo as ordens hum pouco tarde. Parece que Deos a naõ quiz deixar impunida, por quanto levando quinze deſtes marinheiros, e ſoldados hum batel muito carregado, o batel ſe foi ao fundo, e tornou aſſima da agua vazio, depois de todos afogados, e perdido quanto levava.

Naõ lhe quiz ceder em valor Magadaxo, outra Cidade ſituada a dez legoas de Brava, igualmente rica, e poderoſa, bem que tiveſſe razaõ para temer igual tratamento. Mal teve viſ-

ta

ta da frota Portugueza se apparelhou, ou para vencer, ou para acabar, Leonel Coutinho, a quem o General mandou com as proposiçoens, vendo a praia guarnecida de gente de pé, e de cavallo em boa ordem, naõ se quiz aventurar, e pôz sómente em terra hum escravo, que foi logo feito em pedaços. Obrigado assim a voltar a bordo a dar disto conta, convocou logo Tristaõ da Cunha os Capitaens, que seguindo mais a luz da razaõ, do que o impeto do seu valor, foraõ de voto de deixar a vingança para outro tempo, e seguirem a sua derrota até Socotorá, onde chegáraõ no mez de Abril de 1507.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Socotorá, que se julga ser a Dioscórida dos antigos Geografos, he huma Ilha, que fica na boca do mar Vermelho no estreito de Meca, formada pelo Cabo de Guardafu da parte de Africa, e pelo de Fartaque da banda da Arabia. Fica situada entre estes dois Cabos, e no meio delles distante quasi trinta legoas de cada hum: tem vinte de comprimento, e nove de largura: o clima he quente, porém muito sádio, porque he temperado com o vento do mar, que he alli ordinario: a terra he levantada, montuo-

sa,

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ſa , ſeca , eſteril , menos em algun
valles , onde ſe criaõ rebanhos. Ah
ha o melhor incenſo , e aloe , do qu
em terra alguma : dá vermilhaõ ,
ambar , que o mar arroja ſobre
Coſta ; e tambem ſe colhem muita
tamaras , e milho , de que com o lei
te do gado ſe mantem os naturaes.

Eſtes ſaõ oriundos dos Arabios
e vivem em cazas ſubterraneas á ma
neira dos antigos Troglódytas : andaõ
núz , e ſó trazem cubertas as partes
pudendas , e tudo o mais condiz com
a ſua nudêz. Saõ timidos , preguiço
ſos , covardes , pouco atilados ,
parecem naſcidos para ſerem eſcravos
e miſeraveis : a ſua Religiaõ naõ era
mais do que huma monſtruoſa miſtu-
ra de Judaiſmo , Mahometiſmo ,
Chriſtianiſmo , de que ſe pode dizer
que naõ tinhaõ mais do que as ap-
parencias exteriores : taõ completa
era a ſua ignorancia ! Contaõ que S.
Thomé , quando foi ás Indias , ti-
nha alli prégado a Fé , que os Ja-
cobitas depois adulteraraõ. Sendo
Chriſtaõs ſem Baptiſmo , conſervavaõ
ainda os nomes de Maria , e dos
Apoſtolos , e davaõ grande culto á
Cruz , tendo-a arvorada em muitos
lugares , e trazendo-a ao peſcoço.

Fa-

Faziaõ as ſuas oraçoens em Hebraico ſem o entenderem: tinhaõ huma ſó mulher, guardavaõ os jejuns, e feſtas, e conſervavaõ outros muitos veſtigios de huma Religiaõ, cujas noçoens verdadeiras eſtavaõ de todo gaſtadas no ſeu animo, e coraçaõ.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Aproveitando-ſe o Rei de Caxem no paiz dos Fartaques da covardia deſtes pobres Inſulanos, ſe tinha apoſſado della, e impoſto hum peſado jugo, e para os pôr em termos de o naõ poderem ſacudir, tinha feito na Ilha huma Fortaleza, onde tinha por Capitaõ Ibrahim ſeu filho, Principe moço de grande ardimento, e valor varonil, de que tinha dado grandes provas.

Como hum dos principaes intentos delRei D. Manoel era arruinar de todo o commercio dos Mouros pelo mar Vermelho, por onde deviaõ paſſar quaſi neceſſariamente todos os ſeus navios, que vinhaõ da India, ou da Coſta Oriental da Africa, nada pertendia com maior ancia, do que fazer-ſe ſenhor deſte poſto, que o fazia dominar o eſtreito, e lhe dava hum abrigo para as frotas, que mandava para andar cruzando pela Coſta da Arabia. Eſte foi o principal deſignio

com

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

com que despachou o Cunha com ordem de lançar os Fartaques da Ilha, tomar-lhe a Fortaleza, e edificar outra em sitio accommodado. Para isto mandou carregar em nove navios de frota os materiaes de huma Fortaleza, que estava feita nos armazens de Lisboa, de forma que bastava armala.

Tendo Tristaõ da Cunha mandado propor a Ibrahim, que se rendesse, naõ deo outra resposta, senaõ a de hum homem resoluto, de sorte, que foi forçoso combater. Tomada esta resoluçaõ, mandou o General examinar a Costa para buscar sitio mais proprio para o desembarque, e como o mar quebrava muito, naõ achou outro sitio mais accommodado, senaõ defronte de hum pequeno palmar, vizinho á Fortaleza, onde se resolveo sair em terra. O General devia mandar a primeira linha com os Capitaens da sua esquadra, cada hum delles embarcado no seu batel; e Albuquerque a segunda com os seus Capitaens.

No dia seguinte o General marchou, e endireitou para o sitio, que deixára notado no dia antecedente, e Ibrahim próvido a tudo, sahio com os seus Fartaques a defender huma tran-

anqueira, que mandára fazer de
ɔite de páos, e oppor-se ao de-
mbarque. Albuquerque, que lhe co-
ıeceo a tençaõ, em vez de seguir
ı General foi desembarcar no porto,
: fronte da Fortaleza, onde o mar
tava mais quieto do que no dia an-
cedente, e lhe deo mais facil de-
mbarque. Ibrahim, temendo que
m esta manobra, que o proprio
eneral ignorava, o ferissem de flan-
ı, ou lhe cortassem a retirada,
vidio a sua gente, e de cem ho-
ens, que tinha, mandou oitenta pa-
a trincheira, e com os 20, que lhe
:avaõ, correo ao porto a fazer cara
D. Affonso de Noronha, sobrinho
ı Albuquerque, que tendo já desem-
ırcado hia via da Fortaleza. Estes
ıis Capitaens, ambos mancebos, e am-
ɔs ardidos, parecia que andavaõ desa-
ıdos, e pelejaraõ muito tempo com
ual valentia, mas por fim ficou No-
nha vencedor.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Vendo os da Fortaleza morto o
u Xeque, fizeraõ sinal de retirada,
ıe era o unico remedio, que lhes res-
va. Tristaõ da Cunha tinha vencido
tranqueira, onde encontrou brava
sistencia, e pôz os Mouros em fu-
da: muitos delles se recolheraõ á
For-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Fortaleza , e outros ſe ſalvaraõ n
matos. Chegados os Portuguezes
muralhas , pertenderaõ entrar : mand
raõ buſcar eſcadas para ſubirem ,
petardos para arrombarem as port
Os cercados ſe defendiaõ de ſima d
muros , lançando fogos de artificio
e pedras , huma das quaes deo taman
pancada em Affonſo de Albuquerqu
que lhe tirou os ſentidos , e a fal
por muito tempo ; mas tornando a ſ
e fazendo-ſe os Portuguezes ſenhor
do muro , abriraõ as portas , e ent
elle fez eſpantos de valor , como t
dos os mais , e ſalvou Noronha
hum golpe mortal , cobrindo-o com
ſeu eſcudo. Vendo os Fartaques pe
dida a Fortaleza , ſe retiraraõ ao Ca
tello. Triſtaõ da Cunha lhes mand
offerecer a vida , e a liberdade ,
ſe quizeſſem render , mas elles anim
dos com a viſta de ſeus camaradas
que tinhaõ pelejado como Heroes
reſponderaõ com altivez , que os Fa
taques naõ coſtumavaõ capitular : qu
tendo-lhes dado o filho de ſeu Rei
exemplo de morrerem como valentes
naõ lhe deviaõ ſobreviver , que ſ
haviaõ defender até á ultima ping
de ſangue. Com effeito entrado
Caſtello , foraõ todos paſſados á eſpada

me-

ienos hum ſó. Eſte homem era hum
abil Piloto, que depois foi de muito
reſtimo a Affonſo de Albuquerque.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Acabado iſto, mandou o General
hamar os da Ilha, a quem diſſe: „
Que elle os viera remir do jugo in-
ſoportavel, em que os tinhaõ os
Fartaques: que ſabendo o Rei de
Portugal, que elles eraõ Chriſtaõs,
e que gemiaõ debaixo da tyrannia
dos Muſulmanos, nada deſejava
mais do que livralos della, e inſ-
truilos: que por fim eſtavaõ livres,
pois ſe fizera ſenhor da Fortaleza,
e que para os inſtruir lhes deixava
hum Santo Miſſionario, que de boa
vontade ſe encarregaria diſſo. „ Era
ſte Miſſionario hum Religioſo da
)rdem de S. Franciſco, por nome
Padre Antonio de Loureiro, que fez
om effeito grande fructo entre eſte
obre povo. A Meſquita foi ſagrada
m Igreja com o titulo de Noſſa Senho-
a da Victoria. D. Affonſo de Noro-
ha foi nomeado Capitaõ da Fortale-
a, conforme tinha ſido ordenado por
. Mageſtade, antes que a frota ſa-
iſſe de Lisboa.

Eſte o Eſtado dos negocios da
Africa, quando Triſtaõ da Cunha par-
io para a India: naõ ſe deteve alli
mui-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

muito tempo: a sua vinda, co[r]
já dissemos, accelerou a paz de Ca[r]
nor, e fez levantar-lhe o cerco. [F]
depois direito a Cochim, onde ach[...]
prestes a carga, por haver hum ann[o]
que naõ chegavaõ navios de Portuga[l]
e por isso foi expedido com brevid[a]
de; mas antes de voltar, quiz achar-
em huma grande facçaõ, em que
Vice-Rei empenhava a pessoa, o qu[e]
folgou de se acompanhar delle, e r[e]
partir a gloria.

Tendo o Vice-Rei avizo de qu[e]
em Panane, distante 14 legoas d[e]
Cochim, estavaõ 15, ou 16 navios d[e]
Mouros, que estavaõ carregando,
para partir, assentou hilos alli que[i]
mar, e juntamente levar a ferro,
fogo a Cidade, que entaõ seguia
aliança, e obediencia do Samorim
Era arriscada a empreza. Ficava Pa
nane situada em hum rio estreito
que faz hum commodo porto hu
ma legoa assima da sua barra. Er[a]
perigosa a sua entrada em razaõ da
muitas arêas, que junta; e os inimi-
gos, que esperavaõ serem atacados
tinhaõ fortificado naõ sómente a pra-
ça, mas tambem a entrada do rio
fazendo-lhe de ambos os lados dois
baluartes, onde assentaraõ artilheria
gros-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

roſſa. O Samorim lhes tinha além
ſſo mandado muitas tropas, capi-
neadas por hum Mouro, por no-
ie Cutial, que tinha creditos de
rande guerreiro, e os Mouros, que
raõ a flor do ſeu campo eſtavaõ taõ
ſtimulados das continuadas perdas,
ue lhes cauſava o odio, que os Portu-
uezes lhes tinhaõ, que mais de 60
maior parte Capitaens, e Officiaes
e navios, tinhaõ rapado a cabeça,
a barba, o que entre elles he ſinal
e ſe obrigarem com juramentos, e
xecraçoens a morrerem, ou vencerem.

A frota dos Portuguezes, que ſe
ompunha de 12 navios, encheo os
iimigos de eſpanto quando deraõ viſ-
a della na boca da barra, mas naõ
ſmoreceraõ: toda a noite trabalha-
aõ em fortificar as ſuas trincheiras,
diſpor-ſe para a acçaõ. Tendo D.
'rancisco de Almeida moſtrado ao
Conſelho dos Capitaens hum plano
xacto do ſitio, que houvera por via
e eſpias, ſe reſolveo que no ſeguinte
ia 26 de Novembro de 1507, ao apon-
ar da maré, em quanto as embarca-
oens maiores fechavaõ a barra, pois
aõ tinhaõ fundo para entrarem, ſu-
iſſem primeiro pelo rio aſſima Pedro
Barreto, e Diogo Peres cada hum
em

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

em ſeu batel, em que hiriaõ 80 h
mens dos mais reſolutos da armac
Que o primeiro poria o peito em t
ra no ſitio, onde os navios inimig
encalhados na praia eſtavaõ prez
huns aos outros; e o ſegundo apc
taria ao pé do baluarte, donde f
ziaõ maior damno. D. Lourenço d'A
meida, e Nuno da Cunha filhos d
Generaes, cheios de emulaçaõ, regí
o corpo de batalha nos bateis, onc
hiaõ repartidos o maior numero d
Capitaens, e Officiaes de ſeus Pai
Nuno devia ſuſtentar Barreto, e I
Lourenço de Almeida a Diogo Pere
Os Generaes ſe ſeguiaõ depois,
conduziaõ a terceira linha, que h
embarcada nas galés.

Tudo ſe executou muito bem
como eſtava projectado. Barreto, e Pe
res abalaraõ com a maré, e paſſara
por entre os reductos com os ſolda
dos baqueados ſobre os bancos, ſen
que a artilheria, que jogava por ſim
lhes fizeſſe damno. Mas ao tempo d
deſembarcarem, lhes ſahiraõ do en
trincheiramento os Mouros, que ſ
tinhaõ amoucado, ſaltaõ na agua
que lhes dava pela cintura, e ſegu
rando nos bateis, davaõ tanto, que fa-
zer aos ſoldados, que vendo-ſe mui-

to

apertados dentro nelles, onde naõ
ɔdiaõ desembaraçar-se bem, se viraõ
ɔrigados a saltarem tambem á agua,
ıde se fez huma crua peleja. Che-
ıdo D. Lourenço, e D. Nuno ca-
. hum ao seu posto, os soldados,
ıe hiaõ em desordem, cobraraõ novo
ıimo, e forças, e o combate foi en-
õ mais cruento, pelejando todos
:satinadamente, e como desespera-
ɔs. Dizem que D. Lourenço mata-
seis da sua maõ com huma pe-
ıena lança, que manejava com des-
eza, e valentia. Como era o ho-
em maior, e o mais bem feito,
ıe entaõ havia na India, hum dos
entios julgou pelo porte ser elle hum
ɔs Capitaens, e arremeteo com elle,
cobrindo-se com a sua adarga, se
ıegou meio curvado com intento de
.e decepar as pernas. D. Lourenço,
ıe era desembaraçado, se esquivou
ɔ golpe, e com huma facha, que
ıeneava com ambas as maõs o abrio
ı cabeça até ao peito; mas vendo-
: ferido por outro no collo do bra-
o, sitio onde ha mais nervos, e
:ndoens, se sentio hum pouco debi-
tado, doente, e com vomitos. Os
Jeneraes, que naõ puderaõ chegar
ıais cedo, porque pedindo as gale-
ras

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ras mais agua, naõ pudéraõ entrar co-
mo os outros, chegando neste tem-
po, e animando seus filhos com ex-
hortaçoens, e reprehensoens, Nu-
no pôz fogo aos navios inimigos,
os soldados de D. Lourenço entra-
raõ na tranqueira. Tendo-se depo
desbastado, e mortos os que tinha
feito o voto, e juramento, ficando
maior parte traspassados de feridas
todo o resto se pôz em fugida: o
navios foraõ consumidos pelas chamas
como tambem a Cidade, e quasi to
das as suas riquezas, tendo-o o Vice
Rei mandado com apertadas ordens
com temor de que a ancia de rouba
naõ fosse causa da sua perda. Toma
das as tranqueiras, se lhe tirou tod
a artilheria.

Este foi sem duvida hum grand
feito d'armas, pois ainda que da part
dos inimigos naõ houvessem mais d
que 200, ou 300 mortos, e os Por
tuguezes perdessem dezoito homens
e houvessem muitos feridos, em qu
entraraõ tambem os dois filhos do
Generaes, certamente nunca se vio
nem mais valor, nem tantas acçoens
boas entre os combatentes de ambas
as partes, de que o Vice-Rei teve
tanta satisfaçaõ, que quiz armar al-
guns

gguns Cavalleiros em memoria desta acçaõ. Acabada ella, se fizeraõ á vela o Governador, e Tristaõ da Cunha para Cananor, onde as náos de viagem acabaraõ de tomar carga, e o Vice-Rei voltou para Cochim, e Cunha veio para Portugal, onde trouxe a alegre noticia deste successo.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Voltemos á Costa da Arabia, onde nos está chamando a gloria do grande Albuquerque. Sigamo-lo nas suas primeiras expediçoens, cujo projecto parece, que nos está já annunciando as maravilhas, que depois fez este novo Conquistador da India. Seus troféos o vieraõ a emparelhar com os mais famigerados Heróes da antiguidade, que o tinhaõ precedido nestas conquistas.

Desdenhando andar a cosso nesta garganta do mar Roxo, conforme tinha por seu regimento, o que em certo modo era mais fazer officio de corsario; impaciente aliàs de se assignalar em alguma empreza digna delle, e mais util ao serviço do seu Principe, concebeo o projecto de se fazer senhor do Reino de Ormuz, e começou a pôr-se em estado de o executala, logo que a concebeo.

O Reino de Ormuz chamado as-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ſim da ſua cidade Capital, era enta
hum Eſtado muito poderoſo. Come
çava no Cabo de Roſalgate na Ara
bia feliz, e ſe eſtendia pela outr
banda pela Carmania, onde abarcav
hum grande eſpaço. Mas o que o fa
zia mais conſideravel, era a propria ſi
tuaçaõ da Cidade de Ormuz aſſenta
da na Ilha de Gerun, na boca do gol
fo Perſico, hum pouco mais de mei
legoa diſtante da terra firme por hu
ma parte, e quatro legoas por outra
A Ilha naõ tem de circuito mais d
ſinco, ou ſeis; mas faz dois bello
portos ſeparados entre ſi por huma eſ
treita lingua de terra, e tam bem aſ
ſentados, que parecem terem ſido fei
tos para ſer a eſcala geral de tod
o Oriente. A natureza contente com
ter dado a eſta Ilha huma poſiçaõ ta
favoravel, parece lhe quiz derroga
tudo o mais, como ſe anteviſſe, qu
ſupprindo a arte todas as faltas, ha
via fazer com que foſſe hum dos mai
apraziveis ſitios do mundo; por quan
to bem que até lhe falte a agua,
com difficuldade creſça alli herva,
Cidade grande, rica, ſoberba, e ma
gnifica, á profuſaõ das immenſas rique
zas, que lhe mete dentro o commer
cio da Aſia, da Africa, e ainda da
Euro-

Europa, junta huma pasmosa fartura de tudo quanto póde servir á utilidade, e ao commodo da vida, como se os mais paizes fossem depositadamente creados para supprir a esterilidade deste.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Tendo sido o commercio quem construio esta Cidade, propriamente fallando era hum ajuntamento de estrangeiros de todas as naçoens, por modo todavia que os Arabios, e Persas mais vizinhos, dominavaõ alli com a Religiaõ de Mahomet, que era tambem a do Soberano.

Os homens eraõ muito bem feitos, e muito vivos, e naõ obstante o luxo da sua Cidade, e as pacificas inclinaçoens ao negocio, sabiaõ muito bem unir o valor varonil de criaçaõ guerreira, e de huma feita, que fez progressos com armas, com o amor ás Sciencias, e boas Artes, que saõ os fructos da paz, e tranquillidade.

Tendo Albuquerque posto em ordem as coisas de Socotorá, reprimido as facçoens dos Fartaquinos, que estavaõ na Ilha, partio com seis náos, e huma fusta capitaneadas por Officiaes de valor, em que levaria 470 Portuguezes. Com este pequeno corpo se meteo, ao largo endireitando para o Cabo de Rosalgate, onde daõ principio os

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Eſtados de Ormuz, e ſe apreſentou diante de Calaiate, que lhe abre as portas, aceita as ſuas propoſtas, ou as elude com aſtucia. Curiate mais altiva experimenta a ſorte das armas, e foi cauſa da ſua ruina a confiança, que ella tinha nas ſuas proprias forças. Maſcate, povoaçaõ mais conſideravel, e mais capaz de reſiſtir, ſe ſujeita ao jugo por prudencia do ſeu Governador; mas 2ↀ Arabios, que nella entraraõ na noite ſeguinte, a fizeraõ revoltar, por mais que o Governador trabalhaſſe pela ſalvar do inevitavel caſtigo da traiçaõ, de que lhe pertendiaõ pôr a culpa. Verificaraõ-ſe os ſeus vaticinos: os 2ↀ Arabios ficaraõ vencidos, e cauſaraõ á Cidade as deſgraças, de que a quizeraõ ſalvar. O Governador acabou combatendo, como valente contra a ſua opiniaõ, e deſejo; nem foraõ baſtantes para o ſalvar todas as prevençoens do General; mas a attençaõ, que depois houve em tudo quanto lhe dizia reſpeito, ſeria huma eſpecie de reſarcimento, ſe ha reſarcimento para quem com a vida perde tudo.

Soar, e Orfazam, ambas grandes, opulentas, e fortificadas com hum bom muro, e com hum caſtel-

lo

lo naõ tiveraõ coragem de se defender. Soar se sobmetteo ás condiçoẽs, que lhe quizeraõ sobscrever; porém os moradores de Orfazam se encheraõ de tamanho susto, que por maiores diligencias, que fizesse o seu Governador, que era hum Official de creditos, fugiraõ da Cidade, e se embrenharaõ para os matos. Os Portuguezes naõ achando dentro nem resistencia, nem submissaõ a esbulharaõ, e queimaraõ. Terminado isto, foi o victorioso Albuquerque dar fundo a 25 de Setembro á vista de Ormuz, levando diante de si o terror, e o espanto, que se augmentaraõ muito mais ao ouvir a descarga geral da artilheria, com que salvou a Cidade, e o Palacio Real.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Immediatamente mandou hum recado a ElRei, significando-lhe os motivos de sua vinda „ Que naõ era, „ dizia elle, para lá levar a guerra, „ mas sim a paz: que na verdade naõ „ havia outro meio de a conseguir, „ senaõ sujeitando-se ao Rei de Portugal seu amo, e pagando-lhe o annual tributo, que os Reis de Ormuz pagavaõ aos Sofis. Mas que „ o Rei de Portugal era hum Rei tamanho, que era maior ventura obe-

decer-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ decer-lhe a elle, do que mandar
„ grandes Imperios. Que tanto que
„ fossem reconhecidos por seus vassal-
„ los, podiaõ esperar toda a protecçaõ
„ contra seus inimigos, assim como
„ deviaõ temer suas armas victorio-
„ sas, se fossem taõ cegos, que en-
„ geitassem as vantajens desta mesma
„ protecçaõ, que elle lhes offerecia,
„ estando prompto a aceitalos por seus
„ tributarios.

Occupava entaõ Ceifadim II. o throno de Ormuz, que herdara de seus pais, que o tinhaõ fundado; mas naõ lhe permittindo os poucos annos deste Principe, que elle se encarregasse do Governo, tinha por tutor hum Eunuco por nome Coge Atar, homem habil, e experimentado, e que nesta Corte tinha grangeado auctoridade superior a todos os concorrentes.

Na verdade, que a proposta do Capitaõ Portuguez tinha hum certo ar de extraordinario, e de coisa estranha. Porém Atar, que naõ ignorava as grandes coisas, que os Portuguezes tinhaõ obrado na Africa, e nas Indias, e que tinha exacta informaçaõ, do que Albuquerque fizera de caminho, intimidado aliàs com o medo de que os descontentes do governo presen-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

presente naõ se aproveitassem da aberta para fazerem alguma mudança no Estado, seguio o partido da dissimulaçaõ, pertendendo ganhar tempo, a fim de poderem chegar as tropas de terra, e mar, que naõ estavaõ longe, e parte das quaes já tinhaõ chegado; pelo que despedio este Lingua com hum dos seus Officiaes com cartas, e grandes presentes. Albuquerque aceitou as cartas, e os presentes rejeitou-os com altivez, sem primeiro saber se devia tratar com elle como amigo, ou como inimigo.

Naõ escandalizou menos a Atar esta resposta, do que a primeira proposiçaõ. Continuou todavia a dissimular, até que tivesse dado fim ao que determinava. Mas tanto que se vio com 20ф homens de tropas, e recolhida a sua frota de mais de 60 navios de carga, e de 200 esquifes, chalupas, e outros navios, que antes estavaõ no porto, tirando entaõ a mascara começou prendendo os Portuguezes, que ousaraõ desembarcar com demaziada confiança, e mandou dizer ao General „ Que se espantava „ da ousadia das suas propostas, e da „ injustiça das suas petiçoens: Que „ os Reis de Ormuz, bem longe de

pa-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

„ pagar tributo aos eſtrangeiros, que „ ſe recolhiaõ nos ſeus portos, tinhaõ „ coſtume de os cobrar delles. Que ſe „ os Portuguezes queriaõ commerciar „ como as de mais naçoens, ſe lhes „ daria licença, e liberdade com as „ meſmas condiçoens; mas que ſe el- „ les emprehendiaõ fazer alguma vio- „ lencia, naõ tardariaõ em aprender á „ ſua cuſta, que ſe enganavaõ, ſe en- „ tendiaõ, que o haviaõ com Cafres, „ e Negros miſeraveis. „

A altivez deſta reſpoſta, e as diſpoſiçoens, que ſe faziaõ no porto, moſtraraõ ao General, que cumpria reſolver-ſe a romper com força deſcoberta. Convocou a Conſelho, onde tendo concluido acometer os navios inimigos, por onde era neceſſario dar principio, levanta ancora, immediatamente ſe faz á vela, e diſpoem os ſeus navios com juſtos intervallos para poderem fazer facilmente as ſuas evoluçoens, virarem facilmente de bordo, darem as ſuas bandas, e fazerem fogo com toda a ſua artilheria. Os inimigos repartidos por todos os navios pequenos formados em duas linhas, onde Atar mandava peſſoalmente, e a quem tinha feito tomar o largo para inveſtirem a frota Portugue-

gueza, sem se asustarem com o estrondo se avançaõ ousados a pezar do estampido da artilheria. O mesmo fumo, que por algum tempo toldava a vista sem poder divisar os objectos, lhes deo modo de se chegarem tanto, que depois de terem lançado com boa ordem huma nuvem de settas vieraõ a bordagem. Os Portuguezes, a quem a innumeravel multidaõ destas frachas ferio muita gente, tiveraõ grande trabalho em se defenderem da actividade deste primeiro assalto, em que foi necessario combater corpo a corpo a golpe de lança, de maças, fachas, e espada. Mas tendo sido no tempo do combate mortos, ou precipitados no mar os mais destemidos, a artilheria d'entre as pontas, e as baterias baixas, que estavaõ ao nivel d'agua fizeraõ tamanho estrago nestes pequenos vasos, que Atar, que começou o combate com huma extrema confiança, e que animava a todos com a sua presença, vendo-os derramados, despedaçada, ou metida a pique a maior parte delles, tomou o partido de se recolher o mais caladamente, que pôde ao abrigo dos navios de carga: com tudo a sua retirada naõ pôde ser com tanto silen-

cio,

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

cio, que naõ foſſe ſentido, e tev
o deſgoſto de ver em pouco temp
imitado o ſeu máo exemplo.

Vendo-ſe Albuquerque livre d
importunaçaõ deſtes pequenos vaſos
ſe encaminhou aos navios groſſos, entre os quaes haviaõ dois de 800 toneladas, e de quaſi 500 para 600 homens de equipagem. Ao primeiro chamavaõ o *Principe*, e era do Principe de Cambaia; ao ſegundo *Meris*, e era de Mélique Jaz, Senhor de Diu, de quem teremos occaſiaõ de fallar muito ao diante. O General atracou eſtas duas náos huma ſucceſſivamente á outra, e depois de bem diſputado o combate, meteo ambas no fundo. Os outros Capitaens imitando o exemplo do ſeu Chefe, abalroaraõ tambem diverſos navios, e entaõ naõ ſe via mais do que fogo, e confuſaõ, e briga a mais horrivel. O mar ſe vio em pouco tempo alaſtrado de navios, de cadaveres, e de agonizantes: o ſangue córou as aguas: era tal a deſordem entre os inimigos, que pelejavaõ huns contra outros, e entre a gente, que perderaõ, que ſe avalia em 3000 ſe acharaõ varios traſpaſſados com frechas, bem que da parte dos Portuguezes ſenaõ atiraſſe

huma

uma só. Por fim os inimigos desampararaõ os navios, e se lançaraõ ao mar para se salvarem a nado; e tendo Albuquerque feito final aos seus, se meteraõ nos bateis, e naõ faziaõ mais do que matar nestes miseraveis, que andavaõ nadando, e os mais se afogavaõ. Espectaculo bem pavoroso, que tendo por testemunhas o Rei, e todo o povo, que guarnecia os muros, e a praia para verem o exito de taõ grande acçaõ, se fazia ainda mais horrivel com os gemidos, e gritos deploraveis, que esta multidaõ levantava aos Ceos.

Dado fim ao combate, que durou oito horas, naõ vendo o victorioso Albuquerque quem ousasse fazer-lhe cara, aproveitando-se desta vantajem mandou pôr fogo a todos estes navios abandonados, os quaes sendo levados pelo vento para longe do porto, que soprava de terra, foraõ mostrar outro objecto de horror ás Costas de Carmania, e da Arabia, onde se foraõ consumir, e dar á Costa. Dando depois volta ao porto, mandou o General igualmente pôr o fogo a 180 vasos de toda a especie, que ainda estavaõ nos estaleiros em estado de se lançarem ao mar; e ao passar por de-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

defronte de hum pequeno Caſtello ou Palacio, onde o Rei eſtava, deſpararaõ huma grande quantidade de flexas, com que encravaraõ alguns dos Officiaes, que eſtavaõ junto delle.

Era incomprehenſivel a auctoridade dos Portuguezes. Alguns, que tinhaõ deſembarcado, já tinhaõ poſto o fogo em hum dos arrabaldes, onde ardeo huma Meſquita; e ſoltando o ſeu impetuoſo, e fervente ardor, já eſtavaõ para entrar na Cidade de volta com os fugitivos; mas reparando Albuquerque no ſeu pequeno numero, e no eſtado, em que ſe achavaõ com a fadiga, mandou tocar a recolher, ſatisfeito com taõ bella victoria.

O exceſſo da preſumpçaõ d'Atar decahio de repente, como ſuccede de ordinario nas almas apoucadas, em hum deſalento extremo, vendo o ſucceſſo contrario á ſua eſperança. Atormentado neſta occaſiaõ de crueis inquietaçoens, e apprehenſoens tanto de fóra, como de dentro, ſe vio impaciente de ajuſtar a paz a qualquer preço, que foſſe. Mandou immediatamente içar huma bandeira branca em huma das torres do Paço Real, e mandou em huma terrada com outra ſimilhante bandeira dois Mouros de

con-

onfiança, hum dos que foraõ expulsos de Granada na Hefpanha, quando os Reis Catholicos fe fizeraõ Senhores daquelle Reino. Albuquerque, que eftava cançado, deixou a conferencia para o dia feguinte, e no emtanto o reteve em refens, e mandou o outro com licença, para apagar o fogo, e promessa de que naõ inquietaria coifa alguma, antes que ouviffe as propofiçoens.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Voltando o Mouro no feguinte dia com mais outros quatro dos principaes, o General lhes deo audiencia publica a bordo do navio, que elle tinha mandado empavezar para efta ceremonia.

O que fallou, o fez quafi nessa fubftancia „ Senhor Capitaõ General delRei de Portugal, ElRei de Ormuz noffo Soberano nos envia a te dizer, que nas coifas, que fe tem paffado entre ti, e elle, e que tem caufado tantos eftragos, e a perda de tantos homens de valor, e de tantos navios, naõ tem defculpa, que te dar, fenaõ a fua grande mocidade, a fua falta de experiencia, e os máos confelhos dos feus Miniftros, que o obrigaraõ a naõ aceitar a paz, e a tua amizade, que lhe offerecias. Difto eftá muito ar-

re-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

" rependido. E oxalá que o seu arr
" pendimento naõ tivesse custado ta
" to a elle, e ao seu povo. Conse
" te em que o Reino esteja ás tu
" disposiçoens, e do Rei de Port
" gal, pois que tu o conquistas
" com armas como Cavalleiro, e gra
" de Capitaõ. Deseja entregar-se n
" tuas maõs a si, e aos seus Est
" dos, para que disponhas delle com
" te aprouver; sómente te pede te
" nhas dó delle, e do seu povo
" que o trates como hum pai se h
" com seu filho desobediente, a que
" perdoa, tanto que o vê submisso,
" arrependido. Tem igualmente com
" paixaõ desta pobre Cidade, e vist
" ser já do dominio do Rei de Por
" tugal naõ acabes de a destruir. A
" sás merece compaixaõ, pois naõ h
" nella huma só casa, onde com ra
" zaõ naõ haja que chorar. Quant
" a Coge Atar, primeiro Ministro,
" aos outros principaes officiaes d
" Coroa, igualmente te daõ a saber
" que saõ teus escravos, e que send
" teu o Reino, ficaõ elles teus subdi-
" tos, e á tua discriçaõ."

Albuquerque para naõ perder oc-
casiaõ, vistas as boas disposiçoens, que
inculcava similhante discurso, chama-
dos

Ann. de J. C. 1507.

D. MAMOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

os os Capitaens a confelho, enviou
nmediatamente duas peffoas com o
ingua, com todos os poderes da fua
arte. Ajuftou-fe immediatamente a
az com eftas condiçoens. „ Ceifadim
, fe fez tributario da Coroa de Por-
, tugal, e prometeo pagar de pareas
, todos os annos 15$ xerafins de oiro:
, além difto pagaria logo ao General
, mais 5$ para as defpezas da guer-
, ra: obrigava-fe mais a dar-lhe em
, Ormuz hum fitio para nelle conftruir
, huma Fortaleza, dando todo o di-
, nheiro, materiaes, e mais precifo
, para ella: no emtanto fe dariaõ na
, Cidade cazas cómmodas, onde os
, Portuguezes moraffem, até que a
, Fortaleza eftiveffe acabada de todo.
, Da fua parte o Rei de Portugal rece-
, bia o Rei d'Ormuz debaixo da fua
, protecçaõ, e fe obrigava a defende-
, lo de todos feus inimigos. „ Difto fe
izeraõ dobrados inftrumentos grava-
os em chapas de oiro em lingoa
Pérfica, e Arabiga. A bandeira Portu-
gueza fe pôz na torre mais alta do
Palacio Real. Efte Principe, e Albu-
querque fe encontraraõ ambos, e man-
daraõ reciprocos prefentes, e por fim
a paz fe publicou com as demonftra-
çoens de alegria, que cabiaõ no no-
jo,

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

jo, que havia em toda a Cidade

O lugar para a Fortaleza foi escolhido na ponta daquella lingua de terra, que entra pelo mar entre os dois portos. Naõ podia eſtar mais bem aſſentada, pois que dominava ambos, como tambem o Palacio Real, a que ficava fronteira. Trabalhou-ſe ſem perder tempo: ninguem era izento do trabalho deſde o General até ao menor pagem do navio, e todos trabalhavaõ a gyros: hum corpo hia render outro ás horas aſſinaladas, e aſſim nunca ceſſava o trabalho: porém naõ foi baſtante toda a prudencia do General para encobrir a pouca gente, que trazia. Atar, que o conheceo, ſe vio envergonhado, e penetrado de vergonha, e confuſaõ de ter ſacrificado o Eſtado, e o Soberano a taõ pequeno punhado de gente, armou deſde logo o deſignio de reparar a ſua falta por traiçaõ, e ardil.

Mais habil no manejo da politica, do que das armas, voltou todo o ſeu eſtudo a deſtruir os Portuguezes pelos meſmos Portuguezes, e ſe houve com tal manha, que quaſi teve a ventura de o conſeguir. Começou primeiramente pelos da mais infima qualidade, que tendo penſamentos menos elevados,

dos, e prezando em menos a honra, saõ menos capazes de resistir aos assaltos do interesse, que se lhes propoem. Pelo que, com dadivas corrompeo alguns fundidores de artilheria, e calafates, que desertaraõ, dos quaes se servio utilmente para as suas tençoens. O General os mandou pedir; mas o habil Ministro, que conhecia bem, que elle naõ romperia por taõ pouca coisa, sempre illudio as suas petiçoens. Os que se conservavaõ fieis naõ deixaraõ de nutrir alguma inclinaçaõ a hum homem, que affectava mostrar-se liberal, popular, e que se antecipava em tudo quanto podia ser de gosto. Dos pequenos passou aos Grandes, e encontrou muitos, que naõ se mostraraõ indifferentes aos seus dons, e agazalho, e se aproveitou delles mais do que se os fizesse claramente traidores, e transfugas; pois como só trabalhava por suscitar, e fomentar a discordia, naõ tardou para isso occasiaõ, de que elle se soube aproveitar.

Ann. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

A construcçaõ da Cidadella naõ avultava quanto se desejava: o astuto Ministro com a arte de se mostrar zeloso, e empenhado, fazia com que sempre faltasse de proposito tudo na

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

occafiaõ mais neceffaria : por outra parte Albuquerque naturalmente fevero, e afpero, naõ rebatia nada do rigor do ferviço, de forte, que fendo pouco amado dos Officiaes, e foldados, que fe defgoftavaõ da fua aufteridade, e que fufpiravaõ unicamente pelo momento de poderem fahir a andarem a corfo para fe enriquecerem das prezas, que entaõ fazia, muitos delles eftavaõ defcontentes. E como em circunftancias taes he facil paffar das primeiras queixas, e das murmuraçoens, a difcurfos infolentes, a revoltas, e a facçoens, affim fe ateou o fogo em pouco tempo, que pouco faltára para romper em motim declarado. Os Capitaens, que deveriaõ conter os revoltofos nos termos da fua obrigaçaõ com o feu exemplo, e auctoridade, eraõ os primeiros, que os fufcitavaõ mais. Diffimulou Albuquerque, e fe contentou com mandar advertir fecretamente áquelles, cujas difpofiçoens lhe eraõ notorias, que fe acautelaffem, e puzeffem cobro em que em Ormuz fenaõ prefumiffem as fuas divifoens. Tudo foi baldado, e as coifas chegaraõ a termo, que os amotinados tiveraõ a ouzadia de lhe mandarem aprefentar huma

ma Proteſtaçaõ, aſſinada pelos prin-
cipaes Capitaens, e Officiaes, em que
proteſtavaõ debaixo de ſuas conſcien-
cias, para ſua ſegurança, e juſtifica-
çaõ das ſuas acçoens, que ſeria do
ſerviço delRei, abrir maõ da empre-
za de Ormuz, e ſahir a andar a cor-
ſo no golfo Arabigo, conforme as or-
dens delRei, ou hir-ſe unir com o
Vice-Rei na India. Albuquerque, cu-
jo genio tomava mais vigor com a re-
ſiſtencia, que encontrava, pegou neſ-
ta Repreſentaçaõ com hum riſo mo-
fador, e para moſtrar a ſua indigna-
çaõ, e deſprezo, a mandou meter nos
alicerces da porta de huma torre da For-
taleza, a que depois diſſo ſe chamou
por eſcarneo *a Porta da Repreſentaçaõ*.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Acaſo ao meſmo tempo, ou iſto
foſſe tambem artificio de Atar, appa-
receraõ Embaixadores do Sofi, que
vinhaõ cobrar os tributos, que o Rei
d'Ormuz coſtumavaõ pagar todos os
annos. A Corte aſſuſtada, ou fingin-
do que o eſtava, lhe mandou expôr o
que temia por meio de Raix Noradim
hum dos Miniſtros de Eſtado. Iſto foi
novo aſſumpto aos ſedicioſos para ſe re-
voltarem; mas Albuquerque reveſtido
de hum ar ſerio, e imperioſo, man-
dou immediatamente trazer huma gran-

ANN. de J. C. 1507.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

de bacia cheia de bolas, granadas, ferros de lanças, de alabardas, de espadas, e de traçados, e disse para Noradim. „ Hide, levai este presente „ aos Embaixadores do Rei da Persia. Dizei-lhes, que este he o tributo, que o Rei de Portugal, e os „ Reis seus vassallos pagaõ a quem „ lho vem requerer. Segurai-os ao „ mesmo tempo, que tanto que esta „ Fortaleza estiver finda, eu entrarei no golfo Persico a avassallar para „ a Coroa do Rei meu amo, todas as „ praças, que saõ do Sophi. E tende „ cuidado em naõ lhe pagar outro tributo mais do que este, que lhe mando, senaõ quereis ser deposto do „ vosso emprego, e castigado com „ muita severidade. „

Tendo esta constancia d'Albuquerque junta ao desprezo, que mostrara da Representaçaõ, estimulado ainda mais os animos, degenerou o descontentamento em licença: as ordens, ou senaõ observavaõ, ou taõ mal, e taõ fóra de tempo, que o General naõ pôde deixar de conhecer, que o faziaõ ácinte pelo desgostar. Parecendo a Atar entaõ, que já tinha levado as coisas ao ponto, que elle desejava, tomava secretas medidas para sacudir

o jugo, e opprimir os Portuguezes, quando elles menos o esperassem. Mandara fundir muita artilheria pelos transfugas; introduzia na Cidade recatadamente soldados: por sua ordem se tinhaõ tirado do porto todos os navios, communicado por dentro todas as cazas, que ficavaõ fronteiras á Fortaleza, e só aguardava o momento para a sua entrepreza. Porém como nas Cortes dos Principes hajaõ sempre inimigos do presente Governo, Albuquerque, que trazia suas espias, foi advertido por huma a tempo, de todos os designios do inimigo.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Sabido este aviso, chamou a Conselho, onde expôz aos amotinados o risco, em que elles proprios se tinhaõ metido por sua culpa; e avivando ao mesmo tempo no seu coraçaõ os estimulos de honra, representando-lhes a que eraõ obrigados para com o Rei, e para com sigo mesmos, os persuadio a que cuidassem da salvaçaõ propria, sem todavia conseguir o desvanecer de seus animos as ruins impressoens, que nelles tinha causado o rigor.

Passou-se ordem, para que todos os Portuguezes, tanto os que andavaõ metidos pela Cidade, como os que estavaõ occupados no trabalho da For-

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Fortaleza, se embarcassem com toda a sua fazenda, o mais sem motim que fosse possivel, e a ordem foi immediatamente cumprida. Vendo Atar frustrados os seus designios, naõ tardou em romper descobertamente: manda tocar a rebate, move-se com todas as suas tropas, põe fogo a hum navio, que o General tinha mandado varar em terrar para crenar, e corre ao porto, d'onde soltaraõ contra a frota, bem que inutilmente, huma nuvem de tiros.

Tendo-se Albuquerque queixado desta infracçaõ, e naõ se lhe dando satisfaçaõ, varejou a Cidade com a artilheria oito dias seguidos, e queimou os navios, que Atar tinha mandado salvar; mas vendo que com isto nada conseguia, formou tençaõ de pôr a Cidade em estado de padecer fome, embaraçando-lhe todo o soccorro. Como a Ilha naõ produz, como deixamos dito, mais do que alguma herva, que com difficuldade se cria, e naõ tendo os moradores outra agua para beberem mais do que a da chuva, conservada em algumas cisternas, era isto coisa muito facil. Com este designio cercou em certo modo a Ilha com os navios postos de distancia em distancia, e com os bateis, que

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

que continuadamente andavaõ em gyro, com que elle fazia huma inceſſante ronda. Naõ deixaraõ de ſe aventurar alguns pequenos vaſos dos inimigos, mas ſe alguns eraõ apanhados, mandava cortar aos priſioneiros as orelhas, e os narizes, e os lançava em terra, para que, apparecendo neſte eſtado, ſerviſſe o ſeu exemplo de terror, que intimidaſſe aos mais ouſados.

Sabendo depois que em hum ſitio da Ilha, chamado Torombac, diſtante da Cidade huma grande legoa, havia hum poço defendido por hum corpo de 200 homens, e 25 de cavallo, mandou de noite Jorge Barreto de Caſtro com 80 homens. Caſtro inveſtio com elles ao romper do dia, deſtroçou o deſtacamento, e lançou nos poços os cadaveres dos homens, e cavallos para os entulhar.

Foi bella a acçaõ, porém o poſto era de nimia importancia, para que os inimigos deixaſſem de fazer as maiores diligencias pelo recobrarem. O General da ſua parte, que tinha igual razaõ para o conſervar, mandou para eſte fim 20 homens capitaneados por hum valente Caſtelhano chamado Lourenço da Silva, a quem deo ordem que mandaſſe pôr no alto de hum te-

zo;

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

zo huma peça de artilheria, para onde ſenaõ podia hir ſenaõ por hum caminho muito eſtreito; mas iſto ſenaõ pôde executar bem a tempo; porquanto os inimigos acodiraõ em grande numero, vindo na frente delles, hum dos filhos de Raix Noradim, a quem o General alcançara o perdaõ, e fizera mandar recolher do degredo, a que fôra mandado por hum crime de Eſtado. Chegando neſte tempo Albuquerque por mar com quaſi 150 ſoldados eſcolhidos, fez capricho de hir aſſeſtar a peça de artilheria no ſitio, que tinha demarcado; mas tendo engroſſado o corpo dos inimigos com hum novo corpo de tropas muito maior, a quem capitaneavaõ em peſſoa ElRei, e Atar, houve huma das mais bem pelejadas eſcaramuças. Quaſi todos os Portuguezes ficaraõ feridos, e Albuquerque parou no eſcudo, e malha muitos golpes, e talvez ficaſſe proſtrado ao de huma maça, que manejava o filho de Noradim, ſe hum tiro, que levou o braço a eſte ultimo, o naõ livraſſe deſte inimigo. Eſte o maior perigo, que elle confeſſou depois ter corrido em toda a ſua vida: retirou-ſe nos bateis com quaſi toda a ſua gente, deixando a ſeus inimi-

migos a gloria de o terem feito fugir, e aos Capitaens, que tinhaõ ſido contra eſta empreza, a maligna ſatisfaçaõ de verem, que teve eſte leve deſgoſto.

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Com tudo o mar ſe guardava com aperto, de ſorte que naõ paſſava ſoccorro algum, e a Cidade reduzida a conſternaçaõ extrema, eſtava a ponto de ſe amotinar: todos os dias cercava o Paço Real huma tropa de mulheres, e de crianças, abrigadas de huma multidaõ de ocioſos, que neſtas occaſioens ſaõ os valentes, e ora com rogos, ora com ameaças pediaõ, ou a paz, ou paõ. Atar os conſolava algumas vezes, e os entretinha com a eſperança da proxima chegada de huma frota, e algumas vezes ſe vio obrigado a fazelos retirar por força. Naõ ſe ignorava na frota de Albuquerque o eſtado, em que a Cidade ſe achava, e que ſe veria obrigada a recorrer á ſua clemencia. Vinha-ſe aproximando o prazo, quando pela covardia mais indigna, principalmente em peſſoas de diſtinçaõ, vio Albuquerque roubaremlhe das maõs taõ bella preza trez Capitaens ſeus, que antepondo em ſeus animos o odio, e ciume á obrigaçaõ, o deſampararaõ vergonhoſamente,

e

Ann. de J. C. 1507.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

e se fizeraõ á vela para a India, onde querendo justificar perante o Vice-Rei a sua deserçaõ, accrescentaraõ á infidelidade, com que se tinhaõ comportado para com o seu General, a vileza de o carregarem com as mais atrozes calumnias.

Naõ se póde exprimir o desprazer, que causou a Albuquerque esta noticia, que fazia mais sensivel o ter levado hum dos Capitaens comsigo os viveres da frota, e todos os bastimentos, que hiaõ para se prover a guarniçaõ da Ilha de Socotorá, que estava em extrema necessidade. Isto naõ obstante, a mesma desesperaçaõ fez com que se obstinasse mais em querer continuar a reduzir a Cidade ao ultimo extremo: e bem que os demais Capitaens, que lhe restavaõ, naõ tivessem melhores disposiçoens, do que os que o tinhaõ desamparado fez algumas entradas na Ilha de Queixome, d'onde os sitiados esperavaõ algum soccorro. Na primeira esbulhou hum Palacio do Rei, onde este Principe tinha duzentos Besteiros, e trinta homens de cavallo, que foró passados todos ao fio da espada. Na segunda desbaratou hum corpo de 1500 homens, que vinha capitaneado pelos dois so-

bri-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

›rinhos do Rei de Lar, os quaes pe-
ejando como valentes ficaraõ mor-
os. Sabendo o General que elles ti-
ıhaõ partido com o deſignio de ſoc-
:orrerem Ormuz, e aventurarem as
ridas em ſua defenſa, mandou meter
›s corpos deſtes dois Principes, e
las peſſoas mais principaes da tropa
:m hum batel, que entregou a hum
Calandar, ou velho Santaõ, com or-
lem de dizer da ſua parte a Coge
Atar, que aſſim lhe havia mandar
odos quantos emprehendeſſem vir em
ſeu ſoccorro. Porém acalmando hum
ouco o exceſſo da ſua colera, re-
lectindo no debil eſtado de forças,
que tinha, temendo a chegada da
rota com que Coge Atar eſperança-
ra ſempre os ſitiados, tomou o parti-
lo de ſe retirar, e ſe fez á vela para
Socotorá, onde chegou pelos fins de
Janeiro de 1508.

Os ſucceſſos quaſi ſeguidos, que
›s Portuguezes tinhaõ tido até entaõ
nas Indias, foraõ interrompidos no
principio deſte meſmo anno com hum
golpe, que experimentaraõ, que ſe
lhes fez tanto mais ſenſivel, por ter
feito grande bulha, e recearem com
razaõ, que iſto lhes fizeſſe huma total
revoluçaõ á ſua fortuna. Para o referir

com

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

com miudeza, convém tomar as coisas mais de longe.

Desde que começaraõ os progressos dos Portuguezes no Indostaõ, os Mouros, que por elle estavaõ derramados, e estabelecidos havia já alguns seculos, e que estavaõ de posse do seu maior commercio, começaraõ a antever, e ter presentimentos de que estes Estrangeiros vinhaõ para sua ruina: confirmou-os mais neste pensamento o verem engrossarem suas frotas, fazerem-se senhores dos mares, darem leis aos Reis da India, levantarem Fortalezas por toda ella, embaraçarem que outrem tomasse carga, sem que elles primeiro tivessem a sua, que se navegasse por aquelles mares sem seu consentimento, e salvos conductos, e por fim naõ era coisa encuberta, que a sua intençaõ fosse impedir absolutamente o seguimento do commercio do mar Roxo, e golfo Persico: que sendo inimigos dos Mouros por Religiaõ, e por interesse, lidavaõ com todas as forças pelos destruir, tomando-lhes continuadamente prezas, esbulhando, ou queimando os seus navios, muitas vezes sem respeito aos mesmos passaportes, que por temor tiravaõ, naõ faltando ruins

pre-

pretextos para colorar as suas injustiças, que muitas vezes vinhaõ acompanhadas da crueldade.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Por tanto, naõ se vendo os Mouros com forças equivalentes para se livrarem de huns inimigos, que logo nos primeiros passos se tinhaõ dado a conhecer pelo ascendente, que tinhaõ tomado, assentaraõ recorrer a huma potencia superior, cujos interesses unidos aos delles podessem ser sufficiente motivo para a obrigar a pôr as maiores diligencias. Com este fim persuadiraõ ao Samorim, que mandasse huma embaixada ao Sultaõ do Egypto, pois sendo a parte mais perjudicada, tomaria vivamenre calor, e poderia dar efficaz remedio ao mal commum. Deo o Samorim ouvidos á proposiçaõ, e mandou ao Cairo hum Santaõ por nome Maimane, homem sabio, de credito, e entre os da sua seita de reconhecida virtude. Posto este em caminho, recebeo de passagem cartas de recommendaçaõ dos Reis de Cambaia, d'Ormuz, e d'Adem, e de outros Principes Musulmanos, que reconheciaõ o Califa, ou Sultaõ do Egypto como Chefe da sua Religiaõ, e que estando senhores das melhores escalas destas Costas, eraõ os mais per-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

perjudicados pela interrupçaõ do commercio, e todos tinhaõ queixas pessoaes, que lhe fazer.

Campson, que se pode dizer, que he o ultimo Califa da gente dos Mamelucos, que se estabeleceraõ no Egypto no tempo das Cruzadas, occupava entaõ o throno: tinha dilatados Estados, pois comprehendiaõ além do Egypto, e huma parte da Africa septentrional, toda a Syria até ao Eufrates, e parte da Arabia. Naõ podiaõ passar as fazendas da India, e da Asia para a Europa, senaõ pelos seus dominios, ou em frotas, ou em caravanas: em todas as Cidades, onde entravaõ, se cobrava ao menos 5 por cento de direito de entrada, e sahida, e nas do Mediterraneo cobrava dobrados os direitos dos Venezianos, e Catalaens, que eraõ os unicos, que tinhaõ o commercio de Levante. Pelo que, sendo as principaes rendas deste Principe os direitos das Alfandegas, naõ podia deixar de sentir perda, ou diminuiçaõ pela interrupçaõ deste commercio. Por outra parte, como os Mouros das Indias tinhaõ correspondencias em todas as escalas das Cidades do Egypto, e de Syria, naõ podiaõ padecer huns, sem padecerem

os

s outros. As quebras, que vieraõ a
:r frequentes, e neceſſarias, pois eraõ
uma conſequencia do embaraço da
rculaçaõ, eſtimularaõ os animos con-
a os auctores deſte embaraço.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Chegando em conjuncturas taes
Iaimane ao Egypto, achou tudo
ſpoſto, e todas as coiſas favoraveis
ıra ſer attendido. Naõ poſſo occul-
r aqui, como fiel hiſtoriador, que
guns Auctores imprudentes, e te-
erarios ouſaraõ calumniar as Poten-
as Maritimas da Europa, que ti-
haõ entaõ o commercio de Levante,
que na verdade tinhaõ grande que-
a em elle acabar, de terem apoia-
ɔ as queixas de Maimane, e tam-
em animado encubertamente ao Ca-
fa, para ſe oppor com todas as for-
ıs ao progreſſo dos Portuguezes, e
r introduzido nas Indias Officiaes
ıbeis para ſervirem os Infieis contra
s Chriſtaõs. Porém os Auctores Por-
guezes mais prudentes, e menos
ıſpeitos, tem juſtificado eſtas Poten-
as da indignidade de taes accuſaço-
ıs. Com effeito naõ he provavel,
ue eſtas Potencias, que tantos ſecu-
s ſe tem conſervado com a ſua pru-
ente politica, que ſempre mantive-
ıõ eſtreita aliança com a Coroa de
Por-

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Portugal, cahiſſem na baixeza de acço-ens taõ indignas dellas. Até parece que o Rei D. Manoel nunca acredi-tou tal impoſtura, com que as perten-deraõ denegrir, pois que ao meſmo tempo apparelhou huma frota á ſua cuſta para as ſoccorrer contra as inva-ſoens dos Turcos. Se alguns miſe-raveis renegados Europêos ſe compor-taraõ entaõ taõ mal, e foraõ igual-mente infieis á ſua Patria, e á ſua Religiaõ, naõ ſe deve imputar antes a ſua perfidia a eſtas Potencias, do que á Coroa de Portugal a traiçaõ de tantos Portuguezes, que imitando eſtes transfugas em deſampararem a Fé, e obrigaçoens do ſeu naſcimen-to, buſcaraõ os Reis da India para os ſervirem contra ſeus concidadaõs, e ſeus proprios irmaõs.

O Califa, que era hum Princi-pe pacifico, e moderado, querendo primeiro tentar os meios de brandura, mandou aſtutamente eſpalhar pelos ſeus Eſtados a vóz de que elle paſſava a deſtruir os lugares Santos, e até apagar os veſtigios dos ſanctuarios, e monumentos conſagrados com a pre-ſença de J. C; e vedaria todo o com-mercio com os Chriſtaõs eſtrangeiros, e mandaria ſahir dos ſeus Eſtados todos

os

ɔs que nelles havia, ou ſenaõ obrigalos naia a ſe fazerem Muſulmanes. O Superior do Moſteiro do Monte Sinai, chamado Mauro, Religioſo da Ordem de S. Franciſco, homem muito de bem, mas pouco lidado nas maquinaçoens de Cortes, tendo ouvido eſta noticia, a tomou de véras, e ſe paſſou ao Cairo cheio de ſuſto. Iſto era o meſmo, que o Califa pertendia, o qual depois de lhe ter poſto grande difficuldade, conſentio por fim em ſuſpender os effeitos da ſua juſta vingança, com tanto, que ſe lhe deſſe ſatisfaçaõ. E como eſte Religioſo dava grandes eſperanças da ſua intervençaõ para com o Papa, e proprio Rei de Portugal, approvou o Califa, que elle vieſſe a Roma, e lhe deo huma excellente carta para ſua Santidade.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Leo-ſe a carta em pleno Conſiſtorio: começava com titulos magnificos, com que o Califa ſe intitulava, e com outros, que dava ao Papa, que naõ eraõ menos honroſos, e que tem aqui ſeu lugar „ O grande Rei, Senhor „ dos Senhores, Rei dos Reis, Eſpa- „ da do mundo, Herdeiro dos Reinos, „ Rei da Arabia, e da Perſia, e da „ Turquia, Sombra do Deos Altiſſimo, „ e ſua figura ſobre a terra, Diſtribui-

 „ dor

„ dor dos Imperios, Flagello dos rebel-
„ des, e hereges, Soberano Pontifice
„ dos Templos, que eſtaõ ſob o ſeu do-
„ minio, Potencia da Fé, Pai da Vi-
„ ctoria, Canaçaõ Algauri (eſte era o
„ nome de Campſon) cujo Reino Deos
„ perpetue, e eſtabeleça o throno ſo-
„ bre a conſtellaçaõ Gemini; a ti Papa
„ Romano, excellentiſſimo, e eſpiri-
„ tual, grande na Fé antiga dos Chriſ-
„ taõs fieis de Jeſu, &c. „

„ Depois deſte exordio, expunha
„ o Califa muito por extenſo os juſtos
„ motivos de queixa, que tinha dos
„ Reis Catholicos Fernando, e Iſabel,
„ e delRei de Portugal, que pareciaõ
„ ſer os mais crueis inimigos d'huma
„ Religiaõ, de que elle era Chefe, que
„ elles perſeguiaõ a ferro, e ſangue até
„ nos ultimos termos do mundo, ſem
„ que elle lhes tiveſſe dado a mais le-
„ ve cauſa para iſſo. Que a ſua hon-
„ ra, o ſeu zelo por eſta Religiaõ o o-
„ brigavaõ a deſpicar-ſe com todo o ſeu
„ poder, pela meſma razaõ de ſer Che-
„ fe della. Pelo que o advertia, que
„ ſe pelo credito, que elle tinha com
„ todos os Principes, que ſeguiaõ a lei
„ de J. C, os naõ obrigava a mudar
„ de procedimento, ver-ſe-hia obrigado
„ a uſar de repreſalia, deſtruir os luga-

„ res

,, res Santos, e expulſar todos os Chriſ-
,, taõs dos ſeus Eſtados, ou violentalos
,, a abraçar a lei de Mafoma.

Ann de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

O Papa Alexandre VI, que entaõ occupava a Cadeira de S. Pedro, e todo o Sacro Collegio, aſſuſtados com eſtas ameaças, que elles temiaõ ver cumpridas, deputaraõ logo o meſmo Religioſo para Heſpanha com a copia da Carta, que tinda trazido, a que accreſcentaraõ outras, que julgaraõ capazes de fazerem impreſſaõ no animo dos Principes, a quem eraõ eſcritas. Naõ ſei qual foi a reſpoſta delRei D. Fernando. D. Manoel folgou de ver, que o Califa ſe valia de queixas, e daqui tirou huma prova das ſuas poucas forças: reſpondeo ao Papa por hum tal teôr, que lhe tirou os vaõs, terrores, ſegurando-o ,, que
,, o Califa nada ouſaria executar de
,, quanto parecia tencionar contra os
,, ſantos Lugares, com medo de ſe pri-
,, var de huma das ſuas maiores ren-
,, das. Provou-lhe, que o zelo da Re-
,, ligiaõ em nada entrava nos motivos
,, da ſua Embaixada, pois que demora-
,, ra mais de vinte annos em ſe quei-
,, xar do que Fernando, e Iſabel fi-
,, zeraõ contra os Mouros de Granada.
,, Que o porque unicamente ſuſpirava,

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

„ era a perda, que lhe causava a interrupçaõ do seu commercio. Pelo que, „ bem longe de tornar atrás do começado, cada vez se confirmava mais na „ resoluçaõ, em que estava, de fazer „ viva guerra a estes inimigos de Jesu „ Christo, sendo justo, que depois dos „ estragos, que elles tinhaõ causado na „ Europa, e dos terriveis flagellos, cujos effeitos a Hespanha experimentara por tantos seculos, se levassem os „ estragos á sua mesma caza, e se lhes „ fizessem cem vezes mais, se fosse possivel, do que elles tinhaõ causado. „

Com effeito D. Manoel desde logo redobrou as suas forças, e quasi por este tempo mandou D. Francisco de Almeida para a India. Quanto ao Frade de S. Francisco, depois de ter feito inutilmente duas vezes a viajem de Roma, voltou ao Egypto, onde naõ pôde deixar ruim conta da sua negociaçaõ. Vendo o Califa, que cumpria recorrer a meios efficazes, se resolveo a mandar huma frota ao mar das Indias: custou-lhe despeza immensa; pois como o Egypto, e o maritimo do mar Roxo naõ cria madeira para navios, era necessario mandar cortar á Asia menor toda o madeira precisa.

cisa. A frota do Egypto, que a conduzia a Alexandria, composta de 25 navios, foi encontrada pelo Balío de Portugal André d'Amaral, Chanceller Mór da Ordem de S. Joaõ de Jerusalem, que sahio de Rhodes com huma esquadra de seis navios, e quatro galés da Religiaõ. Amaral desbaratou a armada do Califa, meteo a pique sinco navios, tomou seis, e afugentou o resto, que foi entrar em Alexandria em Damiata. Conduzida dalli a madeira ao Cairo, e transportada depois sobre camelos até Suez em sincoenta dias, se armou alli huma frota de quatro navios grandes, hum galeaõ, duas galeras grandes, e tres galeotas. O Califa nomeou para Capitaõ, hum dos seus Emires, chamado Hocem, homem de merecimento, e de quem fazia confiança. Com esta frota, em que além da chusma, hiaõ 500 Mamelucos, todos Christaons arrenegados, atravessou o mar Roxo, costeou a Arabia, e foi dar fundo em Diu no Reino de Cambaia pelos fins do anno de 1507.

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Melique Jaz, Governador, ou Senhor de Diu, recebeo Hocem com o possivel contentamento, tendo-o já por libertador da India. Jaz era hum

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

hum homem de fortuna, e de raro merecimento; era oriundo de Sarmacia, nafcido de pais Chriftaons, e tinha fido cativado pelos Turcos ainda no berço. Foi educado na Religiaõ Mahometana, e depois o venderaõ como efcravo ao Rei de Cambaia. Jaz grangeou a benevolencia delRei de Cambaia, por fer muito deftro em tirar o arco; e affim fe foube fazer lugar no feu agrado com os feus modos meigos, que chegou á maior confiança. Tendo depois alcançado o Governo de Diu, e outras Praças no continente, affim foube infinuar-fe com os Mouros Afiaticos, e Européos, que fez da fua Cidade huma das mais celebres efcalas das Indias, e quafi fe pôz a par dos Reis pelo feu valimento, e riquezas.

Tendo Hocem, e Jaz unido fuas forças, refolveraõ bufcar os Portuguezes fem perderem tempo, e inveftirem-nos achando-fe defapercebidos. Por defgraça fua eftava D. Lourenço de Almeida mais ao feu alcance. Depois que Triftaõ da Cunha fe apartou delle, naõ fez mais do que andar ás prezas dos Mouros, a quem tinha tomado, e metido a pique muitos navios; e depois de ter cobrado tributo

da

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

da Cidade de Dabul, e navios, que alli estavaõ, se retirou a Chaul, onde esperava 20 navios de Cochim, a quem devia comboiar. Chaul era entaõ huma Cidade de grande trafego, situada nas margens de hum grande rio, duas legoas sobre a sua boca, e 50 legoas distante da Cidade de Diu. Era do senhorio de Nizamaluco, hum dos tyrannos, que tendo-se soblevado contra o Rei de Decan, se tinhaõ feito pequenos Soberanos no districto do seu Governo. Este Princepe folgava muito de chamar ao seu porto estrangeiros, e pela estimaçaõ, que fazia dos Portuguezes, lhes tinha franqueado o seu porto.

D. Lourenço, que ignorava que tinha inimigos, que temer, estava alli com toda a segurança, e gastava o seu tempo em festas, jogos de barra, e outros exercicios militares, e de divertimento; quando lhe deraõ noticia de ter chegado huma armada de Rumes mandada pelo Califa, e que estava em Diu. Chamavaõ entaõ Rumes, ou Romanes aos Turcos, ou Musulmanes da Europa, que se estabeleceraõ sobre as ruinas do Imperio dos Gregos, os quaes capricharaõ de pôr á sua Capital o nome de nova Ro-

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Roma, e qualificar o ſeu Imperio como Imperio Romano; aſſim como chamavaõ Francos, ou Frangues todos os Latinos ſem diſtinçaõ, deſde que os Francezes emprehenderaõ as Cruzadas contra a Terra Santa, cujo eſtrondo ſe eſpalhou até os extremos da Aſia.

Eſta primeira noticia, que no principio naõ foi mais do que huma vóz ſurda, è incerta, foi depois confirmada a D. Lourenço por Brito Governador da Fortaleza de Cananor, que tinha ſido avizado por Timoja, e pelo Vice-Rei, que màndou a Pedro Cam por Chaul com ordem a D. Lourenço, para que foſſe pelejar com eſta frota, antes, que ella chegaſſe a Chaul, e deſſe coragem ao Samorim. O Vice-Rei fez niſto grande erro, pois devia vir peſſoalmente incorporarſe com ſeu filho com todas as ſuas forças. Naõ obſtante taes aviſos, D. Lourenço, e ſeus Capitaens tiveraõ eſta noticia por quimera, pois lhes parecia incomprehenſivel como o Califa podia fazer paſſar huma frota do Mediterraneo ao mar Vermelho, maiormente naõ ſendo eſte capaz de navios groſſos, em razaõ de ſer muito aparcellado; e muito menos ſe perſua-

ſuadiaõ que eſta frota fizeſſe o gyro da Africa. Com tudo D. Lourenço naõ deixou de paſſar ordem aos navios para carregarem com preſteza.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

No emtanto appareceo a armada d'Hocem. Quando D. Lourenço, e ſeus Capitaens deraõ viſta della, ainda ſenaõ podiaõ capacitar, que foſſe a frota do Egypto, e entenderaõ, que ſeria Affonſo de Albuquerque, que ſe eſperava todos os dias; mas depois que começou a dobrar a ponta, a reconheceraõ pelas flamulas, e bandeiras vermelhas, e brancas ſemeadas de luas negras: vinha toda empavezada, e ornada de bandeiras de ſeda, como de feſta. Entaõ ſe prepararaõ de veras, e tiveraõ tempo baſtante para ſe diſporem para os receberem bem. Os oito, ou nove navios da armada de Almeida ſeparados entre ſi com juſtos intervallos tinhaõ todos a poppa ſobre a praia. D. Lourenço os deixou neſta fórma, contentando-ſe com pôr o ſeu mais ao largo, e de pôr mais longe no meio do rio o de Pedro Barreto, naõ deixando mais que hum eſpaço entre os dois para paſſar a armada inimiga.

Hocem pela fiel Relaçaõ, que tinha da ſituaçaõ da frota Portugue-

za,

ANN. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

za, tinha ordenado a ſua pelo meſmo modo, que tinha regulado a ordem do ataque. Hia na vanguarda, para abalroar com o navio de Almeida: o reſto ſe ſeguia em fila com as galeras entreſachadas entre os navios de alto bordo. Tanto que chegaraõ a tiro, deraõ huma temeroſa ſalva com toda a ſua artilheria, ſeguida de huma denſa nuvem de flexas, panelas de polvora, e toda a caſta de artificios; porém foi-lhe correſpondido tanto a tempo, e com taõ bom ſucceſſo, que Hocem, que o naõ eſperava, e que ficou eſpantado de ſe ver cercado de mortos, e agonizantes, paſſou a diante, e ſe pôz junto á Cidade, pondo-ſe na defenſiva, eſperando, que Melique Jaz, que ficou na boca do rio, ſe vieſſe incorporar com elle. Com eſte penſamento ordenou todos os navios pelo porto aſſima, de modo que ficou hum pouco mais avançado, e com vigas fez huma eſpecie de ponte para ſe communicar de hum navio a outro.

O ataque, ainda que curto, tinha ſido activo, e em ambas as armadas havia grande numero de feridos, que ſe curaraõ toda a noite; porém D. Lourenço, que tinha conce-

ce-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

ebido grandes efperanças da victo-
ia, affentou inveftir com o inimigo
no feguinte dia. Confultou o feu
projecto com os Capitaens, repartindo
por elles os poftos, para que cada
hum delles fe difpuzeffe para a acçaõ.
Tanto que o vento refrefcou, abalou
a armada, e principiou o combate
com muita furia. Vendo-fe o Emir
apertado por Almeida, e por Barre-
to, foi para terra, onde fabia, que
naõ podiaõ chegar. Com effeito os
navios Egypcios eraõ de differente fun-
do, e de quilha chata, o que fe fez
de propofito para falvar os baixos do
mar Vermelho. Por outra parte o Emir
tinha mandado aliviar o feu de noi-
te; pelo que demandava menos agua do
que os dos Portuguezes, que tinhaõ
maior bojo. Acalmando ao mefmo
tempo o vento, D. Lourenço, e Bar-
reto naõ puderaõ afferrar, o que foi
para elles grande defgraça; porque
como o navio de Hocem era muito
mais alterofo, e defendido em roda
com arrombadàs de cordas, que fa-
ziaõ huma efpecie de ponte á manei-
ra do Levante, atiravaõ cobertos de
fima para baixo, o que caufou gran-
de eftrago no navio de D. Lourenço,
ficando elle mefmo ferido de duas
fre-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

frechadas, de huma dellas no rosto. Naõ se podendo sustentar este posto, se afastaraõ D. Lourenço, e Barreto alguma coisa. Naõ obstante esta desgraça, se combatia nas outras partes com muita vantajem: os outros Capitaens meteraõ no fundo algumas galeras, e atracaraõ mais outras: por outra parte empregavaõ-se tam bem os tiros da artilheria, que desamparando os Mouros os seus navios, se lançaraõ a nado para se salvarem em terra. Tinhaõ assim segurado os Portuguezes a victoria, quando Francisco d'Anhaia entendendo, que obrava bem, lha tirou das maõs, metendo a sua caravela entre os navios inimigos, e a praia, e metendo-se no seu batel. Dalli entrou a perseguir ás lançadas todos estes infelices, que pertendiaõ salvar-se em terra a nado, fez parar os outros, que queriaõ imitar-lhe o exemplo, e obrigou a maior parte delles a tornarem aos seus navios, onde começaraõ a pelejar como desesperados. D. Lourenço de Almeida cahio da sua parte em outra falta, pois podia ter queimado todos os navios inimigos, e este era o parecer de todos os seus Capitaens; mas o desejo de se fazer senhor delles, e apparecer

com

om elles ante ſeu Pai, como hum
xcellente monumento da ſua victoria,
, eſtorvou de abraçar eſte conſelho,
que foi cauſa da ſua perda.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Tendo aſſim durado o combate
té á noite, entrou a apparecer a fro-
a de Melique Jaz, que coſteando por
erra, ſe foi unir á do Emir. Eſte poli-
ico, que queria conſervar-ſe com ambos
s partidos, ſe conſervou na barra do
io, e naõ quiz tomar partido ſenaõ de-
ois de ter a certeza da parte, a que in-
linaria a victoria. Compunha-ſe a ſua
rota de 40 fuſtas de remos, bem provi-
las de artilheria, e de toda a caſta de
nuniçoens de guerra, e de boca, mas
principalmente de gente eſcolhida, hin-
lo em cada uma repartidos trinta e
res homens.

Perturbaraõ-ſe os Portuguezes
vendo eſta nova frota, de que até
entaõ naõ tinhaõ mais do que aviſos
ncertos: moſtrou-ſe com a meſma
pompa que a de Hocem, e o que aca-
bou de os deſconcertar foi, que ao
meſmo tempo que ella começou as
ſuas hoſtilidades, a Cidade, que até
entaõ ſe conſervava neutral, ſe de-
clarou pelos inimigos.

Tendo a noite apartado o ardor
dos combatentes, D. Lourenço cha-
mou

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

mou os Capitaens a confelho. Todos votaraõ, que vifto o feu pequeno numero, e a multidaõ dos inimigos, o muito numero de feridos, que já tinhaõ, o cançaço dos outros, cumpria retirar-fe fem eftrondo, mandando recado aos navios de Cochim, que fahiffem diante. O maior numero de votos queria que fe fizeffe á entrada da noite; mas Lourenço, e outros mais, naõ querendo que ifto pareceffe fuga, infiftiraõ em naõ partir fenaõ ao aclarar do dia. Os navios mercantes paffaraõ com bom fucceffo: os da frota os feguiraõ; mas D. Lourenço, que devia hir na fua retaguarda, tendo teimado em querer levantar a ancora, que eftava perto do navio de Hocem, em vez de picar a amarra, dando os inimigos tino do defignio delle, lhe meteraõ no fundo o batel, que tirava a ancora. Entaõ cortou a amarra o Piloto, mas já tarde: eftava defacordado de medo, e o empenho de fe afaftar do inimigo o mais que pudeffe, fez perder ao navio o rumo, e hir para a Cofta, de forte que deo em hum recife, ou cabeço de pefcaria, onde foi a pique. Como Melique Jaz, que o naõ largava, lhe tinha feito hum rombo á flor d'agua debaixo

do

lo leme, e já eſtava meio alagado, fo-
aõ inuteis todas as diligencias de Paio
le Souſa, que lhe dava reboque. Ten-
lo-ſe quebrado o cabo, ou foſſe com a
orça dos remadores, ou porque o me-
lo obrigaſſe a algum delles a cortalo,
orque Melique Jaz, que tinha em
eguro o navio, mandou duas fuſtas
ontra Paio de Souſa, ficou o navio
em eſperança de ſoccorro; porque
or mais que o Souſa, Diogo Peres,
alguns outros fizeſſem, nunca pude-
aõ vencer a força da corrente, que
endo muito violenta, e rapida os
longou muito bem contra ſua vontade.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Eſtando neſte aperto inſtaraõ os
Officiaes com D. Lourenço para que
e ſalvaſſe no eſquife, que eſtava prom-
pto, repreſentando-lhe, que a victoria
onſiſtia toda em ſe elle ſalvar; po-
ém o novo Heróe, que receava
nais hum deſar na ſua honra, do que
morte, engeitou conſtantemente fa-
zelo, e até ameaçou ferir com huma
ança curta, que tinha na maõ, todo
quelle, que continuaſſe em fallar-lhe
ſſim; e continuando a dar as ordens
nui ſenhor de ſi, ainda ſabendo, que
o navio ſe alagava todo, dos trinta
homens, que lhe reſtavaõ, pois já ti-
nha perdido ſetenta, fez tres corpos,
que

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

que repartio pelos caſtellos de poppa, e proa, ficando elle defendendo a ponte.

Tendo-ſe dirigido contra eſte unico navio toda a attençaõ, e diligencias do inimigo, faziaõ ſobre elle hum horrivel fogo. Correſpondia a reſiſtencia ao vigor do ataque: huma bala levou a coxa da perna a D. Lourenço, e eſte tiro, que o proſtrou, naõ lhe quebrantou o animo. Mandou vir para o pé do maſtro grande huma cadeira, onde ſe ſentou, e continuando a animar os ſeus, veio huma bala, que dando-lhe no peito perto do braço direito, o lançou morto em terra. Lançado o cadaver entre as pontes, para naõ ſer viſto, durou ainda o combate com calor muito tempo; e tendo os inimigos quatro vezes chegado a abordar, foraõ outras tantas rechaçados. Com tudo á quinta vez ſe fizeraõ ſenhores delle, e entaõ veio o combate a ſer mais terrivel: a agua creſcia cada vez mais; e ao meſmo tempo ſe afogaraõ todos quantos eſtavaõ entre as duas pontes, tanto Portuguezes feridos, como inimigos. Com tudo compadecido Melique Jaz dos valentes ſoldados, que ainda eſtavaõ vivos, acabou

o

o combate, dando fim a esta carniceria.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Contaõ-se duas excellentes acçoens de dois homens, que se assinalaraõ nesta occasiaõ. A primeira de hum pagem de D. Lourenço, que ferido de huma frecha no olho, naõ se afastou do corpo de seu amo, enchugando-lhe com huma maõ as feridas, e com a outra as lagrimas, até que investido dos inimigos entre as duas pontes, cahio sobre hum montaõ de cadaveres, que tinhaõ sido victimas da sua vingança. A segunda foi de hum marinheiro, que ainda que ferido, e sem huma maõ, se defendeo dois dias e meio de sima das gaveas, onde estava sem se render, senaõ a Melique Jaz, depois que este o segurou com toda a formalidade.

Custou esta victoria aos inimigos 600 homens, e aos Portuguezes quasi 140; mas a maior perda destes foi a do seu General. Tinha o porte, que se costuma dar aos Heróes, e era dotado de muitas, e excellentes qualidades, que o faziaõ amado, e estimado: já se tinha assinalado com muitas acçoens excellentes, e estando ainda na primavera da idade, era o Portuguez, de quem havia melho-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

res efperanças. Os inimigos perderaõ tambem hum homem , a quem elles acatavaõ muito , e era Maimane , aquelle Santaõ , que fôra enviado com a Embaixada á Corte do Califa , e que fempre depois acompanhou o Emir. Acabou de hum tiro de artilheria , eftando fazendo a fua *Zala* , e invocando o feu falfo Profeta para alcançar a victoria aos feus. Depois da fua morte fe lhe fez a fua apotheófe , e fe lhe erigio huma Capella como a Santo , onde fe lhe penduraraõ muitas alampadas em honra fua.

Mandava a politica , que os vencedores foffem no alcance dos vencidos , e nàvegáffem direitos a Calecut , para incorporar as fuas forças com as do Samorim. Defejava-o Hocem , e trabalhou muito para que fe feguiffe efta opiniaõ ; mas Melique Jaz tinha differentes tençoens , e affim fe oppôz , e veio a concluir , que a armada foffe para Diu.

Como além de muita efperteza , tinha tambem muita politica , e aquelle ar de affabilidade, com que muito tempo fe diftinguiraõ os Mouros , tratou os prifioneiros com fummo cuidado , curando-os das fuas feridas , cuidando na fua fuftentaçaõ , e naõ fe

ef-

ſquecendo de coiſa, que lhe pudeſſe uavizar o cativeiro. Mandou tambem uſcar o corpo de D. Lourenço, para he mandar dar honrada ſepultura, orém nunca foi poſſivel encontralo, reconhecelo. Por fim eſcreveo ao Vice-Rei huma carta ácerca da more de ſeu filho, conſolando-o da ſua erda com todos aquelles motivos, que e podem apontar neſtas occaſioens, e ue he motivo de conſolaçaõ para um Pai, que préza a gloria de faer que o filho, que perdeo, naõ deſnereceo delle, morrendo na cama da onra.

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

O Vice-Rei antes de receber eſa carta eſtava inquieto, por naõ faer qual fôra o deſtino do ſeu filho. Chegada a Cochim a frota fugitiva, oube todas as circumſtancias da acaõ, e o deſaſtre da Capitania, mas inguem o podia deſenganar ſe D. Lourenço ficára morto, ſe priſionei-o. Neſta perplexidade mais atormenadora do que a clara, e diſtincta cereza, mandou partir hum Jogue para Cambaia. Tendo eſte encontrado os riſioneiros no caminho, entregou a um delles, ſem que ninguem o preentiſſe huma bala de cêra, dentro da ual hia huma carta do Vice-Rei,

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

dizendo-lhe, que dahi a dois dias viria buſcar a reſpoſta; e com effeito appareceo, e levou ao Vice-Rei a triſte relaçaõ do que ſe tinha paſſado.

Soffreo Almeida com magnanimidade em quanto eſteve em publico golpe taõ cruel ao ſeu coraçaõ; e ainda que o merecimento de ſeu filho brilhaſſe mais que nunca na occaſiaõ, em que o perdeo, como a luz, que parece redobrar o ſeu brilho quando eſtá para ſe apagar, ſoube ſopear a ſua dor, fallando como Heróe Chriſtaõ ſobre eſte ſucceſſo, e como homem, em quem a educaçaõ dá vigor aos penſamentos elevados, que inſpira o naſcimento illuſtre; mas recolhido ao ſeu gabinete, dando talvez demaziadas largas ás ſuas triſtes reflexoens, e talvez ás ſuas lagrimas, eſteve tres dias inteiros fechado, talvez temendo, que lhe eſcapaſſem alguns ſinaes de menos conſtancia. Chegou a ter neceſſidade de algumas admoeſtaçoens, que recebeo bem, para ſahir deſta triſte melancolia.

Pelo contrario os vencedores andavaõ como alagados de alegria: reſoava por toda a India o éco da ſua victoria: naõ ſe fallava ſenaõ do Emir,

e

e do Melique : Seus nomes se celebravaõ nos versos das Cantilenas, que se entoavaõ em seu louvor. Todos os Reis, e Principes do Indostaõ lhe mandaraõ Embaixadores a cumprimentalo : os povos exaltavaõ o seu triunfo com festas, e alegrias publicas; tinhaõ-nos por seus Deoses tutelares, e todos se capacitavaõ terem chegado ao ponto de ficarem resgatados.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Ao Vice-Rei, a quem era notorio o que sobre isto passava, cada dia se lhe aggravava mais a dôr; e ajuizando por outra parte de quanta importancia era rebater a altivez de seus inimigos, e aguar-lhes a gloria, que elles assoalhavaõ, pois do contrario se aventurava naõ se deixassem levar da torrente seus mesmos aliados, movido de huma parte do desdoiro, em que recahia a naçaõ, esporeado por outra do desejo de despicar a honra com huma vingança, que desse brado, se applicou todo a juntar as forças, para pôr em execuçaõ o seu designio. Por ventura lhe chegaraõ ao mesmo tempo de Portugal as náos de dois annos seguidos, por quanto as do anno precedente se viraõ obrigadas a invernar no caminho.

Estando as coisas nestes termos, che-

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

chegou a Cananor Affonſo de Albuquerque com Proviſoens delRei, que o nomeavaõ Governador General da India. Eſte grande Capitaõ trouxera Proviſoens occultas para ſucceder a Almeida, quando acabaſſe o ſeu governo; mas tinha neſte ponto guardado hum profundo ſilencio, e talvez demaziado quando ſahio de Lisboa com Triſtaõ da Cunha; pois ſe deixaſſe tranſpirar alguma coiſa, ſem duvida encontraria mais reſpeito, docilidade, e reverencia naquelles, a quem as faltas, em que cahiraõ a ſeu reſpeito, foraõ depois cauſa de infinitos deſgoſtos para levarem ao fim os primeiros paſſos. Naõ obſtante eſtas Proviſoens, Affonſo de Albuquerque aſſentou, que todavia era bem eſperar novas ordens.

Quando ſe tornou a Socotorá, proveo a Fortaleza, reprimio a audacia dos Fartaques, que ficaraõ na Ilha, e foi andar ás prezas ſem fructo por trez mezes para o cabo de Guardafú. Por fim tendo recebido os provimentos, que eſperava, e encontrado com tres navios, que hiaõ para a India, ſe foi com elles. Antes porém de paſſar ao ſeu deſtino, quiz viſitar Ormuz; naõ porque ſe viſſe com

for-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

forças sufficientes para a subjugar; mas sim para ver o estado das coisas, e fazer-lhe todo o mal possivel, por desgostar Coge Atar. Foi primeiro a Calaiate, e para se vingar de o terem outra vez insultado com côr de paz, a esbulhou, e tendo alguns dias depois destroçado Zafaradim, que viera de noite dar-lhe de salto na frente de 1ȸ homens, acabou de desafogar a sua colera contra a Cidade, queimando-a com 27 embarcaçoens, que estavaõ no porto.

Passando dahi para defronte de Ormuz, teve o desgosto de ver, que Coge Atar tinha aproveitado o seu trabalho, acabando a Fortaleza, que elle começara, e guarnecendo-a de boa artilheria, como tambem a Cidade, que tinha guarnecida com huma boa tranqueira, e fortes baterias. Porém mais o mortificou ainda, quando Coge Atar lhe participou cartas, que o Vice-Rei da India lhe escreveo; em cujas cartas desapprovava tudo quanto Albuquerque tinha feito na guerra de Ormuz, prometendo-lhe queixar-se ao Rei de Portugal, e de se lhe fazer justiça, pedindo-lhe a sua amizade, e huma correspondencia reciproca entre as duas Naçoens.

Con-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Conjecturando elle destas cartas as ruins disposiçoens do Vice-Rei a seu respeito, lhe serviraõ de funesto presagio dos desgostos, que devia esperar. Resoluto todavia em seguir viajem exposto a todo o successo, depois de fazer grandes estragos nas vizinhanças de Ormuz, foi dar hum golpe em Nabanda, praça, que fica nas Costas de Carmania, onde estavaõ dois Officiaes de Ismael, Rei de Persia, na frente de 500 homens escolhidos, que vinhaõ em soccorro de Ceifadim. Investio-os em huma noite escura, julgando, que os achava desapercebidos; mas achou-os dispostos para a peleja, o que naõ obstante, assim apertou com elles, que os desbaratou, ficando os dois Officiaes entre os mortos. A acçaõ pareceo taõ excellente ao mesmo Sofi, que quando lhe deraõ conta della, mandou hum expresso a cumprimentar Albuquerque, mas quando chegou, já elle tinha partido para a India, por cuja causa naõ pôde satisfazer a sua mensagem.

O Vice-Rei, ou porque tivesse algum ciume interno contra Albuquerque, e lhe fosse desaffeiçoado; ou porque foi de genio, e caracter muito susce-

pti-

ptivel de preoccupaçoens, fez nelle demaziada impreſſaõ o que lhe diſſeraõ os Officiaes, que o tinhaõ abandonado; e bem fóra de punir á ſua deſobediencia, aceitou todas as ſuas depoſiçoens, e começou por inſtruir o ſeu proceſſo formalmente, ſem ouvir as partes. Eſtimulado depois de hum ſecreto deſprazer de ſe ver ſubſtituido por hum ſujeito, a quem elle já tinha taõ maltratado, ouvida eſta noticia, que para elle, e para ſeus Officiaes culpados foi hum raio, que os aterrou, aceitou as oppoſiçoens, que elles lhe puzeraõ, como ſe foſſe coiſa contra o ſerviço delRei entregar o Governo a hum homem, que era capaz de deitar tudo a perder; e concebeo o ouſado deſignio de o trazer prezo a Portugal, tençaõ, que teria dado á execuçaõ, ſe Siqueira, a quem ElRei tinha dado huma pequena armada para hir reconhecer Malaca, quizera ficar interinamente com o Governo da India, até que ElRei proveſſe.

Ann. de J. C. 1508.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Iſto naõ obſtante, fez bom gazalhado a Affonſo de Albuquerque quando chegou; porém quando eſte General lhe propôz o entregar-lhe a elle o governo na fórma das ordens, que trazia, repugnou com altivez; e ſe deſculpou com razo-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

razoens aſſás frivolas, deixando-o para depois da ſua expediçaõ contra Hocem : e como Albuquerque ſe offereceo cortez a acompanhalo, como voluntario ſujeito ás ſuas ordens, lho agradeceo friamente, e lhe ordenou que foſſe para Cochim com pretexto de que neceſſitava deſcançar de tantas lidas.

Ao meſmo tempo que todos deſamparavaõ Albuquerque por comprazerem com o Vice-Rei, ficava aquelle embebido em triſtes reflexoens, e eſte ufano de ſe ver capitaneando huma formoſa armada de 19 navios mandados por Officiaes de nome, e de merecimento, em que havia 1300 Portuguezes, e 400 Malabares de Cochim, ſe fez á vela a 12 de Dezembro em buſca do inimigo. Tendo no caminho queimado alguns navios de Calecut, quando ſe achou na altura de Dabul, reſoluto em dar hum caſtigo ao Sabaio, a quem ella pertencia, e que em todas as occaſioens ſe tinha moſtrado parcial contra os Portuguezes, e neſta ultima occaſiaõ tinha deſafogado em muitas demonſtraçoens de alegria pela victoria do Emir, cahio de repente ſobre eſta Cidade, e veio ſurgir no ſeu porto. Dabul ſituada, quaſi

ſimi-

Ann. de J. C. 1508.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

ſimilhantemente a Chaul, ao pé de huma montanha agradavel, e fertil, em hum rio eſpaçoſo, e navegavel, em diſtancia de duas legoas da ſua boca, era Cidade grande, bem aſſentada, rica, negociante, e populoſa. Tinha-a o Sabaio mandado cercar de huma trincheira, e de hum profundo foſſo, pondo a eſpaços outras fortificaçoens, e boas baterias: tinha dentro nella hum Capitaõ de credito com 6000 homens de preſidio, entre os quaes havia 500 Rumes Turcos, ou Chriſtaõs renegados.

Eſte Capitaõ eſtava taõ confiado em ſi meſmo, que nem quiz conſentir que ſe fechaſſem as lojas, nem ſe tiraſſe nada da Cidade, nem dos ſeus arrabaldes, como ſenaõ tiveſſe perigo, de que ſe temer; e mandou vir do campo para a Cidade a ſua mais eſtimada concubina, para a divertir com a alegre viſta da ſua victoria.

Tanto que Almeida deſembarcou, o veio elle buſcar fóra das portas com toda a ſua guarniçaõ. He verdade que pelejou como valente, e acabou ſem moſtrar medo. O combate ſe conſervou igual em quanto ſe combatia de longe; mas tanto que chegaraõ ás armas brancas, tudo foi deſordem, e matan-

——— Ann. de J. C. 1508. D. Mamoel Rei D. Francisco de Almeida Vice-Rei

tança. Os Portuguezes entrando de volta na Cidade com os moradores, a encheraõ de ſangue: naõ ſe perdoou nem a ſexo, nem a idade, a meſma eſpoſa do Commandante naõ pôde comprar a vida a preço de todas ás ſuas riquezas. O vencedor inſolente aſſim ſe enfureceo contra eſte miſeravel povo, que folgava de eſmagar nas paredes os meninos arrancados dos peitos das mâis, de ſorte que a ſua crueldade ficou em proverbio na India, coſtumando os Indios dizer nas ſuas imprecaçoens.„ Aſſim deſafogue, e caia „ ſobre ti a colera dos Frangues, có- „ mo cahio ſobre Dabul. „ Quando o ſoldado eſteve ſatisfeito de matar, cuidou em cevar a ſua avareza, e para os retirar da Cidade foi Almeida obrigado a mandar-lhe pôr o fogo, que acabou de pôr por terra, o que eſcapou ás maõs do avido ſoldado.

Tendo por alguns dias talado os lugares circumvizinhos, ufano o Vice-Rei de taõ belo enſaio, ſe fez á vela, e veio ſurgir defronte de Diu no ſegundo de Fevereiro, de 1509. Quiz Hocem ſahir ao mar a offerecer-lhe batalha no largo. Melique, que eſtava em ſua caſa, e queria ficar de guarda na Cidade, tentou inutilmente eſtorva-

lo,

lo, reprefentando-lhe que era mais prudencia ficar no porto, onde feria foccorrido pela artilheria dos baluartes, e das baterias, foccorrido de frefco continuadamente com novas tropas, que elle lhe mandaria da terra, e onde por fim teria hum afylo, fe a fortuna naõ foffe favoravel ás fuas diligencias. Naõ tendo eftas razoens feito impreffaõ em hum homem altivo, e que confiava em huma frota de mais de 100 velas de toda a cafta, as pôz todas fóra do molhe de Diu; porém faltando-lhe o vento as formou ao longo da terra, onde já eftavaõ quatro navios de Cambaia ancorados, além de hum baixo, que fahia para o mar. Tendo igualmente acalmado o vento ao Vice-Rei, chamou os feus Capitaens a Confelho, e acabado elle, foi lançar ancora no maior alcance de artilheria dos inimigos, ficando o baixo entre ambos. Entaõ os navios de remo, que fahiraõ do porto, vieraõ tambem ancorar ao pé da frota Portugueza, e começaraõ a difparar contra ella a fua artilheria, no que tambem os ajudou a artilheria do molhe, e das mais baterias, que eftavaõ na praia, o que durou até á noite.

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

Mudando Hocem de refoluçaõ naquel-

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

quella noite, tornou a recolher-se no porto, e naõ deixou além dos baixos senaõ os quatro navios de Cambaia, e o de Melique Jaz. Depois formou as suas velas junto da praia em duas linhas, a primeira composta dos navios maiores da frota atados dois a dois, e o seu no meio. Naõ podendo os Portuguezes hir a elles senaõ enfiados huns apôs os outros, Almeida a instancias dos seus Officiaes, que attentasse pela sua conservaçaõ, de que dependia a salvaçaõ da armada, e o ganho da victoria, foi obrigado a ceder o mando de Almirante, que hia na vanguarda, em Nuno Vaz Pereira seu amigo, a quem deo para o ajudar Diogo Peres, que foi seu marinheiro, e elle ficou na retaguarda dando as ordens.

Tendo-se levantado pelas tres horas da manhã hum vento fresco, mandou o Vice-Rei fazer o sinal, e todos os navios abalaraõ, menos o de Jorge de Mello, que por malicia do seu Piloto naõ se achou prestes. Começando entaõ a disparar a artilheria inimiga com hum terrivel estampido, fumo, e algazarra, mataraõ a Nuno Vaz 6 homens na vela grande: comtudo naõ deixou de passar ávante.

Ten-

Tendo nesta occasiaõ, Hocem quando o vio chegar, feito afastar o navio, que lhe servia de marinheiro para o meter entre dois fogos, Nuno, que ainda devia hir mais ávante, antes que se viesse prolongar pór elle, mandou atirar ao tal navio hum tiro de artilheria grossa tanto a tempo, que o furou á flor d'agua de parte a parte. Tendo ao mesmo tempo lançado arpéos os dois navios de Hocem, e de Nuno, ficaraõ assim atracados. Os Portuguezes mais expeditos, tendo saltado dentro no do Emir, se fizeraõ senhores do castello de proa, e levaraõ os inimigos a encurralalos na coxía; mas como tinhaõ por sima huma ponte de cabos em fórma de rede, foi para elles huma grande vantajem. Aqui se demorou o combate com muita animosidade de parte a parte, e os Portuguezes tiveraõ assás de lida, porque tendo ao mesmo tempo outro navio do Emir puchado o cabo, tomou o navio de Nuno pelo outro bordo. Nuno, que foi hum dos primeiros, que saltou no navio de Hocem, animava todos os seus com o exemplo; mas como estava cançado, e esganado com o barbote do capacete, que o suffocava, tendo-o levantado para tomar

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei.

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

mar ar, lhe atiraraõ huma fettada á garganta, de que morreo dahi a tres dias.

A ferida do Capitaõ naõ fez esmorecer o ardor dos combatentes, antes pelo contrario fez mais furiofo o combate por chegar Francifco de Tavora, que arribando fobre a náo de Hocem faltou dentro acompanhado da fua gente com tanto impeto, que foraõ todos de narizes ao chaõ.

Naõ andava nas outras partes menos travada a briga: os mais Capitaens todos tinhaõ abalroado fua embarcaçaõ, menos Jorge de Mello, que de longe atirava aos dois navios de Cambaia, e o Vice-Rei, que fazendo tambem o mefmo, meteo a pique hum grande navio. Naõ era igual o fucceffo em toda a parte, porém os Portuguezes em toda a parte tinhaõ a melhor; e naõ fe acabava de declarar a victoria, porque Melique Jaz, que andava pela praia, eftava fempre foccorrendo com tropas de refrefco, e matava, ou feria os feus, que fe tinhaõ lançado ao mar para efcaparem.

No maior calor do combate, o Vice-Rei, naõ obftante o refguardo, que fe tinha tomado para a fua confervaçaõ, fe vio expofto ao maior rifco; porque além de fer fobre quem

fa-

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

fazia mais effeito a artilheria da Cidade, que o varejava, eſtava cercado dos navios de Calecut, e das fuſtas de Melique Jaz. O ſeu navio eſtava todo em fogo, pois como era de tres pontes, e tinha tres baterias huma ſobre outra, a ſua artilheria andava taõ prompta, que dizem que elle ſó atirou 1900 tiros de artilheria. Andava o Vice-Rei com huma cota d'armas de veludo carmezim ſobre a couraça, com o elmo na cabeça, o eſcudo no braço eſquerdo, e hum alfange na direita, taõ attento, que parecia, que voava de hum cabo do navio a outro, para animar todos com a ſua preſença.

Por fim a victoria ſe declarou pelos Portuguezes, quando ſe rendeo o navio do Emir. Tendo-ſe afaſtado o navio, que o viera ſoccorrer, os ſoldados de Hocem perderaõ o animo: elle proprio fugio ferido, e chegando a terra, temendo que Melique o entregaſſe ao Vice-Rei, montou a cavallo, e ſe retirou disfarçado á Corte de Cambaia. As náos de Calecut deraõ depois o primeiro exemplo fugindo: torneáraõ a Ilha, e naõ pararaõ ſenaõ em Calecut, para onde os acompanharaõ as fuſtas de Melique. Rui Soares lhe foi dando caça, e fez

huma excellente acçaõ; porque alcançando duas, lhes lançou duas ancoras, e as trouxe assim a reboque ao navio do Vice-Rei, á vista de toda a armada.

Ann. de J. C. 1509

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

Restava sómente o navio de Melique Jaz, que era o maior de todos, de madeira muito forte, e todo cuberto de couros untados de azeite para embaraçar a abordagem, que com effeito se tentou inutilmente, pelo que o Vice-Rei se resolveo a mandar-lhe atirar: até a mesma artilheria fazia pouco effeito, e por ventura tendolhe a caravela de Garcia de Sousa feito dois rombos á flor d'agua, foi a pique.

Com isto teve fim o combate, que durou até á noite. Os inimigos perderaõ nella perto de 4ↀ homens, e em particular os Mamelucos, que todos ficaraõ mortos: dos Portuguezes morreraõ poucos, e ficaraõ 300 feridos; e além dos dois navios, que meteraõ a pique, tomaraõ mais tres da armada do Emir, duas galeras, e dois navios de Cambaia.

No dia seguinte mandou Melique Jaz, pedir paz ao Vice-Rei, mandando para este fim hum Mouro por nome Cid-Alle, a quem o Vice-Rei conhe-

conhecêra em Hespanha no tempo da guerra de Granada. Tendo este Mediador trazido, e exposto as proposiçoens de ambas as partes, aceitou Melique todas aquellas, que naõ lhe feriaõ a honra: entregou os prizioneiros, que tinha; entregou algumas galeras; prometteo naõ tornar a recolher as armadas do Califa; mas nunca quiz entregar as pessoas, que tinhaõ buscado o seu abrigo.

Ann. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI.

Ratificada a paz, se tornou o Vice-Rei a Cochim: de caminho cobrou o tributo de Nizamaluco, e de mais alguns Principes daquella Costa, que tinhaõ escuzado de pagar até entaõ; porém murchou os seus lauros com a sua crueldade; pois chegando á vista de Cananor, mandou enforcar muitos prisioneiros, dos que trazia, e despedaçar outros, mandando-os atar á boca das bombardas. Que taõ verdade he, ser coisa bem difficil sopear as paixões na prosperidade!

O successo do Vice-Rei naõ lhe adoçou o animo a respeito de Albuquerque, antes pelo contrario tudo isto concorreo para o estimular mais, havendo entre elles lanços assás dissaboreados, que me parece justo deixar de referir circumstanciadamente. Basta

ANN. de J. C. 1509.

D. MANOEL REI

D. FRANCISCO DE ALMEIDA VICE-REI

dizer, que deixando-se o Vice-Rei levar do ruim conselho de aduladores, o mandou primeiramente prender, e confiscar-lhe em casa todos os papeis, e bens, e depois de prezo, o mandou para a Fortaleza de Cananor, sem lhe consentir mais, do que tres creados, e tambem mandou prender, e perseguio por varias fórmas todos os seus favorecidos.

Eraõ já passados tres mezes, que Albuquerque estava assim aggravado, e tendo padecido muito na sua prizaõ, porque o Governador Lourenço de Brito era creatura do Vice-Rei, quando aportou em Cananor Fernaõ Coutinho Graõ Marechal do Reino com quinze navios, e tres mil homens d'armas.

Foi a coisa mais feliz, que podia succeder a Albuquerque. O Marechal era seu parente, seu amigo, e trazia recentes ordens de Lisboa em seu favor. Bem se póde considerar qual seria a indignaçaõ do Marechal quando soube por miudo do mesmo Albuquerque a relaçaõ das suas desgraças; mas como naõ havia tempo, que perder, e senaõ tratava de discursos, logo o fez reconhecer por Governador General, sendo elle o primeiro, que o reco-

co-

conhecco, trazendo ordem para em tudo lhe obedecer: depois o meteo na sua náo, e o conduzio a Cochim.

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice-Rei

O Vice-Rei recebeo o Marechal com muitas demonstraçoens de estimaçaõ, e naõ pôz duvida em obedecer ás ordens delRei. O Marechal trabalhou quanto pôde da sua parte por reconciliar estes dois grandes homens, a quem naõ havia mais que censurar do que as suas desavenças. Albuquerque mostrou esquecer-se generosamente do que lhe tinhaõ feito seus subalternos; mas foi difficil em se accommodar a respeito do Vice-Rei. Este se mostrou resentido, pois desde que lhe fez entrega do governo, se recolheo ao seu navio, d'onde naõ tornou a desembarcar. Pelo que, julgando segundo o que se vio, a sua reconciliaçaõ foi assás fria, e pouco sincera, como saõ de ordinario as reconciliaçoens dos Grandes.

A maior parte dos Officiaes, que tinhaõ tomado partido contra Albuquerque, fazendo conceito do animo deste pelo seu delles, naõ se affoitaraõ a experimentar a sua generosidade, e expor-se ao seu resentimento, e se vieraõ a Portugal com o Vice-Rei. Mas o Vice-Rei, que tinha adquirido

Ann. de J. C. 1509.

D. Manoel Rei

D. Francisco de Almeida Vice Rei

do tamanha gloria na India, se deixou matar (como hum temerario) pela gente mais miseravel do mundo. Por quanto aportando á aguada de Saldanha perto do cabo de Boa Esperança, tendo a chusma do navio, que mandou a terra para resgatar algumas coisas dos Cafres daquellas praias, insultado os mesmos, estes se puzeraõ em defeza, e feriraõ alguns. Assentando o Vice-Rei, que devia tomar despique por conselho dos mesmos Officiaes, que o tinhaõ envolvido nas discordias com Albuquerque, perdeo a bandeira Real, e ficou morto com onze Capitaens, e mais 50 pessoas, a maior parte Nobres, que acabaraõ ás maõs dos Cafres mais brutaes daquella Costa, e armados sómente de pedras, páos, e frexas. Perda que causou maior desar, e mais consideravel para os Portuguezes, do que nenhuma das que experimentaraõ nos encontros, que tiveraõ na India.

Fim do quarto Livro, e Tomo primeiro.